

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ANA SILVIA DE MORAIS NASCIMENTO**

**DO SILENCIAMENTO À ESCRITA**

*O indizível d'alíngua em uma oficina de histórias de vida para imigrantes haitianos*

**SÃO PAULO, 2022**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ANA SILVIA DE MORAIS NASCIMENTO**

**DO SILENCIAMENTO À ESCRITA**

*O indizível d'alíngua em uma oficina de histórias de vida para imigrantes haitianos*

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Educação, Linguagem e Psicologia.

Orientadora: Profa. Livre-docente Claudia Rosa Riolfi

**SÃO PAULO, 2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados  
fornecidos pelo(a) autor(a) Bibliotecária da FE/USP:  
Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Morais Nascimento, Ana Silvia de  
MN244s Do silenciamento à escrita: o  
indizível d' alíngua em uma oficina de escrita de  
histórias de vida para imigrantes haitianos / Ana  
Silvia de Moraes Nascimento; orientador Claudia  
Rosa Riolfi. -- São Paulo, 2022.  
264 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-  
Graduação Educação, Linguagem e Psicologia) --  
Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,  
2022.

1. escrita. 2. inconsciente. 3.  
silenciamento. 4. indizível. 5. objeto voz. I. Rosa  
Riolfi, Claudia, orient. II. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

MORAIS-NASCIMENTO, Ana Silvia de. **Do silenciamento à escrita: o indizível d' alíngua em uma oficina de escrita de histórias de vida para imigrantes haitianos**. 264f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

### Banca Examinadora

Profa. Livre-Docente Claudia Rosa Riolfi (Orientadora)

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Livre-Docente Miriam Debieux Rosa

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Livre-Docente Nelson da Silva Júnior

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Livre-docente Émerson de Pietri

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Neide Luzia de Rezende (suplente)

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Mical de Melo Marcelino (suplente)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Enio Sugiyama Junior (suplente)

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UNIFOB)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Emari Andrade (suplente)

Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Aos alunos e alunas imigrantes do CIEJA PERUS-I que participaram da Oficina de escrita de histórias de vida, por compartilharem comigo suas comoventes trajetórias e pela oportunidade que me deram de elaborar uma reflexão a respeito de nosso encontro.

À equipe de professores e funcionários do CIEJA PERUS-I, por abrirem as portas da escola à presente pesquisa, por meio de sua diretora, Franciele Busico.

À minha orientadora Profa. Dra. Claudia Rosa Riolfi, por incluir o amor no ato educativo de modo ousado e decidido, fazendo marca em meu percurso acadêmico e pessoal. À parceria que me abriu passagens...

Ao professor Dr. Valdir Heitor Barzotto e aos colegas do GEPPEP, por me inserirem em ricas discussões em Linguagem, Educação e Psicologia, expandindo meus horizontes; pelos aprendizados e momentos compartilhados.

Aos colegas do grupo *Veredas*, pela oportunidade que tive de grandes aprendizados com a clínica sócio-política do sofrimento, nos dispositivos de escuta ou em discussões e supervisões, em agradável companhia.

Ao professor Dr. Émerson de Pietri e à professora Dra. Miriam Debieux Rosa, pela leitura atenciosa e pelas contribuições dadas na ocasião do exame de qualificação da tese.

Aos membros da banca examinadora da presente tese, professores Dr. Émerson de Pietri e Dr. Nelson da Silva Júnior, e às professoras Dra. Miriam Debieux Rosa e Dra. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro, pelo pronto aceite à leitura deste trabalho.

Ao professor e psicanalista Dr. Gabriel Binkovski, pela generosidade com que compartilha saber e experiência clínica; por ter aceitado ler um trabalho ainda em construção.

À Emari, pela amizade e pela leitura cuidadosa e sensível do presente trabalho.

Ao Beethoven Hortêncio da Costa, pela amizade e pelas discussões que abriram caminhos à presente reflexão.

Ao psicanalista Luiz Fernando Carrijo da Cunha, pela escuta dos primórdios de uma escrita.

À escritora Geruza Zelnys, por me apontar o caminho do reencontro com os resquícios da minha língua.

Aos meus pais, Ana Alexandrina e João Bosco, por oferecerem o corpo e as palavras fundadoras de minha história; pelo apoio e pela presença amorosa.

À minha irmã Alessandra de Moraes, por se fazer lugar de acolhida e cuidado, estando presente, mesmo à distância; por me inspirar.

À minha sogra, Maria de Fátima, pela escuta atenta de minhas primeiras reflexões a respeito deste trabalho e por ser uma das pessoas que mais me incentivou a concretizá-lo.

À minha sobrinha Janaína, pelas trocas que ultrapassam o laço sanguíneo e constituem um lugar de endereçamento constante.

À Jô, por cuidar dos meus filhos com carinho e dedicação; pelo otimismo e incentivo na etapa da finalização da presente tese.

Às queridas amigas Paula Abi Rached e Andréa Miranda, por morarem em mim.

Às mulheres que já partiram, mas de cujas trajetórias recolhi fragmentos que comparecem em minhas tentativas de escrita (*in memoriam*): Profa. Dra. Ecléa Bosi, Catita, Xanda e Lia Rangel.

Ao Samuel, à Ana Clara e  
ao Gabriel, pelo exercício diário do  
amor e pela alegria de  
compartilharmos nossos dias.



Toda semana,  
Nós sonhamos e desenhamos,  
Criamos e brincamos,  
Procuramos por tesouros,  
Encontramos nosso caminho  
E crescemos.  
E esperamos  
E esperamos,  
Acrescentando palavras a esta história.  
Kyo Maclear, em *Barco de Histórias*

(Espera: estou inventando uma língua  
para dizer o que preciso)

Ana Martins Marques e Eduardo Jorge, em *como se fosse a casa (uma correspondência)*

## RESUMO

MORAIS-NASCIMENTO, Ana Silvia de. **Do silenciamento à escrita: o indizível d' alíngua em uma oficina de escrita de histórias de vida para imigrantes haitianos**. 264f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Por meio de uma pesquisa-intervenção de inspiração psicanalítica, investigamos a posição do “sujeito imigrante haitiano” na linguagem, em dispositivos propiciadores à tomada da palavra. Considerando que, do ponto de vista discursivo, diferentes sujeitos ocupam um lugar semelhante na estrutura, procedemos a uma análise transindividual. Para isso, situamos como objeto de pesquisa as oscilações (e vacilações) do sujeito imigrante haitiano em torno do objeto voz (LACAN, 1964), analisadas em atividades voltadas à escrita. Nossa tese é a de que, ao fazer face à vertente excessiva do objeto voz pela via ressonante da palavra, atividades de escrita com componentes lúdicos ou poéticos podem alterar a posição do “sujeito imigrante haitiano” na linguagem, suportando e possibilitando um dizer. Posto isso, a investigação objetivou: a) investigar o modo como imigrantes haitianos relacionam-se com os elementos que os fazem silenciar ou que funcionam como um convite à fala e à escrita; b) construir um espaço geográfico, temporal e transferencial para acolher e propiciar novos percursos linguístico-subjetivos; c) explorar os processos de construção de uma narrativa de si; e d) verificar quais elementos são transferidos na passagem de uma língua a outra, concernindo ao mais singular do sujeito. Para isso, construímos uma Oficina de escrita de histórias de vida voltada a alunos imigrantes haitianos do CIEJA-PERUS I, como um dispositivo de pesquisa e intervenção. A Oficina contou com 108 participantes, sendo 63 homens e 45 mulheres. O *corpus* da pesquisa foi composto por 128 manuscritos, escritos em cinco línguas (português, crioulo haitiano, francês, inglês e espanhol), além de relatos orais e descrições de cenas registrados no diário de bordo da pesquisadora. Para efetuar o recorte analítico da tese, adotamos como critério os fenômenos que podem indiciar momentos de entrave ou de abertura à tomada da palavra, quais sejam: a) as repetições significantes; b) os esquecimentos e c) os lapsos. O recorte final da análise foi composto por onze excertos textuais, bem como por dez fragmentos do diário de bordo da pesquisadora. Na análise dos dados, realizada a partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), consideramos a hipótese psicanalítica segundo a qual há uma afinidade entre sujeito, escrita e inconsciente; bem como a fecundidade do testemunho indireto, no qual um terceiro efetua uma leitura literal de modo a propiciar a transmissão (ALLOUCH, 2007). Observamos três modos de *silenciamentos* ao longo da Oficina: a) anunciando o fato de não se conseguir dizer algo acerca da própria história; b) fazendo calar, no outro (parceiro da fala em seu registro imaginário), os supostos desvios linguísticos envolvidos no risco de (se) dizer; c) calando-se, apenas. A nosso ver, as três facetas do silenciamento apontaram a proximidade de um núcleo traumático da/na língua. A insistência na oferta da palavra possibilitou *passagens*, momentos de abertura pelos quais um sujeito se fez passar, seja: a) narrando-se, por meio do ancoramento ao nome próprio em função de “dêixis”; b) procedendo a distintos modos de (re)nomeações ou, c) enfrentando a estranheza provocada pelo que a língua tem de traumática, com seus equívocos provenientes de *alíngua* (LACAN, 1972-1973). Concluímos que as atividades de escrita com componentes lúdicos ou poéticos podem se prestar como um auxiliar nos programas de acolhida a imigrantes estrangeiros, com vistas à inserção linguística e reconfigurações subjetivas.

**Palavras-chave:** 1) escrita; 2) inconsciente; 3) silenciamento; 4) indizível; 5) objeto voz.

## ABSTRACT

MORAIS-NASCIMENTO, Ana Silvia de. **From silencing to writing: the unspeakable of a language in a life story writing workshop for Haitian immigrants.** 264f. Thesis (PhD in Education). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

We investigated the position of the “Haitian immigrant subject” regarding language in a conducive environment through a psychoanalytical inspired research-intervention. Considering that, we proceeded to a transindividual analysis from a discursive point of view in which different subjects occupy a similar place in the structure. Therefore, our choice as a research object focused on the oscillations (and vacillations) of the Haitian immigrant subject around the voice object (LACAN, 1964), analyzing activities centered on writing. Our thesis is that, by facing the excessive aspect of the voice object through the resonant facet of the word, writing activities with playful or poetic components can change the position of the “Haitian immigrant subject” in language, supporting and enabling a saying. That said, the investigation aimed to:

a) examine the way in which Haitian immigrants relate to the elements that silence them or elements that work as an invitation to speak and write; b) build a geographic, temporal and transferential space to welcome and facilitate new linguistic-subjective pathways; c) explore the construction processes of a self-narrative; and d) verify which elements are transferred during the passage from one language to another, concerning the most singular of the subject. In order to achieve these purposes, we designed a life story writing workshop for Haitian immigrant students of CIEJA-PERUS I, as a device for research and intervention. The workshop had 108 participants, 63 men and 45 women. The research corpus consisted of 128 manuscripts written in five languages (Portuguese, Haitian Creole, French, English and Spanish) along with oral reports and descriptions of scenes recorded in the researcher's logbook. In order to carry out the analytical approach adopted in this thesis, we established as criteria the occurrence of impediments or opportunities to have their voices heard by observing a) significant repetitions, b) forgetfulness, c) lapses that permeated their linguistic productions. The final cut for the analysis consisted of ten textual excerpts as well as eleven fragments extracted from the researcher's logbook. Regarding the data analysis, carried out from the paradigm of evidence (GINZBURG, 1989), it was considered the psychoanalytic hypothesis which states that there is an affinity among subject, writing and unconsciousness; as well as the fecundity of indirect testimony, in which a third party performs a literal reading in order to facilitate transmission (ALLOUCH, 2007). We observed three modes of silencing throughout the workshop: a) announcing - the fact of not being able to say anything about one's own story; b) silencing the other (speech partner in his imaginary register) for supposed linguistic deviations involved in the risk of (self) saying; c) just remaining quiet. In our point of view, the three facets of silencing pointed to the proximity of a traumatic core of/in the language. The insistence on the word offer allowed passages as well as opening moments through which a subject passed by: a) anchoring a self-narrative to his own name as a function of “deixis”; b) proceeding with different modes of (re)nominations, or c) facing the strangeness provoked by the traumatic nature of language with its misunderstandings arising from *lalangue* (LACAN, 1972-1973). We conclude that writing activities with ludic or poetic components can be used as an aid to welcome programs for foreign immigrants bearing in mind linguistic insertions and subjective reconfigurations.

**Keywords:** 1) writing; 2) unconsciousness; 3) silencing; 4) unspeakable; 5) voice object.

## RÉSUMÉ

MORAIS-NASCIMENTO, Ana Silvia de. **Du musellement à l'écrit : l'indicible la langue dans un atelier d'écriture d'histoires de vies pour des immigrants haïtiens**. 264f. Thèse (Doctorat en Education). Faculté d'Éducation, Université de São Paulo, São Paulo /Brésil, 2022.

Par le biais d'une recherche-intervention d'inspiration psychanalytique, nous avons questionné la position du "sujet immigrant haïtien" dans le langage, en utilisant des dispositifs propices à la prise de parole. En considérant que, du point de vue discursif, divers sujets occupent une place semblable dans la structure, nous avons procédé à une analyse trans-individuelle. Dans ce but, nous avons déterminé comme objet de recherche les oscillations (et les hésitations) du "sujet immigrant haïtien" autour de l'objet voix (LACAN, 1964), analysées durant des activités axées sur l'écriture. Notre thèse est que, faisant face à des aspects excessifs de l'objet voix par la voie résonnante du mot, les activités d'écriture avec des composants ludiques ou poétiques peuvent altérer la position du "sujet immigrant haïtien" dans le langage, supportant et rendant possible le dire. Cela étant posé, la recherche a eu pour objectif de a) se renseigner sur la manière dont les immigrants haïtiens entrent en relation avec les éléments qui les musellent ou qui fonctionnent comme une invitation à prendre la parole et à écrire ; b) construire un espace géographique, temporel et transférenciel pour accueillir et offrir de nouveaux chemins linguistiques subjectifs ; c) Explorer les processus de construction d'un récit de soi ; et d) vérifier quels éléments sont transférés lors du passage d'une langue à l'autre, en ce qui concerne le plus singulier du sujet. Dans cet objectif, nous avons élaboré un atelier d'écriture d'histoires de vie, destiné aux immigrants haïtiens du CIEJA-PERUS I, comme dispositif de recherche et d'intervention. 108 personnes ont participé à cet atelier, dont 63 hommes et 45 femmes. Le corpus de la recherche a été composé de 128 manuscrits, écrits en cinq langues (portugais, créole haïtien, français, anglais et espagnol), et de récits oraux et descriptions de scènes, enregistrés dans le journal de bord de la chercheuse. Afin de réaliser la démarcation analytique de la thèse, nous avons adopté comme critères les phénomènes qui peuvent signaler les moments d'empêchement ou d'encouragement à la prise de parole, c'est-à-dire : a) les répétitions signifiantes ; b) les oublis ; c) les lapsus. La coupure finale de l'analyse a été faite à partir de onze extraits textuels et de dix fragments du journal de bord de la chercheuse. Lors de l'analyse des données, réalisée à partir du paradigme indiciaire (GINZBURG, 1989), nous avons considéré l'hypothèse psychanalytique selon laquelle il existe une affinité entre le sujet, l'écrit et l'inconscient ; mais également la fertilité du témoignage indirect, par lequel un tiers fait une lecture littérale afin de faciliter la transmission (ALLOUCH, 2007). Tout au long de l'atelier, nous avons relevé trois moyens de musellement : a) en annonçant son incapacité à dire quelque chose au sujet de sa propre histoire, b) faire taire chez l'autre (interlocuteur dans son registre imaginaire) les supposées déviations linguistiques impliquées dans le risque de (se) dire ; c) en se taisant tout simplement. Dans notre vision, les trois facettes du musellement ont pointé vers la proximité d'un noyau traumatique de/dans la langue. L'insistance à proposer la parole a rendu possible des passages, des moments d'ouverture par lesquels le sujet s'exprime, c'est-à-dire : a) en se racontant, par le biais de l'ancrage à son propre nom en fonction de la "dêixis" ; b) en utilisant divers moyens de (re)nomination ou, c) en faisant face à l'étrangeté provoquée par ce que la langue a de traumatique, avec ses idées fausses qui proviennent de la langue (LACAN, 1972-1973). Nous avons conclu que les activités d'écriture ludiques ou poétiques peuvent servir

d'auxiliaires dans les programmes d'accueil aux étrangers dans un but d'insertion linguistique et de reconfigurations subjectives.

Mots clés : 1) écriture ; 2) inconscient ; 3) musellement. 4) indicible ; 5) objet voix.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Cartazes afixados no CIEJA-Perus, com dizeres em crioulo haitiano	73
<b>Figura 2:</b> O vel da alienação	113
<b>Figura 3:</b> Linha do tempo produzida pelo participante Ezequiel	129
<b>Figura 4:</b> Manuscrito produzido por Franck, com transcrição diplomática	135
<b>Figura 5:</b> Manuscrito produzido por S.R. no encontro de número 5, com transcrição diplomática	190
<b>Figura 6:</b> Manuscrito produzido por H.J. no encontro de número 5, com transcrição diplomática	191
<b>Figura 7:</b> Manuscrito produzido por D.L no encontro de número 12	193
<b>Figura 8:</b> Manuscrito produzido por A.L no encontro de número 8, com versão transcrita e traduzida	194
<b>Figura 9:</b> Manuscrito produzido por O.D. no encontro de número 8, com tradução	196
<b>Figura 10:</b> Primeira produção textual de Karl	206
<b>Figura 11:</b> Segunda produção textual de Karl	209
<b>Figura 12:</b> Segunda produção textual de Karl (continuação)	211
<b>Figura 13:</b> Terceira produção de Karl, com transcrita diplomática	216
<b>Figura 14:</b> Comunicação com o tradutor acerca de material enviado para tradução	221
<b>Figura 15:</b> Comunicação com o tradutor acerca de material enviado para tradução	222
<b>Figura 16:</b> Comunicação com o tradutor acerca de material enviado para tradução	223

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Descrição temática dos encontros	79
<b>Quadro 2:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	146
<b>Quadro 3:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	147
<b>Quadro 4:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	156
<b>Quadro 5:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	159
<b>Quadro 6:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	161
<b>Quadro 7:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	171
<b>Quadro 8:</b> Exemplo de mudança na posição dos elementos do Nome Próprio na assinatura de dois participantes ao longo da Oficina	184
<b>Quadro 9:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	199
<b>Quadro 10:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	205
<b>Quadro 11:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	212
<b>Quadro 12:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	214
<b>Quadro 13:</b> Versão traduzida do texto de Karl pelo tradutor haitiano	217
<b>Quadro 14:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	224
<b>Quadro 15:</b> Fragmento do diário de bordo da pesquisadora	227
<b>Quadro 16:</b> Usos do nome próprio (identificação ou assinatura), nas produções textuais de Karl	228

## **Lista de Siglas e Abreviaturas**

CEMES – Centros Municipais de Ensino Supletivo

CIEJA – Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos

CNIg – Conselho Nacional de Imigração

CRAI – Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

GEPPEP – Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise

IBGE – Instituto Brasileira de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

ITEM – Institut des textes et manuscrits modernes

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MINUSTAH – Mission des Nations Unies pour la Stabilisation d’Haiti

OBMigra – Observatório das Migrações internacionais

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PPP – Projeto Político-Pedagógico

RME – Rede Municipal de Ensino



# SUMÁRIO

## PARTE A – ENQUADRES

<b>1. Primeiras articulações: silenciamento, indizível e imigração haitiana</b>	<b>21</b>
1.1 Dos desacordos entre a palavra e o que resta de indizível: o delineamento do objeto de pesquisa	22
1.2 O Haiti e a imigração haitiana no Brasil	27
1.3 As línguas do Haiti	31
1.4 A acolhida de imigrantes haitianos no Brasil	32
1.5 Restos do infantil na travessia migrante	33
1.6 A cultura do silêncio	40
1.7 Silenciamentos, pulsão e objeto voz	43
1.8 <i>Escrever uma vida</i> , contornar o indizível: o exemplo de Primo Levi	47
1.8.1 Objetivo Geral	50
1.8.2 Objetivos Específicos	51
1.9 Resumo dos capítulos da tese	52
<b>2. Uma oficina de história de vida para imigrantes haitianos</b>	<b>53</b>
2.1 <i>Histoerias</i> : verdade e ficção na noção de história de vida com a qual trabalhamos	54
2.2 Norteadores para atravessar fronteiras: conceitos e amarrações	61
2.2.1 Aprender a fazer dobraduras com a linguagem: uma direção de ensino da língua portuguesa	61
2.2.2 Manejar os endereçamentos, visando à tomada da palavra e a circulação social	63
2.2.3 Considerar o contexto de urgência social	66
2.3 O CIEJA-Perus I: onde a oficina se deu	68
2.3.1 O distrito de Perus	68
2.3.2 O CIEJA-perus I	70
2.4 Quem foram os participantes	74
2.5 Como a oficina ocorreu	76

2.6 Quais materiais a experiência originou	79
<b>3. Operadores para uma leitura <i>COM</i> o escrito</b>	<b>84</b>
3.1 Origens da escrita	84
3.1.1 A escrita faz corpo	90
3.1.2 Uma leitura “ao pé da letra”	92
3.2 A escrita faz <i>corpus</i>	94
3.2.1 O paradigma indiciário	96
3.2.2 A crítica genética como inspiração para a organização e leitura do <i>corpus</i>	99
<b>4. Trauma, constituição subjetiva e objeto voz</b>	<b>104</b>
4.1 Trauma, repetição e narrativa	105
4.2 A constituição subjetiva	109
4.3 O campo do irrepresentável: os objetos	115
4.4 O objeto voz	119
<b>PARTE B: SILENCIAMENTOS</b>	
<b>5. Deixa passar... (A)guardando a voz do Outro?</b>	<b>124</b>
5.1 Silenciamento e temporalidades migrantes: as contingências e o traumático da travessia	125
5.2 A perda de um lugar de importância para o Outro	131
5.3 Posição melancólica e objeto voz	137
5.4. Deixa passar: de um sujeito em vias de ocorrer à possibilidade de uma transmissão	142
<b>6. Colonizações d’alíngua: o gozo, a língua e o feminino</b>	<b>144</b>
6.1 A melodia calada	145
6.1.1 A posição feminina: a proximidade dos sons que vêm do ninho	152
6.2 Colonizações d’alíngua	158
6.2.1 Cenas de uma língua colonizada	158
6.2.2 Língua, colonização e o fascínio pelo opressor	162
6.2.3 A posição de mestria: um modo estrutural de colonização d’alíngua	164

## PARTE C: PASSAGENS

<b>7. (Re)Nomeações</b>	<b>169</b>
7.1 Nomes que se apagam: Esquecimentos e equívocos em torno dos nomes haitianos	170
7.2 Um encontro com a falta do nome	173
7.3 Ter um nome é arriscado? Considerações a partir de um tabu haitiano	175
7.4 A que serve o nome próprio?	177
7.5 Contexto histórico-cultural das nomeações	179
7.6 Deslocamentos dos nomes	182
7.7 Nome próprio, “dêixis” e “função-sujeito”	187
7.7.1 A insistência dos nomes	189
7.8 O endereçamento de uma amarração “sinthomática”?	198
<b>8. Dar passagem ao indizível d’alíngua</b>	<b>201</b>
8.1 Passar para outra coisa	201
8.2 O percurso de Karl	203
8.2.1 Momento 1 – O texto sem nome: <i>Restos de voz como limite à escrita</i>	203
8.2.2 Momento 2 – Supor, escrever, enviar: <i>Em nome delas</i>	208
8.2.3 Momento 3 – A transmissão de um impossível de tudo dizer: <i>Nomear-se</i>	213
8.3 A respeito do que (não) se deixa passar	221
8.4 Mudar de discurso, assinar	227
<b>9. Considerações finais</b>	<b>231</b>
<b>Referências</b>	
<b>Apêndices</b>	
<b>Anexo</b>	

# **PARTE A**

## ***ENQUADRES***

# 1. PRIMEIRAS ARTICULAÇÕES: SILENCIAMENTO, INDIZÍVEL E IMIGRAÇÃO HAITIANA

Então, quando nós mesmos somos desterrados, para que falar àqueles que acreditam ter os pés firmes em sua própria terra? O ouvido somente se abre para os desacordos quando o corpo perde seu pé no chão. É preciso um certo desequilíbrio, flutuar sobre algum abismo, para poder ouvir um desacordo.

Julia Kristeva (1994), em *Estrangeiros para nós mesmos*.

E não importa se olhos do mundo inteiro  
Possam estar por um momento voltados para o largo  
Onde os escravos eram castigados  
[...]  
Não importa nada  
Nem o traço do sobrado  
Nem a lente do fantástico  
Nem o disco do Paul Simon

Ninguém, ninguém é cidadão  
Se você for à festa do pelô, e se você não for  
Pense no Haiti  
Reze pelo Haiti  
O Haiti é aqui  
O Haiti não é aqui

Trecho da música *Haiti*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil (1993)

Neste capítulo, apresentaremos o percurso de constituição do objeto de pesquisa desta tese (1.1). Para isso, começamos por historicizar os caminhos pelos quais a pesquisadora implicou-se com o campo das migrações, mostrando o que dele se recortou como um impulso à reflexão, endereçada ao campo da Educação. Em seguida, traçaremos um panorama da migração haitiana (1.2), das línguas do Haiti (1.3) e do acolhimento que tem sido oferecido aos haitianos no Brasil (1.4).

Com vistas a introduzirmos a temática do silenciamento, faremos uma passagem pelo que nomeamos como “restos da travessia migrante”, de modo a abordar a peculiar posição do estrangeiro na linguagem e suas possíveis incidências subjetivas (1.5). Os itens finais do capítulo (1.6 e 1.7) são dedicados a um breve apanhado teórico a respeito do silenciamento, sob a perspectiva da Educação e da Psicanálise. O fato de ancorarmos esta pesquisa-intervenção (VOLTOLINI; GURSKI, 2020) em preceitos e na ética psicanalítica exige-nos a exploração de noções como “indizível” e “objeto voz” para melhor abordarmos as situações de mutismo observadas nas experiências originadoras da investigação, como contaremos a seguir.

Por fim, valemo-nos do exemplo do escritor italiano Primo Levi para apresentar os direcionamentos de uma pesquisa-intervenção inspirada no ato criativo de se escrever uma vida, dando contornos simbólicos aos aspectos indizíveis do vivido (1.8). Nos itens seguintes (1.8.1 e 1.8.2), enunciamos os objetivos gerais e específicos envolvidos na proposta.

## **1.1 Dos desacordos entre a palavra e o que resta de indizível: o delineamento do objeto de pesquisa**

Ao fazermos um recuo temporal, observamos que, em um tempo anterior à tessitura das próximas linhas, a captura de alguns elementos do *ethos*<sup>1</sup> do Haiti só era possível a esta pesquisadora por meio de informações veiculadas na mídia, a respeito de catástrofes ambientais, intervenções militares, golpes de estado ou aspectos fantásticos da religião vodu. Como diz o trecho da música trazido como uma das epígrafes deste texto: nosso olhar se unia aos *olhos do mundo inteiro... por um momento voltados para o largo/Onde os escravos eram castigados*. Por um momento, apenas, instante fugidio, atrelado a determinadas contingências históricas e repercussões midiáticas.

Nesta seção, nosso esforço será o de dar a ver a passagem de um olhar apassivado ao recorte de um interesse gerador de uma reflexão, a partir do que passou a ressoar em nós, tal qual o refrão de Caetano Veloso e Gilberto Gil (1993)<sup>2</sup>: *Pense no Haiti/ Reze pelo Haiti/ O Haiti é aqui/ o Haiti não é aqui...* O verso não é novo, mas, por entoar um saber que se volta ao nosso território a partir de um Outro, contribuiu para nos indagar acerca das vicissitudes dos imigrantes haitianos que chegam às escolas brasileiras. Trata-se de uma indagação endereçada às vacilações em torno do ato de tomar a palavra para se dizer ou escrever-se (e inscrever-se) na nova cultura.

O Haiti pode ser aqui, ao considerarmos os pontos que ligam os *dois povos em formação* que, como diz a canção, *Nos atrai, nos deslumbra e estimula*. Podemos alinhá-los, à parte das diferenças históricas e modos de resistência, na perpetuação de um colonialismo racista, baseado em uma hierarquia de base fenotípica, mascarada e potencializada por desigualdades sociais. Também se aproximam no sexismo e no mestiço das línguas, ambos nascidos de um

---

<sup>1</sup> Estamos utilizando-nos deste termo conforme a acepção encontrada em dicionários, qual seja, a de *ethos* como um conjunto de traços culturais que delineiam uma coletividade.

<sup>2</sup> Música Haiti, composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil em 1993, para o disco Tropicália (2).

casamento opressor entre povos diversos, no qual aspectos da língua materna e sua origem africana são recalcados (GONZÁLEZ, 1984).

Mas, como já se afirmou, se o colonialismo parece tocar a todos, mexendo com as sensibilidades, isso talvez se dê por um motivo estrutural (MELMAN, 1990), provocando um questionamento que concerne a todos: como lidar com o encontro com o estrangeiro, deixando-nos tocar pelas dimensões ainda não passíveis de serem nomeadas, onde nossas palavras ainda não alcançam? É o que permite fazer disjunções entre Brasil e Haiti, bem como incluir-nos em alguns aspectos desse território *outro*.

Então, o Haiti talvez possa ser aqui, se passarmos da ideia tão em voga de “lugar de fala” para a consideração, baseada na psicanálise, da fala como o *lugar* do equívoco, dos deslizos e das falhas, para além da necessária ocupação possibilitada por ela dos espaços políticos<sup>3</sup>. Trata-se, então, de um *lugar* vazio que pode vir a ser ocupado, inclusive – e principalmente – a partir do que parece estranho, enigmático e desconcertante, provocando um movimento rumo à alteridade. O Haiti parece afeito a ocupar esse lugar, como já apontado pelos poetas-cantadores há quase três décadas.

Mas, em que o Haiti, com sua história de migrações, colonizações de corpos, terras e línguas poderia dizer-nos respeito de modo mais particularizado, provocando-nos um impulso à reflexão?

Em um período anterior à pesquisa-intervenção que será relatada nesta tese, ao passar por duas instituições voltadas ao acolhimento de migrantes de variadas nacionalidades, algo do sujeito haitiano deixou-se fisgar por esta pesquisadora. Em meio às sonoridades das tantas línguas ouvidas, e encontros com uma diversidade de corpos e atravessamentos de histórias, destacaram-se as oscilações de homens e mulheres haitianas em torno da palavra, ou de modo mais preciso, as vacilações em torno da voz e daquilo que não se pode dizer.

Um primeiro momento ocorreu no contexto de um projeto-piloto em uma instituição católica de acolhimento a migrantes. Ao acompanharmos uma aula do curso de português oferecido no local, deparamo-nos com a narrativa de uma professora a respeito do suposto *mutismo* de Bosi<sup>4</sup>, um rapaz haitiano que, segundo ela, insistia em permanecer em um nível

---

<sup>3</sup> Para uma discussão detalhada a respeito dos pontos de ancoragem para um discurso antir-racista na psicanálise e seus cruzamentos com as fontes da expressão popularizada como “lugar de fala”, sugerimos a leitura do artigo: AMBRA, P. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. **Sig Revista de Psicanálise**, n. 14, maio de 2020.

<sup>4</sup> Com o intuito de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, utilizamos nomes fictícios, retirados de duas obras literárias escritas por haitianos: DANTICAT, Edwidge. **Adeus, Haiti**. Rio de Janeiro: Agir, 2010 e LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Tradução de Heloisa Caldeira Alves Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

intermediário do idioma, embora, na avaliação dela, ele não falasse “uma palavra de português, nem de francês”.

Contudo, ao receber a proposta de escrita que havíamos preparado, a qual convidava à escrita de um fragmento de história de vida e autorizava a escrita em *sua língua*, eis que Bosi toma a palavra, escrevendo-se, em crioulo haitiano, a partir de uma cena doméstica – não sem fazer uma passagem rasurada pelo francês, para o reconhecimento – e susto – da professora<sup>5</sup>.

Posteriormente, ao inserir-nos em um projeto de extensão ligado ao grupo *Veredas* em um serviço público voltado a imigrantes<sup>6</sup>, a escuta de Liline, uma moça haitiana com o qual nos encontramos, apontou-nos uma situação de aparente traumatismo com a própria língua. Ela relatou-nos sua atual impossibilidade de ouvir e falar o crioulo, língua proferida pela mãe. Era-lhe particularmente sofrido escutar a matriarca, nos contatos telefônicos que mantinham, contando acerca das dificuldades enfrentadas no Haiti. Liline contou-nos que, pela via da criação, lançou mão da escrita em português, em uma espécie de diário, como recurso para se afastar dos zumbidos atormentadores da língua materna, a qual não queria mais recorrer.

O terceiro momento dessa série se deu ao colocarmos em prática a pesquisa-intervenção que materializa a presente tese. O campo que se abriu para a investigação possibilitou-nos um novo encontro com imigrantes haitianos, agora por meio da condução de uma Oficina de escrita de histórias de vida voltada a esse público, no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) localizado em Perus, na zona noroeste de São Paulo.

Notamos que os alunos imigrantes haitianos, ao se (re)encontrarem com os sons, sentidos e grafias do português e das línguas que lhe são constituintes, passaram a lançar mão de repetidas correções linguísticas, encenando, entre si, posturas de domínio e de cerceamento. Além dessa dimensão quase beligerante, dada a ver pelos que se punham a uma defesa acirrada das normas linguísticas, parecia haver, ainda, um campo já tomado, habitado por um “intruso” com o qual se vivia um embate do tipo corpo-a-corpo: tratava-se do silenciamento que pairava de modo diverso sobre o grupo, mas que em relação às mulheres haitianas chegava a ganhar ares de mutismo.

Alinhavando as três cenas ora trazidas de modo breve, podemos depreender das mesmas a repetição de situações que deixam o sujeito imigrante haitiano “sem palavras”. Nessas

---

<sup>5</sup> Uma reflexão a esse respeito foi apresentada oralmente no XIV Workshop Produção Escrita e Psicanálise. Multiculturalismo na cidade e no campo, ocorrido em 17 e 18 de outubro de 2018, na Faculdade de Educação da USP: MORAIS-NASCIMENTO, A.S. **Escrever, riscar, escrever de novo: o arriscado trânsito entre as línguas na produção memorialística de um imigrante.**

<sup>6</sup> O grupo *Veredas* é um projeto de pesquisa e extensão ligado ao Instituto de Psicologia da USP (IP-USP), coordenado pela professora Dra. Miriam Debieux Rosa. Dentre as instituições onde atua, situa-se o Centro de Referências e Atendimentos para Imigrantes (CRAI), serviço público em questão.



situações, chama-nos a atenção o elemento “voz”, em suas dimensões de presença e ausência; excesso que emudece ou causa de um movimento desejanste em busca da palavra.

As repetições convocaram-nos a uma reflexão, fazendo-nos retornar, de modo contínuo, ao refrão de Caetano e Gil: *o Haiti é aqui/ o Haiti não é aqui*, versos que nos ajudam a ler o caráter de repetição envolvido nesses encontros, como se eles ocorressem nas malhas da *tiquê*.

A noção de *tiquê*, pertencente à categoria da causa, perscrutada e nomeada pelos gregos, foi retomada por Lacan (1964), entendendo-a como uma espécie de “encontro marcado” com algum elemento que, por pedir uma simbolização, insiste e move o sujeito, engendrando repetição e novidade em um mesmo movimento<sup>7</sup>.

Assim, julgamos poder afirmar que tivemos uma espécie de “encontro *tiquê*” com homens e mulheres haitianas, a partir do qual algo que insistia e se repetia fez ecoar em nós. É esse *algo*, que talvez nunca saibamos ao certo o que seja, que tentamos enlaçar em um objeto a ser investigado, contornado, sondado, a partir das possibilidades de se colocar em palavras o enigmático desse encontro. Com isso, pretendemos dizer que essa não é propriamente uma investigação sobre o Haiti, mas a respeito do que se escreveu *entre* nós, a partir de dois elementos, a saber: 1) a dimensão de silenciamento e suas articulações; e 2) a voz e o que dela resta de “indizível”.

Consideramos o indizível como um ponto inacessível, atrelado aos limites da própria linguagem. Para isso, valemo-nos, do campo psicanalítico, da noção de objeto *a*, como um dos nomes daquilo para o qual não é possível encontrar representação (LACAN, 1962-1963; 1964). Uma de suas figurações possíveis é o “objeto voz” (LACAN, 1964), noção que concerne de modo especial a este trabalho, apontando para aquilo que não é nem da ordem do significante, nem do significado. O objeto voz relaciona-se à atribuição de um lugar para o sujeito em qualquer cadeia significante, seja ela sonora, escrita ou visual.

Conforme afirma Jacques-Alain Miller (2013), acerca das teorizações lacanianas sobre o objeto voz:

A instância da voz está sempre presente a partir do momento em que tenho que achar minha posição com relação a uma cadeia significante, na medida em que esta cadeia se mantém sempre relacionada ao objeto indizível. Neste sentido, a voz é exatamente aquilo que não se pode dizer. (MILLER, 2013, pp. 11-12)

---

<sup>7</sup> Uma segunda dimensão de repetição, conceituada por Lacan (1964), é nomeada de *autômaton*, compreendida como uma repetição situada no registro simbólico, ligada ao próprio movimento da cadeia significante. Enquanto a vertente *autômaton* suporta encadeamentos discursivos, a *tiquê* os rompe, permitindo aberturas na direção de uma ressignificação.

Portanto, situamos como objeto de pesquisa da presente tese as oscilações (e vacilações) em torno do objeto voz, dadas a ver em atividades linguísticas voltadas à escrita. Pretendemos perseguir a dimensão em que o objeto voz se negava, suportando e possibilitando um dizer, ou aquela em que ele se apresenta na vertente de excesso, núcleo traumático da língua que, ao permanecer irrepresentável, empurra o ser falante a uma satisfação irresistível e muda. Pensamos que as intermitências relativas à voz nos indiciam a posição do sujeito imigrante haitiano na linguagem.

Para seguir um tal trajeto, postulamos as seguintes questões norteadoras: *O que a Oficina de escrita de histórias de vida para imigrantes haitianos, conduzida no âmbito desta pesquisa-intervenção, ensina-nos a respeito dos elementos que fazem emudecer ou que convocam um sujeito à fala e à escrita?*

*Como as diferentes dimensões da voz se deram a ver na mencionada experiência, e o que elas nos apontam da posição do sujeito imigrante haitiano na linguagem?*

A escrita deste percurso exigiu-nos suportar trajetos pouco usuais ao modo corrente de produção acadêmica. Enquanto avançavam a pesquisa de campo, as leituras e o prazo para concluir a tese, o repertório linguístico com que os *resultados da pesquisa* deveriam ser tramados pareciam tornar-se mais escassos, embora as reflexões se avultassem.

Seria a repetição de um mutismo? De todo modo, julgamos ter entrado em contato com nossa própria dose de desequilíbrio, “flutuando sobre algum abismo”, para a escrita do *desacordo* entre linguagem e o que resiste a se simbolizar, como afirma Kristeva (1994) em uma das epígrafes escolhida para este capítulo. Houve um congelamento temporal<sup>8</sup> até que a paisagem, antes sem nome, pudesse ganhar contornos, por meio da localização e de um trabalho em torno de nossos próprios embates com o traumático da língua.

---

<sup>8</sup> É possível dizer que a pandemia da COVID 19, deflagrada em março de 2020, também foi potencializadora de um silenciamento traumático.

## 1.2 O Haiti e a imigração haitiana no Brasil

O Haiti<sup>9</sup> é um país localizado na América Central, partilhando parte do território da ilha Hispaniola com a República Dominicana. A mobilidade da população nativa do Haiti está enraizada na história e na cultura do país. Tradicionalmente, o alvo da migração haitiana era países como a República Dominicana, Estados Unidos, França, Guiana Francesa e outras ilhas caribenhas como Bahamas, Martinica e Guadalupe. Nesses territórios, residem a maioria dos 5 milhões de haitianos residentes no exterior, o equivalente a quase metade da população do país, estimada em 10,4 milhões de habitantes (HANDERSON, 2015).

O terremoto que atingiu o Haiti em 2010 modificou a migração haitiana, inscrevendo-a no cenário internacional e, particularmente, nos fluxos migratórios brasileiros. Segundo dados compilados pelo ObMigra<sup>10</sup>, 149.085 haitianos solicitaram permanência no Brasil, temporária ou permanente, entre 2011 e 2020, demonstrando que o país passou a ser um dos principais destinos dessa diáspora<sup>11</sup> (CAVALCANTI; OLIVEIRA e SILVA, 2021).

A chegada de haitianos ao território brasileiro foi precipitada, em grande parte, pelos fortes abalos sísmicos ocorridos em 12 de janeiro de 2010 a cerca de 25 quilômetros de Porto Príncipe, capital do Haiti. Em seu epicentro, o terremoto registrou a magnitude de 7 a 7.3 na escala Richter, força suficiente para reverberar territórios vizinhos, como a República Dominicana e a capital de Santiago de Cuba – esta última, localizada a 482 km da capital do Haiti (LE MONDE e AFP, 2010).

A imprensa internacional descreveu a devastação deixada pelo terremoto, conforme trecho a seguir:

Muitos edifícios foram destruídos na capital, Porto Príncipe, que se encontra mergulhada em uma situação caótica. As ruas da cidade estão repletas de cadáveres, e os saqueadores rapidamente começam a invadir os supermercados devastados.

[...] As comunicações telefônicas e a eletricidade foram cortadas, aumentando o pânico geral. A maioria das estações de televisão não está mais funcionando e algumas estações de rádio estão transmitindo chamadas de emergência. O transporte dos feridos para os hospitais que ainda estão em pé torna-se quase impossível. Os sobreviventes vagam pela capital, preferindo passar a noite do lado de fora, com medo de outro terremoto. Usando lanternas, muitos se

---

<sup>9</sup> Haiti foi o nome dado à ex-colônia francesa de São Domingos, após a Independência, por meio da Revolução do Haiti (1791-1804).

<sup>10</sup> O observatório de Migrações Internacionais é um órgão do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Publica relatórios anuais acerca das migrações e refúgios no Brasil, com base em dados da Polícia Federal.

<sup>11</sup> Atualmente, a comunidade de imigrantes haitianos no Brasil só é menor do que a de imigrantes venezuelanos, grupo que passou a solicitar refúgio a partir de 2016, somando entre temporários e residentes 172.306 pessoas.

mobilizaram para limpar os escombros e resgatar os enterrados (LE MONDE e AFP, 2010, s/p; tradução nossa).

Os tremores deixaram 1,5 milhão de desabrigados e resultaram na morte de cerca de 300 mil pessoas, tornando esse evento da história do Haiti como uma das catástrofes naturais de maior proporção da história moderna (LE MONDE; AFP e REUTERS, 2010).

Em janeiro do mesmo ano de 2010, deu-se início o fluxo de imigrantes haitianos ao Brasil, por meio do cruzamento da fronteira do Brasil com o Peru<sup>12</sup>. Estima-se que naquele ano, 275 haitianos entraram no país. As entradas subiram de modo considerável ano a ano, atingindo um pico em 2016, com a chegada de 42.423 haitianos (OLIVEIRA, 2019).

Os primeiros grupos de haitianos solicitaram refúgio à autoridade migratória. Todavia, do ponto de vista jurídico, a situação do terremoto de 2010 não se enquadrava nas leis e convenções internacionais acerca de refugiados, como a *Convenção de Genebra*, de 1961, por não disporem acerca das populações afetadas por desastres ambientais. Com vistas a dar um amparo legal até então inexistente pela via do refúgio, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) aprovou em 2011 um visto de permanência a um grande número de haitianos, considerando “[...] os casos que sejam ‘humanitários’; isto é, aqueles em que a saída compulsória do migrante do território nacional possa implicar claros prejuízos à proteção de seus direitos humanos e sociais fundamentais” (Extrato do voto aprovado pelo CNIg em reunião de 13/03/2011, citado por Fernandes e Faria, 2016).

Em 2012, uma nova resolução (n. 97/2012) dispôs sobre a concessão do visto permanente a nacionais do Haiti, por “razões humanitárias” em decorrência do “agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010” (CNIg, 2012).

O amparo legal oferecido pelo Brasil aos cidadãos vindos do Haiti após o terremoto foi um dos fatores que fez aumentar, de modo exponencial, a entrada de imigrantes haitianos ao longo da década que se seguiu ao evento de 2010. No entanto, há de se considerar outros motivos.

É inegável que as consequências do terremoto precipitaram a saída de muitos haitianos de sua terra, porém, é preciso considerar as raízes da diáspora haitiana, ligada à herança colonial, política e econômica do país. Handerson (2015) lembra-nos da chegada de milhares de escravos africanos ao país e que, posteriormente, o contexto de luta pela independência do

---

<sup>12</sup> Handerson (2015) menciona haver registro de presença de haitianos no Brasil desde 1940, mas que não configurava um fluxo migratório.

país em relação à França (entre 1791 e 1804) e a libertação dos escravizados acabou por acentuar a cultura de mobilidade e migração. À essa época, os haitianos que deixavam sua terra eram, em sua maioria, provenientes dos *affranchis* (ex-escravizados) e dos *mûlatres* (mulatos) filhos de proprietários de terra, que foram enviados à França para concluir seus estudos.

A expressão evocada pelos haitianos para dizer dos motivos para se imigrar é “*chèche lavi*”, cuja significação seria algo como a “busca daquilo não é encontrado no país, isto é, estabilidade política e socioeconômica, serviços de saúde, infraestrutura, estudo, trabalho, dinheiro para enviar aos próximos” (HANDERSON, 2015, p. 74).

Dentre os fatores que inseriram o Brasil entre as rotas da mobilidade estrutural dos haitianos, citamos: a) o fato de o país ser uma porta para a Guiana Francesa ou uma etapa para conseguir visto para outros países, como Canadá ou França; b) o papel político do Brasil, então no comando da tropa da *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation d’Haiti* (MINUSTAH); c) o então posicionamento político brasileiro, de abertura e hospitalidade aos haitianos, expresso pela então Presidente Dilma Rousseff, em visita a Porto Príncipe<sup>13</sup>, e d) a difusão de um imaginário no qual o Brasil seria um “paraíso racial” (HANDERSON, 2015).

A imigração haitiana ao Brasil trata-se de um projeto familiar, seja porque os membros da família que ficam no país de origem se beneficiam das melhores condições obtidas pelos que partem - por meio do envio de remessas - seja porque, em um segundo momento, a família irá se reencontrar (HANDERSON, 2015; COTINGUIBA, 2019). De todo modo, formam-se laços e redes que se apoiam em um espaço transnacional.

Além de seu aspecto cultural, a imigração haitiana também é parte de um processo mais amplo de circulação de pessoas, capitais e mercadorias, que insere o Brasil em novos trajetos migratórios entre países periféricos, no bojo das migrações transnacionais do século XXI. O pano de fundo desse tipo de migração é a globalização, o encurtamento das distâncias e a criação de blocos econômicos, com a criação de excedentes populacionais e rearranjos das atividades econômicas e demográficas das cidades, articulados à reorganização mundial (BAENINGER, 2016). Nesse contexto, as migrações são fortemente motivadas pela busca por postos de trabalho, como já afirmava Sayad (1998).

Antes mesmo do terremoto de 2010, o Haiti enfrentava os efeitos de outros desastres naturais, além de instabilidade política. Em maio de 2004, tempestades afetaram 16 mil habitantes, causando danos na agricultura do país. Em setembro do mesmo ano, a passagem do

---

<sup>13</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120131\\_haiti\\_dilma\\_jf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120131_haiti_dilma_jf.shtml). Acessado em 24 de agosto de 2022.

furacão Jeanne atingiu 300 mil pessoas, causando enormes danos. Em 2008, furacões tornaram a assolá-lo o Haiti, em especial a cidade de Gonaives. Como consequência, muitos cidadãos estavam passando fome (SILVA e LIMA, 2016).

As turbulências políticas motivaram a Organização das Nações Unidas (ONU) a manter, desde 2004, uma força de paz composta de mais de nove mil soldados, dos quais cerca de mil eram brasileiros. Justificada por razões humanitárias, a ocupação do Haiti pela MINUSTAH é vista ora com admiração, ora com suspeita por parte da população, tendo sido alvo de críticas devido à implicação de interesses políticos e à repetição de um domínio internacional historicamente observado no país caribenho (PIMENTEL e COTINGUIBA, 2014).

Portanto, o Haiti já se encontrava em uma situação de crise humanitária antes do terremoto. Entre as décadas de 1950 e 1980, por exemplo, o país viveu uma ditadura sob o poder de François Duvalier (conhecido como Papa Doc), e em seguida por seu filho, Jean Claude (Baby Doc). Tratou-se de um período de perseguições políticas e de aumento da violência no país.

Em um estudo a respeito da avaliação da qualidade de vida no Haiti, Sutter e King (2012) recolheram observações e testemunhos da vida de haitianos pré-terremoto, quando atuaram no país entre 2008 e 2010 como voluntárias de uma organização médica internacional. Tomando como referência aspectos de um instrumento sobre qualidade de vida empregado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>14</sup>, relatam a complexidade envolvida na compreensão dos efeitos do terremoto sobre as condições de vida da população. Exemplo disso seria o fato de que alguns desabrigados teriam encontrado, nos acampamentos de acolhimento às vítimas, os serviços básicos a eles negados durante décadas.

À época dos tremores, 80% da população vivia em condições de pobreza e sem emprego formal. A renda *per capita* anual era de US \$560, e mais da metade da população sobrevivia com menos de um dólar por dia. No que tange à saúde, 67% da população não tinha acesso aos serviços de saúde e 75% das crianças não eram vacinadas. O país tinha o maior índice de mortalidade materna do mundo: 680 por 100 mil nascimentos e a mortalidade infantil era de 62,33 por 1.000 nascimentos vivos (SUTTER e KING, 2012). A título de comparação, em 2009 o Brasil registrava uma mortalidade materna de 77,31 por 100 mil nascimentos e a mortalidade infantil era de 22,47 para cada mil bebês nascidos vivos (IBGE, 2010).

---

<sup>14</sup> Trata-se do instrumento **World Health Organization Quality of Life**, WHOQOL 100, da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL Group, 1995).

A expectativa de vida dos haitianos era de 61 anos em 2009. O país era acometido por doenças como tuberculose, anemia, malária e poliomielite, em consequência do nível extremo de pobreza. Tal situação se tornou pior após o terremoto, quando 60% das instalações médicas foram destruídas e, nove meses depois do desastre, uma epidemia de cólera se espalhou pelo país, contaminando 400 mil pessoas e resultando em quatro mil óbitos (SUTTER e KING, 2012).

O índice de analfabetismo alcançava os 47% antes do terremoto. Após os tremores, prédios de escolas e universidades foram ao chão, passando a funcionar de modo improvisado. Em relação a trabalho e renda, as atividades informais eram as mais frequentes, e a saída do país em busca de trabalho já se mostrava uma opção para quem podia arcar com os custos da emigração.

Em 2021, um novo terremoto atingiu a região sudoeste do Haiti, e o então presidente Jovenel Moïse foi assassinado. Recentemente, a organização *Human Rights Watch* pronunciou-se publicamente, pedindo que nenhum país proceda à repatriação de haitianos, visto o país enfrentar uma crise política e constitucional, com perda do controle governamental para gangues armadas (HUMANS RIGHT WATCH, 2022).

### **1.3. As línguas do Haiti**

Os haitianos chegam ao Brasil com pouco ou nenhum conhecimento da língua portuguesa, sendo, em sua maioria, falantes de crioulo e/ou francês. O crioulo haitiano (ou *kreyòl*) é considerado a língua materna do Haiti, tendo se desenvolvido entre os séculos XVII e XVIII, no contato entre escravos trazidos da África pelos europeus (falantes de línguas diversas) e os colonizadores franceses.

O estudo de Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016) discute o caráter tardio do reconhecimento político do crioulo haitiano. Embora o Haiti tenha sido pioneiro na Revolução ocorrida em 1803, a qual os libertou do domínio político da França, a língua escolhida como oficial, à época, permaneceu sendo o francês. Um movimento de revalorização da língua materna no Haiti ocorreu em 1975, com o estabelecimento de propostas de formalização ortográfica da língua, mas, devido às polêmicas em torno de sua padronização, apenas na constituição de 1987 o crioulo passou a ser língua oficial. Dois anos depois, ganharia uma ortografia, ainda com variações que a tornam “semioficial”.

Assim, grande parte dos haitianos é alfabetizada em um sistema que aborda tanto o francês quanto o crioulo, visto esse último ainda não ter se firmado no ambiente educativo, apesar dos esforços nessa direção. Os haitianos que conseguem levar adiante um percurso escolar costumam fazer bom uso do inglês – língua cujo ensino se tornou obrigatório nas escolas do Haiti a partir de 1940, com o crescimento da presença de norte-americanos protestantes no país. A língua espanhola também é de conhecimento de boa parte dos haitianos, visto os históricos laços de origem e de mobilidade entre o país e a República Dominicana.

Considera-se que o crioulo seja falado por praticamente a totalidade da população haitiana, embora seu reconhecimento no sistema educacional e político ainda seja alvo de luta de diversos intelectuais. A análise de Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016) conclui haver, ainda hoje, uma francofilia e um neocolonialismo no Haiti, por meio de política de combate a antigas formas culturais haitianas: a língua crioula, o vodu e os *lakous* (sistemas de moradia, produção e trocas culturais). Tal combate é empreendido por uma elite política e econômica, que reproduz valores dos antigos colonizadores.

#### **1.4 A acolhida de imigrantes haitianos no Brasil**

Ao chegarem ao Brasil, os haitianos enfrentam dificuldades próprias à imigração, além de racismo e xenofobia. Em análise das narrativas produzidas por haitianos publicadas em mídias digitais, Cogo (2019) destaca testemunhos de haitianos que relatam serem tratados de modo diferenciado no cotidiano, em relação a outros grupos de migrantes, em diversos espaços brasileiros. As diferenciações estariam apoiadas na ideia de raça. Embora digam conhecer o preconceito de pele em seu país, o racismo brasileiro ganharia contornos próprios e mais acentuados, pelo fato de que aqui a cor da pele se cruza com a categoria “imigrante”.

Existem serviços públicos voltados especificamente à população imigrante, como é o caso, na cidade de São Paulo, do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI). As instituições de caráter religioso, como é o caso da Pastoral do Migrante, também ocupam função importante na rede de acolhimento aos imigrantes, suprimindo lacunas da esfera pública, por meio de abrigo temporário, informações e orientações acerca de ofertas de trabalho e encaminhamento para outros serviços e organizações de cunho não governamental (SILVA, 2017).

Outro importante espaço de acolhimento são as escolas, que oferecem suporte aos alunos e famílias migrantes. Segundo relatório do ObMigra, com base em dados do censo



escolar, o número de estudantes imigrantes matriculados na rede básica de ensino brasileira aumentou cerca de 195% de 2010 a 2020, passando de 41.916 para 122.900 alunos. Desses, 16.215 são alunos haitianos. As escolas públicas que recebem maior número de imigrantes estão localizadas em regiões de baixa renda e áreas periféricas das cidades, predominando nas capitais (VINHA e YAMAGUCHI, 2021).

Além da inserção das crianças nas escolas, diversas instituições escolares oferecem cursos abertos de português como “língua de acolhimento”. Em São Paulo, existe o projeto *Portas Abertas*, desde 2017. Trata-se de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania e a Secretaria da Educação, com vistas a oferecer cursos de português gratuitos e contínuos para alunos imigrantes na Rede Municipal de Ensino (RME), suas famílias e comunidades.

Vieira e Liberali (2021) avaliam que embora pioneiro e louvável, o projeto *Portas Abertas* ainda abarca poucas escolas na cidade de São Paulo. Além disso, trabalha com uma cartilha pré-definida, que não é capaz de responder às demandas dos diversos grupos de alunos de português como língua adicional.

Diante dessa escassez, grande número de imigrantes acaba buscando instituições de Ensino de Jovens e Adultos, como é o caso do CIEJA Perus I, onde a presente pesquisa foi desenvolvida. Na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), os haitianos representam mais da metade (52,1%) do número total de matrículas, somando 4.914 alunos (VINHA e YAMAGUCHI, 2021).

## **1.5 Restos do infantil na travessia migrante**

Conforme mencionado na seção 1.1 deste capítulo, temos como intuito refletir a respeito da posição do sujeito imigrante haitiano na linguagem, por meio de indícios dados a ver em atividades linguísticas em torno da escrita. Para isso, nossa proposta é a de nos atentar para a dimensão da voz. Para introduzi-la, passaremos a nomeá-la, de modo abrangente, como fazendo parte dos “restos do infantil na travessia migrante”.

Os restos do infantil são elementos que decorrem do encontro primordial da criança antes de sua entrada na fala, ou seja, quando ainda é *infans*<sup>15</sup> com a matriz simbólica que lhe é constituinte – a língua, a cultura e os adultos que as encarnam. O discurso do Outro precede e sustenta a existência de uma criança, por meio das expectativas, projetos e palavras que a

---

<sup>15</sup> De origem latina, o termo *infans* refere-se a alguém que ainda não fala, que se encontra “sem palavras”.

cercam, dando-lhe uma forma quando ainda vive uma impotência motora (LACAN, 1949/1998).

Trata-se de um encontro potencialmente reeditável nas várias travessias da vida, como é o caso das migrações. O infantil atrela-se, então, à “marca da fala na criança”, ou ainda, ao seu “tempo de espera”, relativo à uma imaturidade para ocupar seu papel na divisão dos sexos (FERRETTI, 2004). Interessamo-nos por esses “restos do infantil” por sabermos de sua permanência e trabalho no sujeito, marcando determinadas formas de satisfação e dando-se a ver em suas manifestações languageiras. Com as atividades de escrita ofertadas na Oficina de escrita para imigrantes haitianos, apostou-se na possibilidade de oferecer novos contornos a esse infantil.

Antes de passarmos a uma aproximação teórica a respeito desses restos, faz-se necessário resgatar as implicações da travessia migrante e o modo como inscrevem, no sujeito imigrante, um lugar específico no laço social – a partir do qual os restos do infantil explicitam-se.

Na clássica obra *A imigração ou os paradoxos da alteridade* (1998), o sociólogo de origem argelina Abdelmalek Sayad (1933-1998) fornece pistas para pensarmos algumas vicissitudes ligadas aos movimentos migratórios. A primeira delas é a consideração da imigração como um “fato social completo”, o qual pressupõe, para ser lido, entrelaçamentos teóricos entre as ciências sociais e diversas outras disciplinas. Seguindo a direção dada pelo autor, em nosso entrelaçar teórico para dar contorno às problemáticas decantadas do campo da migração, convocamos a psicanálise, os estudos da linguagem e a educação, em primeiro plano; além da antropologia, a etnopsiquiatria e a literatura.

Além do ato do deslocamento físico, o autor lembra-nos que o migrante também perfaz um “itinerário epistemológico”, pois “[...] o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião)” (SAYAD, 1998, p. 15).

Os motivos da migração, para o autor, são principalmente econômicos, resultantes da expansão de um sistema capitalista que proletariza grandes contingentes, atingindo as áreas rurais. No entanto, se inicialmente as mudanças ocorrerem por motivo de trabalho, acabam se transformando em imigração familiar, também chamada “de povoamento”.

Acrescentaríamos ao pensamento do autor, entretanto, a consideração da existência de motivos de ordem subjetiva, como fica evidente no relato de um caso feito pelo autor, o qual

abordaremos a seguir. Trata-se de uma análise linguística, baseada no relato de um emigrante da Argélia, estabelecido na França. Ao trazê-la de modo breve, pretendemos compreender o que Sayad nomeia como os deslocamentos extraterritoriais feitos pelos migrantes, assim como o lugar peculiar ocupado por eles no pacto social.

O discurso do homem de 21 anos, emigrante da Cabília (região rural argelina) é registrado por Sayad (1998) em dois momentos diferentes, antes e depois de um feriado em que o rapaz teria regressado à sua terra natal. Sua emigração seria uma tentativa de romper o “círculo infernal da proletarização” dos trabalhadores rurais na Argélia, mas também um ato de emancipação, ligado à “condição de filho de viúva” e a ideias expressas em frases que lhe marcaram, como a de que “ser homem” seria “partir para o país europeu”. Além disso, sua linhagem estava fortemente marcada por esse trajeto.

A França é caracterizada por meio de atributos antitéticos àqueles que são aplicados à terra natal, remetendo a grandes oposições míticas da tradição argelina: interior-exterior, cheio-vazio, claro-escuro, bendito-maldito, torto-direito, rico-pobre, forte-fraco. Contudo, em determinados momentos do relato, a oposição parece inverter-se, principalmente ao se levar em conta os rituais de inversão presentes na tradição nas quais os vocábulos se inserem, nos quais tais procedimentos são utilizados de modo recorrente. O autor argumenta que os dois polos do deslocamento - a origem e a partida – passam a se equivaler.

Para Sayad (1998), o jogo da linguagem encobre e ao mesmo tempo desvela o que ele nomeia como “elghorba”: o mecanismo de reprodução da emigração. Diversos agentes participam de tal mecanismo, legitimando as representações e as ilusões quanto à terra do exílio. O resultado é o mascaramento de que, após um tempo, borram-se as fronteiras entre a terra prometida e a terra de onde partiu, instalando-se um exílio permanente. Os participantes da construção dessa aura mítica relativa ao emigrar/imigrar seriam tanto os ex-emigrados, que já retornaram da França, quanto os potenciais emigrantes e os que ainda transitam pelas duas terras.

Da análise do autor, escolhemos sublinhar a condição de um exílio permanente, que acaba por se impor a toda a comunidade implicada na emigração, visto ela estar:

[...] constantemente alerta e à escuta dessa parte de si mesma que está separada dela; encarrega-se de aumentar, à sua maneira, os ecos que lhe chegam; adota os ritmos impostos pelas notícias – cartas e envios de dinheiro – que lhe chegam, bem como pelos retornos que ocorrem em datas periódicas (SAYAD, 1998, p. 41).

Seria preciso haver, por parte de toda uma coletividade, a reprodução de um mecanismo da emigração, encobridor da provisoriamente contínua do imigrante, relativa ao modo como ele se situa entre duas ficções: a de uma volta que se sabe impossível, ou de uma naturalização que permanece ambígua.

Por meio do apontamento do imigrante/emigrante como aquele que se torna estrangeiro não apenas em outros territórios, mas também em sua própria terra, pensamos encontrar lastro, na literatura referente às migrações, para uma noção de base a diversos autores do campo psicanalítico, aos quais nos alinhamos. Trata-se da consideração do imigrante como sendo uma espécie de metáfora do exílio radical de qualquer sujeito. Separado de uma parte de si, mas ao mesmo tempo “à escuta” dessa parte, que já lhe parece alheia e que, no entanto, o convoca, sem que ele possa dizer muito sobre ela, por ter se tornado desconhecida.

A análise linguística de Sayad registra a posição peculiar do estrangeiro, caracterizada pelo ato de sustentar um lugar no qual o familiar, representado pela terra de origem, tornou-se estranho; e o país para onde se imigrou, antes estranho, transmuda-se em familiar. Parece-nos fazer ressoar o famoso texto *O estranho* (1919), do psicanalista vienense Sigmund Freud.

A fim de buscar o núcleo das experiências capazes de nos gerar um sentimento de “estranheza”, Freud empreende um exame linguístico do termo *heimlich* (doméstico, familiar). Trilhando os matizes de significação em diversas línguas, Freud encontra pontos nos quais esse vocábulo torna-se idêntico ao seu oposto, o *unheimlich* (infamiliar, estranho, sinistro). O autor conclui, então, por pensar o estranho como referindo-se a um campo ambíguo, no qual dois conjuntos de ideias contraditórias encontram-se: “por um lado o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista” (FREUD, 1919, p. 243).

Depreendemos, para os objetivos deste trabalho, haver uma convergência entre uma inquietante estranheza e um sentimento de familiaridade, decorrente do fato de aquilo que é experimentado como estranho seja referente a um núcleo familiar, porém, excluído do processo de simbolização. O estranho não seria nada de novo ou alheio, porém algo familiar, estabelecido anteriormente no psiquismo, mas que teria ficado apartado, pelo processo do recalque. Uma de suas origens estaria naquilo que Freud nomeou como “complexos infantis”, reavivado por alguma experiência atual.

A visada da psicanálise é, então, a de que o estrangeiro pode ensinar-nos algo sobre os territórios exilados do sujeito, aqui entendidos como os “restos do infantil” não recobertos pelos processos de representação. Conforme afirma a filósofa e psicanalista búlgaro-francesa Júlia Kristeva (1994) na epígrafe deste capítulo, para acessar esse território inexplorado é preciso

passar por um desenraizamento ou uma vivência desestabilizadora, de modo a estranhar-se, podendo colher frutos (e também as dores) desse estranhamento. A imigração seria, portanto, uma das experiências possíveis de levar um sujeito a essa fronteira abismal, embora, obviamente, não seja a única.

Por seu desenraizamento, aponta-nos a indeterminação radical quanto a uma origem, que no fundo é sempre suposta. No caso do imigrante, a suposição é a de que a terra de origem continua a mesma. No caso de todos nós, como sujeitos do inconsciente, somos causados por um desejo o qual nos antecede e não será nunca completamente capturado pelas palavras. Há resto nessa operação causadora de um sujeito, e são as marcas deles que perseguimos nesta investigação.

Faz-se necessário considerar, todavia, que o desenraizamento decorrente das travessias migrantes não implica necessariamente apenas sofrimento, podendo impulsionar à criatividade. Este tom otimista é contemplado no ensaio *Exílio e criatividade*, do filósofo checo radicado no Brasil, Vilém Flusser (1984). Ao falar como quem já se exilou várias vezes, o autor valoriza positivamente o exílio.

O argumento do autor é o de que, no cotidiano banal, não vemos as estruturas permanentes, pois elas estão encobertas sob o hábito; só as modificações nos informam, sendo o restante uma paisagem monótona, que nos parece redundante. Já uma situação de exílio tira-nos do monótono e previsível, por exigir-nos processar as informações apresentadas por uma paisagem ainda inabitual, inabitável. Tratar-se-ia de criar em cima do desconhecido ou sucumbir nele.

Assim, haveria uma terceira possibilidade de caminho, que não seja o de voltar à terra de origem ou o de se deixar “assimilar” por ela, como postula a perspectiva de Sayad (1998). Para Flusser (1984), esse caminho é o de criar, pois ao nos depararmos com o exílio e a decorrente queda do hábito, há um descobrimento:

A mera existência do exilado explode a casca do ‘eu próprio’, e abre a existência para a diferença, o outro. A existência se altera. Passa a ser não um ‘ser para mim’, mas um ‘ser para o outro’. Destarte vai se estabelecer um clima dialógico em torno do exilado. Diálogo muitas vezes polêmico e assassino, mas diálogo, não obstante (FLUSSER, 1984, p. 3).

De todo modo, os migrantes podem bem representar os “[...] incômodos dessa condição singular, que consiste em *se colocar como diferente no seio de um conjunto* – por definição, formado pela exclusão dos dessemelhantes” (KRISTEVA, 1994, p. 47; grifo nosso). No que

tange a essa posição, fazemos nossa a indagação da autora: ousar colocar-se como diferente, comunicando tal diferença, não seria a finalidade do ser falante? Tarefa que não parece ser fácil, como nos mostram as situações de mutismo, ao apontar-nos a dificuldade do humano com seus semelhantes, com a linguagem e, sobretudo, com as não-coincidências que o habitam.

Se, ao falarmos, já estamos expostos ao estranhamento causado pela percepção de que há marcas na fala que não controlamos, a constatação da existência de outras línguas, a língua do forasteiro, foi um aspecto central para a designação das primeiras fronteiras de que se tem notícia. Kristeva (1994) resgata que, na Grécia arcaica (século V a.c), diante de sons incompreensíveis, Homero teria nomeado os forasteiros de “bárbaros”, em uma imitação das línguas estranhas a partir de uma onomatopeia (*bla-bla, bara-bara*). Embora essa nomeação possa ser lida como “exclusão” do outro, a autora vê também nela o reconhecimento de uma diferença instituída pela língua, além da assunção de um “intraduzível”.

No polo oposto, a busca por uma tradução completa ou a “familiarização do estranho” teria ocorrido na Alemanha, em um processo iniciado com a tradução das línguas originais da Bíblia (grego, aramaico ou hebraico antigo) para o alemão corrente, por Martinho Lutero (1483-1546).

Posteriormente, a formação de uma cultura e da língua nacional alemã teriam se dado a partir da extrapolação das ideias de outro pastor protestante, chamado Johann Gottfried Herder (1744-1803), já no século XVIII. Herder, ao propor assimilar a língua a um “espírito nacional”, tomando o “falar” como aglutinador de identidade e excluindo-se as variedades linguísticas, teria dado um dos passos na direção de justificar a superioridade alemã, fundamentando a ideologia nazista.

Portanto, deste breve percurso histórico recolhido da obra de Kristeva (1994), vemos os impasses do humano ao se aproximar de uma diferença posta em palavras (ou línguas), tendendo a traduzi-las, homogeneizá-las ou encobri-las, ao sinal de um estranhamento no contato com o Outro.

Em *O estranho gozo do próximo*, Philippe Julien (1996) argumenta que essa tendência a repelir e a exortar aquilo que nos é estrangeiro baseia-se em um engano: condenamos no outro justamente aquilo é constitutivo a cada um, mas que, por não conseguirmos nomear, parece-nos insuportável. Trata-se de uma das facetas do Outro com a qual lidamos desde a infância: não o próximo, semelhante que pensamos compreender, mas a vertente ligada ao real da Coisa, chamado por Freud (1895) de *das Ding*, um inominável.

Dito de outro modo, expulsamos o que está fora do significado, por apresentar-se como “[...] estrangeiro a mim mesmo, imprevisível – digamos, in-compreensível, no sentido etimológico: aquilo que não posso circunscrever” (JULIEN, 1996, p. 42).

Transpondo a questão para o campo que nos interessa, encontramos no pensamento do psicanalista Charles Melman (1992) a consideração de que, no que tange à língua, o “estranho” é justamente a língua materna, entendendo-a como “aquela na qual a mãe é interdita, e por isso é a língua do desejo” (p. 59). Abordando as incidências subjetivas do bilinguismo, o autor afirma que a situação do imigrante em relação à língua é, portanto, a de ter de lidar com os efeitos de uma nova interdição, resultante da entrada em uma nova matriz simbólica – e, acrescentaríamos, com os restos decorrentes dessa operação.

Nessa perspectiva, é possível dizer que o bilinguismo concerne a todos nós, visto referir-se ao recalçamento da linguagem da infância. Se o “inconsciente não cria nenhum obstáculo à mixagem das línguas” (MELMAN, 1992, p. 16), temos de assumir a existência de vestígios de sobreposições de línguas, por vezes dissimétricas: enquanto uma funciona como mestre, a outra, como escravo. Essas sobreposições seriam de caráter estrutural, embora possam se acentuar sob contingências históricas e políticas:

Com efeito, o inconsciente não é organizado como uma língua oprimida que bastaria liberar para que pudesse se articular plenamente, mas se organiza como uma linguagem. Isto é, como uma cadeia de elementos feita de diversas partes do discurso sobre o qual o recalçamento pôde pesar, desde a frase inteira até a letra, passando pela palavra, pelo fonema, e mesmo pelo elemento de pontuação. (MELMAN, 1992, p. 35).

Conclui-se, haver, no processo de imersão em uma nova língua e cultura, o retorno de restos de infância que trabalham no sujeito, demonstrando as impossibilidades de uma língua asseguroadora de “uma identidade” ao sujeito.

A partir das considerações ora trazidas, pensamos poder considerar o estrangeiro como um “porta-voz” de uma diferença, pelo fato de ele nos fazer lembrar de que também nós somos habitados por sons ou significações estranhas, a ecoar os restos do Outro. Trata-se de fragmentos exilados, que ensaiam retorno nas várias travessias da vida e que afetam o sujeito em seu corpo, em sua posição na linguagem e na imagem de uma pretensa unicidade de si.

A direção tomada nesta investigação é a de perseguir os efeitos da permanência de “restos da travessia migrante”, em especial aqueles que colocam o sujeito em algum modo de silenciamento.

## 1.6 Cultura do silêncio

Conforme mencionamos anteriormente, nossa reflexão teórica toma como ponto de partida as manifestações de silenciamento e de cerceamentos mútuos à tomada da palavra, por nós observadas entre homens e mulheres haitianos, na Oficina de escrita para imigrantes haitianos. No campo da Educação, um constructo que nos ajuda a avançar nessa reflexão é o de “cultura do silêncio”, de autoria do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Passaremos a apresentá-lo, para, em seguida, ampliarmos a discussão com alguns conceitos provenientes da psicanálise<sup>16</sup>.

O sintagma “cultura do silêncio” é trabalhado por Freire principalmente em textos escritos entre os anos de 1968 e 1974, com base em seminários proferidos à época, reunidos na obra *Ação cultural para a liberdade* (1981/2021). As publicações referem-se a um período histórico no qual Freire e outros educadores acompanhavam a criação de assentamentos de reforma agrária no Chile, país no qual estava exilado, após ter conduzido experiências de alfabetização de assentados no sertão nordestino<sup>17</sup>.

Freire descreve o que seria a “cultura do silêncio” a partir de uma delicada visão a respeito da linguagem. Para ele, a linguagem constitui mundos ao mesmo tempo que é constitutiva para aqueles que dela se utilizam. Haveria uma relação entre o ato de transformar o mundo e o ato de “pronunciá-lo”, de modo próprio.

A aprendizagem da leitura e da escrita é aproximada, então, ao ato de “dizer o mundo”, pois esse teria efeitos de alterar aspectos da realidade, ampliando o campo de visão e as possibilidades de inserção e circulação na cultura. Por consequência, a alfabetização tornar-se-ia ato político, ancorado em um campo de ação cultural em direção à liberdade, abrangendo tanto o educador, versado nas letras, quanto o educando. Este último, em certos casos, poderia “alfabetizar” aquele que educa na matéria das coisas concretas, da realidade da opressão vivida cotidianamente.

Freire observou manifestações de silenciamento entre os homens e as mulheres com quem se encontrou. Tratava-se de antigos camponeses, que passaram a viver assentados em glebas de terra nas quais empregavam um sistema cooperativista de produção. Trabalhadores,

---

<sup>16</sup> Tal tramado será retomado, de modo aprofundado, na parte intitulada *Silenciamentos*, relativas aos capítulos cinco e seis.

<sup>17</sup> Em 1963, em Angicos, no Rio Grande do Norte, teria se dado a mais famosa experiência de alfabetização conduzida por Paulo Freire e sua equipe. Trezentos trabalhadores rurais foram alfabetizados em 40 horas, por meio do método criado por Paulo Freire. Tratava-se do projeto-piloto do Programa Nacional de Alfabetização do governo João Goulart, que seria deposto em 1964, precipitando o exílio de Freire no Chile.



portanto, já supostamente livres das amarras produtivas e anteriores, marcadas pela exploração. Mas, para o espanto do autor, mesmo que aqueles homens e mulheres já tivessem modificado sua realidade concreta, ainda se mostravam inibidos em tomar a palavra em nome próprio. Imersos em uma espécie de mutismo, demonstravam um “analfabetismo” no que tange às possibilidades de expressão da palavra, oral ou escrita. A esse fenômeno, Freire nomeia como “cultura do silêncio”.

Utilizando-se de uma base teórica marxista, Freire (1981/2021) afirma ser preciso levar em conta, em uma análise social, a dialetização entre infraestrutura (condições materiais de produção) e superestrutura (processos socioculturais). A cultura do silêncio seria, então, uma configuração da superestrutura, típica de “estruturas fechadas como a do latifúndio”, a qual continua a operar mesmo em novas condições, como é o caso da estrutura de um assentamento agrário. Assim, seria uma manifestação típica de uma sociedade de classes, na qual as classes dominantes estimulariam as classes dominadas a permanecerem “semimudas ou mudas”, restringindo possibilidades de expressão e de existência.

Pensada em um nível macrossocial, a “cultura do silêncio” demonstraria a tendência das classes dominadas a seguir modelos dos dominadores, como teorizado anteriormente por autores como o psiquiatra Frantz Fanon (1925-1961)<sup>18</sup> e Albert Memmi (1920-2020)<sup>19</sup>, ambos mencionados por Freire (1981/2021).

Segundo Penna (2014), há convergências entre a teoria de Freire e o marco teórico do pensamento pós-colonial ou decolonial, representado por Fanon e Memmi, entre outros autores. No entanto, a categoria de “oprimido” estaria mais próxima da experiência da pobreza do que de outras discriminações por etnia, origem ou língua. Por outro lado, como convergências entre o marco decolonial e a pedagogia proposta por Freire estariam as considerações a respeito da dualidade existencial vivida pelo oprimido, por meio da introjeção do opressor e da atração, por seu modo de vida. Assim como os autores decoloniais, Freire analisa a docilidade do oprimido e advoga pela desmontagem de uma “mitologia da estrutura opressora”, pela via da educação (PENNA, 2014).

Essa mitologia da estrutura opressora é disseminada por uma “educação bancária”, de base utilitarista, que invade culturalmente a classe dominada. Nessa perspectiva, a dominação cognitiva sustenta a dominação material, por meio da instalação de posições fixas, invariáveis,

---

<sup>18</sup> FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.

<sup>19</sup> MENMI, A. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

nas quais o professor é sempre o detentor de conhecimento, a ser depositado ou transferido aos educandos que, por sua vez, são considerados “vasilhas vazias”.

Afinal, a reprodução da relação hierárquica, por parte do oprimido, é de difícil reconhecimento, por estar fortemente arraigada. Isso é o que faz o autor afirmar que “Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles.” (FREIRE, 1981/2021, p. 86).

O modo escolhido por Paulo Freire para facilitar essa extrojeção é a ação cultural, atrelada a uma pedagogia engajada, centrada no acesso à palavra e no “dar a voz” aos que não têm. A educação se orientaria não para a transferência de saberes, mas para o avanço dessa capacidade radical de *dizer o mundo*, de expressar-se, com foco em atividades criadoras e dialógicas, nas quais a realidade dos educandos é levada em conta, de modo a incentivá-los a serem agentes da ação educadora.

Embora se detenha no processo pedagógico, o pensamento de Freire pode ser ampliado pois, ao falar em “invasão cultural”, abarca-se tanto a invasão implícita na dominação de uma classe sobre a outra, numa mesma sociedade, quanto aquela que se faz por uma sociedade matriz, metropolitana (colonizadora ou imperialista) em relação à sociedade dependente ou colonizada (FREIRE, 1968/2022).

As reflexões freirianas interessam a esta investigação, primeiramente, por nos oferecer um quadro explicativo das reproduções hierárquicas de vestígios coloniais, tanto a nível interpessoal quanto político. Afinal, ao nos propormos a um trabalho com imigrantes haitianos, não há como desconsiderar as incidências linguísticas e subjetivas das reiteradas dominações que o Haiti vem sofrendo desde o século XV.

Um segundo polo de interesse refere-se aos percursos educativos que podem ser depreendidos do pensamento de Paulo Freire, principalmente no que tange à inserção cultural de adultos imigrantes. Assim, a Oficina de escrita pensada no âmbito desta pesquisa buscou considerar alguns dos princípios basilares da pedagogia proposta pelo autor, em especial ao que se refere à circulação da palavra e à consideração da cultura e dos dizeres dos aprendizes.

Seguindo a direção dada por Freire, avançaremos nossa investigação acerca dos desafios envolvidos para “abrir as vias do dizer” para aqueles que estão silenciados. Contudo, se honrar uma referência, assim como a um pai, é poder valer-se dele o suficiente para produzir alguma invenção que o subverta (LACAN, 1975-1976), acrescentamos outros matizes à questão do silenciamento, a partir da psicanálise.

## 1.7 Silenciamentos, pulsão e objeto voz

Se nos alinharmos à noção freiriana de uma linguagem constitutiva do sujeito, responsável pela atividade criadora humana, contudo, pensamos ser preciso relativizar o possível entendimento segundo o qual os silenciamentos seriam superados com a transformação das estruturas hierárquicas ou materiais da existência, como pretende Paulo Freire. O próprio autor reconhece as resistências psíquicas dos sujeitos para assumirem uma posição mais autônoma e responsável diante da palavra.

Buscaremos sustentar aqui a ideia de que, se os sistemas hierárquicos contribuem para a instauração de posições de silenciamento, é possível aprofundar o que eles põem em jogo, a saber, a existência de entraves de outra ordem no caminho para se servir dos poderes criativos da palavra. Para nos ajudar a compor esta hipótese de base, apresentaremos, de modo breve, as noções de pulsão, gozo e objeto voz, as quais serão aprofundadas ao longo da tese. Com elas, pretendemos ampliar a tese de Paulo Freire quanto à cultura do silêncio ser determinada por condições históricas de desigualdade socioeconômica sem, no entanto, prescindir dela.

O silêncio é um tema de grande relevância para a psicanálise, abordado por diversas vias. Para o psicanalista francês Jacques Lacan (1969-1970), o discurso é um laço social, uma estrutura ou um “discurso sem palavras” (embora geralmente se valha delas). Ao se dirigir a alguém, um sujeito se submete a um dispositivo lógico e de linguagem que está para além das palavras:

Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. (LACAN, 1969-1970, p. 11)

A ideia de que o discurso está para além das enunciações efetivas ancora-se em uma concepção segundo a qual a linguagem é geradora de um “efeito de sujeito”, mas trata-se de um sujeito *a priori* sem consistência, vazio, que vai ganhando forma no decorrer da cunhagem de significantes e que, ainda assim, permanece descontínuo. Assim, ao se submeterem ao dispositivo discursivo, aqueles que nele estão envolvidos não poderiam prescrever o silêncio ou ter a “posse da palavra”, pois seria mais preciso dizer que eles são “possuídos” por ela e por outras dimensões que a habitam.

Com base nesse referencial, podemos afirmar sermos rondados por silêncios, sob vestes diversas, exigindo-nos pensar em “silenciamentos”, no plural. Há silêncios temporários ou

contínuos, imperceptíveis, sutis ou densos, devastadores ou criativos. Alguns caminham para a palavra, outros, repelem-na ou, ainda, comemoram sua dimensão de mudez. De todo modo, há um lugar de abrigo para o silêncio, apontando para o que há além ou aquém da linguagem.

A questão do silêncio propriamente dita é mencionada por Lacan no seminário *A lógica do fantasma* (1966-1967), no qual apresenta aspectos que interessam à nossa discussão. Segundo o autor, haveria dois tipos distintos de silêncio, recobertos por uma “fronteira obscura”. Um primeiro, nomeado, em latim, como *Tacere*, é aquele que se aproxima ao ato de calar-se, de parar de falar. Já o segundo, *Silere*, refere-se a um silenciar-se sobre algum componente enigmático, um ponto essencial do sujeito ou da própria estrutura da linguagem.

*Silere* é, então, uma dimensão de silenciamento a apontar a presença de um *algo* que perturba o fluxo da linguagem, imiscuindo-se nele, embora seja de diferente matéria. Esse elemento estranho é a pulsão. A pulsão (*Trieb*) é um conceito basilar em Freud (1905; 1915), remetendo a uma pressão originada de um enlaçamento entre o corpo e a palavra do Outro no qual se está investido. Situada na fronteira entre o psíquico e o somático, é a força motriz de um sujeito. Ao reler a teoria pulsional freudiana, Lacan rebatizou a pulsão como gozo.

Jacques-Alain Miller (2005) explica que se até o século XVIII, no Iluminismo, vemos um binarismo que associa o bem ao prazer, e o mal ao sofrimento, com Freud esse binário é abalado, pois descobre-se ser possível ter prazer na dor. Surge a noção de que há algo no aparelho psíquico que se satisfaz e sobre o qual o sujeito não pode falar. Assim, Lacan nomeou por gozo (no francês, *jouissance*) a satisfação inconsciente. Em seu último ensino, Lacan dedica-se, principalmente, a pensar o papel do gozo como um elemento que liga corpo e linguagem.

Haveria afinidades entre essa dimensão nomeada gozo e o silêncio. “A fala guarda o silêncio. E falha diante do gozo”, afirma Miller (2005, p. 11). O gozo, assim como o silêncio, aponta uma completude, não dando lugar à falta. Falar é, ao contrário, colocar-se em posição de falta-a-ser, experimentando os efeitos da divisão provocados pela linguagem, como o excesso, a falta, o equívoco.

Ao sublinhar a existência de um gozo em não falar, podemos dizer que a psicanálise amplia a discussão da cultura do silêncio, testemunhando situações nas quais o valor de gozo infiltra-se na fala, deflagrando um silenciamento implicado, em alguma medida, de satisfação.

Geralmente, tais situações apontariam dinâmicas libidinais ligadas aos objetos primordiais, restos da operação causal de um sujeito<sup>20</sup>.

Uma interessante tipologia do silêncio nas situações de análise foi feita por um autor pós-freudiano. Embora se trate de um texto antigo, julgamos interessante trazer um recorte, para melhor diferenciar os silêncios ligados à esfera do *Tacere* e *Silere*.

Em 1949, o psicanalista germano-americano Robert Fliess<sup>21</sup> escreveu um artigo no qual discute os regimes erógenos de seus analisantes, por meio da atividade verbal de cada um deles. Fliess detém-se, de forma especial, nas interrupções e silenciamentos ocorridos em momentos pontuais do discurso em associação livre. Com sua análise, o autor aproxima a fala às “substâncias corporais” expelidas por um sujeito. A tese do autor é a de que isso ocorre devido à proximidade temporal entre a entrada da criança na fala e determinados processos de regulação corporal, como o controle do esfíncter e da uretra, atividades delineadoras de uma exterioridade.

Das observações clínicas e reflexões de Fliess (1949/2001), especificam-se três diferentes tipos de silêncio: a) o silêncio uretral, que se interrompe como um fluxo urinário, mas retoma à fala com facilidade, ao modo das pausas que pontuam a fala corrente; b) O silêncio anal, característico de sujeitos que se calam diante de um sofrimento, estando sujeitos a uma inibição e ao sofrimento decorrente dela; e c) o silêncio oral, caracterizado pelo fato de o sujeito parar de falar por longos períodos, entrando em uma espécie de mutismo ou uma impotência diante da atividade verbal.

Esse último silêncio, que nos parece mais característico do nomeado por Lacan como *Silere*, tratar-se-ia de uma “incapacidade de falar real, autêntica e insuperável”; um tipo de silêncio que não suspende ou interrompe o discurso. Ao contrário, é a verbalização que é substituída pelo silêncio, dando a impressão de uma ausência de sujeito, visto a presença física do mesmo esvanecer-se: “O analisando não manifesta nenhum sinal de luta ou conflito, ele repousa tranquilamente ou se entrega a uma espécie de pantomima que testemunha a emergência do acontecimento erógeno” (FLIESS, 1949/2001, p. 67).

Na construção de Fliess (1949/2001), esse seria o modo de silenciamento mais regressivo, pois aproximaria o analisante às formas de expressão pré-linguísticas, típicas dos *infans* que, como já indicamos, é aquele que ainda não entrou na ordem da linguagem. Ao

---

<sup>20</sup> A operação em causa é a de alienação-separação, a qual nos deteremos de modo mais detalhado no capítulo quatro.

<sup>21</sup> Trata-se do filho de Wilhelm Fliess, amigo de Freud com quem o psicanalista vienense trocava suas famosas correspondências.

irromper, de modo regressivo, o prazer de sugar impediria a palavra de ser expelida - ou proferida.

Mais importante do que a descrição feita por Fliess a respeito dos modos de erotização da fala segundo estádios do desenvolvimento da libido, seria a ideia da existência de um “grau zero da fala”, ou seja, a consideração de que a pulsão infiltra a linguagem antes de seu nascimento, restringindo, em certos casos, as possibilidades dadas ao sujeito de se valer da palavra (MILLER, 2005). O oposto também é verdadeiro: algo da pulsão precisa comparecer para que a palavra ganhe endereçamento.

Levando em conta essa dimensão pré-verbal da linguagem, Lacan buscou cerni-la por meio do termo *lalangue* (LACAN, 1972-1973), no qual o termo evoca a *lalação* do bebê e a proximidade desses sons com o aspecto pulsional que o conforma.

Porém, há uma ambivalência essencial no que se refere ao nosso enlace com a voz do Outro, conforme sustenta Vivès (2020a; 2020b). Ao mesmo tempo em que somos chamados a advir, como sujeito pela voz dos que nos cuidaram, essa mesma voz, sendo da ordem de uma sonoridade sem sentido, pode ter um aspecto aterrorizante. Nas condições em que esteja desatrelada de qualquer amarra simbólica, apresenta-se como uma sonoridade contínua e invasiva, podendo ecoar como um apelo a um gozo infinito. O mutismo é um dos efeitos que essa dimensão mortífera da voz pode provocar naqueles que não conseguem dela manter distância.

Em outras palavras, do processo de erotização do *infans*, conduzido pelas figuras responsáveis pelos cuidados maternos, resta um elemento aglutinador de satisfação pulsional, que ensaia seu reaparecimento em determinadas situações. Nomeado por Lacan como *objeto a*, trata-se de um resto da constituição do sujeito, que cria um espaço paradoxal, em situação de “exílio”: nem exterior, nem interior.

O objeto *a*, em sua figuração de objeto voz, constitui-se como elemento perturbador do discurso quando está positivado; por outro lado, é aquilo que causa um dizer, quando opera em referência a um “ponto surdo” da voz do Outro, imprimindo uma marca singular em uma produção languageira. Por seu caráter irrepresentável, podemos considerá-lo como um elemento “indizível” presente na linguagem, podendo ser contornado por ela, como fazem os escritores e os poetas.

## **1.8 *Escrever uma vida, contornar o indizível: o exemplo de Primo Levi***

O sujeito sempre vive algo de uma batalha para tornar suas as palavras que o atravessam. Entretanto, se os poetas nos ensinam a boa briga para se separar e se apropriar delas, há situações em que, fixados às ruínas da guerra, os sujeitos se mostram impedidos de usar dos recursos linguísticos, postergando ou deixando de se entregar aos deslizamentos metonímicos possibilitados pela linguagem. Entram, assim, em um silenciamento que parece sem fim.

A travessia migrante parece ser, ao menos em potencial, uma dessas situações. Afinal, é possível considerar o ato de imigrar como uma espécie de renascer em uma nova língua, abrindo-se para a possibilidade de habitar um novo corpo-linguagem. Esse processo envolve a reedição de eventos marcantes da história de um sujeito, entre eles, o encontro inaugural com o Outro, reavivando uma dimensão de indeterminação e o mutismo da língua, anterior ao chamado à fala.

Os elementos reavivados, “restos do infantil” ou marcas da língua, apontam para elementos indizíveis, que podem tanto silenciar como convocar a criação. Nesse contexto, ganha destaque o objeto voz, como uma das faces do irrepresentável a acosar um sujeito.

No âmbito da clínica psicanalítica com estrangeiros, diversos autores discutem os efeitos de mudanças de línguas em sessões de análise. Esses autores notam a permanência de elementos “intraduzíveis” ou “indizíveis” na passagem de um código linguístico a outro, referentes ao que há de mais singular em um sujeito (AMATI-MEHLER, ARGENTIERI e CANESTRI, 2005; STITOU, 2014; AYOUCHE, 2015).

De modo geral, tais estudos demonstram que circular por várias línguas pode oferecer uma chance extra de abertura à dimensão de sonoridade da língua, geralmente encoberta pelas articulações significantes. Todavia, há um risco na abertura a uma diversidade de sonoridades, pois pode-se acentuar um estranhamento inerente a qualquer língua, jogando o sujeito em uma posição de silenciamento extremo. Isso ocorreria, pois o sujeito pode escolher manter à distância ou contornar os pedaços de língua que convocam, de forma intensa, os afetos e o corpo (STITOU, 2014).

Do campo dos estudos da linguagem, Christine Revuz (1998) sustenta que se a inserção em uma nova cultura e língua estrangeira pode potencializar o “estranhamento de si”. Para ela, a modalidade escrita da língua carregaria um potencial de atenuar esse caráter ameaçador advindo da apropriação dos sons estrangeiros, vivido por alguns aprendizes. Tendemos a concordar com a asserção da autora, elegendo a modalidade escrita da língua como uma forma

de pesquisa e intervenção no trato das questões do silenciamento vivido por imigrantes haitianos.

Para introduzirmos uma direção que envolve o ato da escrita como um modo possível de “tratar” aquilo que resiste a ser recoberto pelo registro do simbólico, tentaremos oferecer ao leitor uma imagem, recolhida do campo da literatura de testemunho, pela potência como que demonstra aspectos caros à nossa temática.

Trata-se de um fragmento textual escrito pelo escritor Primo Levi (1919-1987), judeu de origem italiana que foi sobrevivente de Auschwitz. O recorte é de um sonho relatado em diversos momentos de sua obra, mas cuja versão retiramos de *Isto é um homem?* (LEVI, 1947/1988), conforme reproduzimos a seguir:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio. (LEVI, 1947/1988, p. 85).

Levi comenta que, enquanto esteve aprisionado no campo de concentração, teve diversas vezes o sonho que acabamos de trazer, com pequenas variações no ambiente e em alguns detalhes. Ao contá-lo ao amigo Alberto, surpreende-se ao ser informado que não apenas ele costumava ter semelhante sonho, como vários outros prisioneiros. Questiona-se: “Por quê? Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena repetida da narração que os outros não escutam?” (LEVI, 1947/1988, p. 86).

O sonho recorrente de Levi permite-nos apresentar alguns pontos de ancoragem para a nossa investigação, pois:

1) Aponta que, em determinadas situações, as formações do inconsciente (dentre as quais os sonhos são uma das mais importantes, além dos lapsos, esquecimentos, atos falhos e chistes) podem se dar de modo transindividual, ao modo de um “contágio”. Por ser estruturado como uma linguagem, o inconsciente é também o social, o que nos permite pensar em diferentes sujeitos que, do ponto de vista discursivo, ocupam um lugar semelhante na estrutura. Esse fato oferece-nos embasamento para, no âmbito do presente trabalho, pensarmos em um “sujeito imigrante haitiano”.



2) Destaca a dimensão da voz, cuja ausência é presentificada na cena. Uma fala a respeito do traumático tenta articular-se por meio da língua, mas é como se a voz e o corpo que lhe acompanha “não estivesse ali” para chegar aos ouvidos dos presentes. Há um fracasso em se valer da palavra, revelado pela inconclusão do percurso “fazer-se ouvir”.

3) Ao olharmos para os elementos biográficos de Primo Levi, sabemos que a escrita foi o recurso escolhido pelo autor para trabalhar essa espécie de fracasso no ato de enlaçar palavra e voz, de modo a narrar suas vivências no campo de concentração. Impôs-se a ele uma voz forjada por meio da escrita, feita para contornar os elementos de difícil representação. Foi por meio dela que Levi “fez-se ouvir” a seus leitores. No prefácio do livro *Isto é um homem?*, o autor comenta a respeito desse impulso à escrita, como um modo de “liberação interior”:

A necessidade de contar “aos outros” de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares (LEVI, 1947/1988, p. 8).

Levi dá a ver duas dimensões da “estrangeiridade” as quais interessam à nossa tese. Como judeu perseguido e aprisionado, representa uma “inscrição originária da condição de estrangeiro” (KRISTEVA, 1994). Além disso, sua posição na linguagem foi a de alguém que tocou o que há de estranho, estrangeiro ao registro do simbólico, mas insistiu em dar notícias desse território Outro, por meio de sua obra.

Após sua saída do campo de concentração, Levi escreveu testemunhos, contos, prosa e poesia. Nessas obras, alguns temas se repetem, como é o caso do sonho por nós transcrito. Conforme analisa Macêdo (2012), observa-se, nessas reescritas acerca dos mesmos temas, a direção de ficcionalizá-los, inventando algo que vai se sobrepondo e recriando os fragmentos vividos. A autora infere que se Levi, no início, buscava uma clareza a respeito do que lhe passou, seu ponto de chegada foi a uma “perspectiva absolutamente singular no que toca a obscuridade da experiência traumática. Isto porque ele se encontrou, no percurso de seu testemunho, com a impossibilidade de dizer TODA a verdade sobre o que viveu em Auschwitz” (MACÊDO, 2012, p. 58).

Assim, inspira-nos a também perseguir aquilo que está em desacordo com a palavra, tocando o Real<sup>22</sup>, mas que, por seus indícios, pode-se fazer fisgar, por entre as linhas que se escrevem.

A obra de Levi exemplifica, portanto, aquilo que compreendemos o cerne do que seja “escrever uma vida”. Pensamos, com Riolfi (2011) que, embora escrever se trate de tarefa sempre falha, podendo levar aquele que escreve aos limites da linguagem, trata-se de sustentar um caminho de invenção de um “si próprio” no engendramento das palavras, explicitando traços que sustentam uma singularidade. Para tanto, há que se atravessar dimensões assombrosas, em parte derivadas dos “restos desconexos de fala restos daqueles que foram importantes” (RIOLFI, 2011, p. 26), inventando novos modos de uso - e uma ética - para saber-fazer com eles.

Embora Levi tenha se tornado um autor de renome, nossa visada é a de que o recurso à escrita pode ser de grande valia a qualquer sujeito, como demonstra Liline, a haitiana mencionada no primeiro item deste capítulo, cuja fala a respeito do seu uso da escrita em português, como tentativa de separar-se dos ditos (e da voz) da mãe, inspirou-nos tanto quanto os escritos de Levi. Assim, nossa tese é a de que, para se fazer frente à vertente excessiva do objeto voz, atividades de escrita com componentes lúdicos ou poéticos têm o potencial de incidir na posição do “sujeito imigrante haitiano” na linguagem, suportando e possibilitando um dizer, pela via ressonante da palavra.

### **1.8.1 Objetivo geral**

Propomos, como apoio possível aos sujeitos que escolhem fazer uma travessia migrante, a oferta de uma acolhida por meio de atividades em torno da escrita que permitam, num enquadre transferencial, um novo endereçamento a esses restos, potencialmente silenciadores.

Essa escolha embasa-se na afinidade estrutural entre atividades de leitura e escrita e o exercício de lidar com a própria opressão, apontada por Paulo Freire (1968/2022), considerando, contudo, as especificidades envolvidas no que podemos entender como “forças opressivas” quando consideramos o sujeito do inconsciente e o campo multilíngue da migração.

Com esse propósito, a presente pesquisa-intervenção envolveu uma Oficina de escrita, conduzida pela pesquisadora entre os meses de maio a novembro de 2019, cujo fio condutor foi

---

<sup>22</sup> Conceito da psicanálise lacaniana referente a um dos três registros situados por Lacan (Real, Imaginário e Simbólico). O real é caracterizado por aquilo que insiste em não se inscrever no simbólico, ou seja, pelo que fica fora da linguagem.

a construção de histórias de vida pelos participantes, com o propósito de constituir um espaço de escuta e circulação da palavra aberto aos alunos imigrantes haitianos do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), em Perus, na zona noroeste de São Paulo.

A escola parece-nos ser um local privilegiado para um trabalho com as fronteiras linguísticas, pois pensamos que a escuta das vicissitudes envolvidas na relação com a alteridade é capaz de abrir espaço para a criação e transmissão de um saber sobre a língua menos colonizador ou normatizante. Tratou-se, portanto, de uma aposta nos processos de transmissão cultural para as gerações seguintes.

Postulamos, como **objetivo geral** da presente tese, investigar a posição dos sujeitos imigrantes haitianos na linguagem, em especial, o modo como se relacionam com os elementos que, reavivados pela travessia migrante, os fazem silenciar ou que, ao contrário, funcionam como um convite à fala e à escrita.

### **1.8.2 Objetivos específicos**

- a) Construir uma Oficina de escrita de história de vida para imigrantes haitianos, possibilitadora de um espaço geográfico, temporal e transferencial para a ocorrência de novos percursos linguístico-subjetivos;
- b) Explorar os processos de construção de uma narrativa de si em outra língua, situando quais recursos são postos em movimento para dar conta dessa tarefa;
- c) Verificar quais elementos são transferidos na passagem de uma língua a outra, concernindo o mais singular do sujeito, e como esses elementos relacionam-se com a noção de objeto voz (LACAN, 1964); e
- d) Refletir acerca de possíveis dispositivos para uma inserção linguística acolhedora, cuja direção seja a dimensão constitutiva e criativa da palavra.

## 1.9. Resumo dos capítulos da tese

Feitas estas considerações iniciais, cumpre descrever que a presente tese está estruturada em três partes.

A parte A, intitulada *Enquadres*, é formada pelo capítulo ora apresentado e pelos três capítulos que se seguem. O capítulo dois é dedicado à apresentação do modo como se construiu a Oficina de história de vida para imigrantes haitianos, como dispositivo de pesquisa e intervenção. Nele, esclarecemos as noções que nos nortearam nessa construção, bem como o detalhamento do campo onde a pesquisa se deu, dos participantes e das formas de coleta dos dados. No capítulo três, trazemos as noções operatórias para a leitura do *corpus*, as quais se ancoram na afinidade entre os sistemas de escrita e a estrutura do Inconsciente, no método indiciário e na Crítica genética. Por fim, o capítulo quatro tece considerações teóricas a respeito de três noções-chave nas quais embasamos a análise do *corpus*: trauma, constituição subjetiva e objeto voz.

A parte B, nomeada *Silenciamentos*, é composta por dois capítulos, os quais descrevem e analisam três modos distintos de silenciamentos emergidos ao longo da Oficina, por meio de fragmentos de produções orais, textuais e cenas descritas no diário de bordo da pesquisa. No capítulo cinco, a análise se detém na repetição do significante *Deixa Passar*, e o que ela dá a ver de uma suspensão temporal e de um sujeito que está em vias de se dizer. No capítulo seis, o foco de nossa atenção são dois grupos de manifestações: por um lado, o mutismo observado principalmente entre as mulheres haitianas, o qual aproximamos de certo efeito advindo da posição feminina, acentuado por discursividades sociais; por outro, a tendência do grupo de participantes a silenciarem uns aos outros, por meio de censuras quanto ao uso correto das normas linguísticas.

Na parte C, trazemos os dois últimos capítulos que formam as *Passagens*, as quais dizem respeito aos instantes em que a vertente excessiva do objeto voz se negativou, permitindo que um sujeito se fizesse passar nas produções linguísticas, em enunciações ancoradas em procedimentos de (re)nomeação ou por meio de brechas da ordem dos equívocos provenientes do Inconsciente, apontando para as possibilidades de deslocamentos subjetivos.

## 2. UMA OFICINA DE HISTÓRIA DE VIDA PARA IMIGRANTES HAITIANOS

Agora eu era o herói  
E o meu cavalo só falava inglês  
A noiva do cowboy  
Era você, além das outras três  
Eu enfrentava os batalhões  
Os alemães e seus canhões  
Guardava o meu bodoque  
E ensaiava o rock para as matinês

Agora eu era o rei  
Era o bedel e era também juiz  
E pela minha lei  
A gente era obrigado a ser feliz...  
Trecho da música João e Maria (1947), de Chico Buarque.

Ao interessar-nos pelo ato por meio do qual alguém “se conta” por meio da escrita, algumas indagações paralelas nos são suscitadas, como, por exemplo: *Quais são os fatores que compõem a narrativa de uma história de vida? Sobre quais aspectos da narrativa recaem a análise?* A resposta a essas questões passa, a nosso ver, pela delimitação da noção de “história de vida” com a qual trabalhamos, visto haver diversas perspectivas metodológicas que se valem de abordagens biográficas nas Ciências Humanas.

Portanto, o item com o qual abrimos o presente capítulo (2.1) é dedicado a discutir o modo como entendemos que os componentes de “verdade” e ficção comparecem na trama narrativa de uma história de vida. A seguir (2.2), apresentamos alguns conceitos e amarrações balizadores para uma intervenção que tangenciou o ensino de português como língua adicional (2.2.1 e 2.2.2) e que implicou o atravessamento das fronteiras da clínica psicanalítica convencional (2.2.3).

Na sequência, traçamos um panorama do local onde a Oficina se deu (2.3), tanto em seu aspecto geográfico (2.3.1) quanto institucional (2.3.2), para, em seguida, apresentarmos os participantes que deram corpo e *corpus* à presente pesquisa (2.4). Nos itens finais, descrevemos o modo como a Oficina ocorreu (2.5) e os materiais que a experiência originou (2.6), com vistas à sistematização do *corpus*.

## 2.1 *Histoerias*: verdade e ficção na noção de história de vida com a qual trabalhamos

Por meio de uma licença poética, poderíamos batizar a perspectiva de “história de vida” com a qual trabalhamos como sendo um trabalho com *histoerias* de vida, valendo-nos da palavra inventada por Lacan (1976/2003) para unir história e histeria (*hystoire*). O termo relaciona-se aos momentos finais de uma análise, quando o sujeito se “historisteriza [*hystoriser*] de si mesmo” (LACAN, 1976/2003). Com o neologismo, o autor quis marcar o momento em que alguém está apto a testemunhar ter trilhado um percurso psicanalítico, cujo resultado é uma ficção de si, com efeitos de verdade.

Aproveitando-nos da canção de Chico Buarque ora trazida, trata-se também do momento em que o sujeito, após enganchar-se à vida por meio de uma narrativa inédita, vislumbra a espécie de “lei” que lhe é própria. Ao assumi-la, o resultado é uma composição ficcional que o faz implicar-se na mistura dos tempos característica do inconsciente, ao modo dos versos da música: *Agora eu era o rei, era bedel e era também juiz*.

No trecho destacado, vemos advérbio e verbo empregados de modo pouco usual, demonstrando um presente e um pretérito imperfeito que se imiscuem, em favor de uma asserção subjetiva. Ao assumir a divisão subjetiva que a linguagem produz, e dos consequentes efeitos de invenção requeridos para dar conta daquilo que divide, uma afirmação sobre si é criada por retroação, com efeitos de verdade. Todavia, trata-se de uma verdade multifacetada, não provada ou explicada, mas que gera algo semelhante a uma “felicidade” (RIOLFI, 2009).

Se escolhemos a canção para abrir esta discussão, não é apenas por seus aspectos formais, mas também pelo que ela tem de *histoeria*, ou seja, pelos aspectos de autoficção compostos à revelia daquele que escreve. Conta-se que a melodia da música teria sido enviada a Chico Buarque pelo compositor Sivuca, em 1976, com o recado de que a composição datava de 1947. A simples alusão – ou identificação (LACAN, 1961) – a essa segunda data teria feito Chico remeter-se à sua própria infância, fazendo surgir versos cujos significados o autor admite que lhe fogem, apesar de tentativas posteriores de atribuí-los a metáforas políticas. Certamente que o fundo político não pode ser excluído nas eventuais interpretações da letra, mas, segundo o letrista, grande parte da significação dos versos lhe escapa.

Pensamos ser essa uma ilustração do fato de que é se colocando como narrador que o sujeito pode engendrar uma instância equivalente a um “si mesmo”, continuamente afetada pela *histoeria* assumida, a partir da qual se implica na vida. Portanto, as consequências de se escrever

recordações, como as memórias de infância retratadas na música *João e Maria*, são as de que o narrador se encontra com uma escritura fabricada no processo de submissão ao fluxo da linguagem e às reordenações do texto. Forjado em uma enunciação feita *a posteriori*, esse texto é resultado de uma “outra escrita”, cujos efeitos tendem a recair sobre o sujeito-escritor (LACAN, 1975-1976/2007).

Embora os apontamentos lacanianos surjam do enquadre clínico de uma análise, pensamos poder extrapolá-los para um trabalho com histórias de vida, o qual considere: a) o interesse em se verificar os resíduos registráveis de uma experiência vivida; b) os efeitos do tempo presente (e futuro) sob o relato, produzindo lacunas e uma nova composição; e c) o entendimento do caráter mediatizado que o relato ganha, ao passar pela memória e pelo trato da linguagem, ou seja, pelo inconsciente.

Outras perspectivas teóricas levam em conta os preceitos ora mencionados, mesmo que de modo tangencial. Todavia, por situar-se mais ao lado das *histoerias* do que das histórias, a proposta que ora apresentamos representa uma ruptura discursiva em relação a outras perspectivas as quais utilizam histórias de vida no campo da historiografia e da Educação<sup>23</sup>. Afinal, ao se considerar o sujeito do inconsciente, novos matizes são inseridos à problemática da autobiografia/autoficção, como é o caso do lugar dado às falhas do relato e ao elemento pulsional.

Com vistas a ilustrar alguns aspectos dessa ruptura, propomos olhar as considerações trazidas por Delory-Momberger (2011), autora reconhecida pelos estudos biográficos no campo da Educação. Ao abordar as experiências que não encontram lugar na “escrita da vida”, a autora comenta:

Outrossim, algumas situações não se tornam experiências, não ensinam, não acham lugar em nossa biografia experimental: é o caso, por exemplo, de situações que acontecem de forma muito “precoce” durante a infância ou a adolescência, ou inclusive de acontecimentos, às vezes dramáticos (acidentes, lutos), que ultrapassam, provisória ou definitivamente, nossa capacidade de integração biográfica. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 343)

---

<sup>23</sup> Na historiografia ou na sociologia, são frequentes, sob uma filiação teórica à obra do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), o registro e a análise da história oral dos informantes que têm como foco os pontos de enlace entre a memória individual e uma “memória coletiva”. No campo das Ciências da Educação, as abordagens biográficas caracterizam-se por narrarem etapas do desenvolvimento da personalidade de um aprendiz ou docente, em contexto formativo. Podemos ver a influência dessa perspectiva no uso disseminado dos memoriais acadêmicos, como modo de verificar a consolidação ou subjetivação de um percurso intelectual.

Se tendemos a concordar com a autora a respeito da existência de elementos que resistem a entrar na “escrita da vida”, por serem de difícil simbolização, por outro lado, consideramos que esses pontos opacos marcam um texto, podendo constituir, inclusive, o cerne de um ímpeto narrativo.

Afinal, para a psicanálise, é preciso levar em conta a existência de um corte entre o sujeito do conhecimento e o sujeito do saber inconsciente. Enquanto os índices do conhecimento são a noção de totalidade e de adaptação, o saber é, desde Freud, aquilo que não se revela à consciência, estruturando-se como uma linguagem a partir de um ponto de falta (LACAN, 1970/2003).

O saber inconsciente amarra-se, portanto, ao impossível, ou seja, àquilo que não se simboliza e do qual não se cura. Por esse motivo, não é possível “conhecer” nada sobre ele, embora algo disso se mostre. Se o sexual, que é a realidade do inconsciente, não é capturável pelas palavras, o que resta são as construções ficcionais, inventivas, sobre ele.

Conforme apontado por Riolfi (2009), a noção de verdade se transforma ao longo do ensino de Lacan. Se no início é tida como verdade recalcada (LACAN, 1953; 1957), com as transformações contemporâneas, essa noção caminha para a ideia de uma “verdade mentirosa”, único recurso do humano para tamponar a realidade sexual do inconsciente.

*Em O Seminário 17 - O Avesso da Psicanálise*, Lacan (1969-1970) discorre a respeito do caráter fugidio e parcialmente acessível da noção de “verdade” no contexto psicanalítico, diferentemente do modo com que se opera com ela na filosofia. Para o autor, no campo filosófico, a asserção anuncia-se como verdade, sendo o verdadeiro aquilo que resulta de uma enunciação feita com propriedade, respeitando-se um determinado encaminhamento lógico.

Já para a psicanálise, é a palavra que se revela ao mesmo tempo em que escapa, palavra sem sentido – “sem pé nem cabeça nem cauda” – que carrega aquilo que é relativo ao ser. É o que podemos ver nas situações de chiste, ou quando um sonhador acorda justamente no clímax de um sonho. Nesses instantes é que algo de uma verdade se revelaria.

Por outro lado, o véu ficcional não recobre totalmente aquilo que é relativo ao sujeito que escreve, pois há vestígios de escrita, da ordem do pulsional, na produção de uma história de vida. A visada passa a ser, então, a de jogar com a palavra em sua dimensão de enigma, na direção de fazer funcionar um saber em termos de verdade e fazê-la ressoar.

É essa direção que permite a Lacan (LACAN, 1970/2003) brincar com o jogo de palavra, facilitado pelo francês, entre a palavra *faux* (falso) e seu correlato em latim *falsus* (caído), apontando-nos que um saber com efeitos de verdade se articula a partir de algum corte, de uma



interpretação “falsa”, mas que, no entanto, “cai bem”, permitindo extrair dela um dizer outro daquilo que foi dito.

Mesmo que se tenha a ilusão de estar construindo uma narrativa baseada em um saber consistente sobre si, o fragmento de saber que funcionará em termos de verdade serão os instantes em que é possível entrever essa espécie de lei singular, ou seja, a modalidade pulsional sob a qual se funciona. Essa ideia é mencionada por Lacan (1969-1970), ao afirmar que a verdade é “irmã do gozo”, o que significa dizer que é apenas por uma montagem ficcional que ela consegue “casar-se” com o saber (PRATES PACHECO, 2008).

Assim, por ser um ponto de singularidade, é o gozo do sujeito que aponta para certa “identidade”, embora, ainda assim, se trate de uma identidade que varia dentro de uma estrutura, e que é tecida aos moldes de uma ficcionalização:

Trata-se de uma relação de trama, de texto – de tecido, se quiserem. Só que esse tecido tem um relevo, ele pega alguma coisa. Claro, não tudo, pois a linguagem mostra precisamente o limite dessa palavra que só tem existência de linguagem. (LACAN, 1969-1970, p. 56)

Algo de um verdadeiro mostra-se, portanto, no processo de textualização, quando elementos que soam ao mesmo tempo estranhos e familiares ao sujeito dão “relevo” e textura ao escrito. O gozo é este ponto: sentido como externo, ele lança luz nos territórios mais íntimos a cada um, fazendo com que a verdade pareça “[...] ser-nos estranha – refiro-me à nossa própria verdade. Ela está conosco, sem dúvida, mas sem que nos concirna a um ponto tal que admitamos dizê-lo” (LACAN, 1969-1970, p. 60).

Nessa perspectiva, no que se refere à escrita de um texto de cunho autobiográfico, aquele que se põe a escrever sobre si enfrentará a tarefa impossível de escrever a “verdade” a respeito de uma experiência vivida, visto que os sentidos não abarcam a totalidade da existência. Entretanto, algo de verdadeiro poderá aparecer nas linhas, sob as vestes de um enigma que diz respeito aos seus modos de satisfação.

Assim sendo, as escritas que se tecem para registrar os resíduos do vivido – como um diário ou um fragmento de memória – problematizam a ideia de um acesso direto à experiência. Questionam a ideia de uma verdade produzida sob um “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 1996), no qual elementos como narrador, personagem e nome de autor são coincidentes.

Ao contrário, serão os pontos opacos do discurso que insinuarão algo de uma verdade: em seus aspectos limítrofes, tidos como supostos erros ou que são da ordem dos “impasses de formalização” (LACAN, 1972-1973).

Seguindo nessa linha, Lacan (1976) nomeia como “verdade mentirosa” a dimensão de verdade que comparece quando alguém se conta. Esse sintagma diz respeito ao fato de haver uma resistência, própria ao inconsciente, que apaga parcialmente um conteúdo significativo quando esse passa pela consciência, deformando-o e forçando uma reconstituição dos conteúdos, apoiada em elementos de invenção.

Portanto, se a visada psicanalítica a respeito da memória não permite que consideremos uma transmissão “verídica” dos fatos, como pretendemos mostrar, o que uma narrativa do tipo memorialística pode conter é uma construção textual que gera verossimilhança – aqui compreendida como a qualidade dos nexos que ligam os elementos internos de um texto e, quando é o caso, a possíveis referências factuais.

Do campo literário, podemos retirar bons exemplos acerca da habilidade em produzir narrativas verossímeis. Ao comentar o processo de escrita de *Memórias do Cárcere* (1976), por exemplo, Graciliano Ramos demonstra-nos o seu modo de manejo tanto dos fatos vividos quanto do texto, com vistas a criar efeitos de verossimilhança. Afirma sentir-se pronto para contar os acontecimentos em torno do ocorrido apenas dez anos após a sua prisão, pois a distância no tempo contaria a seu favor, impedindo-o de ceder à tentação de ser “fiel aos fatos” – o que ele vê como impossível.

Além do movimento no tempo, que lhe permitiu um retorno distanciado aos vestígios dos acontecimentos em torno de sua prisão, o escritor valeu-se tanto de recursos que dão matizes ao texto – omissões ou ampliações de fatos, quanto mudanças no ritmo da narrativa, conforme relatado por Ramos (1976):

Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente. (RAMOS, 1976, p. 36).

A passagem reproduzida demonstra que o escritor está advertido de que aquilo que viveu, em si mesmo, resta-lhe inacessível, dando a ver, assim, os necessários percursos linguísticos e as construções de sentidos que se depositam sobre fragmentos de memória, formando uma nova matéria, na qual as errâncias são próprias ao texto.

Em certa medida, podemos considerar a leitura de si implicada na escrita de uma história de vida ao modo de uma *leitura errante*<sup>24</sup> (RIOLFI; BARZOTTO, 2019), por vezes inesperada ou não convencional, que o sujeito faz de si próprio ao se interpretar, e com a qual se confronta no momento em que se relê. O conceito de *leitura errante* deriva da noção de sujeito presente na obra de Lacan, a qual se modifica ao longo de seu ensino. Inicialmente, trata-se de um ser vazio de substância, que é efeito da linguagem, articulando-se a partir do que um significante representa para outro significante (LACAN, 1960/1988). Em período posterior, cunhando o neologismo *falasser*, o autor passa a considerar que aquilo que se busca na fala não é apenas a resposta ou a articulação de significantes dada pela matriz simbólica do Outro, mas sim uma satisfação, um gozo (LACAN, 1972-1973).

Em nossa compreensão, uma noção não invalida a outra, e de todo modo, a presença efêmera do sujeito/*falasser* pode ser aproximada, na obra lacaniana, aos efeitos da língua, às interrupções e aos pontos de opacidade da língua. Todavia, conforme apontado por Fink (1998), o sujeito lacaniano não seria a interrupção em si, mas o ato de assumi-las, aceitando a responsabilidade por aquilo que interrompe.

Nessa perspectiva, há uma errância inerente a qualquer tentativa de leitura e escrita, relativa aos equívocos constitutivos da linguagem. Afinal, se as palavras não guardam uma correspondência inequívoca a um significado, sendo a relação entre elas e seus referentes “justamente aproximativas”, o uso dos significantes comporta uma dimensão de “besteira” (LACAN, 1972-1973/1982).

Nessa discussão, ganha importância o conceito de *trabalho de escrita* (RIOLFI, 2003), por articular o sujeito à dimensão de confecção de um texto. Ao abordar a aprendizagem da escrita de um texto acadêmico, a autora frisa que escrever pressupõe uma composição, necessariamente ficcional, por envolver elementos de seleção, montagem e criação – aspectos que, no entanto, desaparecem quando o texto ganha unidade, por meio de um *trabalho de escrita*.

Assim sendo, a reconstrução de uma história de vida pode se assemelhar, ao menos parcialmente, com outros gêneros, como a construção de uma narrativa ficcional ou mesmo a de um caso clínico. À semelhança da primeira, é preciso escolher pontos de interesse: uma ação, os personagens, o tempo e o espaço onde a estória se passou. Esses imprimem historicidade e densidade ao relato (CANDIDO *et al.*, 1972).

---

<sup>24</sup> Noção trabalhada pelo GEPPEP- Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise e que se constituiu no tema do XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise (2016). Pode ser compreendida como efeitos de sentidos inesperados, resultado de movimentos interpretativos por direções imprevistas.

Já no caso da semelhança com a escrita de um caso clínico, ela inicia-se com o fato de que, embora o depoente tenha lembranças diversas, a configuração de sua história só ganha forma quando é contada, o que inclui a existência de um interlocutor – seja um analista ou um leitor, a quem se possa endereçar.

Torna-se necessário, ainda, depreender o que é singular no caso que se pretende narrar. Para Riolfi (2014), Freud soube reconstruir personagens com características físicas e psicológicas, incluindo marcas espaciais e temporais, respeitando-se as regras da narrativa clássica, obtendo, assim, o efeito de verossimilhança almejado.

Entre os itens importantes para a escrita de um relato, Riolfi (2014) aponta um deles como central: a localização, por parte daquele que escreve, daquilo que fez marca em seu corpo. Afinal, é por meio dos significantes que fazem marca no corpo que seria possível se aproximar de um fragmento da “verdade mentirosa”. Essa direção parece-nos ressoar aquilo que Graciliano Ramos nomeia, em diversas partes de suas *Memórias*, como “a minúcia discrepante” que ordena o relato de cada narrador, mesmo nos casos em que se trate de uma experiência compartilhada.

Com vistas à realização da Oficina de escrita para imigrantes haitianos, o cotejamento dos aspectos teóricos discutidos, os quais apontam para a impossibilidade de se contar a totalidade de uma existência, implicou a busca por ofertar, aos participantes, pontos de interesse para um relato.

Assim, incentivou-se a produção, mesmo que fragmentária, de pedaços de texto-vida, impulsionados por propostas de leitura e discussão de excertos literários ou outras dinâmicas dialógicas entre os participantes. Além disso, deu-se grande importância ao fator “endereçamento”, seja ao grupo de participantes ou à pesquisadora, por considerarmos que o sujeito não tem acesso a uma instância equivalente a um “si mesmo” a não ser passando pelo Outro e produzindo um dizer que exterioriza seus modos de identificação e seu gozo.

Foram as incongruências e as falhas da narrativa que guiaram nossa atenção, não para as recobrir, mas por considerá-las pontos a indicar o “furo no saber”; ou seja, um ponto de gozo onde a verdade-ficcional se amarra. Em síntese, buscamos nos ater à indicação lacaniana de “Que o sujeito não seja aquele que sabe o que diz, quando efetivamente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta” (LACAN, 1970, p. 403).

## 2.2 Norteadores para atravessar fronteiras: conceitos e amarrações

### 2.2.1 Aprender a fazer dobraduras com a linguagem: uma direção de ensino da língua portuguesa

Conforme mencionado anteriormente, um dos objetivos específicos estabelecidos para a presente pesquisa era o de construir uma Oficina de escrita de histórias de vida para imigrantes haitianos que possibilitasse um espaço geográfico/temporal e transferencial para a ocorrência de novos percursos linguístico-subjetivos.

Para isso, fez-se necessário emprendermos um percurso teórico-prático por determinada concepção de ensino de língua portuguesa. O modo como escolhemos nomeá-la está expresso no título desta seção<sup>25</sup> – “aprender a fazer dobraduras com a linguagem”, com o qual queremos abordar uma posição favorável frente à língua, a qual certos professores almejam para seus alunos. Entendemos que essa posição se contrapõe, por exemplo, a posturas normativas, equivalentes a um imperativo como aquele expresso pelo jargão: “Dobre a língua para falar! (ou escrever)”<sup>26</sup>.

Semelhante concepção embasa-se em autores do campo da Educação e dos estudos da linguagem que, afetados por teóricos como Émile Benveniste (1958/1991) ou pela psicanálise freudo-lacaniana, produzem trabalhos na intersecção entre linguagem e subjetividade. A partir deles, é possível recolher reflexões acerca do ensino (RIOLFI *et al.*, 2015; GERALDI, 1992; GERALDI, 1996; POSSENTI, 1996) que, sem negar a importância de se transmitir a norma-padrão, apontam a importância de um trabalho com a dimensão constitutiva da linguagem, que só se realiza por meio da interação entre professor e aluno e dos alunos entre si.

Os referidos autores destacam a importância de se resgatar, por exemplo, a capacidade dos alunos de produzirem operações “epilinguísticas” (FRANCHI, 1992), ou seja, movimentos autorreferentes sobre a língua, compreendendo e se valendo dos efeitos estéticos e criativos da linguagem. Para isso, o foco recai sobre o caráter polissêmico da linguagem, como trocadilhos,

---

<sup>25</sup> Um dos *locus* de aprendizagem dessa concepção foi o estágio em docência na disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I, ministrada pela professora Dra. Claudia Riolfi, no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE). A participação no estágio PAE ocorreu entre os meses de março a julho de 2017, como uma das atividades formativas do doutorado. Durante o estágio, pude vivenciar um processo de formação de professores de língua portuguesa que mescla o rigor na apresentação de conteúdos teóricos com a oferta de experiências prazerosas com a língua.

<sup>26</sup> Embora essa expressão não tenha aparecido textualmente nos encontros da Oficina, não deixava de vir à lembrança da pesquisadora, para nomear as situações de cerceamentos ocorridas entre os participantes. O capítulo 4 da presente tese irá abordar esse aspecto emergido na experiência.

ambiguidades, efeitos poéticos ou cômicos; além de vivências com a língua como jogos e produção de narrativas, leituras literárias, entre outros recursos criativos.

Tal dimensão pode ser facilmente renegada nas atividades de ensino, seja por um uso utilitarista da leitura e da escrita, seja pela valorização excessiva de processos de gramatização, os quais negam o conhecimento linguístico intrínseco ao sujeito, a respeito do funcionamento da língua (AUROUX, 1992).

Interessa-nos o modo como Possenti (1996) faz do aprendizado da língua pelas crianças uma espécie de lei universal, relativa ao modo de inserção de um sujeito em uma língua, apontando que “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas” (POSSENTI, 1996, p. 47). Com essa enunciação, podemos aproximar o professor de língua portuguesa ao psicanalista, no que concerne à concepção de linguagem que a sustenta.

Afinal, a psicanálise exige que se possam ler as marcas das experiências significativas com a língua – sejam elas prazerosas, arrebatadoras, conflitivas ou inquietantes – que fizeram de alguém um ser falante. O psicanalista é aquele que pode ajudar o sujeito a ler essas marcas, ao chamar a atenção para a variação dos sons e entonações em uma fala, as homofonias, os equívocos, os chistes, o excesso, os paradoxos ou falta de sentido em uma enunciação, bem como para os sinais corporais que acompanham essas manifestações.

Quanto à especificidade da escrita, concordamos com os autores que não enxergam uma linha divisória estanque entre as modalidades oral e escrita da língua (GERALDI, 1992; 1996), embora seja preciso considerar que a escrita organiza a linguagem em uma temporalidade distinta da dimensão instantânea por meio da qual a fala se dá (LACAN, 1961-1962; 1975).

Uma das especificidades da escrita é a de construir a imagem de um interlocutor sob um fundo de ausência. Trata-se, ao final, de duas ausências: a do interlocutor, para o sujeito que escreve o texto; e do escritor, para o sujeito que o lê. Diante dessas ausências, a significação do texto é imprevisível. Para escrever, seria preciso, então, vencer a insegurança de não saber com quais redes de sentido e disposições alguém o lerá. “Para tanto, é necessário não só que nos ensinemos quais recursos da língua podemos usar, mas também quais as razões e os significados de escrever” (RIOLFI *et al.*, 2015, p. 122).

Tendo em vista um modo de ensinar a língua portuguesa propiciador às expressões da singularidade, Magalhães e Riolfi (2008) mostraram dois aspectos a serem levados em conta por quem pretende ensinar a escrever. O primeiro refere-se ao laço entre quem ensina e quem aprende a escrever: em uma relação de confiança, um sujeito pode se autorizar a escrever textos

livres das obrigações de corresponder, de modo totalizante, ao que se supõe ser o modelo valorizado pela instituição escolar.

O segundo diz respeito ao posicionamento do aluno frente ao que é considerado bom em termos culturais. Segundo as autoras, aquele que escreve pode escolher renegar o que é produzido, mantendo-se aferrado à sua individualidade; aderir incondicionalmente às produções anteriores, reproduzindo-as, apenas; ou inovar em suas produções, utilizando-se de modo criativo daquilo já foi produzido por outros autores, inserindo sua singularidade em produções com potencial para circular na cultura.

Magalhães e Riolfi (2008) defendem que o ensino de língua portuguesa deveria propiciar essa última forma de produção textual. Alinhamo-nos às autoras, ao afirmarem que um trabalho de escrita não é sinônimo de aparência complexa, pois há diferença entre textos simplórios, nos quais não há implicação subjetiva e textos simples, os quais representam o melhor que pode ser feito por um determinado sujeito, no momento em questão.

Uma direção mais interessante do que a avaliação seria, portanto, aquela em que se permite refletir “o quanto determinado sujeito já se tornou permeável aos efeitos da linguagem” (MAGALHÃES; RIOLFI, 2008, p. 117).

### **2.2.2 Manejar os endereçamentos, visando à tomada da palavra e à circulação social**

De acordo com Lacan (1961-62), quando nos endereçamos a um outro de modo autêntico, algo se passa entre os envolvidos no laço, com efeitos transformadores para os envolvidos. A “isso que se passa”, Freud nomeou por “transferência” (*übertragung*), trabalhando a noção principalmente nos textos *A dinâmica da transferência* (1912) e *Observações sobre o amor transferencial* (1915[1914]). Nesses textos, o autor busca explicar o laço afetivo surgido entre paciente e analista, tornando-se a condição preliminar a um tratamento psicanalítico.

Ao dialogarmos com o campo da educação, torna-se importante levar em conta tal noção, pois no laço entre professor e aluno surgem aspectos transferenciais que por vezes tendem a ser encobertos, ou mal manejado nas instituições, podendo ensejar desfechos indesejados (FREUD, 1912).

A transferência demonstra a atemporalidade do inconsciente e sua reatualização no momento de vida atual, pois por meio de sua emergência em um determinado laço, um dos

envolvidos passa a ocupar uma posição correlativa a outras figuras da história de vida do outro, por meio de algum traço aproximativo da “série” de investimentos libidinais anteriores (FREUD, 1912; 1915[1914]). A implicação mais direta desse fato é a de que, ao nos relacionarmos, é quase impossível saber em que lugar cada um dos envolvidos no laço está posicionado, pois há resíduos relativos à realidade sexual do inconsciente que não são controláveis, interpostos entre os envolvidos.

Transpondo tal situação ao contexto escolar, podemos pensar que alguém que seja posicionado como professor cabe sustentar a “autoridade” que lhe é dada, bem como os endereçamentos que lhe são feitos, advertido, contudo, de que tal posição advém de um lugar anterior, que não lhe é totalmente esclarecido. O surgimento do laço transferencial também é correlativo à emergência de resistências em um percurso analítico (ou educativo). Assim, por paradoxal que possa parecer, são os obstáculos vividos em relações anteriores que se tornam as vias para um trabalho com a transferência. Portanto, é preciso estar atento a esse laço e às demandas que ele convoca, não se furtando aos afetos emergidos.

Embora o conceito de transferência tenha surgido no tratamento analítico, trata-se de um fenômeno que não se restringe a ele, por se referir, afinal, a uma experiência de amor, tal como a vivemos em outras situações cotidianas (FREUD, 1915[1914]). Será a resposta dada à emergência do amor o que irá divergir.

Conforme apontam os textos freudianos, responder à demanda de amor do modo como ela lhe é endereçada seria um engano; porém, não se deve ignorá-la, pois são as forças envolvidas no amor aquilo que moverá o sujeito a “trabalhar e efetuar mudanças” (FREUD, 1915[1914], p. 182). Àquele que recebe um endereçamento em um laço transferencial resta, portanto, oferecer “substitutos” a quem demanda ser amado.

Em sua releitura dos textos freudianos, Lacan (1961-1962; 1964) faz a precisão de que a transferência nasce do fato de sermos falantes; assim, os elementos “substitutos” mencionados por Freud (1915[1914]) ancoram-se no campo da linguagem. Todavia, pelo fato de a linguagem não recobrir todo o campo da existência, o analista passa a encarnar, por força da transferência, aquilo que resta de enigmático no Outro, ou seja, aquilo que não pôde ser simbolizado na relação com a alteridade. É a partir desse lugar, que é investido por uma espécie de “autoridade”, que o paciente fala, tomando o analista como um “sujeito suposto saber” acerca do que falta a si próprio.

À demanda por viabilizar esse acesso ao saber atrela-se a dimensão afetiva, que se expressa como demanda de amor. Lacan (1964) sublinha que, do lado do analista, trata-se de



ofertar um amor que não envolva a dimensão de “engodo” relativa a maior parte das relações amorosas, ofertando um modo de lidar com a falta inerente aos encontros amorosos.

Manejar a transferência implica levar em conta, então, a dissimetria na situação de vínculo transferencial, pois, enquanto um dos pares encarna a posição de “amado”, alguém que demanda o amor, o outro encarna a posição de “amante”. A passagem de uma posição à outra faz do amor uma “[...] uma metáfora, na medida em que podemos articular à metáfora a uma substituição” (LACAN, 1960-1961, p. 57), pois é o que propicia que alguém passe da posição de amado à posição de desejante, a partir de um encontro com a própria falta e a invenção de um modo de operar com ela.

Em *O Seminário, Livro 11*, Lacan (1964) sublinhou que os maus usos da transferência são aqueles nos quais o analista, guiado pela noção de intersubjetividade, busca uma pretensa “parte saudável” do paciente, apelando a uma espécie de bom senso ao manejar o tratamento; ou então, procede a sucessivas interpretações daquilo que se reedita, dando importância aos aspectos imaginários envolvidos.

Para tornar a transferência operacional, Lacan (1964) irá acentuar a importância de se ater às repetições que se dão em ato, mais do que as lembranças. Aquilo que se repete é o traumático, os elementos pertencentes ao campo do irrepresentável, como a própria exigência pulsional, que clama por contornos simbólicos. Por esse motivo, Lacan (1964) aponta a articulação entre a transferência e o “objeto a”. O fato de o objeto a ser o resto do processo alienação-separação, relativo ao campo do não senso por não se recobrir pela linguagem, faz com que seja contornando esse objeto que o sujeito se articula ao Outro.

Portanto, a direção esperada àquele convocado a manejar a transferência é a de enfrentar a compulsão à repetição, acolhendo os restos não simbolizados decorrentes dos processos constitutivos do sujeito, ou seja, de suas relações anteriores. Nessa direção, o trabalho visa ao reencontro com aquilo que se repete como real traumático (*tiquê*), apostando em uma nova solução pela via de um imprevisto.

Em outras palavras, no reencontro com a falta, reeditado pelo laço transferencial, pode-se apontar possibilidades de se operar com ela por meio de substitutos culturais. No campo da educação, trata-se, então, de oferecer modos favoráveis de lidar com a escrita e a leitura; ou de modo mais amplo, implicar aquele que se coloca inicialmente na posição de “amado” a envolver-se com os modos de transmissão presentes em uma dada cultura, podendo se valer deles de um modo mais ativo.

Ao se deter nos laços que surgem em um percurso educativo, Riolfi (2015) chama a atenção para os elementos que ficaram sem tradução para um sujeito e que, transferidos para o plano da relação com o outro, tornam-se acessíveis em variadas situações, seja por meio do que emperra, do que se mostra paradoxal ou “estranho”. A autora aponta os desafios envolvidos, mas também a fecundidade de se levar em conta esses aspectos, com vistas a potencializar a produção e a circulação social de alguém.

Entre as direções sugeridas pela mencionada autora, recortamos aquelas que nos pareceram passíveis de serem norteadoras no contexto da Oficina de escrita: a acolhida das “esquisitices” dos participantes, frutos de sua “identidade sexual” e de seus modos de satisfação, por meio da sustentação da relação amorosa; e b) a devolução, possibilitada pelo laço estabelecido e pelos produtos daí surgidos, dos traços singulares passíveis de serem depreendidos (RIOLFI, 2015).

Na experiência na qual nos detemos na presente tese, também se tratou de, por meio do laço transferencial, fazer vacilar a alienação dos participantes a determinados discursos com potencial de silenciamento. Entre esses, podemos citar aqueles que posicionam os imigrantes como alvos de atitudes de racismo e de xenofobia, ou como meros receptores de serviços básicos, não havendo um lugar para as elaborações em torno das perdas envolvidas na imigração, para as reconfigurações exigidas ou para fruição da função poética da palavra.

### **2.2.3 Considerar o contexto de urgência social**

No que tange ao lugar da psicanálise e do psicanalista em instituições ou serviços voltados ao sujeito imigrante, alguns dos embasamentos para o planejamento e a condução da Oficina foram inspirados ou recolhidos da experiência do grupo *Veredas: psicanálise e imigração*<sup>27</sup>. Propondo-se a atentar à “dimensão sociopolítica do sofrimento”, o trabalho se dá com grupos considerados excluídos do sistema neoliberal vigente, entre os quais se situam os imigrantes (ROSA, 2015).

Interessamo-nos pelas elaborações teóricas produzidas em torno de temas articulados à imigração, como a transmissão da história do sujeito imigrante; a “migração” da clínica requerida nesses trabalhos e a leitura da transferência em contextos institucionais.

---

<sup>27</sup> Criado e coordenado pela professora titular do Instituto de Psicologia da USP, Dra. Miriam Debieux Rosa, o grupo iniciou-se com atendimentos a adolescentes da Fundação Casa e suas famílias, no Instituto de Psicologia da USP no ano de 2004, em parceria com instituições voltadas ao acolhimento de grupos em situação de vulnerabilidade social.

Os sujeitos imigrantes são, frequentemente, alvo de diferentes tipos de violência, como: exclusão social, pobreza, racismo, humilhação, imigração forçada, entre outros. Essas formas de violência podem colocá-los em um estado de angústia e de desamparo, cujo efeito é uma desarticulação da ficção de si, do lugar que ocupam no discurso e, conseqüentemente, da transmissão de suas histórias. Uma das direções de trabalho com grupos imigrantes seria, então, a de propiciar uma circulação da palavra, por meio da experiência de narrar e de ressignificar, pois: “[...] o processo de construção da história opera uma dialetização que, ao dar nomes e lugares, constrói história, separa o passado do presente, permite localizar as feridas e elaborar as dores e pode inibir as repetições sintomáticas” (ROSA, 2015, p. 99).

A importância dada às narrativas é, portanto, um dos pontos de diálogo entre nossa proposta e as intervenções praticadas pelo Veredas. Ademais, pelo fato de o nosso trabalho situar-se entre três campos do conhecimento – a Psicanálise, os Estudos da linguagem e a Educação, interessa-nos a ideia de “migração” da clínica psicanalítica, na qual “a montagem e a incidência dos dispositivos clínicos se dão em espaços e em moldes que se deslocam entre territórios – geográficos, sociais e psíquicos” (SEINCMAN, 2019).

Em situações de urgência social, uma “psicanálise implicada” faz-se necessária para lidar com as fronteiras, na prática e na investigação psicanalítica (ROSA, 2015). Para dar conta dessa tarefa, seria preciso circular por diversas esferas de atendimentos, que podem envolver a criação de diferentes atividades temáticas, como oficinas de música<sup>28</sup>, oficinas de dança, oficinas de escrita<sup>29</sup>, rodas de conversa, entre outras.

Em paralelo à escuta da singularidade do sujeito imigrante, interessa-nos elucidar os discursos institucionais e sociais que o enlaçam ou desenlaçam, por meio da leitura da transferência que se dá não apenas entre o psicanalista e o sujeito, mas com a instituição e o social (SEINCMAN, 2019).

---

<sup>28</sup> A título de exemplo, nossa proposta guarda semelhanças com a proposta de oficina de música realizada no CRAI por Tiago Sanchez Nogueira, a qual resultou na tese “A canção de si: a música como instrumento de intervenção na clínica do traumático” (NOGUEIRA, 2019), defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

<sup>29</sup> Na ocasião do exame de qualificação do presente trabalho, a professora Dra. Miriam Debieux Rosa, compondo a banca avaliadora da tese, fez-me o convite para conhecer as práticas do grupo Veredas. Assim, participei do serviço de acolhimento a imigrantes do CRAI, entre os meses de abril e novembro de 2019. A experiência permitiu-me uma imersão no tema da imigração, fundamental para o trabalho que desenvolvia, à mesma época, no CIEJA, tendo contribuído para o planejamento progressivo da oficina.

## 2.3 O CIEJA-Perus I: onde a Oficina se deu

### 2.3.1 O distrito de Perus

O CIEJA Perus I localiza-se na Vila Inácio, na região noroeste da cidade, em Perus. Distante cerca de 30 quilômetros do centro de São Paulo, o distrito de Perus situa-se em proximidade com a rodovia Bandeirantes e o rodoanel, sendo local de residência para 89.310 pessoas. Entremeada por áreas verdes e urbanização irregular, a região possui 10,65% das moradias em áreas favelizadas (SÃO PAULO, 2015; NOSSA SÃO PAULO, 2021).

Originalmente, a região noroeste foi ocupada por grupos indígenas como os guaranis, ainda presentes em pontos do local. Posteriormente, abrigou fazendas e propriedades rurais que abasteciam o centro e serviam de parada aos tropeiros que iam ao interior do estado. Todavia, devido à presença de minérios como ouro e calcário em seu território, a região foi se reconfigurando em um subúrbio operário. Os marcos históricos dessa reconfiguração foram a inauguração da Estação ferroviária de Perus, pertencente à *São Paulo Railway Company*, em 1867 e, a partir da década de 1920, com a instalação da Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus, conhecida como “Cimento Perus”. Foi quando a região passou a receber imigrantes e migrantes do interior do Brasil, expulsos pelo êxodo rural (MARQUES, 2021).

Devido às contingências de sua urbanização, o território foi sendo marcado por movimentos sociais de luta por moradia, saúde, educação e melhores condições de trabalho. Um dos principais movimentos foi a greve de 1961, conduzida pelos trabalhadores da Cimento Perus, que ficaram conhecidos como “Queixadas” (MARQUES, 2021).

Perus ganhou novamente destaque em 1990, quando a Vala de Perus foi descoberta, no Cemitério Dom Boco. No local, encontravam-se mais de mil ossadas da década de 1970, exumados de covas individuais que permaneciam em segredo até então. Tratava-se de corpos tidos como de indigentes, posteriormente identificados como sendo de ex-presos e desaparecidos, mortos por aparelhos de estado da ditadura militar (1964-1985)<sup>30</sup> (DE LEMOS-AZEVEDO, 2019).

Como sabemos, embora a cidade de São Paulo seja uma das mais ricas do país, suas riquezas são desigualmente distribuídas por seu território, assim como os postos de trabalho e

---

<sup>30</sup>A identificação de mortos e desaparecidos políticos foi reconhecida pela Lei n. 9.140/95, segundo acordo de cooperação técnica firmado entre a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, a Secretaria Municipal de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

os equipamentos de saúde, educação, cultura e lazer, que impactam na qualidade de vida dos moradores. Assim sendo, regiões periféricas tendem a ter as condições sociais mais desfavoráveis da cidade, como é o caso da região de Perus, conhecida pelos índices de vulnerabilidade social.

Segundo o Mapa da Desigualdade de 2019 da cidade de São Paulo da Rede Nossa São Paulo, a renda média familiar mensal no distrito de Perus é de R\$ 2.642,9. Como referência, a região de Alto de Pinheiros é a que registra a maior média de renda familiar da cidade, no valor de R\$ 9.591,93, sendo 3,6 vezes maior que a média de Perus (SÃO PAULO, 2019).

Para situarmos melhor o bairro, podemos olhar, ainda, para indicadores como o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do território (IDHM). Criado em 1990, o IDH é um índice que varia de 0 a 1 e pretende ser um contraponto a medidas que consideram apenas a dimensão econômica, levando em conta as condições de vida das pessoas. Em um âmbito municipal, embora haja um ajuste metodológico, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) baseia-se nas mesmas três dimensões do Índice de Desenvolvimento Humano global: longevidade, educação e renda.

Ao considerarmos um estudo comparativo do IDHM de 31 subprefeituras de São Paulo, com base em dados compilados entre 2000 e 2010, a subprefeitura de Perus foi classificada com o sexto pior índice: 0,731, ao final do período. A título de comparação, a região de Pinheiros, posicionada em primeiro lugar da lista, registrava um IDH de 0,942 em 2010 (GONÇALVES; MAEDA, 2017).

A ausência da oferta de serviços e bens sociais de interesse coletivo são características que marcam o noroeste paulistano. Essa ausência, inclusive, tem sido questionada por diversas organizações e coletivos, surgidos a partir da década de 90. Assim, se a região se caracteriza por históricos silenciamentos, nos últimos trinta anos, ela tem sido palco de reivindicações políticas e sociais, na área de Direitos Humanos, cultura e resgate da memória operária do bairro. Trata-se, portanto, de um “território em ebulição”, como nomeia Marques (2021).

Como vimos no breve panorama do bairro oferecido ao leitor, os haitianos chegaram a um bairro já marcado por históricas exclusões sociais. É nesse território geográfico, social e cultural que se insere o CIEJA-Perus I, escola onde a presente pesquisa se deu. A instituição tem a importante função de articular-se com outros coletivos e de oferecer ensino e acolhimento às populações marginalizadas, entre as quais se incluem os imigrantes haitianos. Embora ainda falte literatura a respeito da presença de haitianos no bairro de Perus, estima-se que ela tenha

se elevado a partir de 2016, em um segundo fluxo de imigração, formado principalmente por familiares das pessoas que chegaram ao Brasil após o terremoto de 2010.

### **2.3.2 O CIEJA-Perus I**

O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Perus I - faz parte da atual rede municipal de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de São Paulo, formada por 16 escolas. Foi criado em 2015, como uma medida para combater o elevado índice de analfabetismo entre jovens e adultos na região e a evasão escolar a partir do Ensino Fundamental II no bairro. Dados de 2010 mostram que a região tinha apenas 59,54% de sua população adulta com ensino fundamental completo, enquanto o indicador para a cidade de São Paulo, à época, era de 68%, chegando a 89% em regiões de alta renda, como Pinheiros.

Dos 1300 alunos atualmente matriculados na escola, cerca de 700 são haitianos, o que torna a realidade do CIEJA-Perus um caso particular, pois apesar do aumento da presença dos migrantes internacionais na cidade de São Paulo, eles representam apenas 0,7% dos 1.071.088 estudantes na Rede Municipal de Ensino (SÃO PAULO/SME, 2021). A escola os acolhe, cumprindo a Lei de Migração do Brasil, a qual assegura: o “direito à educação pública, vedada à discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória” (BRASIL, 2017, n.p).

A EJA é uma modalidade de ensino que visa a oferecer formação escolar aos que não tiveram acesso ou não puderam concluir o ensino em outros momentos da vida. Segue a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a qual prevê o acesso e a permanência de todos na escola, inclusive para aqueles que não os tiveram em idade própria. Origina-se no Decreto do Executivo Municipal, nº 33.894, de 16 de dezembro de 1993, o qual criou os Centros Municipais de Ensino Supletivo (CEMES), para oferecer Ensino Supletivo, por meio de educação à distância. O projeto passou por reformulações, dando origem aos CIEJAs em 2003 e, posteriormente, em 2005, quando adotam um Itinerário Formativo de Informática, com Qualificação Profissional em Nível Básico.

No âmbito do sistema Municipal de Ensino de São Paulo, a EJA é ofertada em diferentes formas de atendimento<sup>31</sup>, sendo que a modalidade CIEJA se caracteriza pela flexibilização dos horários e por reestruturar os ciclos em módulos de aprendizagem (alfabetização, básica,

---

<sup>31</sup> A Educação de Jovens e Adultos é oferecida, na esfera do ensino Municipal de São Paulo, em cinco formas de atendimento: EJA Regular, EJA Modular, Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA, Centro Municipal de Capacitação e Treinamento – CMCT e o Movimento de Alfabetização Popular – MOVA-SP.

complementar e final). Atende jovens, adultos e idosos, em jornadas de 2 horas e 15 minutos, oferecidas nos três turnos.

A partir de 2003, o currículo dos CIEJAs pauta-se pela “integração curricular” entre áreas do conhecimento e a articulação da educação profissional. Nessa perspectiva, são bem-vindos os projetos extracurriculares, na perspectiva freiriana de que é preciso não apenas aprender a leitura e a escrita, mas “ler e interpretar o mundo” (PPP-CIEJA-Perus I, 2019, p. 14). Nessa perspectiva, o ensino do manejo dos recursos de informática passou a ser valorizado.

Nessa visada, o CIEJA-Perus I faz parcerias com outros equipamentos públicos (rádios comunitárias, unidades de saúde, organizações não governamentais) e universidades. A inserção dos haitianos no cotidiano da escola exigiu uma adaptação curricular e o planejamento de iniciativas que respondessem às necessidades sociais e culturais dessa comunidade. Os resultados desses trabalhos têm sido objeto de variadas pesquisas e publicações acadêmicas, pois uma das particularidades da escola é contar com a presença de professores regulares com percursos de pesquisa e militância política.

Em um relato de experiência, Freitas e Santos (2020) descrevem a transformação da escola em um grande “polo de encontro”, devido ao grande número de haitianos matriculados na escola. Segundo os autores, a inserção dos imigrantes tem, como objetivo geral, o contato e aprimoramento da Língua Portuguesa, mas também o acesso às políticas públicas, como alimentação e passe escolar gratuito.

Em conformidade com as orientações pedagógicas do *Currículo da Cidade* para povos migrantes (SÃO PAULO/SME, 2021), houve a colocação de placas indicativas nos banheiros, refeitório, secretaria e demais espaços escolares em quatro línguas (português, crioulo haitiano, francês e LIBRAS, uma vez que a escola também recebe alunos surdos); e um painel com “lambe-lambes” com frases em português e crioulo haitiano, para trazer à comunidade escolar um sentimento de pertencimento.

Em 2017, a escola realizou a “Festa da Cultura Haitiana”<sup>32</sup>, na qual os haitianos produziram um jantar para 400 pessoas, apresentando sua cultura por meio da comida e da dança. A festa repetiu-se em 2018, integrando à cultura brasileira e entrando para o projeto pedagógico da escola (FREITAS; SANTOS, 2020).

Confirmando nossas impressões, Prado e Oliveira (2021) apontam, com base em observação participante e entrevista com alunos e professores do CIEJA-Perus, que o projeto

---

<sup>32</sup> O evento mencionado venceu o Prêmio Territórios Educativos, do Instituto Tomie Ohtake, com a produção do vídeo “O Haiti é aqui... Em Perus”. Disponível em: <https://youtu.be/sE1oLzYjAJQ>

de português da escola é uma ação afirmativa de acolhimento, que leva em conta a identidade e cultura desses alunos, propondo temas integrados às necessidades do trabalho (VIEIRA, 2021), relações de gênero e projeto de vida.

Nessa mesma direção, a escola implantou projetos extracurriculares como oficinas de italiano e de crioulo haitiano como línguas adicionais para a comunidade escolar. Um dos objetivos das atividades era o de possibilitar construções colaborativas de conhecimentos entre brasileiros e haitianos, além de reflexões sobre as línguas e culturas que circulavam naquele espaço (VIEIRA; FIALHO, 2021).

Chama-nos a atenção outros trabalhos conduzidos pelo CIEJA Perus I, como a integração de população de rua, a quem são oferecidas refeições diárias, e o trabalho que realizam com pessoas com necessidades especiais (há duas salas com recursos especiais e equipe voltada para esse público).

Segundo o Projeto Político-Pedagógico do CIEJA Perus I, o perfil de aluno é formado por:

[...] uma gama de sujeitos tão diversificados e extensas quanto são os representantes das camadas mais empobrecidas, idosos, trabalhadores, não trabalhadores, diversas juventudes, os internos penitenciários, as pessoas com deficiências, as donas de casa, entre outros, que compõem uma parcela muitas vezes excluída pela sociedade” (PPP-CIEJA-Perus I, 2019, p. 19).

No que tange à situação física da escola, o prédio onde funciona o CIEJA-Perus I é um edifício de dois andares, com uma boa e preservada infraestrutura. Tem salas de aula amplas, sala de informática, sala de recursos especiais para deficientes, salas administrativas, ateliê de artes, refeitório, quadra de esportes e uma piscina.

No andar térreo, ao final do corredor principal está instalado o refeitório, onde podemos ver, cobrindo a parede, os lambe-lambes com frases em português e em crioulo haitiano, indiciando o ambiente multicultural criado pela presença de alunos imigrantes, vindos do Haiti. Reproduzimos os cartazes, a seguir:



**Figura 1:** Cartazes afixados no CIEJA-Perus, com dizeres em crioulo haitiano



Fonte: Imagem produzida pela pesquisadora

Conforme podemos ver na imagem ora apresentada, as seguintes frases estão escritas nos lambe-lambes:

AYISYEN YO ANRICH KILTI NOU/Haitianos enriquecem nossa cultura.  
LANG NOU SE IDANTITE NOU/ Nossa língua é nossa identidade.  
ISTWA MWEN SE FYÈTE MWEN/ Minha história é meu orgulho.  
12.01.2010 SE YON SIKATRIS POU TOUT AYISYEN/12.01.2010 é uma cicatriz para todos os haitianos.

De fato, no que tange à variedade linguística, são visíveis os esforços para tornar o local multilíngue. Nas palavras da diretora, seria interessante que a escola fosse, ao menos, “trilíngue”, pois fazem parte do cotidiano da escola o português como língua oficial, as libras e o crioulo haitiano.

A escola funciona em seis turnos, divididos entre manhã, tarde e noite. Os turnos começam a partir das 7h30 e se estendem até às 22h15, com duração de 2 horas e 15 minutos cada um. De segunda a quinta-feira, são ministrados os conteúdos pedagógicos previstos nas diretrizes que fundamentam o Ensino de Jovens e Adultos. Às sextas-feiras, ocorrem oficinas interdisciplinares, abertas aos estudantes e à comunidade em geral. A participação de ministrantes de oficinas voluntários é, portanto, uma prática comum à escola e que se configura como uma forma de diálogo com outros profissionais e instituições.

Os haitianos frequentam principalmente os turnos da noite e as oficinas às sextas-feiras, espaço no qual se inseriu a *Oficina de escrita de histórias de vida para imigrantes haitianos*. No ano de 2018, a escola havia aberto duas classes regulares para eles, nas quais o foco é o ensino do Português básico, já que essa é a principal demanda do grupo. A maioria já tinha ensino fundamental completo ou ensino superior, mas como também existiam alunos haitianos que ainda não eram alfabetizados, as duas salas foram divididas entre alunos haitianos escolarizados e alunos haitianos não escolarizados, cuja alfabetização se deu em português.

O perfil da escola pareceu-nos interessante e afim aos objetivos da presente pesquisa, por atender alunos imigrantes jovens e adultos, em uma atmosfera de efetiva abertura à diversidade, em uma ampla aceção.

Entre os objetivos gerais que constam do projeto político-pedagógico do CIEJA-Perus I, mencionamos aqueles que mais se coadunam aos objetivos da presente pesquisa-intervenção:

I - Proporcionar instância de mediação, não como único espaço educativo, que utiliza espaços e situações de aprendizagem intra e extra-escolares, mas que reconhece e valoriza os conhecimentos que os jovens e adultos trazem da vida em sociedade, do trabalho e de outras circunstâncias.

III - Realizar a inclusão configurada no princípio de igualdade, pilar fundamental de uma sociedade democrática e justa: a diversidade requer a peculiaridade de tratamentos para que não se transforme em desigualdade social;

IV Considerar a diversidade da condição do educando, para que atenda as dimensões do desenvolvimento, acompanhando e facilitando um projeto de vida, desenvolvendo o sentido de pertencimento; (PPP-CIEJA-Perus I, 2019, p. 20).

A nosso ver, os preceitos que acabamos de trazer possibilitam a valorização da experiência das migrações e a construção/ficcionalização de histórias de vida em um ambiente multilíngue, com letramentos possíveis e cabíveis ao contexto. Assim, tomamos a instituição como propícia e parceira na proposta de ofertar um espaço-tempo possibilitador de deslocamentos linguísticos e subjetivos, conforme postulamos como um de nossos objetivos.

## **2.4 Quem foram os participantes**

A Oficina de escrita para imigrantes haitianos recebeu 108 alunos haitianos do CIEJA-PERUS, de idade e grau variado de escolarização. A participante mais nova tinha 16 anos,

enquanto os mais velhos encontravam-se na faixa dos cinquenta anos. Pouco mais da metade desse universo era composta por homens (63 participantes, ou 58,3% do total) e o restante, por mulheres (45 participantes ou 41,7% do total).

Cada encontro da oficina reuniu um grupo médio de 12 participantes, sendo que a composição dos grupos mudava a cada encontro. Portanto, para muitos dos alunos, tratou-se de uma experiência pontual: metade dos 108 participantes (54 deles) foram apenas a um encontro da Oficina. A frequência da outra metade distribuiu-se entre 2 a 7 encontros. Um número significativo de pessoas (47) frequentou de 2 a 4 vezes o projeto, enquanto o participante mais assíduo esteve presente em 7 dos 18 encontros da Oficina.

Essa característica que a oficina acabou tomando pode ser atribuída a diversos fatores, mas, é preciso considerá-la também como uma marca comum aos contextos de assistência a imigrantes. Conforme já apontado por Seincmam (2019), em situações de “urgência social”, os laços com os profissionais e com as instituições podem ser transitórios, frágeis e suscetíveis às esferas da vida que ainda estão em organização para o sujeito migrante, tornando imprevisível a ocorrência de um próximo encontro.

A maioria dos imigrantes haitianos participa do mercado de trabalho informal, condicionando a assiduidade na escola aos períodos e horários em que eles não estão engajados em algum trabalho temporário. Ao longo da oficina, alguns alunos vieram justificar conosco suas ausências, como decorrentes de compromissos de trabalho. Em uma das situações, um aluno passou mal durante o encontro, pois havia passado a noite trabalhando.

Conforme pesquisa de campo relatada por Silva (2016), os trabalhadores haitianos costumavam ser empregados no setor da construção civil, geralmente com carteira assinada. Porém, a partir de 2014, passaram a realizar trabalhos nos setores de serviços e comércios como, por exemplo, a venda de objetos e alimentos, muitas vezes para a própria comunidade de haitianos. Dados coletados pelo Observatório das Migrações internacionais (OBMigra), mostram que, dentre outros grupos de imigrantes, os trabalhadores haitianos foram os mais impactados pelo fechamento de vagas no mercado formal entre janeiro e junho de 2019: de 15.490 trabalhadores haitianos contratados, 13.008 foram demitidos nesse período (SIMÕES; CAVALCANTI; PEREDA, 2019).

O modo de funcionamento institucional do CIEJA-Perus I também pareceu favorecer a rotatividade dos participantes. A Oficina ocorreu às sextas-feiras, dia em que os alunos escolhiam a oficina que iriam frequentar, não sendo necessário inscrição ou assiduidade nas mesmas, embora houvesse um convite nessa direção.

A escolha por delimitarmos o grupo de alunos haitianos como grupo-alvo da oficina é outro aspecto a ser considerado, pois se essa característica agradava aos que diziam se sentir mais confortáveis nesse grupo já “familiar”; outros relatavam o interesse em se inserir em oficinas com a participação dos alunos brasileiros, pelo fato de que espaços propiciam a socialização intercultural, por meio de atividades como culinária ou artesanato. Houve, ainda, quem recuasse diante do convite de contar a própria história, ou que alegasse não saber escrever suficientemente para participar da proposta, embora esse não fosse um requisito imposto para a participação.

Cumpramos esclarecer que a rotatividade dos participantes foi um dos fatores que nos fez optar por uma análise do “sujeito migrante haitiano” tomado de modo transindividual, conforme enunciamos no capítulo introdutório à presente tese. Entretanto, com vistas a uma articulação entre a dimensão discursiva que atravessa os participantes, como conjunto, e as singularidades com as quais nos encontramos, dedicamos o capítulo oito da presente tese à análise do percurso do participante Karl na Oficina, por materializar parte das reflexões desenvolvidas a respeito da passagem de uma posição silenciada à escrita, incluindo traços singulares.

## **2.5 Como a Oficina de escrita ocorreu**

A Oficina de escrita de histórias de vida para alunos haitianos foi pensada como um dispositivo de pesquisa-intervenção, alinhando-se aos métodos situados na interface entre Psicanálise e Educação que são afeitos a um enlace entre esses dois campos de saberes, no qual se busca preservar as heterogeneidades de cada um deles (VOLTOLINI; GURSKI, 2020). Por meio de uma ampliação da noção de clínica, centrou-se na oferta e na circulação da palavra, por meio de atividades em torno da escrita.

No âmbito da Oficina, foram realizados dezoito encontros no CIEJA-PERUS entre maio e novembro do ano de 2019 (ver Apêndice A), ocorrendo na frequência de dois a quatro por mês<sup>33</sup>. Os encontros tiveram duas horas de duração, perfazendo uma carga horária total de 36 horas.

De modo geral, o espaço físico da Oficina foi uma sala de aula convencional, reservada pela escola especialmente para esse fim. Um dos encontros deu-se na biblioteca do CIEJA, por

---

<sup>33</sup> Seguimos o recesso de julho feito pelo CIEJA-Perus e outras suspensões pontuais, devido a emendas de feriados ou imprevistos de outra ordem.

se tratar de integração do grupo participante da oficina a uma outra atividade oferecida pela escola. A finalização da Oficina aconteceu na sala de recursos audiovisuais, visto que a atividade proposta incluía a exibição e discussão de uma animação.

Conforme mencionado, as propostas de atividades giravam em torno da escrita, com vistas a convocar os participantes a interrogar sua relação com suas forças constituintes (a linguagem, a cultura, o discurso), na aposta de que as reflexões suscitadas pela modalidade escrita da língua pudessem gerar posições menos impeditivas ou silenciadoras. Porém, a escrita não era um passo obrigatório, embora permanecesse como um convite feito na maioria dos encontros e uma direção de trabalho. Buscamos constituir um espaço de circulação da palavra, mantendo-nos atentas à escuta das vicissitudes envolvidas na relação com a alteridade e com novos endereçamentos, viabilizadores de deslocamentos linguísticos-subjetivos.

Com vistas a esse fim, incentivou-se o uso de qualquer uma das línguas dos participantes, em sua modalidade oral ou escrita, na perspectiva de uma inserção linguística acolhedora. Essa direção está em consonância com as orientações pedagógicas do *Currículo da Cidade para a população migrante* (SÃO PAULO, 2021). Ademais, tal decisão embasa-se na consideração segundo a qual o sujeito do inconsciente não “domina” uma língua, mas está assujeitado a sonoridades e significantes que desconhecem as fronteiras linguísticas (MELMAN, 1992). Também se visava ao potencial criativo e libertador que os percursos interlinguísticos possibilitam.

Encontramos, no texto da escritora e militante feminista Glória Anzaldúa (2009), um belo modo de dizer dos efeitos subjetivos da possibilidade de uso da mixagem de línguas. Em seu ensaio intitulado *Como domar uma língua selvagem*, a autora faz uma elaboração a respeito de sua experiência como mexicana radicada nos Estados Unidos, com foco nas vivências de mesclar as línguas inglesa e espanhola, suas variações e regionalismos, um ato cercado de censuras e conflitos, velados ou explícitos. Escolhemos trazer o seguinte trecho de seu ensaio:

Até que eu possa aceitar como legítimas o espanhol chicano texano, o Tex-Mex e todas as outras línguas que falo, eu não posso aceitar a minha própria legitimidade. Até que eu esteja livre para escrever de maneira bilíngue e permutar idiomas sem ter sempre que traduzir, enquanto eu ainda tiver que falar inglês ou espanhol quando preferiria falar *Spanglish*, e enquanto eu tiver que me acomodar aos falantes de inglês ao invés de eles se acomodarem a mim, minha língua será ilegítima.

Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio. (ANZALDUÁ, 2009, p. 312)

A fala de Anzaldúa (2009) faz reverberar alguns desafios por nós assumidos, qual seja, o de enfrentar - ou ao menos, questionar - a tradição de silêncio que parecia pairar sobre os haitianos, dada a ver ao longo da Oficina. Mesmo compreendendo ser interessante que um imigrante se aproxime, em alguma medida, do idioma dos falantes da terra para a qual migrou, a ideia de uma “acomodação” na nova língua também não nos agrada, por parecer alinhada a um soterramento da relação do falante com suas línguas primordiais. A não ser que pensemos a inserção na nova língua como possibilitadora de “acomodar” os restos que parasitam a relação do sujeito à linguagem<sup>34</sup> - restos que carregam, inclusive, a dimensão do sexual e da poesia, conforme indicia a fala da autora.

No que tange ao conteúdo programático da Oficina, elegemos um planejamento flexível dos temas a serem trabalhados. Assim, procedemos a uma construção aberta às contingências, conforme convém ao contexto do trabalho com os imigrantes e ao enlace pretendido entre a psicanálise, a pesquisa e o campo da educação.

Tínhamos, contudo, a direção de percorrer alguns passos que auxiliassem os alunos na construção de uma história de vida, na perspectiva com a qual trabalhamos, anteriormente explicitada. Tal perspectiva implica, como anteriormente mencionado, proceder a uma escrita por fragmentos de uma vida, na qual há marcas que se destacam.

Um trabalho de reescrita de textos estava previsto no planejamento da Oficina, porém, devido à frequência oscilante dos participantes, não pôde ser empreendido. Dentre os passos planejados, cumprimos alguns deles, como o resgate de palavras das línguas de origem e significado afetivo por parte dos participantes; o trabalho com diferentes modos de historicizar o vivido, por meio de marcações temporais e espaciais; a leitura e discussão de narrativas poéticas ou cantadas; as reflexões sobre língua e cultura, entre outros.

Embora não fosse o foco da Oficina, houve um trabalho em torno de aspectos gramaticais da língua portuguesa, conduzido de modo concomitante e integrado às propostas de escrita, segundo as demandas do grupo.

O quadro 1, apresentado, a seguir, sintetiza as principais temáticas trabalhadas ao longo da Oficina (uma compilação mais completa dos encontros pode ser vista no Apêndice A):

---

<sup>34</sup> Essa discussão será feita no capítulo 4 da presente tese.

Quadro 1: Descrição temática dos encontros	
Encontro	Temática tratada
1	Levantamento do estado atual do aprendizado da língua portuguesa
2	Entrevista oral; rudimentos de história de vida
3	Marcações temporais; construção de linhas de tempo
4	Marcações espaciais; a mudança para um novo local de moradia
5	A metáfora e a linguagem poética; travessias
6	Leitura de imagens; o supérfluo e o essencial
7	Ampliação de vocabulário e trabalho com o texto escrito
8	A canção narrativa; o tempo e os personagens
9	Contos ou lendas tradicionais do Brasil e do Haiti
10	Formação de palavras em Língua Portuguesa
11	O nome próprio como possível elemento organizador de uma história
12	Da minha cidade natal a São Paulo; elementos comparativos do espaço
13	Do Haiti ao Brasil; comparação do lugar da mulher
14	Diferentes modos de registrar a própria história; variedades linguísticas
15	Levantamento oral de eventos ou pessoas marcantes na vida
16	Textualização a partir das informações marcantes previamente elencadas
17	Levantamento das credices dos dois povos; conectores interfrásticos
18	A jornada do herói; retomando o relato da autonarrativa

Fonte: elaboração da pesquisadora

## 2.6 Quais materiais a experiência originou

A presente pesquisa-intervenção foi formalmente autorizada pelo CIEJA-PERUS, por meio de assinatura de um termo de consentimento institucional (ver Anexo A). Com vistas à composição de um *corpus* de análise, procedemos a uma sistematização de três grupos de materiais, conforme descrito a seguir:

a) *Produção de um diário de bordo dos encontros*. Nesse diário, foram anotados elementos como: as formas de engajamento do grupo em cada uma das propostas, as dúvidas surgidas com maior frequência, os significantes que circulavam e que insistiam (LACAN,

1998), as discussões suscitadas, os relatos orais que emergiam, bem como as pontuações e intervenções realizadas. Tal material é composto, ainda, por “cenas”, montadas com apoio em situações discursivas e aspectos contextuais. Esse conjunto de dados é tomado como objeto de análise, em si mesmo ou como complemento à análise dos manuscritos.

O modo como a pesquisadora era afetada, tanto na oficina como em situações extraclasse também foi motivo de nota, visto ser um importante marcador do aspecto transferencial do trabalho. Desse modo, alinhamo-nos à hipótese estabelecida por Georges Devereux (1908-1985), estudioso da etnopsiquiatria, segundo a qual objetivar excessivamente uma pesquisa e seus participantes (também chamado informantes) é um modo de reagir aos aspectos ansiogênicos provocados por um mal-estar gerado pela diferença cultural.

Para Devereux (1967/2018), o estudo aprofundado das culturas estrangeiras permitiria a observação de aspectos que podem estar recalcados na cultura do pesquisador<sup>35</sup>, gerando angústia ou uma sensação de sedução. Portanto, uma pesquisa psicanalítica voltada ao campo transcultural requer que se tome a angústia do pesquisador como um dos norteadores do trabalho, ao invés de camuflá-la em nome da técnica.

A escolha pela expressão “diário de bordo” - ao invés de “diário de campo”, termo mais usual - foi feita por sublinhar a aproximação entre a pesquisa-intervenção e as noções de passagem ou travessia. Baseou-se em discussão feita por Medrado, Spink e Mélo (2014), na qual os autores resgatam a tradição dos cadernos de anotações, a qual resultou nos diários utilizados em práticas de pesquisa, principalmente no âmbito das etnografias. Os autores sublinham serem os diários tributários de gêneros como diários íntimos, diários de bordo ou navegação (*log books*), diários factuais ou de registros de eventos públicos.

Tomada de empréstimo da expressão náutica, esse modo de renomear o tradicional diário de campo enfatiza o modo processual da produção, o aspecto de apropriação dos elementos experienciados e a construção autoral, à semelhança com o que ocorre em uma viagem ou travessia. Uma definição interessante é retirada pelos autores mencionados do *site* do Instituto Camões<sup>36</sup>, voltado à história das artes das navegações. Nele, encontra-se uma definição do termo “diário de bordo”, consolidado a partir do século XVII. Reproduzimos aqui o trecho completo, por ilustrar aspectos que julgamos interessantes à nossa pesquisa:

---

<sup>35</sup> Em **Da angústia ao método nas ciências do comportamento**, Devereux (1967/2018) fornece uma série de exemplos a respeito do modo como a escolha de temas de pesquisa, por parte de pesquisadores de povos estrangeiros, relaciona-se a suas fontes de angústias anteriores, ou a formas de dar contorno à estranheza do encontro com a diferença.

<sup>36</sup> MATOS, Luis Jorge Semedo. Diários de bordo. Em **Navegações Portuguesas**. Instituto Camões, 2006. Em [Navegações Portuguesas \(instituto-camoes.pt\)](http://www.instituto-camoes.pt). Acessado em 10/07/2022.



*O Diário de Bordo* é pois um registro, mais ou menos regular, dos dados da navegação de um determinado navio, onde constarão rumos, singraduras, registros de observações astronômicas, posições observadas ou estimadas, manobras, aspectos meteorológicos e outras tantas efemérides consideradas como importantes para a boa condução da navegação e para uma informação posterior sobre a viagem (MATOS, 2006).

Do trecho destacado, chamamos a atenção para o gesto de notação de “rumos” e dos processos de observação de “posições observadas ou estimadas”. Embora o texto diga respeito a percursos marítimos e às estrelas, trata-se de uma espécie de cartografia que funda uma travessia, servindo como posterior fonte de informação sobre ela. De certo modo, é como entendemos as anotações da presente pesquisa.

Importa apenas ponderar, como fazem Medrado, Spink e Mélo (2014), que o uso da terminologia “diário de bordo”, entendido como uma prática discursiva, desloca a ordem do “registro”, entendido como fidelidade aos fatos, para a das “anotações” autorais e ficcionais, considerando-se que uma viagem não pode ser reproduzida, mas pode-se “compartilhar trilhas, atalhos, obstáculos etc...” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 285).

Conforme demos a ver no capítulo introdutório da tese, consideramos que o processo migratório não se encerra na chegada ao país de destino, pois convoca a elaboração dos aspectos desestabilizadores da história de vida dos que migram, aos quais nomeamos “restos da travessia migrante”. A ideia de travessia, portanto, estende-se dos movimentos territoriais à possibilidade dos deslocamentos linguísticos e subjetivos.

Sob essa perspectiva, a nomeação “diário de bordo” parece-nos propícia para traçar uma analogia entre as experiências de deslocamentos subjetivos e linguísticos e o que, ao menos potencialmente, pode se passar ao longo de uma pesquisa, tanto do lado do pesquisador quanto dos participantes/informantes.

b) *Registro das anotações feitas na lousa.* Ao longo do projeto, a lousa foi ganhando espaço nos encontros, transformando-se em um modo de registro das discussões e do diálogo com os alunos e entre eles. Passou a conter, portanto, anotações tanto da professora /pesquisadora, quanto dos alunos, sendo por nós considerada como um suporte textual do grupo, a ser considerado como parte integrante dos manuscritos. As fotografias serviram-nos de suporte material, por vezes ajudando-nos a recuperar detalhes para as narrativas advindas das anotações do diário de bordo.

c) *Recolhimento dos manuscritos originais dos participantes.* A cada encontro, os participantes entregavam seus manuscritos. Trata-se de produções escritas entregues à pesquisadora pelos participantes ao longo da Oficina de escrita de histórias de vida, os quais englobam uma variada gama de materiais, como: lista de presença, produção de palavras, confecção de uma linha do tempo, além de fragmentos textuais ou textos completos, motivados por alguma discussão, dinâmica ou leitura.

Os manuscritos foram digitalizados e arquivados em pastas, conforme dois critérios estabelecidos: a) a proposta de escrita a qual a produção textual se referia; b) a autoria do texto. Ao todo, foram recolhidos 128 manuscritos, distribuídos pelos 15 encontros em que houve alguma proposta de escrita, tal como apresentado na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1** – Composição do grupo de manuscritos integrantes do *corpus* da pesquisa:

<b>Encontros com produção escrita</b>	<b>Quantidade de manuscritos entregues</b>
Encontro 1	11
Encontro 2	3
Encontro 3	9
Encontro 4	10
Encontro 5	11
Encontro 6	7
Encontro 7	13
Encontro 8	7
Encontro 9	4
Encontro 10	14
Encontro 12	7
Encontro 13	4
Encontro 14	8
Encontro 16	11
Encontro 18	9
<b>15</b>	<b>128</b>

Fonte: elaboração da pesquisadora

Embora o foco da Oficina fosse a produção escrita, com o tempo, optamos por incluir atividades focadas em relatos orais. Assim, apesar de terem participado da oficina 108 alunos, o grupo que entregou algum registro escrito era formado por 74 participantes. Desses, 44 entregaram apenas um manuscrito, seja por terem participado apenas de um encontro ou por não terem se sentido à vontade para escrever.

Os manuscritos entregues caracterizam-se por serem distintos de modos de narrativizar uma história de vida, como o registro de acontecimentos marcantes em uma linha do tempo; descrições de pontos importantes da migração, como a chegada ao Brasil; relato sobre como é “ser migrante” e dos projetos que estabelecem do futuro; narrativa de um evento marcante da vida; produção textual acerca de peças poéticas ou cinematográfica, as quais poderiam associar aspectos de sua vida, entre outros (ver Apêndice A).

A concepção de escrita com a qual trabalhamos (a ser aprofundada no capítulo 3), implica um entendimento no qual os manuscritos incluem uma diversidade de material gráfico, abrangendo de um simples registro do nome (seja na lista dos presentes ao encontro ou em uma proposta de texto a qual se respondeu apenas com uma assinatura), a fragmentos textuais ou a uma composição textual completa e intitulada, de uma página ou mais.

Assim posto, os manuscritos foram escritos em variadas línguas ou recorrendo a uma mistura entre elas. Dos 128 manuscritos que compõem o *corpus*, 82 deles são produções escritas em português. O crioulo haitiano foi a língua escolhida para a redação de 21 manuscritos (posteriormente traduzidos para o português, por um haitiano não participante da Oficina). Cinco manuscritos foram redigidos em francês e dois deles, em inglês. Os 20 manuscritos restantes caracterizam-se por misturar as seguintes línguas: o francês, o português e o crioulo, sendo que em um deles, estavam presentes elementos do espanhol e, em outro, notamos a presença do idioma suaíli (língua banto), de origem africana, em associação ao português.

### 3. OPERADORES PARA UMA LEITURA *COM O ESCRITO*

Estar sozinha com o livro ainda não escrito é estar ainda no primeiro sono da humanidade. É isso. É também estar sozinha com a escrita não explorada. É tentar não morrer.

Marguerite Duras, em *Escrever*.  
Quando você tira a roupa  
Algo se revela  
Você tem uma tatuagem  
De cicatriz

Quando você tira a roupa  
Algo se revela  
Você deixa a personagem  
E vira atriz

Trilha sonora do filme *Nome Próprio*, da banda Porcas Borboletas.

Iniciamos o presente capítulo apresentando a conjectura psicanalítica a respeito das origens da escrita (3.1), pelo fato de ela elucidar a relação do sujeito com o significante e com o objeto – e, por consequência, como o gozo aí implicado. Em seguida, buscamos delinear a forma como a escrita propicia a feitura de um “corpo” que se dá a ler (3.1.1). Da extração de uma afinidade entre os sistemas de escrita e da estrutura do Inconsciente depreende-se uma leitura “ao pé da letra”, que convém à psicanálise (3.1.2).

Seguimos apresentando três operações (ALLOUCH, 2007), inspiradas nos estudos da linguagem, para uma leitura de “casos” (3.2). Posteriormente, discorreremos acerca do paradigma indiciário como um método que se coaduna com a valorização do escrito e dos vestígios depositados sobre o papel (3.2.1). Por fim, trazemos algumas considerações sobre a Crítica Genética, área de estudo que inspirou a organização, sistematização e a análise dos processos envolvidos no ato de se escrever.

#### 3.1 Origens da escrita

Em seu livro-ensaio intitulado *Escrever* (2021), a escritora francesa Marguerite Duras testemunha o modo como, ao se engajar na escrita de um livro, ela revive uma passagem presente nas sociedades letradas; o momento em que se sente impelida a engajar-se em um

vazio inicial, a partir do qual se forjará o objeto-livro. Recusá-lo seria uma espécie de morte, conforme enuncia no trecho escolhido para a abertura deste capítulo.

De modo mais leve, porém não menos apropriado ao ponto que pretendemos explorar, o escritor contemporâneo Neil Gaiman (2018) afirma: “O mundo sempre se ilumina quando você faz algo que não existia antes”. Se compreendermos esse “iluminar” como uma passagem capaz de inaugurar, em um mesmo ato, um objeto novo e o ser que o criou, agora modificado, a nosso ver, ambos os autores acabam por sublinhar a ideia de um “renascimento” engendrado no gesto de escrever.

Dito de outro modo, a escrita propicia uma nova forma de relação com a ordem simbólica e, conseqüentemente, com o que podemos chamar de experiência do vivido. Poder-se-ia argumentar, todavia, que outros atos criativos também têm esse poder “gerador”. E de fato eles têm, se considerarmos que “todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação” (LACAN, 1959-1960, p. 162), quando se remetem a um vazio - o vazio do que permanece sem representação.

Porém, como buscaremos demonstrar a seguir, há especificidades no gesto de escrever. A existência de um enlace entre sujeito e escrita é uma tese trabalhada por Lacan ao longo de sua obra. Os elementos dessa argumentação já foram ressaltados e organizados por autores cujo trabalho foi historicizar ou aprofundar o enlace entre sujeito e escrita, retirando-lhe outras conseqüências (ALLOUCH, 2007; MACHADO, 1997).

Dessa discussão, podemos retirar algumas das mencionadas especificidades da escrita, como, por exemplo, o fato de se tratar de uma ferramenta capaz de: a) decantar aspectos ligados ao registro do Imaginário, ou seja, a uma pretensa imagem de corpo unificado; b) operar como um suporte do pensamento, introduzindo outra relação com a temporalidade e a experiência e elucidando fenômenos da ordem dos impasses lógicos; e c) dar passagem para o que não pode ser simbolizado.

Para os fins do presente trabalho, pinçaremos os aspectos que julgamos importantes para melhor delinear o que seja um “escrito” para a psicanálise e o modo como lê-lo. Para isso, propomo-nos a resgatar alguns aspectos relativos às origens da escrita, visto a tese lacaniana situar as operações relativas à escrita, como é o caso da leitura, em momento histórico anterior ao surgimento de uma linguagem oral articulada. Afinal, para Lacan (1961), o sujeito nasce no momento em que pode “ler” algo que o implica e que o convoca a enunciar algo sobre si.

Ao referirmo-nos a uma primazia da escrita, não queremos estabelecer uma hierarquia entre escrita e fala, mas sustentar que seu modo de operar incidiu no humano, com vistas a abrir caminhos para uma inserção no Simbólico.

Aproveitando-se dos achados dos historiadores da escrita, no *Seminário da Identificação*, Lacan (1961) aponta que o enlace do vivente com os rudimentos de escrita surge do traço e do rastro. Trata-se do momento em que o animal pré-histórico maneja uma “linha de bastões”; ou seja, quando o caçador faz uso de um traço, ou um bastão, para gravar cada animal abatido. Por meio desse procedimento de aparência simples, cada traço eterniza e distingue uma nova aventura do caçador. Desse modo de uso do traço inaugura-se a relação com o significante - aqui entendido como um elemento vazio de conteúdo, o qual marca a presença de uma ausência.

Em período posterior, diferenciando o sujeito da psicanálise de uma noção cartesiana de sujeito, na qual a existência ancora-se na capacidade de representação, Lacan (1964) retoma a discussão do traço para marcar a primazia do significante e o modo como o sujeito engendra-se no momento mesmo em que é inserido em uma estrutura de linguagem da ordem da escrita. Para elucidar esse momento inaugural, trazemos a voz do autor em um trecho longo, porém, a nosso ver, tocante e revelador:

[...] em nosso vocabulário próprio, simbolizamos por S barrado [S] o sujeito, no que constituído como segundo em relação ao significante. Para ilustrar isto, eu lhes lembrarei que a coisa pode ser representada da maneira mais simples pelo traço unário. O primeiro significante é o entalhe, com o qual se marca, por exemplo, que o sujeito matou um animal, mediante o quê, ele não se embrulhará em sua memória quando tiver matado mais dez. Ele não terá que se lembrar de qual é qual, e é a partir desse traço unário que ele os contará. O traço unário, o próprio sujeito a ele se refere, e de começo ele se marca como tatuagem, o primeiro dos significantes. Quando esse significante, esse um, é instituído - a conta é um um. É ao nível, não do um, mas do um um, ao nível da conta, que o sujeito tem que se situar como tal. Com o que os dois uns, já, se distinguem. Assim se marca a primeira esquizo que faz com que o sujeito como tal se distinga do signo em relação ao qual, de começo, pôde constituir-se como sujeito. (LACAN, 1964, p. 135)

Conforme o excerto que acabamos de destacar, o significante, como herdeiro do traço, opera uma cisão no vivente, transmudando-o em sujeito. Inaugura-se uma cadeia significativa, na qual o traço insiste, repetindo a diferença, a partir de um índice que é sempre o mesmo.

Lacan (1964) dá a ver, portanto, o fato de que é a partir da contagem, propiciada pelo traço que irá gerar a escrita, que o sujeito pode incluir seus atos em uma conta a ser lida. Um traço, diferentemente do signo (aquilo que representa algo para alguém), articula-se a outros

traços, que se significam uns aos outros. Além disso, implicam uma leitura. A partir dessa leitura, surge a possibilidade do “se contar”, pois é o próprio sujeito quem se articula, fundando-se, como significante, nessa cadeia.

Todavia, podemos perguntar-nos: de que modo um elemento tão simples como um traço vem a se transformar em escrita, carregando com ele as chaves da leitura do inconsciente?

Um modo de respondê-la é nos atermos à ideia de que teria havido, ainda, outra etapa para que o traço virasse significante: o apagamento transformador de um traço em um rastro. Valendo-se do exemplo de Robson Crusoe, Lacan (1961) busca demonstrar, de modo metafórico, que a marca com a qual o naufrago se depara, demonstrando que ele não está só, seria *la trace d'un pas* (o rastro de um passo), sendo o *pas* a expressão francesa que aponta tanto para a pegada quanto para uma negação. Assim, pretende mostrar que o traço, para ser significante, precisa passar por um apagamento - *le pas de trace*. É isso que o diferencia do signo: ao contrário deste último, o significante não se liga a um significado, mas à marcação de uma diferença.

Do ponto de vista do sujeito, a entrada na ordem do significante é a perda do real do corpo, surgindo, então, um corpo que, por meio de apagamentos que deixam rastros (ou restos), foi inscrito no simbólico.

Essas “perdas” ou apagamentos, propiciados pela escrita, são demonstrados a partir de achados arqueológicos. Explorando as origens da escrita, Février (1959) e Gelb (1952) supõem que os sistemas escriturais que resultaram na escrita alfabética fizeram, necessariamente, uma passagem anterior pela escrita ideográfica e silábica. Decorre dessa consideração o fato de que das imagens (pictografias) ao traço estilizado e ao posterior uso das letras, o valor de imagem envolvido na leitura sofreu uma redução. A mesma operação teria ocorrido com o som, que foi se depurando, por meio do desaparecimento de signos silábicos, da restrição de consoantes e da manutenção de um número reduzido de sons das vogais. Essa direção de avanço de diversos sistemas de escrita teria envolvido, portanto, uma redução dos elementos pictográficos e sonoros, proeminentes nos primeiros signos traçados pelo homem primitivo.

Em *Naissance et renaissance de l'écriture*, o psicanalista francês Gérard Pommier (1996) explicou a redução envolvida na passagem do traço à escrita por meio da hipótese de uma equivalência entre a gênese da escrita na humanidade (filogênese) e em cada vivente que escreve (ontogênese). Em ambos os casos, o ponto de partida seria o desenho de gestos e de objetos.

Sob semelhante perspectiva, a escrita - por meio de suas unidades mínimas que são as letras - constitui-se em um depósito de vestígios corporais e imagéticos, que nela permanecem negativados. Essa negatificação, chamada em psicanálise como recalque, testemunha a impossibilidade de formar uma representação unívoca de qualquer referente. Também se trata da possibilidade de que, diante de um apagamento, por meio do Simbólico e do Imaginário, daquilo que é puro Real, o sujeito possa circular nas instâncias sociais.

Todavia, os aspectos que foram recalcados fazem pressão por um retorno, dando-se a ver por entre as letras. Os indícios desse “retorno do recalcado” são bem documentados na clínica psicanalítica com crianças, na qual o manejo com as letras dá ensejo para a leitura dos impasses vividos por elas nos momentos-chave de inserção no Simbólico, como é o caso da alfabetização (POMMIER, 1996).

A título de exemplo, mencionamos um caso, proveniente da clínica da pesquisadora. Um menino, à época com seis anos, é apontado pela escola como tendo “dificuldades de alfabetização”. Ao iniciar o tratamento, narra a sua vacilação ao se sentir convocado a dar uma resposta simbólica para o real de seu corpo. O pano de fundo da questão é sua posição na família (o caçula após um aborto de um feto imaginado pela mãe como menina) e no desejo do casal parental. O impasse, que passa pela nomeação da diferença sexual, expressa-se por meio de uma série de desenhos de zumbis e figuras andrógenas, assim como pela troca insistente entre as letras M e N. Ao ser chamado a explicá-la, o garoto lê a troca do seguinte modo: como o M (letra inicial do nome da mãe) pode ter uma perna a mais no meio, se é a letra do nome da minha mãe; e o N (letra inicial do nome do pai) ter uma perna a menos?” Com seu drama, o menino ilustra a afinidade entre a letra e o corpo, sendo que ambos se dão a ler no momento de encruzilhada subjetiva: a alfabetização e o processo de sexuação, em que é convocado a nomear as diferenças.

Portanto, as conjecturas lacanianas sobre a origem da escrita embasam as teorizações da relação do sujeito com o significante e com o objeto – e o gozo nele implicado.

Se da imagem ao traço o corpo como totalidade torna-se irrepresentável, algumas de suas partes são propícias a participarem desse retorno na escrita, por serem justamente as partes coletivizáveis, passíveis de uma espécie de recorte, por se referirem a orifícios corporais que norteiam a relação do sujeito ao Outro. São eles os objetos pulsionais, ao mesmo tempo internos e externos, relacionados à parcialidade com que a pulsão se satisfaz: a voz, o olhar, os seios e as fezes; além do falo, o qual remete à castração (LACAN, 1962-1963).



Uma discussão mais aprofundada sobre os objetos, em especial o objeto voz, será feita por nós no próximo capítulo. Por ora, importa frisar que não se trata dos objetos em sua materialidade, mas da relação que eles impõem com a demanda e o desejo do/no Outro e que podem a se dar a ver na materialidade de uma escritura.

Assim, se as letras são visíveis, elas carregam algo de uma invisibilidade, por não darem acesso imediato à mensagem de que são portadoras. Na maior parte do tempo, o objeto olhar encontra-se negatizado por entre as letras, a não ser quando elas tomam o primeiro plano, como nos exercícios caligráficos ou na contemporânea arte de *lettering*, onde há um jogo entre diversos tipos de fontes tipográficas, com vistas a um efeito estético.

Já do ponto de vista do som, a escrita é silenciosa, embora guarde resquícios da voz de quem escreve e das sonoridades e ditos daqueles que conformam sua matriz simbólica. Portanto, pelas propriedades mencionadas anteriormente, a escrita presta-se ao velamento de elementos do inconsciente. Um passo é dado, pois, com o nascimento da escrita, tanto na humanidade quanto em cada sujeito que perfaz este caminho, pois ao escrever, barra-se algo da ordem do objeto. Assim, desde seus primórdios, a abordagem com a letra é um tratamento que “intervém como tratamento efetivo do isso de que se trata no silêncio da pulsão” (ALLOUCH, 2007, p. 146).

São as letras que também possibilitam o emergir desses mesmos elementos indizíveis, mesmo que de modo fugaz. Quando “escapam” do recalque, oscilações em torno do objeto voz têm o potencial de imprimir as marcas da oralidade em um texto, como a pontuação, o ritmo impresso nas frases, as pausas, entre outros elementos, geralmente recuperados em uma leitura em voz alta.

Todavia, será a modulação da presença e da ausência do objeto que indicará a presença de um prazer com aquilo que se escreve e se lê. Assim, um texto pode constituir-se apenas como letra-morta – sem qualquer erotização causada pelo objeto – ou, ao contrário, puro excesso, invasão que não se presta à leitura. O segredo estaria, conforme afirma Barthes (2015) em *O prazer do texto*, na “intermitência” do erotismo; ou seja, nas doses com que se joga com o sentido, em direção às normas culturais ou, ao contrário, com sua desconstrução, fazendo ver a presença do sem-sentido proveniente dos restos que resistem a entrar na ordem simbólica.

### 3.1.1 A escrita faz corpo

O corpo de que se trata no título da presente seção é um “corpo-palavra”, conforme indiciado na seção anterior. Destacamos o trecho da trilha sonora da peça cinematográfica, trazido como uma das epígrafes do presente capítulo, pois ele nos ajuda a cernir o desvelamento de um corpo que, para o humano, nunca é feito só de carne. Diz-nos o verso que por baixo da roupa o que se revela é tatuagem, cicatriz – marcas perenes gravadas na superfície de um corpo. Porém, não é preciso recorrer ao corte efetivo da carne para que ela esteja marcada por letras.

Uma vez imersos na linguagem, não há como sair de alguma estrutura de ficção: *Quando você tira a roupa/Algo se revela/ Você deixa a personagem/ E vira atriz*. Pensamos poder localizar, nesse verso, uma metáfora para a veste simbólica disponível a todos. Afinal, não seria possível pensarmos na marca da palavra, inscrita no corpo, como operando à semelhança de uma “pele de atriz<sup>37</sup>”?

Atuar é função na qual alguém se veste de outra coisa. À semelhança de uma letra, circula no social dando-se a ver e, ao mesmo tempo, guardando um vazio, sobre o qual incorpora “personagens” e sentidos de acordo com as novas montagens. Em outras palavras, para o humano, não é possível se despir da dimensão de presença e ausência que a linguagem carrega, pois que por ela somos carregados.

É esta tentativa de nascer em um novo corpo que vemos no filme *Nome Próprio* (SALES, 2008). Nele, a personagem Camila, interpretada por Leandra Leal, é uma aspirante a escritora em busca de costurar para si uma veste simbólica que a permita circular no mundo. Há uma errância em seus atos, mas ela parece se servir da escrita para dar contornos menos angustiantes a si. Por meio da escrita de um blogue, ela buscar tecer um enlace entre carne, imagem e letra. Talvez por esse motivo, a película nos ofereça, em abundância, o seu corpo nu (simulando a carne ainda intacta pela cultura, como se fosse possível), as imagens duplicadas da personagem por meio de jogos de espelho e de câmeras e, por fim, as letras, as quais voam da tela do computador, preenchendo paredes e o espaço angustiante e vazio no qual Camila habita.

Das primeiras trocas languageiras entre o bebê e a mãe, das cartas de amor a obras de arte, usamos a palavra na função de *téssera* (LACAN, 1953) que, ao passar de mão em mão, tal

---

<sup>37</sup> Pareceu-nos pertinente que a metáfora se valha do termo “atriz”, no feminino, pois em diversos textos, como no *Seminário sobre a carta roubada* (1956/1998) ou em *Lituraterra* (1971/2003), Lacan acentua o caráter feminino da letra, por sua relação ao gozo. Essa aproximação será mais bem explorada no capítulo seis da presente tese, intitulado *Colonizações d’alíngua: o gozo, a língua e o feminino*.

qual uma moeda, contorna os corpos e os fazem circular no âmbito social: idênticos no apagamento que os perpassa, mas diferentes nos pontos pelos quais cada um se ata a essa tessitura. Para ser mais precisos, é por meio da letra que algo se ata.

Pelo fato de haver uma perfuração produzida pela letra, o corpo de que se trata é desnaturalizado, o que não nos permite dizer que “somos” um corpo. Conforme aponta-nos Lacan (1975-1976/2007) em *O Sinthoma*, livro 23, apenas quem põe o corpo a trabalho, apoiando-se nos recursos oferecidos pela cultura pode sentir que “tem” o corpo que carrega. O autor analisa o modo como o escritor James Joyce utilizou a escrita para enodar os registros do Real, Imaginário e Simbólico por meio de um quarto elemento – o seu saber-fazer (*savoir faire*) com a escrita - podendo assim sustentar um novo corpo e aquilo que, no dizer freudiano, podemos chamar de uma realidade psíquica.

Conforme já afirmamos, a cultura oferece diversos recursos para a composição de um enodamento sustentador do corpo no social. Porém, devido a algumas de suas características, a escrita é propícia a tal “costura”, conforme a leitura lacaniana de Joyce dá a ver.

Ao se deter em alguns exemplos de empuxo à escrita em casos de psicose deflagrada, Masagão (2004, 2008) descreve modos distintos de uso das letras: enquanto Stela do Patrocínio usa a escrita para descrever bordas corporais, tornando o corpo passível de representação, outro paciente, nomeado pela autora por Orifeu, dedica-se à correção da língua para apagar as diferenças do sexo e os equívocos da linguagem. De todo modo, a direção seria a de manipular letras ao invés do corpo, inscrevendo traços de modo a neutralizar um excesso de gozo.

Se trouxemos aqui exemplos que talvez aproximem aquele que escreve à estrutura clínica da psicose, trata-se apenas de uma explicitação mais evidente daquilo que ocorre a todos, em diferentes modulações. Ademais, ao se falar em produções que efetivamente geram leituras, como é o caso de Joyce, é preciso considerar que mesmo os textos “[...] no seio da loucura, têm em si, *se querem ser lidos*, esse pouco de neurose necessário para a sedução de seus leitores: esses textos terríveis são *apesar de tudo* textos coquetos” (BARTHES, 2015, p. 10; grifos do autor).

Portanto, conforme pretendemos dar a ver, a letra se desloca e se transmite, performando ao modo de uma atriz: corpo e voz que, esvaziados, se prestam a representar uma diferença a cada nova montagem, em espaço público. A letra constrói registro psíquico e permite a circulação dos corpos daqueles que as manipulam.

Ao atermo-nos ao fato de que, com Lacan, a noção de Inconsciente passa de depósito de conteúdos recalçados para “aluviação da linguagem” (LACAN, 1970/2003), transmitido pelo

furo que o perpassa, a letra, com sua visível invisibilidade, presta bem a representá-lo nessa segunda vertente. Como elemento mínimo de uma escrita, é ela que separa, como um litoral, elementos heterogêneos.

Por esse motivo, saber “ler a letra” é ler ao modo que convém à psicanálise: o litoral/literal que separa os registros do Imaginário e do Simbólico, após a acomodações dos detritos deixados pelo significante, no banho da linguagem ao qual fomos submetidos, como *infans*. Nessa direção, figura uma das últimas indicações lacanianas para definir a escrita:

[...] a escrita [*écriture*] é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem a fala (LACAN, 1971/2003, p. 22).

### 3.1.2 Uma leitura “ao pé da letra”

É sabido que um texto propicia diferentes leituras, a depender das concepções de escrita e, de modo mais amplo, de linguagem, que repertoriam aquele que se debruça sobre ele. O repertório que norteou a seleção e a análise dos materiais linguísticos na presente pesquisa ancora-se na hipótese segundo a qual há uma afinidade estrutural entre o sujeito e a modalidade escrita da língua. À luz dessa noção, as formações do inconsciente, tanto quanto os sistemas de escrita, são materiais que se prestam a uma leitura, cuja direção é a de “ler o escrito com o escrito” (ALLOUCH, 2007).

Começamos por frisar que, nessa perspectiva, uma fala também pode ser “lida”, não apenas pelas possibilidades de sua transcrição para o papel, mas também na condição de ser escutada segundo regras de leitura que melhor se elucidam em referência a algum sistema de escrita.

O modo de ler do qual pretendemos tratar é um recurso para desviarmos da tendência humana segundo a qual, comumente, orientamo-nos “miragens”. Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953) explicou esse aspecto, ao discorrer a respeito das diferenças entre a filosofia, a ciência e a psicanálise. Dialogando com o pensamento filosófico de Hegel em sua *Fenomenologia do espírito* (1807/2002)<sup>38</sup>, Lacan afirma que, enquanto o filósofo busca uma verdade universal, a psicanálise mostra o paradoxo existente no caso dos

---

<sup>38</sup> Sublinha-se que o diálogo entre o pensamento de Lacan e o de Hegel se deu ao longo do primeiro ensino laciano, tendo sido desenvolvido e modificado ao longo do tempo. A menção aqui feita é apenas um dos recortes da discussão.

humanos: se é a condição de ser falante um aspecto universal, é essa mesma universalidade que divide o sujeito. Não seria possível pensar, então, em um indivíduo uno, pois ao falar, o sujeito divide-se, visto não conseguir controlar o seu dizer.

Ao eleger um interlocutor para falar, o sujeito torna-se vítima de miragens, pois as imagens de si e as imagens do outro passam a estar envolvidas nas projeções necessárias para se calcular o que dizer e como fazê-lo. Por esse motivo, ao remeter-se a um outro, a fala é da ordem do particular, visto ser montada em uma relação determinada; ou seja, que se particulariza. Trata-se da dimensão imaginária que une um indivíduo e um grupo (particular), sendo que esse último se constitui por meio de semelhanças intuitivas, ao modo de “miragens”.

Assim, Lacan resgata um Freud filólogo e linguista, para estabelecer uma teoria do significante, apoiando-se na separação dada por Ferdinand de Saussure entre significante e significado. Desse modo, acaba por romper a ideia de correspondência entre forma e conteúdo.

Nessa perspectiva, “ler com o escrito” é um tipo de leitura que se coaduna com os usos que Lacan faz do significante, pois valoriza a letra<sup>39</sup> como um elemento que, ao se distanciar da fala, encontra um intervalo necessário para se jogar com uma interpretação (LACAN, 1970/2003).

Posteriormente, Lacan afirmou que as interpretações psicanalíticas precisariam ser trabalhadas em termos articulados, como os registros (o Simbólico, o Imaginário e o Real) que estão presentes no nó borromeo (LACAN, 1975-1976/2007). Todavia, mesmo com suas reformulações em torno das noções de escrita e de interpretação, o autor não deixou de apontar a importância da letra, trilhando um caminho aberto por Freud.

Embora tenha dado sinais de romper com a experiência religiosa judaica, o pai da psicanálise valorizou o uso que a cultura judaica fez da *Midrash*, um procedimento hermenêutico guiado por uma leitura literal, feita ao “pé da letra”. Essa forma de leitura teria influenciado a teoria interpretativa dos sonhos na psicanálise, o que foi percebido por Lacan (1953) ao reler a *Interpretação dos Sonhos (Traudeutung)* freudiana por meio de uma análise de linguagem.

Lacan (1953) apontou haver uma equivalência entre a estrutura do sonho e a estrutura de uma frase. Assim, as imagens podem ser tomadas como letras e lidas ao modo de um *rébus*<sup>40</sup>, sistema utilizado para a leitura dos hieróglifos egípcios. Contudo, para que determinado

---

<sup>39</sup> Conforme pontua Machado (1997), Lacan às vezes faz coincidir letra e significante, embora não seja o mesmo. A letra é uma das formas tomadas pelo significante. Trata-se da forma mais visível, pois, a rigor, o significante nasce do rastro, um modo apagado de traço.

<sup>40</sup> Modo de leitura de palavras ou frases formadas por figuras e sinais, ao modo de um enigma figurado, utilizado para decifrar escritas como os hieróglifos encontrados no Egito.

elemento possa ser lido ao modo de uma letra, é preciso que ele seja esvaziado de sentido. É o que também ocorre com os restos diurnos (*Tagrestes*), fragmentos relativos às vivências ou às percepções ao longo do dia, os quais ressurgem nos sonhos de modo reconfigurado.

Os restos diurnos operam como formas errantes, por estarem desinvestidos pelo sonhador, ou seja, por serem de suposta insignificância. Assim, participam da composição onírica veiculando elementos de difícil passagem à consciência. É possível dizer que esses restos diurnos funcionam como um *rébus* ou “letras”, visto ser o *rébus* um sistema de escrita que opera com qualquer figura, combinando-as, por seu aspecto formal, de modo a produzir os sons necessários para passar uma mensagem.

Portanto, à semelhança dos hieróglifos e ideogramas, a letra da escrita inconsciente é híbrida, operando na fronteira entre o som e a imagem.

### **3.2 A escrita faz *corpus***

Aproveitando-se da discussão acerca de um modo de leitura a partir da psicanálise e supondo que a escrita, historicamente, era uma função latente na própria linguagem, Allouch (2007) sugere que a célebre afirmação lacaniana deva ser entendida com uma complementação: o inconsciente é estruturado como linguagem da ordem da *escrita*, o que permitiria pensar em uma “clínica do escrito”.

Ao aprofundar a interpretação onírica como sendo um modo de “ler a letra”, Allouch (2007) vale-se da utilização de três termos provenientes dos estudos da linguagem: a tradução, a transcrição e a transliteração, associando-os aos registros lacanianos do Imaginário, Real e Simbólico. Uma articulação entre essas operações deveria ser considerada nas leituras literais dos casos, pois esse tríptico guarda uma equivalência com a sequência pela qual se deve “ler” um sonho: incidente da véspera - sonho - interpretação do sonho. Trazemos, a seguir, uma descrição adaptada de cada uma delas:

1. **Tradução:** Uma operação imaginária, na qual se escreve regulando o escrito pelo sentido. Quanto mais o tradutor toma o sentido como referência, mais a tradução se torna imaginária. Traduzir de modo literal é, então, buscar pontos de ancoragem em outras partes além do simples transporte de sentido. Este teria sido o recurso do egiptólogo Champollion (1790-1832), ao se apoiar nos nomes próprios para decifrar os hieróglifos egípcios.

2. **Transcrição:** Uma operação Real. São as tentativas de se transpor aquilo que está fora da linguagem para o papel. Pode ser o som das palavras, mas também, passos de dança ou um jogo de cara ou coroa. Quando se transcreve, passa-se à ordem da linguagem; porém, há obstáculos à transcrição, pois qualquer atividade, quando transcrita, ganha o enquadre das palavras, perdendo algo de sua materialidade. Além disso, o “objeto”, no sentido psicanalítico do termo, é da ordem do irrepresentável.
  
3. **Transliteração:** Operação simbólica, na qual há uma passagem, de uma maneira de escrever para a outra. A homofonia seria um exemplo do transliterar do Inconsciente, a qual implica abordar a linguagem de modo a fazer a distinção de elementos literais. Relaciona o escrito com o escrito e transforma um modo de escrita em outro, cifrado, que se dá a ler. Nela, a regulação se dá não pelo som ou pelo sentido, mas pela letra. Assim como o sonho, o essencial é que um elemento possa significar outra coisa, que não ele próprio.

Allouch (2007) pontua que, dentre as três operações, maior atenção deva ser dada à transliteração, por ser essa a "operação onde o que se escreve passa de uma maneira de escrever para outra" (ALLOUCH, 2007, p. 70). Um sonho, portanto, translitera por escrever figuras de modo literal, demonstrando assim a prevalência do texto sobre a imagem.

A transliteração difere-se da operação de tradução, na medida em que essa tende a promover um sentido único, mantendo-se muito próxima de uma leitura imaginária do sonho. Já a transcrição, enquanto prevalência do som, demonstra os limites da fonética, pois a fala não se traduz totalmente na escrita (há pontos de resistência a ela).

Neste ponto de nosso percurso, podemos perguntar-nos: de que modo essa concepção a respeito das formações inconscientes interfere na análise de narrativas de vida?

O modo de “ler o escrito com o escrito” implica conceber que, assim como em um sonho, as lembranças surgem por meio de uma cadeia significante, sendo determinadas por ela na medida em que emergem, associando-se a outros fragmentos de linguagem. Segundo essa visada, decifrar torna-se o mesmo que cifrar, entendendo-se por esse termo tanto um registro em cifras (algarismos) quanto um ato de “reduzir-se, limitar-se” (HOUAISS, 2015).

São os sentidos que se limitam, sofrendo um estreitamento. Segundo Allouch (2007, p. 77, grifos do autor):

O texto não é a fala deposta no papel, e opor **a priori** um à outra equivale a regular antecipadamente a questão do escrito, reduzindo-a imaginariamente a uma pura transcrição. Só o preconceito da escrita como transcrição pode sugerir que a escrita se ofereça à imediatez.

**Não há acesso imediato ao escrito**, logo, não há reconhecimento possível do escrito no imediato, logo, não há possibilidade **a priori** de se atuar a oposição escrito/não escrito.

Outro eixo metodológico importante para um trabalho norteado por uma “clínica do escrito” é a valorização do “testemunho indireto”. Pelo fato de o inconsciente não se dar a uma leitura imediata, é preciso haver um terceiro, no lugar do Outro. Considera-se, assim, a exigência de se tomar um caso como “caso a ser lido” com aquilo que se escreve dele, com aquilo que se cifra nessa leitura. Esse terceiro funciona como ponto de endereçamento, efetuando o “bem dizer” daquilo que está envolvido na mensagem. Essa estrutura é também a do chiste, como bem demonstrou Freud (1905) em *O chiste e suas relações com o inconsciente*.

Pensamos ser importante levar em consideração esse modo de leitura para a análise a qual iremos empreender. Semelhante leitura implica, por exemplo, seguir o texto marca a marca, por compreender que a pontuação está no lugar do Outro, e uma leitura com essa visada tende a neutralizar os efeitos imaginários. Pontuar é, nesta perspectiva, tornar um texto acessível por meio de: a) seriação (ordenação cronológica); b) distinção de elementos; e c) nomeação desses elementos.

### 3.2.1 O paradigma indiciário

As reflexões ora expostas coadunam-se, no que tange à análise do *corpus* sistematizado no âmbito da presente pesquisa, com o paradigma indiciário como apoio para a leitura do material. Proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1939-), trata-se de um modo de leitura e análise cuja atenção se volta aos pormenores de uma determinada peça, em detrimento de seu conjunto. Valorizam-se traços que, sob outra perspectiva, podem ser pouco notados ou tidos como simples detritos, “refugos da observação”.

Em *Mitos, emblemas e sinais*, Ginzburg (1989) reconstrói as origens epistemológicas e históricas do paradigma indiciário como um modelo interpretativo. Baseado na semiótica, o método emergiu de modo discreto, por volta da década de 1870 a 1880, apresentando-se como uma via alternativa à contraposição entre os paradigmas racionalistas e os paradigmas irracionais (também chamados de pós-modernos). Restituindo o lugar do sujeito, a partir do



pensamento indutivo e conjectural, esse modo de ler opõe-se, por exemplo, aos modelos dedutivos e causais.

Embora tenha começado a se consolidar ao final do século XIX, é possível considerar as raízes do paradigma indiciário como sendo muito mais antigas, remontando às narrativas dos caçadores que tinham de ler, nas “pistas mudas” da presa, os eventos ocorridos:

[...] por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa (GINZBURG, 1989, p. 154).

O marco inaugural desse modo de observação relaciona-se à atitude analítica do crítico de arte italiano Giovanni Morelli (1816-1891), ao perscrutar a autoria de quadros antigos. Morelli baseava-se no exame de pequenos detalhes nas pinturas, tais como lóbulos de orelha, unhas ou forma dos dedos, atentando-se às partes da obra menos propícias às influências das escolas de pintura. Os dados marginais observados por Morelli mostravam-se reveladores por se referirem a um momento em que se abrandava o controle do artista, geralmente relacionado a gestos e traços que remontavam à filiação a determinada escola. Nesses instantes, surgiam na obra características mais individuais, que escapavam ao artista, de modo involuntário (GINZBURG, 1989).

O interesse pelo método de Morelli faz Ginzburg (1989) tomar como alguns de seus referenciais, para a sistematização do método indiciário, as artes figurativas, a psicanálise e a literatura. Para tanto, traça uma analogia entre o método analítico de Morelli, o estilo literário do escocês Arthur Conan Doyle (1859-1930), em Sherlock Holmes, e os estudos de caso do psicanalista Sigmund Freud. Nos três referenciais, haveria a valorização de signos indiciários, fossem eles pictóricos, indícios e sintomas, respectivamente.

A aproximação entre o mencionado método e a psicanálise pode ser observada no texto freudiano *O Moisés de Michelangelo* (1914/1996). Trazemos, de modo breve, algumas observações a respeito da referência, por dar a ver a forma de análise inspirada pelo método indiciário, em suas origens.

No texto, Freud empenha-se em uma tentativa de interpretação da estátua de mármore de Moisés, de autoria do artista Michelangelo (1475-1564). O autor nos dá a ver os motivos de sua escolha. A estátua, a qual adorna a Igreja de San Pietro, em Roma, teria lhe causado a “impressão mais forte” já sentida por ele; além disso, a obra era alvo de interpretações diversificadas.

Enquanto as opiniões dos críticos, de maneira geral, detinham-se no efeito geral da figura, Freud interessou-se (1914/1996) por explorar as características isoladas da peça. É nesse contexto que menciona o conhecedor de arte Ivan Lermolieff, famoso, à época, por distinguir cópias das obras de arte originais, revisando as atribuições de autoria de algumas delas. Ivan Lermolieff tratava-se do pseudônimo russo do médico italiano Morelli. A respeito de seus feitos, o psicanalista afirmou:

Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, do monte de lixo, por assim dizer, de novas observações (FREUD, 1914/1996, p. 228).

A exemplo de Morelli, cuja descoberta das autorias verdadeiras das obras era feita por meio de um desvio da “impressão geral e das características principais de um quadro”, Freud localiza, na estátua de Moisés, duas partes da peça com pormenores antes menosprezados por outros autores.

Freud (1914/1996) conclui que os críticos de artes desconsideravam supostas trivialidades da estátua, como a postura da mão direita e a posição das duas Tábuas da Lei. Por meio do exame minucioso desses dois detalhes, tece a consideração segundo a qual, ao contrário do que se pensava à época, o que se busca na estátua não era o início da ação violenta de quebrar as tábuas da lei, mas a atitude final, relativa a um movimento efetuado.

Na análise freudiana, Michelangelo teria colocado na tumba do papa um Moisés superior à figura histórica ou tradicional, o qual tenta acalmar sua própria ira, para impedir a ruptura das tábuas. A respeito de sua própria interpretação nesse texto, Freud afirma que “[...] pelo exame de certos pormenores insignificantes, chegou a uma interpretação inesperada do significado e do objetivo da figura como um todo” (FREUD, 1914/1996, p. 239).

Para a análise que pretendemos fazer na presente tese, retiramos do paradigma indiciário e seus pontos de convergência com o método psicanalítico algumas direções para uma leitura analítica, as quais elencamos:

- a) Ler de modo minucioso, atentando-se ao periférico e a detalhes de aparência insignificante;

- b) Observar, primeiramente, aspectos gerais da peça a ser analisada, ligados ao contexto ou a uma demanda social, para, em seguida, buscar os “furos”, ou seja, os elementos subtraídos ao controle da consciência;
- c) Priorizar o aspecto qualitativo ou os “estudos de caso”, a exemplo de Freud;
- d) Proceder a um raciocínio conjectural, baseado em uma espécie de “intuição” baseada nos sentidos (e não no suprassensível) e,
- e) Levando-se em conta a opacidade da linguagem, ter em vista que o acesso aos dados se dá de modo indireto, conforme ocorre na medicina, na psicanálise e na história.

No que tange ao trabalho com um *corpus* formado por manuscritos recolhidos na presente pesquisa-intervenção, o paradigma indiciário inspira a análise de elementos que fogem ao reproduzível ou a uma noção abstrata do texto. Assim, nossa atenção volta-se a aspectos linguísticos-discursivos e extradiscursivos, tomados como “pistas”. Pretende-se olhar, ainda, para os elementos ligados às marcas corporais depositadas no texto, ligados à oralidade, à gestualidade e ao caráter físico da escrita. Para isso, recorreremos ao campo dos estudos agrupados sob a denominação “Crítica genética”, como discorreremos a seguir.

### **3.2.2 A crítica genética como inspiração para a organização e leitura do *corpus***

Com vistas à observação dos processos textuais envolvidos no ato de escrever uma história de vida, apoiamo-nos nos estudos da Crítica Genética. É nesse campo que emerge um método a ele associado, descrito por Almuth Grésillon (1994/2007, p. 19) como: “o desnudamento do corpo e do processo de escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais”.

Por meio da análise dos manuscritos e, quando possível, de suas versões, pretende-se ter acesso aos embates de quem escreve e os vestígios do sujeito nesse processo, envolvendo duas dimensões que nos interessam: a corporalidade envolvida no ato de escrever e o processo de escritura. Acredita-se que ambos se articulam a um processo de subjetivação, dado a ver pelo funcionamento linguístico e discursivo envolvido na escrita.

O uso de versões de texto como fonte de pesquisa foi estabelecido pela Crítica Genética na França dos anos setenta, junto à exploração dos manuscritos modernos – provenientes do século XIX e XX –, tendo como apoio métodos de análise do estruturalismo e conceitos advindos da literatura, da teoria da enunciação e da psicanálise.

No tangente à linguística, a influência é do pós-estruturalismo linguístico, a apontar a importância das anotações e restituições, em um texto, do dito para o não-dito, bem como as ideias de Èmile Benveniste quanto a um modelo dinâmico de linguagem e de Bakhtin, acerca do interdiscurso e da polifonia. Da psicanálise, a influência não se tratou de uma análise das intenções, mesmo que involuntárias daquele que escreve, mas das forças mobilizadas que resultaram em determinada escritura. Nessa perspectiva, o termo comumente usado para o agente da escritura é *scriptor*, sublinhando o gesto ou a mão que se conduz ao escrever (GRÉSILLON, 1991).

O contexto à época encaminhava para essa discussão. Interessado nas relações entre o autor e o texto, Foucault (1969/2001), *O que é um autor?*, chegou a afirmar: “pouco importa quem fala”. Essa asserção foi o resultado de seu trabalho de análise dos desdobramentos históricos da função-autor, no qual concluiu que, na modernidade, houve um apagamento do autor. Isso porque a importância autoral teria sido sobreposta por instituições como a universidade que, ganhando poder na civilização moderna, passaram a deter o controle sobre os discursos, imprimindo-lhe marcas. Haveria uma exceção ao apagamento do autor: o surgimento de novas discursividades, capazes de gerar filiações e avanços em campos diversos do conhecimento, graças a “autores fundantes” como foi o caso de Marx e Freud.

Como consequência desse desenvolvimento histórico, o que passa a ancorar a noção de discurso não é o autor em sua esfera pessoal, mas sim como função organizadora e transpessoal, que classifica, delimita, opõe e relaciona textos escritos, como se fosse uma espécie de bula, determinando o estatuto e o modo como uma obra deve ser recebida. Assim, descentrando o caráter personalista do autor, Foucault (1969/2001) apontou a importância de se trabalhar com a ideia de escritura, concebida como aquilo que dá ancoragem ao discurso. Essa noção preservaria o autor “em seu limite”, levando em conta que ele não cessa de desaparecer, pela exterioridade da escrita e pelo caráter de ausência, repressão (imagética) e de enigma nela envolvidos.

A partir dessa perspectiva, relida pelos autores da Crítica Genética, a noção de escritura como ancoragem do discurso torna-se operacional. Estudiosos desse campo dedicam-se à investigação de rascunhos, esboços, apontamentos, diferentes versões de textos ou outros

documentos que revelam acréscimos, supressões e reformulações feitas pelo escritor (GRÉSILLON, 1991).

Uma vertente mais atual desses estudos concerne à presente pesquisa de modo particular, pois aponta as afinidades entre os pressupostos, métodos e procedimentos provenientes da Crítica genética e os estudos das escritas de si, entre elas as narrativas de memória ou autobiográficas<sup>41</sup>. Segundo Catherine Viollet (2014), a fecundidade desse cruzamento se dá pois:

Esses escritos oferecem ao pesquisador a ocasião de observar, de maneira perfeitamente legítima, processos e modalidades de construção do sujeito no reflexo da escrita – por exemplo, as experimentações, os procedimentos de controle, as modulações referenciais, as diversas operações com a linguagem (e seus obstáculos) e a memória, ou as diferentes instâncias de um “eu” que escreve. Esses processos são parte integrante do texto autobiográfico (VIOLLET, 2014, p. 18).

Embora façamos a ressalva de que o sujeito do saber inconsciente não pode ser confundido com o “eu” com o qual grande parte das abordagens biográficas trabalham, interessam à presente pesquisa as operações de linguagem mencionadas por Viollet (2014), na tessitura de um texto que engendrará um “si mesmo” a posteriori. É de nosso interesse, ainda, a distinção feita pela autora dos dois aspectos da gênese desse tipo de escrita: o ato de enunciação que formaliza os eventos vividos (respondendo a certas regras e restrições) e as estratégias enunciativas que podem dotar o texto de criatividade.

Assim, a organização e a análise das produções textuais envolvidas nesta investigação inspiram-se no método da Crítica Genética, ao apontar a importância da:

- a) Observação minuciosa dos aspectos de ordem material do objeto manuscrito, tais como as propriedades do suporte, o instrumento com que se escreve, a própria escrita e a disposição textual no espaço gráfico;
- b) Constituição de um dossiê genético, composto por todos os registros da gênese da escritura e cujos documentos deverão ser lidos, classificados e transcritos; e
- c) Coleta e descrição de informações sobre as condições de produção – o contexto e acontecimentos ligados ao ato de escrever – e as observações propriamente ditas, extraídas do dossiê - os vestígios relativos ao processo de escritura (GRÉSILLON, 1994/2007, adaptado pela pesquisadora).

---

<sup>41</sup> O entrelaçamento mencionado tem ocorrido há vinte anos, por pesquisadores ligados à instituição francesa *Institut des textes et manuscrits modernes* (ITEM).

Os passos ora trazidos buscam detalhar a escrita em processo de textualização, ressaltando a dimensão temporal da escritura, na direção de compor um objeto de pesquisa:

[...] transformar o objeto-manuscrito em objeto de conhecimento não é, no fim das contas, nada além do que a reconstrução dos momentos sucessivos da gênese escrita, é enriquecer a obra com a dimensão do seu devir no tempo, é dotá-la da densidade do ato da escritura com toda a gama de possibilidades, com suas alternativas não resolvidas assim como com seus extravios (GRÉSILLON, 1994/2007, p. 55).

Seguindo tais passos para organizar, ler e compor um *corpus*, as rasuras são fonte de atenção por constituírem-se em vestígios do processo da escritura, abrindo um caminho de investigação ao que poderia ter sido textualizado e não foi. Torna-se, pois, importante observar suas diferentes formas, funções e lugares de inscrição.

A interpretação dos eventos observados, todavia, pode se dar sob diferentes vertentes teóricas – entre as quais se situa a leitura psicanalítica, caminho que ora escolhemos.

Sob a mesma filiação teórica e trabalhando no contexto brasileiro, situam-se os trabalhos de Philippe Willemart (1998), tendo como suporte teórico a psicanálise de orientação lacaniana. Em artigo a respeito do tipo de pensamento subjacente às rasuras em uma produção textual, o autor as vê como representantes de um embate entre elementos pertencentes tanto à função simbólica quanto a “não sabidos” ligados “a um pedaço de Real” (WILLEMART, 1998, p.30).

Interessam-nos de modo especial os “não sabidos” citados pelo autor, que formam o conjunto de elementos incluídos no simbólico que ultrapassam o pensamento individual. Trata-se de aspectos da função simbólica universal, como é o caso das letras do alfabeto. A rasura daria acesso a esses “conjuntos de invariantes móveis” constituintes do homem e que, ao mesmo tempo, limitam-no. Entre eles situam-se, por exemplo, os níveis rítmicos e fonéticos das línguas em geral.

Nossa análise tem como objetivo, portanto, o de articular, quando possível, as marcas de singularidade dadas a ver na materialidade de um texto à noção de *alíngua* (LACAN, 1972-1973; 1985). Conforme mencionamos anteriormente, o termo deriva de *lalangue*, que no francês foi criado para evocar os primeiros sons sem sentido articulados entre o bebê e seus cuidadores, cujo aspecto pulsional é evidente.

Assim, a presença de vestígios de *alíngua* indicam os restos de uma língua primordial que se fixa pela dimensão do equívoco, demonstrando o modo como cada um é fisgado pelo inconsciente.

Essa direção de trabalho é seguida por autores que, servindo-se do arcabouço metodológico da Crítica genética, convocam a psicanálise e os estudos da linguagem para pensar o campo da Educação (CALIL, 2007, 2008; FELIPETO, 2007; FELIPETO; CALIL, 2007).

Os estudos de Calil (2007; 2008) versam sobre os processos de textualização envolvidos nas práticas de ensino de redação nas salas de aula, tendo as rasuras<sup>42</sup> como guia. O autor vê semelhança entre o manuscrito escolar e o literário. É a presença das rasuras, imprimindo um aspecto gráfico semelhante aos dois objetos, que lhe permite afirmar:

Adoto então o ponto de vista de que, independentemente de sua natureza – exercício escolar ou criação literária em processo – todo manuscrito traz marcas, notadamente em suas rasuras, do modo de relação entre sujeito, língua e sentido. (CALIL, 2008, p. 50).

O foco das pesquisas com versões de manuscritos escolares não é, então, o valor estético, mas o processo de subjetivação envolvido. Para o autor supracitado, por haver uma espécie de “diálogo silencioso” a se desenrolar nos retornos sobre o escrito, é possível seguir o funcionamento da linguagem sobre si mesma, sendo o sujeito um representante dessa operação.

O *corpus* da presente pesquisa compartilha de algumas das especificidades dos estudos voltados às versões de textos escolares. Um ponto de aproximação são as condições de produção. Assim como ocorre na escola, em que o professor tem demandas em relação aos alunos – passar de ano, aprender, ir bem na prova – em uma pesquisa-intervenção como a que propomos, a pesquisadora também direciona demandas aos participantes da oficina, tais como:

o envolvimento com a proposta, a disposição para um trabalho de evocação/criação sobre a memória; a entrega dos textos ou outros tipos de produtos e, em alguma medida, a inserção na língua portuguesa. Entretanto, mesmo em um ambiente no qual há reguladores externos, concordamos com a suposição de Calil (2008) de que é possível mobilizar a vontade de escrever.

---

<sup>42</sup> No estudo citado, Calil (2008) desenvolve um procedimento metodológico que inclui filmagem em vídeos para a investigação de rasuras orais e textuais. Já o nosso foco de interesse são as rasuras e outros modos de equívocos dados a ver na materialidade textual.

## 4. TRAUMA, CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E OBJETO VOZ

Quando vim da minha terra,  
Não vim, perdi-me no espaço,  
na ilusão de ter saído.  
Ai de mim, nunca saí.  
Lá estou eu, enterrado  
por baixo de falas mansas,  
por baixo de negras sombras,  
por baixo de lavras de ouro,  
por baixo de gerações,  
por baixo, eu sei, de mim mesmo,  
este vivente enganado,  
[enganoso.

Carlos Drummond de Andrade, em *A ilusão do migrante*<sup>43</sup> *Farewell*.

No presente capítulo, abordaremos as noções teóricas que embasam o modo como consideramos a noção de silenciamento. Para nós, “silenciamento” é diferente do que Sayad (1998) nomeia “uma atitude de reserva” do imigrante, fruto de uma suposta leitura de seu lugar incômodo no país de chegada. Embora seja possível que essas manifestações também existam e, de fato, sejam relativamente comuns, neste trabalho interessamo-nos por aquelas nas quais, de algum modo, é possível cernir a presença do pulsional. Em especial, interessamo-nos pelos efeitos de silenciamento que podem ter sido gerados por aspectos traumáticos das vidas dos participantes da pesquisa, que carregam consigo o potencial de reeditar o trauma da entrada do sujeito humano na linguagem. Nossa hipótese é a de que o sujeito permanece em instância por ainda não poder assumir o risco de subverter o “mortífero” implícito naquilo que não cessa de não se inscrever.

Conforme nos diz Drummond no poema *A ilusão do migrante* (1996), trazido como epígrafe deste capítulo, a saída do lugar de origem pode causar a perda das referências espaço-temporais, fazendo com que o sujeito se sinta *por baixo de falas mansas; por baixo de gerações, por baixo de negras sombras*. Sigamos, pois, as pistas do poeta quanto à matéria com que são feitos os restos da travessia migrante: linguagem, origem, contornos imagéticos. A eles, é preciso dar um destino, novamente. Assim, nossa visada será a de abordar o trauma em seu entrelaçamento com questões de linguagem (4.1). Pelo fato de que a via que inaugura o sujeito é a de seu assujeitamento ao desejo do Outro e suas leis, será preciso fazermos um percurso

---

<sup>43</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.



pelas operações causais do sujeito (LACAN, 1964), a partir das quais tanto o sujeito quanto o objeto emergem, abrindo um campo relativo ao que é irrepresentável na língua (4.2 e 4.3).

Em seguida, avançaremos em direção ao objeto voz (4.4) e à dinâmica pulsional que o envolve. Afinal, a voz tem um papel especial na invocação do sujeito, guiando-o a advir por meio da sonoridade da língua.

#### **4.1 Trauma, repetição e narrativa**

Em certo entendimento ingênuo, é possível pensar que, como conjunto, os participantes da pesquisa sofreram um trauma por terem passado por uma catástrofe natural de grande escala: o terremoto ocorrido no Haiti no ano de 2010. Decerto, acidentes em massa, atos terroristas ou catástrofes naturais são irrupções violentas que podem ganhar consistência nos movimentos discursivos de um grupo. As primeiras reações de luto a acontecimentos dessa espécie costumam ser grupais, sob o estilo de cada coletividade (LAURENT, 2004). Entretanto, cumpre notar que, em uma perspectiva psicanalítica, um evento trágico não é definidor daquilo que será traumático para um sujeito.

A partir dessa consideração, pretendemos sublinhar aqui o distanciamento, feito pela psicanálise, da noção de trauma como “acidente”, em prol da consideração de um ponto de vista estrutural. Nesta perspectiva, mesmo em se tratando de eventos trágicos vividos coletivamente, tão logo os efeitos de grupo em torno deles se dissipem, o ponto traumático se desvelará, para cada um dos envolvidos, atrelado a marcas contingentes de uma *hystoeria* de vida.

Como mencionam Guzmán e Derzi (2021), as primeiras definições da palavra trauma surgiram na metade do século XIX, ligadas à ideia de traumatismos no corpo orgânico, resultantes, por exemplo, de acidentes de trabalho no contexto da Revolução Industrial<sup>44</sup>. Nessa época, a clínica psicanalítica inaugurada por Freud, inclusive, se diferenciou por não se ater aos danos físicos em si, mas em afetos e na investigação de sintomas associados a um suposto trauma.

Fazendo um recuo histórico, lembremos que, em um primeiro momento, Freud elaborou a teoria do trauma da sedução (1895-1897), supondo um evento factual, cujo enredo geralmente se resumia à sedução de uma criança por um adulto. Sujeita à ação do adulto, a sedução é vivida de modo passivo, produzindo um nível de excitação que o organismo não pode processar.

---

<sup>44</sup> Para uma leitura aprofundada a respeito do percurso histórico do conceito de trauma na psicanálise, sugerimos a leitura do artigo na íntegra: GUZMÁN, M.C.; DERZI, C.A.M. O trauma e seu tratamento: Contribuições de Freud e Lacan. **Revista Subjetividades** (1), e9254, 2021.

Portanto, haveria um excesso pulsional a ser expelido; e o tratamento catártico era o que poderia conduzir o aparelho psíquico novamente à sua homeostase. Naquele momento, entendia-se o sintoma como sendo relativo ao evento traumático.

A partir de suas experiências clínicas, Freud observou que o aumento de tensão no psiquismo não se dava necessariamente no momento da sedução, mas posteriormente a ela (BREUER e FREUD, 1893-1895). Devido à precocidade do acontecimento, a criança ainda não teria condições de dar as conotações sexuais ao evento vivido.

Passam a ganhar importância o relato e as construções em torno do suposto acontecimento, em um momento posterior a ele. Freud (1895) nomeia a temporalidade desse relato de *Nachträglichkeit*, termo que pode ser entendido, em português, como *a posteriori* ou *só-depois*. Com essa noção, entende-se que a temporalidade retroativa ressignifica o relato, passando-se a uma construção do traumático por meio de elementos anteriormente não notados, cuja marca inicial careceu de uma significação. Assim, percebe-se que o sujeito se encontra com o caráter traumático de um evento apenas em um segundo momento, ao viver experiências cujos elementos se associam com a cena primeira.

Em *Uma neurose infantil* (FREUD, 1918 [1914]), relato que ficou conhecido como *O Homem dos lobos*, Freud teria suscitado diversas construções no relato de seu paciente, permitindo-lhe inferir que “a face fantasmática é infinitamente mais importante do que sua face de evento” (LACAN, 1953-1954, p. 46). Desse momento inicial da teoria a respeito do trauma, depreende-se que o importante para o sujeito é a perspectiva dada a um suposto fato, por meio de sua historicização e por seu reconhecimento, *a posteriori*.

A “teoria da sedução” é superada por Freud (1905), de modo definitivo, quando o autor avança na descrição da sexualidade infantil (GUZMÁN; DERZI, 2021). Com as teorias das pulsões, vê-se que o excesso de energia que afeta o aparelho psíquico advém do próprio corpo, de modo constante, embora possa ser sentido como exterior a ele. Seria esse excedente a causa das construções fantasmáticas em torno de uma cena de sedução. A fantasia, por sua vez, passa a ser entendida tanto como o que encobre a angústia quanto às incidências das pulsões sexuais no próprio corpo. Assim, são os enredos fantasmáticos que interpretam a atividade pulsional, construídos segundo enquadres particulares a cada sujeito.

Em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), no contexto pós Primeira Guerra, Freud retomou a teoria econômica do aparelho psíquico. Nela, postulava-se que as quantidades de excitação deveriam ser mantidas em homeostase, sendo um aumento de excitação tido como desprazer e a sua diminuição, sentida como prazer. O autor questiona-se como compatibilizar

tal modelo com eventos nos quais se evidencia a repetição de uma vivência desprazerosa, como nos casos das neuroses de guerra, nos sonhos de angústia e no brincar da criança.

Do texto freudiano, é possível destacar a aproximação entre o traumático e a função simbólica, pois Freud teria ali captado a “relação fundamental do sujeito com a cadeia significante” (LACAN, 1958, p. 254). Tal destaque é feito por meio da descrição que o psicanalista vienense nos dá a respeito da brincadeira de seu neto, por ele nomeada de jogo do *Fort-da*. É por meio da articulação entre significantes - no caso, os fonemas *Fort* e *da* - que o menino tenta dar contorno ao sofrimento sentido com a ausência da mãe, conforme podemos acompanhar no relato fornecido por Freud:

O que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo ‘o-o-ó’. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (ali). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno (FREUD, 1920/1996, p. 26).

Ao jogo descrito na citação que acabamos de trazer, Freud nomeia de *Fort-da* em referência às duas sílabas que acompanhavam a invenção da criança para tratar seu mal-estar: a) “o-o-ó”, transcrito por Freud pelo fonema *fort* que, em alemão, significa “ir embora”; e b) *da*, compreendido por “ali”, ou “ei-lo novamente ali”.

O jogo do *fort-da* rompe com o modelo freudiano inicial da homeostase, pois ao invés de reduzir a tensão relacionada ao desaparecimento da mãe, faz ressurgir-la. A brincadeira envolve tanto um prazer quanto um desprazer, sendo a reiteração e a oposição dos fonemas aquilo que une ambas as dimensões. Em termos lacanianos, pode-se dizer que há um gozo implicado na repetição da perda e no retorno do objeto.

Tal repetição de um desprazer, conjugado à linguagem, seria uma maneira de elaborar o trauma, além do princípio do prazer. Esse modo de tratamento simbólico ajudaria a pensar no retorno de imagens traumáticas ou na insistência de pesadelos ou, ainda, situações repetitivas da vida cotidiana. A partir do *Fort-da*, já seria possível ver a imbricação entre linguagem e gozo, contida nas repetições. Ao mesmo tempo, vê-se o caráter estruturante do trauma, no sentido de que se trata de uma inserção do sujeito na estrutura da linguagem.

Com Lacan (1958), entendemos que a entrada no mundo, por meio do assujeitamento ao desejo do Outro e suas leis, é vivida como um “golpe” a ser significado, simbolizado. O trauma relaciona-se, portanto, à constituição do sujeito pela linguagem, como veremos adiante.

Por ora, adiantamos que a linguagem tanto inaugura o sujeito quanto o engendra de modo sucessivo em processos que, vez ou outra, são passíveis de esgarçar os sentidos, exigindo novas simbolizações. Em outras palavras, o encontro do corpo com a palavra produz marcas simbólicas, assim como restos não simbolizáveis. Disso resulta um sofrimento que insiste, mas que é da ordem de um trauma necessário à existência no campo da linguagem.

Portanto, o trauma, nessa visada, é estrutural e estruturante, por abrir brechas que, ao serem contornadas por palavras, avançam o horizonte simbólico sem, no entanto, recobri-lo totalmente. Envolve uma experiência que produz uma marca – um excesso inassimilável, ligando gozo e linguagem. Algum traço referente a esse núcleo inassimilável repete-se em representações, discursos, condutas, atos ou situações que retornam, na tentativa de processá-lo simbolicamente.

A repetição advém, portanto, do real: daquilo que causa o discurso, mas escapa da cadeia significante como um trauma, cujo corte impõe limites e efeitos. No encontro entre a palavra e o corpo, o que está em jogo é a falta de significantes para traduzir em palavras a experiência pulsional, ou seja, a falta de um objeto que possa vir a completar, satisfazer por completo a pulsão.

Há dois eixos pelos quais a repetição pode se dar. Utilizando-se do vocabulário e dos estudos de Aristóteles a respeito da função da causa<sup>45</sup>, Lacan (1964) nomeou-os de *autômaton* e *tiquê*.

*Autômaton* é conceituada como a repetição posta em movimento por elementos localizados em um determinado fluxo linguístico, marcando presença em aparições sucessivas, à medida que esse fluxo avança. Trata-se, portanto, da repetição que se dá de modo simbólico, insistindo na cadeia significante que desliza, como se fosse uma carta que passa de mão em mão, conservando sua mensagem (LACAN, 1966). A repetição teria, nesse caso, a função de um retorno. O sintagma *Deixa passar* é, a nosso ver, algo que se repete na fala, ao modo de *Autômaton*.

---

<sup>45</sup> A teoria das quatro causas responde à exigência aristotélica de que tudo o que acontece, acontece a partir de algo, de que não há movimento ou mudança sem causa. Haveria quatro princípios causais: 1) A causa formal, que faz com que uma coisa seja o que é ao se diferenciar das demais por sua substância, definição ou noção; 2) A causa material, que é a matéria de que uma coisa é feita; 3) A causa eficiente, que é o princípio de movimento ou mudança de uma coisa, sua causa produtora; 4) A causa final, o fim para o que uma coisa existe. A questão da causalidade é retomada da Física, em que Aristóteles incluirá a noção de causa acidental na categoria de causa eficiente. A causa acidental se distingue de outras causas eficientes por seu aspecto de referir-se a situações excepcionais, mas que excluem o absurdo ou o racional. Divide-se entre *tiquê* e *autômaton*. (GARCIA-ROZA, 1986).

A *tiquê*, por sua vez, foi traduzida por Lacan como um “encontro do real” produzido “como que por acaso”; um vislumbre daquilo que se insinua no simbólico, em instante fugidio, mas que não é capturável pelas palavras. Por não ser nomeável, repete-se como falta. Diz respeito, então, àquilo que ficou fora da linguagem, mas que a causa. *Autômaton* e *tiquê* imbricam-se de modo constitutivo, pois referem-se a repetições relativas aos registros do Simbólico e do Real, respectivamente.

Portanto, à luz da consideração lacaniana que acabamos de trazer, podemos considerar o trauma como um ponto do Real, o qual produz uma repetição e força elaborações simbólicas. Contudo, as repetições resultantes não são meras reproduções, pois podem incluir alguma novidade da ordem do acaso – como os chistes, atos falhos, lapsos e esquecimentos.

A respeito das relações entre trauma e narração, que dizem respeito ao tema de nossa investigação, o trabalho de Silva-Júnior e Gaspard (2015) é particularmente interessante. Associando os modelos de aparelho psíquico implicados nas noções de trauma em diferentes momentos da obra de Freud e depois na de Lacan, os autores apontam que um ponto em comum é o de que, desde os primórdios da psicanálise, os modos como o sujeito toma a palavra para enunciar sua história ajudam-no a se confrontar com o campo das impossibilidades simbólicas relativas ao evento traumático.

O texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920) representaria uma mudança de perspectiva, pois considerá-lo equivale a supor o trauma como um núcleo de ausência de sentido que expõe toda narração a um fracasso estrutural. Portanto, os traumas se dão a ver nas falhas narrativas, sejam elas da ordem do recalcado ou daquilo que aponta para os limites da linguagem. Por essa via, o trauma é um “produto da narração”, quando o narrar articula o campo do simbólico àquilo que o excede – ou seja, o pulsional (SILVA-JUNIOR; GASPARD, 2015, p. 29).

## 4.2 A constituição subjetiva

No presente item, abordaremos a constituição do sujeito pela via das duas operações lógicas que o fazem surgir no campo do Outro<sup>46</sup>: a alienação e a separação. Essa díade nos servirá à apresentação do sujeito como efeito de linguagem, em consonância com os fins da

---

<sup>46</sup> O conceito de Outro tem várias faces, podendo referir-se ao Outro como linguagem (conjunto de significantes), como demanda, como desejo ou como gozo. Trata-se de facetas que, no entanto, estão articuladas.

presente pesquisa<sup>47</sup>. Em seguida, passaremos ao campo dos objetos da pulsão, seguindo a indicação de que a dialética do sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, só pode ser construída por meio do reconhecimento da pulsão, e do objeto *a*, em suas distintas vertentes – seio, fezes, falo, olhar e voz, sendo esta último o nosso foco de interesse (LACAN, 1964).

A importância do traumático, na acepção apresentada na seção anterior, ajuda-nos a fazer uma primeira distinção importante, relativa às diferenças entre constituição subjetiva e a compreensão de desenvolvimento infantil (PIAGET, 1970). Enquanto a noção de desenvolvimento pressupõe estágios supostamente atrelados ao amadurecimento biológico de um organismo, a constituição refere-se a perdas e a encontros vividos por um corpo que, “traumatizado” pelo encontro com a palavra, nunca se acomoda plenamente ao sexual.

Portanto, a constituição subjetiva está atrelada ao encontro do humano com a sexualidade. Esse encontro, movido por uma pulsão nunca plenamente satisfeita, gera uma angústia que, ao se presentificar no encontro com aspectos não simbolizáveis – o chamado Real lacaniano, organiza, de modo dialético, aquilo que se convencionou chamar de estágios.

Ao entendermos o trauma como aquilo que abre um buraco no simbólico por não se fazer representar, pode-se dizer que todo acontecimento traumático remonta ao trauma original da instauração do sujeito no campo do Outro, pela via de uma falta, relativa ao sexual, conforme apontado anteriormente.

Em termos gerais, a alienação à linguagem pode ser pressentida quando um outro discurso se insinua em nossa fala, causando surpresa ou estranhamento, por romper a intencionalidade pretendida. Uma tal estranheza decorre do fato de as palavras nos precederem, assim como a nossos pais e às outras gerações antes deles, constituindo esse Outro da linguagem, que é um dos campos pelo qual se faz a entrada no inconsciente:

O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer (LACAN, 1964, p. 200).

---

<sup>47</sup> Em psicanálise, pode-se postular três formas de subjetivação: a formação do eu, a constituição do sujeito e a construção do fantasma. Trata-se de distintas lógicas, temporalidades e relações ao objeto, embora exista a impressão de uma paridade entre elas. Para uma leitura a respeito dos percursos de subjetivação mencionados, sugerimos o artigo: DUNKER, Christian Ingo Lenz; CHATELARD, Daniela Scheinkman; MAESSO, Márcia Cristina. Formação do Eu, constituição do sujeito e construção da fantasia. **Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea** 3, p. 30, 2017. Na etapa final de seu ensino, Lacan (1975-1976) formalizou um quarto modelo, tentando dar conta das formas como três registros - o simbólico, o imaginário e o real – podem se enlaçar para alguém, de modo a constituir uma realidade psíquica.

Embora seja um campo formado por significantes, ou seja, por palavras disjuntas de seus significados, é curioso que Lacan o predique com o adjetivo “vivo”. Entende-se melhor tal ideia ao se levar em conta que a adesão ao campo do Outro é um chamado à subjetividade, por meio do qual a pulsão – que é sempre sexual - irá se manifestar. O que está em jogo, então, “é compreender como o sujeito insubstancial da fala está ligado à única substância em jogo na psicanálise, isto é, àquilo que Lacan chama de gozo” (SOLER, 1997, p. 57).

É por meio dos ditos a respeito de uma criança que se estabelece um lugar para ela, no universo linguístico dos pais. Esse lugar, por sua vez, opera como um lastro para que as manifestações pulsionais da criança, dadas a ver inicialmente por gritos, choros e balbucios, possam ser tomadas como tendo um endereçamento, ou seja, como passíveis de interpretação.

Entretanto, se por um lado as palavras permitem a socialização, por outro, elas criam uma distância em relação aos anseios originais da criança. Afinal, são os cuidadores que oferecem recursos linguísticos a ela, ao mesmo tempo que a “traduzem”. Portanto, é apenas após uma resposta dada às manifestações sutis da criança (alimentos, afago ou cobertor, por exemplo), que, de modo retroativo, o gesto dela ganha significado.

Entremos agora, de modo mais detalhado, nos processos de alienação e separação, em termos do desejo do Outro e do objeto. Essa discussão é recolhida principalmente do Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Livro 11, de Lacan (1964) e de alguns de seus comentadores. Laurent (1997) destaca que, nesse momento teórico, trata-se de ampliar as definições do inconsciente com base nas influências linguísticas, associando os mecanismos de condensação e deslocamento à metáfora e à metonímia, passando a deter-se no que não pode ser metaforizado.

Assim, as operações da alienação e separação sublinham a articulação entre as dimensões do corpo e da linguagem, presentificada pelo encontro do sujeito com duas faltas, as quais se recobrem.

A primeira falta diz respeito ao fato de a reprodução humana ser sexuada, definindo a mortalidade da dimensão individual. O ser falante, ao reproduzir-se, é levado a perder algo de si próprio, pois há doação de parte de sua substância viva (na esfera biológica, o sêmen, mas também algo da pulsão). Entretanto, ao invés de gerar uma série homogênea, essa doação resulta em morte da parte doada, assim como o surgimento de uma diferença. Trata-se, nesse caso, de uma falta real, visto que o ser falante, “por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual” (LACAN, 1964, p. 201).

O novo ser gerado precisará recorrer às palavras já existentes para se dizer, efetuando sua diferença a partir daquilo que é dado, mas também de atributos que o diferenciem. Assim, o fato que diz respeito à mortalidade do humano é encoberto por um impulso à fala. Se insistimos em falar, essa insistência decorre dessa segunda falta: a insuficiência da linguagem, tanto para nomear os incômodos e prazeres que sentimos de modo difuso quanto para definir a diferença sexual que é dada a ver nos corpos.

Embora, no caso das crianças, tal insuficiência pareça estar atrelada ao pouco manejo com as palavras, essa falta é estrutural, atingindo a todos os seres falantes. Trata-se do fato de não haver, no inconsciente, um registro passível de definir o “ser homem” do “ser mulher”.

Há, pois, uma dependência ao Outro no que tange à localização de si como ser sexuado, visto ser a partir desse campo que o ser se subjetiva, de um lado (homem) ou outro (mulher) da divisão dos sexos<sup>48</sup>. Assim, o sujeito busca valer-se de significantes da cultura para contornar essa falta, identificando-se a eles para assumir um “modo de ser” no mundo. As duas faltas mencionadas compõem a relação do sujeito ao Outro, marcada pelo pulsional.

O sujeito constitui-se no campo do Outro por um processo lógico, circular e dissimétrico, cujo primeiro tempo é a Alienação:

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito (LACAN, 1964, p. 203).

Assim, a alienação é uma operação de instauração da ordem simbólica, pela qual se funda um sujeito, no campo do Outro. Trata-se do consentimento de assujeitar-se às palavras, reconhecendo-se nas nomeações dada pela cultura e por aqueles que a encarnam de modo mais particularizado, por meio de uma escolha que pode ser entendida como “forçada”, pois não se trata de um reconhecimento ativo. No entanto, é preciso considerar algum nível de escolha, a qual permanece insondável ao sujeito.

Com vistas a elucidar o que está em jogo nessa escolha, Lacan (1964) recorre aos operadores de disjunção lógica, fazendo equivaler a alienação a um *vel* (ou, em latim). Classicamente, a disjunção divide-se em inclusiva e exclusiva. A proposta de Lacan, contudo, é a de indicar um novo *vel* implicado na constituição do sujeito, no qual essa partícula de linguagem é suportada pela forma lógica chamada da “reunião”.

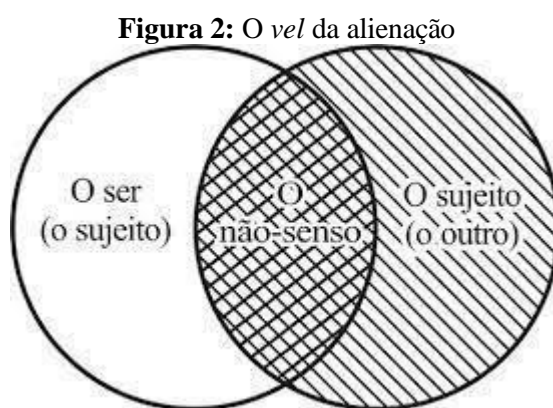
---

<sup>48</sup> O lado homem ou mulher não se referem às identificações de gênero, mas a modos de gozo. No capítulo seis da presente tese, abordaremos de modo mais aprofundado esta questão.



Na teoria dos conjuntos, a operação “reunião” é utilizada para unir dois conjuntos de modo distinto de uma adição. Se nessa última trata-se de somar elementos, na reunião visa-se a uni-los de modo que os elementos distintivos não se comunicam e os elementos em comum aos dois não se duplicam.

Conforme explica Lacan (1964, p. 206), “há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha, há por consequência um *nem um, nem outro*”. É o que podemos ver com maior acuidade por meio da representação gráfica a seguir:



Fonte: (LACAN, 1964)

Ao escolher o ser (ôntico), anterior à linguagem (representado pela parte esquerda do círculo da figura), o sujeito desaparece, caindo no “não senso”, na falta de sentido. Se, por outro lado, escolhe o sentido, formado no campo do outro (lado direito da figura), esse sentido só persiste na condição de eclipsar o ser. A alienação funda-se, então, pela reunião daquilo que pertence aos dois conjuntos, mas que, agora, só se conta uma vez: o não senso. No campo da linguagem, o não senso se faz presente pela disjunção do significante em relação àquilo que supostamente seria seu referente. Já no nível do ser, expressa-se por não haver nenhum significante que o defina nessa dimensão.

Para ilustrar semelhante escolha, Lacan recorre à expressão “a bolsa ou a vida”. Nesse exemplo, está demonstrada a exigência de se escolher entre uma coisa ou outra, havendo perda em qualquer um dos casos. Ao escolher a bolsa, perde-se as duas; ao escolher a vida, tem-se uma vida decepada da bolsa. Esse seria o tipo de escolha requerido para se entrar no campo da linguagem: uma escolha em que, necessariamente, há subtrações.

Assim, a alienação oferece um lugar ao sujeito, uma possibilidade de existência na ordem simbólica. Todavia, trata-se de um lugar que permanece vazio, pois o significante eclipsa o ser. Essa *afânise* decorre do fato de que, na estrutura simbólica, algo só pode estar faltando se houver a marca dessa ausência. Em outras palavras, o que há é a presença de uma ausência.

A segunda operação lógica de causação do sujeito é fruto de uma torção ou de um retorno. A separação equivale ao produto dos dois conjuntos: o que falta ao Outro também falta ao sujeito. Decorre, então, da suposição lógica de haver uma falta no Outro. Conforme afirma Soler (1997, p. 65): "a separação supõe uma vontade de sair, uma vontade de saber o que se é para além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo inscrito no Outro".

Dizendo em outros termos, a separação ocorre quando há um confronto do sujeito alienado com o Outro, tomado como desejo. Ou seja, quando se começa a sondar e a lidar com o desejo do Outro. Se tomamos a mãe como primeira encarnação desse Outro, trata-se do momento em que a criança começa a desconfiar de que a mãe também está referida a outra instância, pois como sujeito desejante, ocupa-se de outros interesses que não apenas a criança. Trata-se de uma percepção decorrente das descontinuidades produzidas pela mãe, por meio dos intervalos de sua presença e também de seu discurso, os quais apontam para o que está além dela.

A separação origina o ser, mas trata-se de um ser evanescente. Conforme afirma Fink (1998):

A separação implica uma situação na qual tanto o sujeito quanto o Outro estão excluídos. O ser do sujeito deve então vir, de certa forma, de "fora", de alguma coisa outra que não o sujeito e o Outro, algo que não é exatamente nem um nem outro (FINK, 1998, p. 76).

O elemento que vem de fora é o objeto, que irá se situar, na figura 2 ora apresentada, no "campo do não senso", daquilo que ficou fora da simbolização. É o objeto *a* que efetua a separação entre os campos do sujeito e do Outro, pois emerge de um corte na suposta unidade mãe-criança, provocado pelas lacunas que o desejo cria entre elas. Essa ruptura produz um resto, encarnado no objeto *a*.

Na lógica dos conjuntos, trata-se do elemento faltante aos campos do sujeito e do Outro. A impossibilidade de tudo dizer é o que dá notícias dessa falta conjugada (LACAN, 1964). Ao se instalar em uma primeira cadeia significativa (S1-S2), o significante-mestre (S1) é determinado retroativamente, surgindo o sujeito dividido, enquanto o desejo do Outro passa a

funcionar como objeto a. Deste modo, a escolha pelo sentido (linguagem), implica um deslizamento pelos significantes, e a incidência de uma parcela de não senso.

Assim, na Oficina de escrita para imigrantes haitianos, as operações de alienação e separação compareceram em cada tentativa feita pelos participantes de dizerem algo a respeito de suas histórias de vida, pois, ao serem chamados a se constituírem novamente por meio das palavras, foram levados a alienar-se a discursos existentes, tanto na cultura de origem quanto na cultura brasileira, na qual buscam uma inserção.

Empreenderam, ainda, movimentos de separação, ao se depararem com elementos que ainda não tinham sido significados ou aos quais foram apresentados de modo a lhes produzir questionamentos. Conforme veremos na seção seguinte, para servir a uma convocação à fala, é preciso que um sujeito se depare com a vertente negatizada do objeto; ou seja, que possa se encontrar com um Outro que produza intervalos por meio dos quais o sujeito possa advir. Em outras palavras, trata-se de abrir a possibilidade a novas significações.

Podemos mencionar, como tentativas feitas ao longo da Oficina que visavam a essa direção de modo mais direto, os encontros nos quais os participantes foram convidados a questionarem acerca de temas que os faziam silenciar, como é o caso do papel da mulher na cultura (encontro treze) ou, ainda, a respeito das visões pejorativas em torno do que representa “ser um imigrante” nos países que os recebem (encontro 19).

### **4.3 O campo do irrepresentável: os objetos**

Como acabamos de ver, o sujeito se define na cadeia significante, mas também pelas pulsões, ou seja, por seu gozo em relação ao Outro. Em outras palavras, a alienação encobre o fato de não haver satisfação completa para o sexual, pois no humano essa dimensão não se decide por um roteiro, como no caso do instinto animal. Se o gozo, em sua totalidade, não existe, o que temos são satisfações parciais, norteadas pelo elemento resultante das operações alienação-separação: o objeto.

Com Lacan (1956-1957), compreendemos que a busca por quaisquer objetos, em uma vida, carrega a marca do objeto perdido, da repetição e da impossibilidade de uma satisfação completa. O autor retoma, do texto freudiano, o caráter faltoso do encontro com qualquer objeto, já que todo encontro se dá como uma espécie de reencontro com o objeto primordial remetendo-se à Coisa ou *Das Ding* (FREUD, 1895) ligado a uma mítica satisfação primordial.

Portanto, o objeto primeiro é perdido e sua busca estará sempre sujeita à desarmonia com sua forma original.

No *Seminário da Angústia* - Livro 10 (1962-1963), ocasião em que Lacan define o objeto *a*, sem se valer ainda das operações causais que acabamos de apresentar, essa noção é apresentada como “um irracional”, resto da divisão entre o sujeito, ainda inexistente, e o Outro, entendido como o campo no qual advirá o sujeito barrado, como efeito da linguagem: “[...] a partir do momento em que isso é sabido, em que algo chega ao saber, há alguma coisa perdida, e a maneira mais segura de abordar esse algo perdido é concebê-lo como um pedaço de corpo” (LACAN, 1962-63, p. 149).

Assim, enquanto o saber ou a ordem da linguagem é formada por imagens e palavras, o objeto dá notícias de um campo de gozo que impede o deslizamento infinito dos significantes, constituindo um “indizível”, um limite dado pelo Real – ou seja, aquilo que não é simbolizável. Essa notícia advém de partes do corpo que, tendo sido investidas libidinalmente, ligam-se à demanda ou ao desejo do/no Outro.

O investimento constitutivo do sujeito é, em um primeiro momento, especular, fornecendo uma veste narcísica à criança. Por volta do sexto ao décimo oitavo mês, a criança vive um “momento jubilatório”, chamado de *estádio de espelho* (LACAN, 1949; 1966/1998). Em termos práticos, é o momento em que a criança, ao olhar-se no espelho e no olhar daqueles que dela se ocupam, pressente a antecipação de uma imagem de totalidade, onde antes só havia a vivência de um corpo despedaçado. Nessa antecipação, forma-se o “Eu”, forjado por imagem (olhar) e palavra (voz) de um Outro.

De modo mais palpável, é o momento em que a criança se olha no espelho e busca a confirmação do que ela supostamente é para si e no olhar da mãe. Recebe dela, no melhor dos casos, uma confirmação, que pode se assemelhar às frases comumente ouvidas pelas crianças: *olha que menina/menino mais linda/lindo eu vejo aí!*

Porém, como o *estádio de espelho* busca figurar, o sujeito tem pouco acesso ao que efetivamente passa em seu corpo. Ele o imagina, diz Lacan, “como uma luva que pode ser virada do avesso” (LACAN, 1966/1998, p. 682)<sup>49</sup>. Ocorre, todavia, que há partes não assimiladas pelas palavras e imagens que participam desse momento antecipatório. Através da imagem, o sujeito mira a completude na presença do Outro, vê-se aí implicado. Porém, não tem

---

<sup>49</sup> Com vistas à abordagem do campo dos objetos, Lacan apoia-se na ideia hegeliana de que a linguagem é trabalho, pelo qual o sujeito tenta fazer passar seu interior para o exterior.

como perceber o que perde ali - seu resto, ou melhor dizendo, o que ficou fora dos contornos dados pela palavra.

É aí que se aloca o objeto, a apontar que “alguma coisa aí não se revira, na medida em que cada etapa sobra um resíduo, que não é passível de inversão nem tampouco de significação no registro articulado” (LACAN, 1962-1963, p. 78). A esse resíduo, Lacan nomeia de “objeto *a*”, elemento que denota um lugar vazio no ser, marca da falta do Outro e de sua própria falta. Mas, também é o objeto que virá para tamponar esse vazio em certos momentos, gerando angústia.

Essa ideia de um “resto”, conforme esclarece Laurent (1997, p. 41):

[...] vem nos lembrar do fato que não estamos representados, de que existe um limite, de que existem apenas representações parciais. Isso vai lembrar o sujeito do gozo que experimentou através de suas demandas orais e anais, e daquilo que tentou obter da mãe - seu olhar ou sua voz - que não está diretamente ligado à necessidade.

Trata-se de objetos que surgem em um ponto exterior e foram estabelecidos “antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular em *x* (eu), forma essa que introduz para ele a distinção entre o eu e o não-eu.” (LACAN, 1962-1963, p. 116). Também são anteriores à constituição dos objetos comuns, remetendo àquilo que é do registro de uma transicionalidade (WINNICOTT, 1975). O protótipo dessa categoria de objetos é a chupeta ou a “naninha” utilizada por algumas crianças – um pedaço de pano, pelúcia, ou qualquer outra coisa que funcione na fronteira entre o corpo próprio e o da mãe, sendo experienciado como um objeto intermediário entre o mundo interno e o externo, capaz de amenizar em situações de emergência da angústia de separação.

Pela dificuldade com que se tem para representar o campo irrepresentável dos objetos, Lacan se valeu da letra *a*, de modo a marcar as suas diferentes incidências, pois trata-se de algo que pode operar como semblante, como objeto mais-de-gozar ou como objeto causa de desejo.

É com o objeto *a* que lidamos, segundo o autor, quando se trata de desejo ou de angústia. Como explica Miller (2013), por se referir ao sujeito do significante, o objeto *a* precisa perder sua substancialidade para manter uma relação com a perda de que adveio; ou seja, com a castração decorrente da separação do Outro. Portanto, o objeto *a* é uma função lógica que encarna aquilo que cai do corpo, sob a forma de objetos, para que o sujeito continue a ser efeito de linguagem.

A angústia é o afeto capaz de traduzi-lo subjetivamente, pois quando nos angustiamos, obtemos um sinal de que estamos mantendo certa relação com esse campo relativo aos objetos irrepresentáveis: aquilo que deveria permanecer velado vem à luz, causando estranheza. Segundo apresenta-nos o autor, são cinco as formas do objeto *a*: seio (oral), fezes (anal), falo (fálico), olhar (escópico) e voz (vocal) – os três primeiros tendo sido tratados por Freud, e os últimos dois, sendo invenções lacanianas (LACAN, 1962-1963).

O objeto voz e o objeto olhar têm destaque, por não se referirem a algum estágio específico do desenvolvimento, ao contrário do que ocorre com o seio, no qual o lactente “se desmama”, segundo Lacan, e as fezes, que entram em jogo à época da regulação do controle dos esfíncteres da criança. Desse modo, demonstram e ampliam a importância do objeto nas trocas humanas.

Ademais, olhar e voz relacionam-se, mais diretamente, à questão do desejo. Mas, se no caso do olhar, a característica de engodo da imagem mascara a dimensão do desejo, no que tange à voz, Lacan (1962-1963) afirma ser a faceta do objeto reveladora do “nó” que liga o desejo à angústia.

No *Seminário 11* (LACAN, 1964/1996), o fato de a pulsão freudiana, *trieb* (FREUD, 1915) ser desdobrada em seus quatro elementos (fonte, alvo, objeto e pressão) permite sublinhar a disjunção entre eles e o caráter parcial da pulsão, envolvendo um movimento de apelo, de mover-se em direção a uma busca que se responde no Outro. Lacan (1964/1996, p. 175) conclui que o alvo da pulsão é, então, seu próprio retorno, em circuito. “O que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura”.

A existência da pulsão integraria uma dialética do arco, desenhando um vaivém estruturante dela mesma. O objeto *a* é, então:

[...] aquilo sobre o qual a pulsão se refecha – este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, a minúsculo (LACAN, 1964/1996, p. 176).

O que interfere na pulsão não é algum processo orgânico ou maturacional, mas sim a intervenção da demanda do Outro, a qual impele a um movimento de *se fazer*, no campo desse Outro. A atividade pulsional contorna cada um dos objetos, perfazendo, no caso do seio, um *se fazer sugar*; do falo, *se fazer completar*; das fezes, *se fazer expelir*, do olhar, *se fazer ver*. No que tange à voz, o circuito implica, portanto, um *se fazer ouvir*.

Se os objetos nos importam é por carregarem o irrepresentável do objeto *a*, pelo qual “se amarra a presença do vivo” no inconsciente (LACAN, 1964/1996, p. 195). Já o interesse pela voz e pela pulsão invocante advém do papel que ambos têm na emergência do sujeito, pela estreita ligação que mantém com o significante e a fala.

É por uma invocação do Outro que advimos na linguagem, como veremos no próximo item. Das vicissitudes envolvidas nesse processo, depende, por exemplo, a possibilidade de que possamos ouvir e dizer, fazendo-se ouvir.

#### 4.4 O Objeto voz

De modo a introduzir a questão da voz como uma das facetas do objeto *a*, Lacan vale-se (1962-1963), nesse momento de seu ensino, da descrição de um instrumento ritualístico da tradição judaica, conhecido como *shofar*. Semelhante a um corno ou berrante, trata-se de um instrumento de sopro, feito do chifre de um animal, o qual demonstraria o potencial da voz de ser “separável”, fazendo confundir quem seria o agente da emissão sonora.

Se chamamos a atenção para essa analogia é por nos parecer propícia à introdução do circuito relativo ao objeto voz, a partir do qual o sujeito se aliena ao campo da linguagem, pelo fato de o *shofar* demonstrar que “um laço primitivo é selado pelo objeto vocal” (VIVÈS, 2020b, p. 90).

Porém, importa frisar que, nessa perspectiva, a voz não é a fala propriamente dita, nem a articulação significativa ou a significação, situando-se mais como um vazio resultante daquilo que se escuta, o impossível de ser dito, mas que comporta uma espécie de moldura, enquadre a partir do qual um dizer pode emergir.

A voz, cujo circuito pulsional envolve ouvido e aparelho fonatório, foi considerada por Lacan (1964) a experiência mais próxima do inconsciente. Pode, por vezes, apresentar-se como invasiva, como ocorre nas psicoses. Nesse campo, a voz confirma seu caráter de imaterialidade, pois as vozes delirantes não precisam vir de fora para serem percebidas como reais (LACAN, 1955-1956). Assim, a importância da voz não se dá apenas no plano da sonoridade.

A exemplo do que Lacan (1964) faz quando propõe separar a função do olho da função do olhar, Miller (2013) propõe separar a orelha e a voz, pois o objeto voz não é o mesmo que o registro sonoro. Conforme o autor explica:

A voz é tudo aquilo que, do significante, não concorre para o efeito de significação. O que, então, comporta o ponto de vista estrutural é que a

intenção de significação só se realiza se encontrar, no vetor do significante, o que constitui sua estrutura tanto como léxico quanto como sintaxe. Inscrever a voz aqui a instala, de saída, em uma posição de resto (MILLER, 2013, p. 7).

Baseando-se em passagens bíblicas, Lacan (1962-1963) sustenta que o *shofar* é tocado “todas as vezes que se trata de renovar a aliança com Deus em algum novo conflito, seja ele periódico ou histórico”, rememorando o pacto com Deus, não por meio da articulação de mandamentos, mas pelo som. O fato de que outros instrumentos, em outras culturas, ocupam esse mesmo lugar de produção de sonoridades rítmicas, demonstraria o que ele comporta: “função particularíssima, **precipitante e de ligação**” (LACAN, 1962-1963, p. 273-274; grifo nossos).

Nas religiões católicas e protestante, historicamente, há proibições e retomadas quanto à inserção ao elemento musical nos ritos. Essa vacilação quanto à vocalidade – sua importância e seus riscos, como veremos adiante – só confirmaria o papel desse aspecto para a transmissão de uma lei (VIVÈS, 2020a).

Em uma consulta ao dicionário, vemos que o verbo precipitar tem, como algumas de suas significações, ao menos duas que interessam particularmente àquilo sobre o qual queremos tratar; por este motivo, reproduzimos a seguir: a) levar a ocorrer antes do previsto; apressar, antecipar e b) com referência ao campo da química, separar-se (substâncias) de uma solução (HOUAISS, 2015).

O objeto voz, como resto da separação do Outro, atesta a possibilidade de que o sujeito tenha designado um lugar para si na cadeia significante, seja ela sonora, escrita, visual, entre outras (MILLER, 2013). Para que isso ocorra, é preciso dizer sim e não a uma convocação do Outro, aceitando deixar-se convocar pelo vazio que toda pulsão conforma.

Esse movimento é dado pela pulsão invocante, cuja característica particular é a de implicar uma reflexividade espontânea. Afinal, quem fala não deixa de se ouvir, o que faz com que “os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar” (LACAN, 1964, p. 190).

Trata-se, então, de uma pulsão que se coloca como relevante desde os primórdios da vida, mas que não se destaca apenas, como já apontado, a determinados períodos-chave do desenvolvimento.

A psicanalista franco-brasileira Marie-Christine Laznik demonstra em suas investigações, no contexto de sua clínica com bebês com entraves para a constituição psíquica, que a satisfação da pulsão oral, na criança, já está imbricada com o registro da voz, seguindo a



indicação lacaniana de que “essa boca que se abre no registro da pulsão - não é pelo alimento que ela se satisfaz” (LACAN, 1964, p. 165). É no nó entre a pulsão escópica (relativa ao olhar) e a pulsão invocante que o humano poderá advir, como ser falante.

Ampliando a concepção clássica freudiana do papel de apoio das experiências de satisfação das necessidades vitais do organismo para o funcionamento psíquico e pulsional, na qual a pulsão oral é central, Laznik (2000) relembra que diversos clínicos após Freud passaram a supor, por meio do atendimento a pacientes psicóticos, haver já no bebê um polo alucinatório de satisfação do desejo, ligado à voz materna.

No *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), Freud teria demonstrado que, para se apaziguar, o bebê recorre às inscrições mnêmicas da figura de um responsável pelos cuidados maternos, – um “próximo assegurador”, Outro primordial ou *Nebenmensch* - ligadas a uma experiência alucinatória de satisfação. Tais traços seriam, principalmente, visuais. Com base em sua clínica e em estudos de psicolinguistas, Laznik (2000) supõe haver a concomitância de traços de memória visuais e acústicos. Esses últimos estariam ligados às primeiras prosódias das palavras dirigidas pelos adultos, geralmente os pais, aos bebês.

O modo como a autora situa a voz como primeiro objeto da pulsão oral baseia-se na pesquisa de Anne Ferdinald e Thomas Simon (1984), a respeito de interações verbais entre mães e recém-nascidos (de um a três dias de vida). Buscando o efeito dessas interações no apetite dos bebês, os autores encontram padrões determinados, como escansão e outras características específicas de gramática e pontuação que resultavam em uma prosódia especial, batizada por eles por *motherease* ou *manhês*. Na presença desses elementos prosódicos, os bebês começavam a sugar intensamente uma chupeta, mesmo que se tratasse de uma gravação.

Tais picos prosódicos são encontrados nas interações entre adultos apenas raramente, em situações nas quais se conjugam surpresa e prazer. Para Laznik (2000), a leitura psicanalítica desses dados é a de que “desde o nascimento, e antes de qualquer experiência de satisfação alimentar, o recém-nascido tem uma apetência extraordinária para o gozo que a visão de sua presença desencadeia no Outro materno” (LAZNIK, 2000, p. 90), pois a prosódia seria um indício de sua posição de ser objeto causa de um gozo (misto de surpresa e alegria) desse Outro primordial, refletido em seu rosto.

Podemos dizer que a prosódia, enfatizada nos estudos de Laznik, é da ordem da música, ou de *alíngua* (LACAN, 1975), entendida como os sons que se atrelam ao corpo da criança, de um modo ainda contingente e não compartilhado. Sendo esquecidos, irrompem em “restos” de linguagem não simbolizados; sendo assim, fonte dos equívocos por onde se insinua o desejo do

sujeito. Por meio de *alíngua*, invoca-se alguém a ingressar na dinâmica pulsional, a qual envolve passividade e atividade; olhar e voz.

Atividades lúdicas ou poéticas facilitariam esse processo. Conforme pretendemos dar a ver, devido à importância da pulsão invocante para o advento do sujeito, há uma afinidade entre inconsciente e música (DIDIER-WEILL, 1999). A musicalidade presente na linguagem e a possibilidade que ela permite de fazer trocadilhos, brincadeiras ou propiciar a fruição de seus sons, produzem efeitos de amor ou transferência. Ao se inspirar por aquilo que ouve, religando-se a um Outro, o sujeito tem chances de se deslocar da posição silenciada a qual ocupava anteriormente.

Nos próximos dois capítulos, descreveremos três modos distintos de silenciamento dos participantes, aos quais a proposta da Oficina de escrita de história de vida para imigrantes buscou fazer face. Assim, agrupados sob a rubrica *Silenciamentos*, os capítulos que se seguem são guiados por um mesmo questionamento: levando em conta a existência da dinâmica dos objetos pulsionais, como discernir os impedimentos envolvidos no ato de tomar a palavra, por parte sujeito imigrante haitiano? Para respondê-la, passemos à análise das manifestações indiciadoras de obstáculos à tomada da palavra.

Três foram as formas como o silenciamento se inscreveu, a partir do vivido da pesquisa-intervenção: a) Anunciando-se, por meio de uma repetição significativa, o fato de não se conseguir dizer algo acerca da própria história; b) Fazendo calar, no outro (parceiro da fala em seu registro imaginário), os supostos desvios linguísticos envolvidos no risco de (se) dizer; e c) Calando-se, apenas. A nosso ver, as três facetas do silêncio apontam a proximidade de um núcleo traumático da/na língua.

## **PARTE B**

### ***SILENCIAMENTOS***

## **5. DEIXA PASSAR...**

### **(A)GUARDANDO A VOZ DO OUTRO?**

*Deixa passar o que aconteceu no Haiti...*  
*Deixa passar aquele tempo...*  
*Deixa passar.*

Fragmentos do diário de bordo da pesquisadora

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.

[...] Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

Machado de Assis, no conto *O Espelho* – Esboço de uma nova teoria da alma humana.

Tomamos, como fio condutor do presente capítulo, o sintagma *Deixa passar*, proferido de modo recorrente na Oficina de escrita de histórias de vida para imigrantes haitianos. A expressão pareceu-nos apontar, pela via da repetição simbólica – *autômaton* –, para uma suspensão temporal relativa à ordem do traumático, indiciando a proximidade de um núcleo irrepresentável a desvelar um sujeito em vias de ocorrer (5.1). Quando utilizamos a expressão “em vias de”, nossa hipótese é a de que o sujeito permanece em instância por ainda não poder assumir o risco de subverter o “mortífero” implícito àquilo que não passa.

A apresentação, feita no capítulo anterior, das operações constitutivas ao sujeito nos servirá à direção de especificar a posição implicada nas repetições do sintagma *Deixa passar*: uma espécie de impossibilidade de tornar a se engendrar no campo do Outro, alienando-se e separando-se dele, pela fala.

Os impasses da alienação/separação ao Outro da nova cultura passariam por uma proximidade ante a dimensão excessiva da voz. Tratar-se-ia da “voz do Outro” (MILLER, 2013), por referir-se às situações em que a voz aparece em sua dimensão de objeto positivado. Sublinhamos que com o uso da expressão, a qual comparece no título do presente capítulo, não pretendemos dar consistência ao Outro, mas cernirmos as situações nas quais há a emergência de fragmentos de voz que, na impossibilidade de serem significados, são atribuídos ao Outro.

Não é difícil imaginar que as perdas de referências simbólicas e a exposição ao sem-sentido da língua estrangeira, situações vividas por imigrantes, acentuem a possibilidade de que o objeto voz se positive. Uma das perdas é a de um lugar de importância para o Outro (5.2), o que coloca os imigrantes à espera da recomposição de um *lugar* de reconhecimento.

Entregar-se às tentativas de falar pode ser difícil; além disso, é preciso suportar um tempo no qual, à semelhança do *infans*, menos se fala e mais se “é falado”. Entendemos essas situações como propícias para fazer aparecer a voz em sua dimensão de objeto, pois é:

Na medida em que um pedaço de cadeia significante, quebrado por aquilo que por enquanto chamamos de carga libidinal, não pode ser assumido pelo sujeito, ele passa para o real e é atribuído ao Outro. **A voz aparece em sua dimensão de objeto quando é a voz do Outro.** (MILLER, 2013, p. 11; grifos nossos).

Retomando tais desenvolvimentos, Vivès (2020) articula voz e melancolia, referindo-se a um “estado melancólico”, no qual, diante de uma impossibilidade temporária de realizar o luto do que se perdeu, os investimentos do sujeito encontram-se obstaculizados. Alinhamo-nos às inferências do autor para supormos que o sujeito imigrante haitiano “guarda” a dimensão da voz do Outro, na perspectiva acima explicitada, ao mesmo tempo em que “aguarda” novamente uma espécie de chamamento, relativo à dimensão invocante da língua, para que possa advir como sujeito (5.3).

Nessa direção, as atividades linguísticas da Oficina de escrita de histórias de vida objetivavam oferecer escuta e significantes que produzissem interrogações ou alguma suposição de saber (5.4).

## **5.1 Silenciamento e temporalidades migrantes: as contingências e o traumático da travessia**

Pati pas di ou rivé pou ça

(Só porque você partiu, não quer dizer que tenha chegado)

Ditado popular haitiano, mencionado por Dany Laferrière, em *País sem chapéu*

Com base em nossa consideração de que as migrações envolvem uma travessia psíquica, podemos nos questionar com relação a quanto elas fazem avançar ou arrastar o momento da passagem de um ponto a outro. Mesmo que se cumpra no tempo planejado, o deslocamento

territorial pode não garantir a inscrição da temporalidade na nova vida. A depender das contingências, do modo como se deixa um país e se é acolhido no outro, a organização da nova vida pode demorar, acentuando os desafios para a instauração de uma nova posição subjetiva no país para onde se imigrou.

Ao longo dos encontros da Oficina de escrita, uma expressão se fazia ouvir de modo insistente entre os participantes: *Deixa passar...*, diziam-nos. Quando convidados a falar ou escrever, lançavam mão dela, como se tentassem afastar a possível quebra de um silêncio, quase petrificado.

Dos que se arriscavam a articular um pouco mais a própria dor, ouvíamos algo como: “*Deixa passar aquele tempo...*”, “*Deixa passar o que aconteceu no Haiti...*”. Ao nos levarmos pela escuta da expressão insistente, o que parecia se delinear era o anúncio de uma tendência ao silenciamento e ao congelamento temporal, nos quais as possibilidades de narração estão impedidas.

Assim, o sintagma poderia ser entendido como estando atrelado àquilo que não cessa de não se escrever (LACAN, 1972-1973), guiando-nos, ainda, a outros elementos significantes como, por exemplo, a seguinte frase, proferida por uma professora da escola: *Eles estão fora*. Sentença intrigante, se considerarmos a visível importância que os alunos davam à acolhida do CIEJA e os esforços de seus profissionais para incluí-los. A frase referia-se, principalmente, ao hábito dos haitianos de circular pelos corredores da escola, aos frequentes atrasos e às ausências nas aulas, por parte desse grupo de alunos.

O vai-e-vem dos haitianos, por vezes sem explicações ou aparente regra, fazia com que o corpo de professores, em busca de uma lógica, chegasse ao veredito: *Eles estão fora*. Parecia se tratar de uma tentativa de cernir uma forma de participação peculiar que subvertia as normas da escola, por ser regida por uma temporalidade distinta dos horários por ela estabelecidos. Embora recebido pelos professores com condescendência, talvez o descompasso temporal causasse incômodos, por ser tomado como um ponto de impotência da escola e por impedir o bom andamento das atividades.

Pensamos ser interessante lermos o *Deixa passar* de modo articulado ao *Eles estão fora*, pois se a primeira enunciação demonstra um apelo relativo à presença de algo que “não passa”, a segunda demonstra que enquanto não se dá passagem a esse elemento, torna-se difícil uma inscrição no espaço e no tempo – da escola, mas também de uma nova vida, talvez possamos supor.

Retomamos que o atravessamento de fronteiras nacionais e linguísticas institui um tempo mítico, pois o momento anterior ao atravessamento passa a funcionar como o tempo/espaço de uma origem perdida, produzindo uma nostalgia com vocação de permanência (SAYAD, 1998). Assim, a partida do local de origem geralmente é uma vivência de afetos excessivos, difíceis de serem contornados, reatualizando a ordem do traumático.

No caso da Oficina de escrita para imigrantes haitianos, aquilo que os participantes enunciavam como traumático relacionava-se a condições precárias de vida, ao terremoto que atingiu os arredores da capital Porto Príncipe em 2010, às rupturas familiares provocadas por constante movimentos migratórios, a acidentes, perdas de familiares ou a outras formas de violência.

Ouvíamos, de muitos deles, que estavam a esperar o tempo de buscar as crianças ou a esposa; o tempo do retorno ou o tempo da liberação de documentos. Em quanto tempo? Não sabiam, não podiam prever. O tema da demora para o reencontro entre familiares emigrados e os que permanecem na terra de origem aparece com frequência em relatos de escritores emigrados do Haiti.

Em *Adeus, Haiti*, a escritora Edwigde Danticat (2010) narra a partida de seu pai do Haiti para os Estados Unidos, quando ela ainda tinha dois anos. Quando completou quatro anos, foi a mãe que partiu, deixando-a, juntamente com o irmão, aos cuidados dos tios<sup>50</sup> até os onze anos de idade. Em seu livro autoficcional, a escritora conta a falta que lhe fez ouvir narrativas que amenizassem a dor da partida, que “exagerassem ou embelezassem” a lacuna existente, assegurando-lhe um lugar de valor para os pais. “O que ouvi muitas vezes foi sobre o futuro, um tempo indefinido quando meu pai buscaria minha mãe, Bob e eu” (p. 53), escreve ela.

Há, portanto, uma demora concreta que empurra os migrantes a outra temporalidade, perpetuando o tempo presente, incidindo nas possibilidades de elaboração do passado e na antecipação de um futuro. É o que também atesta o escritor haitiano radicado no Canadá, Dany Laferrière (2011), em *País sem Chapéu*. Ao contar a respeito do modo repentino como avisou aos parentes que regressaria ao Haiti, Laferrière explica que se, por um lado, a decisão do regresso se efetivou com a “rapidez de uma flecha”, por outro, ficou “vinte anos pelo caminho” (p.17).

---

<sup>50</sup> Os tios ocupam um lugar de grande importância no sistema de parentesco haitiano. Muitos relatos surgidos na Oficina descreviam a proximidade e os laços de cuidado estabelecidos com tios, na ausência dos pais, principalmente por motivos migratórios. O título da obra clássica da antropologia haitiana, *Ainsi Parla l'Oncle*, de Jean Price-Mars (1928) faz referência a essa peculiaridade cultural.

Talvez seja possível pensarmos, na direção do que afirmam outros autores (CALLIGARIS, 1991; MELMAN, 1992), que situações de miséria incitam a migrações por colocarem o sujeito à mercê de um discurso materno no qual a operatividade simbólica do pai encontra-se prejudicada. A migração seria uma espécie de pedido de nova filiação paterna; um “pedido de um interdito paterno que, impondo limites ao gozo, fizesse dele um sujeito, o assujeitasse” (CALLIGARIS, 1991, p. 20).

Nesse contexto, insere-se a questão, levantada por Laferrière (2011), acerca dos obstáculos ao retorno ao país de origem. Em suas reflexões a respeito da colonização e posterior povoamento do Brasil por imigrantes europeus, Calligaris (1991) supõe que, excluindo-se as situações de impossibilidade financeira, as dificuldades de regressar ao país de origem apontam situações em que, tendo renunciado inicialmente a uma língua que não foi capaz de oferecer reconhecimento, o imigrante se confrontaria com o fracasso ocorrido também na língua na qual se buscou esse reconhecimento.

Considerando o caso do escritor haitiano mencionado, o qual “fez um nome”<sup>51</sup> para si, talvez tenhamos de acrescentar à reflexão de Calligaris (1991) que não apenas o fracasso do reconhecimento pela língua estrangeira pode dificultar o retorno, como também seu sucesso. Afinal, é nesse momento, *a posteriori*, que se assume o desejo pela nova filiação, então concretizada e legitimada pelos congêneres.

A esse respeito, parece-nos possível ler, em *País sem Chapéu*, uma espécie de tentativa de conciliação intercultural por parte de Laferrière. Além da obra tratar-se de um mergulho na cultura haitiana, utilizando-se de muitos elementos do crioulo, o romance termina com o escritor se automeando como “um escritor primitivo”.

De todo modo, a gama de impasses existentes quanto a um retorno ao país de origem parece colaborar para aquilo que nomeamos como uma “suspensão temporal” do imigrante. Traremos, a seguir, uma cena ocorrida na Oficina de escrita (encontro de número três) que, a nosso ver, dá a ver algo das ligações entre as contingências migratórias e a via do traumático, indiciando a existência de obstáculos à tomada da palavra. No caso em questão, supõe-se que a inserção linguística no português, como língua adicional, encontra-se, por consequência, também impedida.

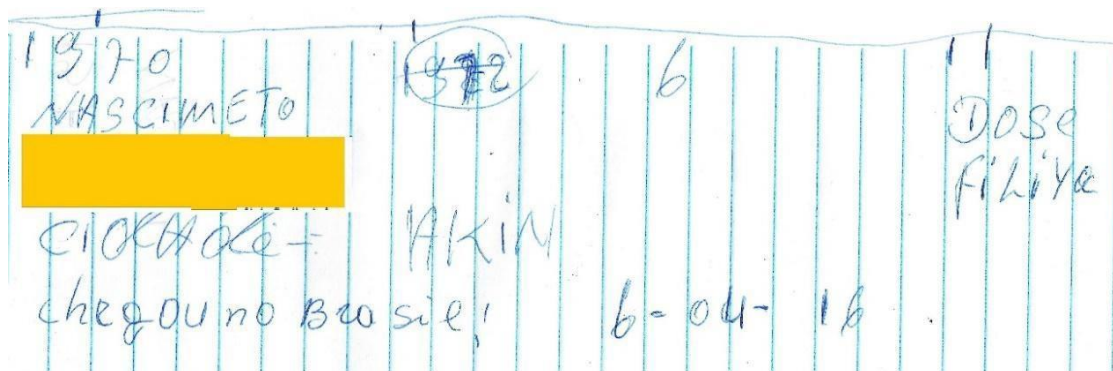
---

<sup>51</sup> Entendemos ser possível afirmar que Dany Laferrière tenha se feito um nome, pois, além de ter efetuado a mudança em seu nome de batismo – originalmente Windsor Klébert Laferrière, como seu pai, tornou-se um autor renomado. Sua obra é composta por 19 livros, entre romances, relatos autobiográficos e novelas juvenis, além de roteiros e direção cinematográfica. Recebeu diversos prêmios por suas produções, entre os quais o *Grand Prix Littéraire International Metropolis Bleu* 2010, pelo conjunto da obra.



A proposta da atividade era a confecção de uma linha do tempo da vida de cada um dos participantes (vide Apêndice A). Um deles, a quem nomeamos Ezequiel, negava-se a fazer o registro, valendo-se da repetição da frase: *Deixa passar*. Ao longo da atividade, acabou decidindo por escrever alguns dados acerca de sua história no papel, como pode ser lido na reprodução a seguir:

**Figura 3:** Linha do tempo produzida pelo participante Ezequiel



Fonte: Materiais da pesquisa

Na produção ora trazida, nota-se uma linha horizontal traçada como linha do tempo, com alguns poucos registros que podemos supor como marcações temporais. Na parte superior à esquerda, há o registro de uma data, referente ao ano de nascimento de Ezequiel. Vemos ainda seu nome, escrito abaixo (ocultado por questões de sigilo) e o registro de sua cidade natal, *Akin*. Seguindo-se a linha, encontramos uma rasura e um novo registro, agora deslocado, abaixo: 06-04-16. Possivelmente, trata-se da data de sua chegada ao Brasil, como podemos supor pela frase à esquerda: *Chegou no Brasil!*

Ao notarmos a disposição gráfica da figura, é interessante observar que a data da imigração aparece deslocada, *não integrada* à linha temporal, apesar de um número solto (6) indiciar uma intenção de escrita, não concretizada. Os dados relativos à imigração acabam, portanto, aproximando-se das informações a respeito de seu nascimento.

Com exceção da rasura, a qual não podemos conferir alguma significação a não ser o fato de parecer marcar um momento ocorrido dois anos após o seu nascimento, e da informação do momento em que se torna imigrante no Brasil, o que vemos é uma lacuna quanto a outros acontecimentos de sua vida. Não há nenhuma outra data ou menção ao vivido de sua experiência

no Haiti, por exemplo, ou mesmo no Brasil (frisamos ter havido a opção de que se utilizassem de qualquer uma de suas línguas durante a atividade).

Retornando à linha do tempo, encontramos, sem marcação temporal, a expressão *Dose filiya*. As poucas palavras do participante, que se seguiram à produção escrita, esclareceram que, por *Dose filiya*, ele pretendia dizer *duas filhas* (talvez por uma aproximação fonética). Supomos, ainda, que a marcação na linha do tempo se referisse à antecipação do momento no qual Ezequiel as conseguirá trazer ao Brasil. Depreendemos essa informação pelo fato de ele nos mostrar o celular, com as fotos das adolescentes, e, com a ajuda de gestos, contar-nos que esperava trazê-las, embora não soubesse quando isso ocorreria, por ser *muito caro*.

Na ocasião do relato, Ezequiel estava no Brasil há três anos. Contudo, quase não falava português na escola, conforme relatavam outras professoras. Nos encontros em que esteve presente na oficina, pouco falou ou escreveu, à exceção dessa conversa, conduzida com muita dificuldade. Foi, no entanto, a partir dela que pudemos compreender a posição de Ezequiel, como quem, à espera dos acontecimentos, unia ao seu jargão *Deixa passar* o gesto das mãos no ar, como se varresse os dias para passá-los mais depressa.

Por ora, a passagem de um tempo (que não passava) parecia mais importante do que a própria narrativa, pois parecia lhe incidir uma impossibilidade transitória em “passar para outra coisa” (ALLOUCH, 2007), ato metonímico implicado na fala.

Na condição de terem de dar conta das necessidades de sobrevivência, como trabalho, moradia e obtenção de direitos básicos, os migrantes podem não conseguir se envolver com o trabalho de elaboração simbólica de suas perdas, ao menos em um primeiro momento – cujo tempo de duração é sempre relativo e subjetivo.

Em *Luto e melancolia*, Freud (1917 [1915]) faz a consideração segundo a qual a perda do país figura entre as causas de um “enlutar-se”:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto... (FREUD, 1917 [1915], p. 249).

Como vemos nas palavras do excerto freudiano apresentado, o luto pode, por vezes, resultar em melancolia. Segundo Freud (1917 [1915]), a perda envolvida em um luto refere-se menos à pessoa ou ao objeto perdido do que ao lugar que se mantinha para a figura que se perdeu. Ainda, enquanto o enlutado sabe o que perdeu, o melancólico não consegue situar a

perda. Pelo fato de identificar-se ao objeto perdido, o próprio eu é aquilo que se perde na melancolia, havendo uma regressão à fase do *narcisismo primário*, na qual o eu e o objeto de amor são a mesma coisa.

Assim, caminharemos em direção à conjectura segundo a qual a situação de migrantes pode implicar uma posição melancólica enquanto não for efetuado um luto relativo tanto às perdas materiais quanto àquelas concernentes a um lugar de importância para o Outro.

Essa hipótese já foi aventada por outros autores. A respeito da demora dos imigrantes e refugiados para se localizarem na nova cultura, com efeitos em sua posição de sujeito, Rosa *et al.* (2009, p. 281) afirmam:

Entre a angústia e o desejo, é necessária a elaboração do luto em face do perdido, pois dessa maneira o sujeito reconstitui não somente sua imagem, mas recompõe o lugar a partir do qual se vê amável para o Outro (ideal do eu), reafirmando uma posição que lhe permita localizar-se no mundo. Para recompor um lugar discursivo, para que faça laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória, reconstrução que já implica uma deformação, permitindo o luto e uma resposta à ficção, uma reinterpretação do passado que modifique o seu lugar. O luto impedido ocorre em situações de violência, podendo gerar uma posição melancólica em que o sujeito não nomeia a dor, que não passa.

O aspecto particular de nossa formulação é o de articular o silenciamento observado entre os imigrantes haitianos ao objeto voz, não sem passar por sua enodação ao olhar.

O olhar e a voz, como objeto a, são noções lacanianas que se manifestam de modo exterior ao sujeito (MILLER, 2013), o que fica evidente quando pensamos que somos olhados ou falados pelas pessoas ao nosso redor, antes mesmo que possamos falar. Por essa razão, diferentemente de outros objetos listados por Freud (seio, fezes, falo), incidem de modo especial nas relações do sujeito na estrutura da linguagem.

Começamos, então, com o que se passa em relação ao olhar, para prosseguirmos a partir de seu enodamento à fala e à voz.

## **5.2 A perda de um lugar de importância para o Outro**

Nos processos migratórios, na tentativa de se estabelecer uma nova vida e novos laços afetivos, passa-se, ao menos temporariamente, pela perda dos aspectos que conformam um “olhar” de reconhecimento para o sujeito. Afinal, mudam-se os elementos exteriores nos quais alguém se apoia e se vê valorizado, passível de ser amado (amizades, trabalho, amores e até

mesmo os objetos de consumo). Essas mudanças, somadas a outras contingências, têm o potencial de levar alguém a uma posição de “desamparo discursivo” (ROSA, 2012) e de perda de um *lugar* amável, de importância.

Iremos nos valer do conto *O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis (1882), do qual extraímos a epígrafe do presente capítulo, para sustentarmos os possíveis efeitos da eventual perda de um lugar de importância para o Outro. Concordamos com o narrador do conto quanto ao fato de ser, desde o exterior, que recebemos os elementos necessários para um bom posicionamento. Todavia, aquilo que está designado, no conto, por “alma exterior”, na psicanálise, nomeamos por Outro.

Vejamos, de forma sintética, o modo como a peça ficcional descreve os abalos que decorrem da desintegração dos apoios sobre os quais se construiu uma consistência corporal semelhante àquilo que nomeamos por “eu”.

O contexto é uma discussão existencial entre cinco amigos. Jacobina, narrador-personagem, toma a palavra para contar sua estória. Descreve-se como um rapaz de origem humilde que, ainda jovem, é alçado ao posto militar intitulado “Alferes” (cargo equivalente a um segundo-tenente, na nomenclatura atual). A nomeação o posiciona em um lugar de valorização na família, sendo chamado por sua mãe, a partir de então, de “Meu alferes”. Diante de um incidente familiar à época em que se encontrava com seus quarenta e cinco anos, Jacobina é chamado pela tia a tomar conta do sítio que possuía. Oferece-lhe um grande e imponente espelho em razão de sua importante posição.

Todavia, ocorre um motim na propriedade rural que estava sob seus cuidados, com a conseqüente fuga dos escravos. Jacobina vê-se sozinho no local, sem os olhares e as afirmações alheias que lhe compunham a imagem. Vejamos um trecho acerca do que lhe passava, a partir dessa situação de desamparo:

Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. [...] Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava a atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono, a consciência do meu ser novo e único, - porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. (ASSIS, 1882[2019], p. 213).

O conto dá a ver que Jacobina sofre uma espécie de despersonalização, diante da perda da “alma exterior”. Alma essa a qual poderia ser associada, segundo o narrador, a “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação” (p. 206) que configuram uma imagem valorizada de si<sup>52</sup>. O personagem-narrador vê se abalado no sentimento de ocupar um *lugar* de valorização, amável para o Outro. Em outras palavras, passa por uma crise narcísica, da qual se recompõe apenas na cena onírica.

Como recurso para ter sua antiga posição de volta, Jacobina lança mão do imponente espelho dado por sua tia. Passa a fardar-se como Alferes e, contemplando-se em frente a ele, busca ter de volta seu reflexo - e quiçá, o momento de júbilo em que a mãe o confirma: “Meu alferes”. Desse modo, Jacobina é bem-sucedido em sair de sua condição desvitalizada.

O que o personagem machadiano pode nos ensinar no que tange à situação dos imigrantes haitianos?

A nosso ver, ele nos mostra que, ao se inserir em uma nova estrutura, perdendo laços, condições materiais e organizações de vida anteriores, cumpre que se passe por uma nova composição ficcional, unindo imagem e um discurso que retornem oferecendo um lugar legitimado. A operação que dá conta dessa exigência é chamada por Lacan de estágio de espelho (LACAN, 1949; 1966), momento em que se instaura a relação com o semelhante (o pequeno outro) e a qual envolve a passagem pelo *narcisismo primário*.

Retomamos, do capítulo anterior, a situação pragmática de um bebê tentando se reconhecer no espelho como um corpo separado da mãe, por volta de seus dezoito meses. Nesse instante inaugural, é preciso um terceiro encarnado que nomeie essa operação, antecipando uma completude que produza um júbilo na criança.

O que está em jogo é a formação do Eu [moi], efetuado pela amarração entre o olhar de um cuidador e uma fala legitimadora. Desse nó entre voz e olhar, depreende-se um signo de reconhecimento. Assim, a partir da instância do eu ideal, o qual é uma formação imaginária, o narcisismo primário se constrói. Todavia, a imagem do corpo surge de forma subordinada à palavra (registro Simbólico). Dessa feita, o narcisismo secundário, apoiado no Ideal do eu,

---

<sup>52</sup> À título de ilustração, vem-nos à mente a escuta a uma imigrante venezuelana, no contexto de um trabalho feito no CRAI, de modo paralelo à presente pesquisa, conforme já mencionado. Após algum percurso em análise, a imigrante relatava alívio em poder admitir para si a importância de trazer ao Brasil seu instrumento musical, um *cello* (violoncelo). O objeto fora deixado no país de origem devido a sua escolha em poupar o valor do excesso de bagagem, com vistas a financiar a imigração de outros membros de sua família. O contato com a música lhe remetia à relação que mantinha com algumas mulheres envolvidas no projeto musical do qual participava. Ela, que se dizia muito “masculina”, aludindo a sua profissão de engenheira e ao seu nome (uma derivação do nome do pai), contava que tocar o *cello* lhe fazia lembrar dessa outra posição, feminina, a qual desejava, enfim, resgatar, por meio do instrumento.

conduz às identificações por meio de insígnias que são colhidas no campo do Outro, pois é lá que estão os significantes.

Se, por um lado, a relação especular é necessária, pois é por meio do “eu me vejo me vendo” que as identificações imaginárias surgem, por outro, a dimensão escópica dissimula a diferença entre a visão (relativa ao órgão da vista) e o olhar, no qual o desejo se insinua (MILLER, 2013). Não à toa, ao buscarmos esquadriñar os movimentos desejantes de alguém, pensamos para onde o objeto amado “dirige o seu olhar”. Em outras palavras, para além do que se cria como imagem, “semblante” de eu, há o sujeito do inconsciente, o [je], efeito do significante, o qual se movimenta não como consistência, pois preserva um lugar vazio.

Mover-se em direção ao desejo passa, então, por uma nova amarração entre o olhar e a voz, visto ser por meio de representações, recolhidas do Outro, que um olhar é guiado. Primeiramente, está a mãe, com sua língua (e voz). Lembremos dos estudos com os recém-nascidos (LAZNIK, 2000), nos quais o bebê move seu olhar em direção à voz da mãe, buscando uma satisfação no olhar que o olha. No conto de Machado de Assis, é a frase materna “Meu Alferes” que legitima uma suposta completude do personagem, bem como seus movimentos posteriores.

Em casos de travessias linguísticas e culturais, um novo Outro se reconfigura, com novos significantes, os quais será preciso recolher, assim como serão necessárias novas amarrações entre olhar e voz. Conforme precisa Safatle (2005), o reconhecimento não se dá apenas no campo intersubjetivo da linguagem, o qual nomeamos de Outro, mas advém da confrontação do sujeito com os objetos que causam desejo e que não são simbolizáveis no campo intersubjetivo.

Isso ocorre, pois os processos de formação de uma autoidentidade, inerentes às socializações, produz restos, e a psicanálise aponta, justamente, a possibilidade “de que os sujeitos podem se posicionar naquilo que não se submete totalmente à individuação” (SAFATLE, 2005, p. 42). Assim, embora as identificações de ordem narcísicas sejam importantes, sublinhamos que, do ponto de vista do que nos interessa no presente trabalho, o reconhecimento a que se visa seria essencialmente o “fazer-se voz”.

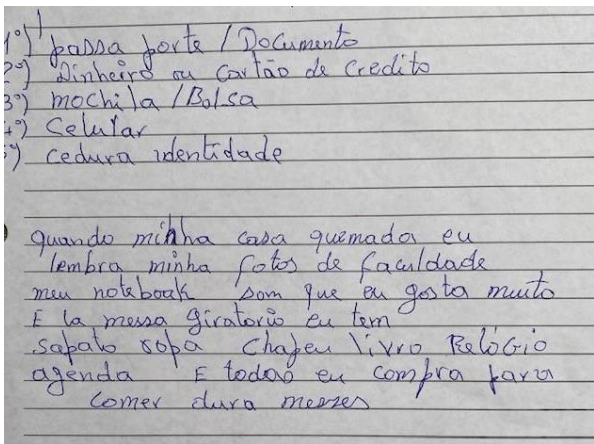
Em uma das atividades propostas no contexto da Oficina de escrita (encontros de número seis e sete), parece-nos que os participantes puderam trabalhar alguns aspectos das perdas e reconfigurações narcísicas impelidas pela situação migratória. Trabalhávamos a leitura de imagens (fotos), com vistas a uma discussão a respeito do valor afetivo desses elementos (vide Apêndice A).

As imagens sugeriam uma situação de emergência, como a de um incêndio, na qual alguém reúne objetos essenciais, pessoas ou animais. Todavia, quase que de modo imediato, os participantes associaram o contexto emergencial às necessidades de se deixar uma cidade ou um país. Assim, o incêndio foi tomado como uma metáfora para as migrações, impelidas, em suas experiências de vida, por situações de urgência.

A maioria dos registros dos participantes focalizou os elementos que deveriam ser levados, como irmãs, mãe, filhos – nem sempre efetivamente resgatados na migração; além de objetos necessários a uma partida, como documentos, dinheiro, cartão de crédito, celular.

A atividade despertou grande envolvimento no grupo, pois, segundo eles, oportunizou a ampliação de vocabulário acerca de objetos do dia-a-dia. Deu espaço, ainda, às lembranças de objetos ou situações ligados a uma condição de outrora. Das produções textuais recolhidas, trazemos uma delas, a seguir, que nos pareceu tocar de modo mais específico na imbricação entre as perdas materiais e as perdas de ordem narcísica:

**Figura 4:** Manuscrito produzido por Franck, com transcrição diplomática

 <p>1º) Passaporte / Documento  2º) Dinheiro ou cartão de crédito  3º) mochila / Bolsa  4º) Celular  5º) cédula identidade</p> <p>Quando minha casa queimada eu lembro minha fotos de faculdade meu notebook som que eu gosto muito E la mesa giratório eu tem Sapato roupa Chapéu Livro Relógio agenda E todas eu compra para comer dura meses</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Passaporte/ Documento</li> <li>2) Dinheiro ou cartão de crédito</li> <li>3) Mochila/bolsa</li> <li>4) Celular</li> <li>5) Cédula identidade</li> </ol> <p>Quando minha casa é queimada, eu lembro das minhas fotos da faculdade, meu notebook, som que eu gosto muito.</p> <p>E da mesa giratória que eu tenho.</p> <p>Sapato, roupa, chapéu, livro, relógio, agenda. E todas as compras que fazia para comer, que duravam meses.</p>
--	---

Fonte: Materiais da pesquisa

Como podemos observar na figura 4, a produção de Franck é composta por dois blocos: um primeiro, é uma lista de cinco itens e, figurando um pouco abaixo dela, há composição textual de sete linhas. Na lista, estão enumerados os itens que ele escolheria levar, em caso de uma “situação emergencial”: *passaporte ou documento, dinheiro ou cartão de crédito, mochila ou bolsa, celular e cédula de identidade*. Se pensarmos que a cédula de identidade é um tipo de documento, já mencionado por ele no primeiro item da lista, supomos a importância desse item

para Franck, assim como para muitos de seus colegas. Um deles mencionou, durante a atividade, que *uma pessoa sem documento é uma pessoa sem identidade*, e que no caso dos imigrantes, *manter o passaporte é a possibilidade de retornar ao Haiti*.

No breve texto que se segue à enumeração, Franck anuncia que irá discorrer acerca das lembranças que restariam após a perda de uma morada: *quando minha casa é queimada, eu lembra...* As lembranças mencionadas são, então, as *fotos da faculdade, notebook, som que eu gosto muito, mesa giratória*, entre outros objetos.

O que Franck parece sublinhar é que juntamente com as perdas materiais, o que se perde é um lugar: entre amigos, de segurança, conforto ou prazer. Além disso, embora de modo indiciário, a frase final aponta para um lugar muito específico: *E todas as compras que fazia para comer, que duravam meses*.

Em breve conversa com a pesquisadora durante a atividade, Franck explicou que no Haiti, vivendo com a família, houve uma época na qual podia estocar comida, provendo o sustento dos seus por muitos meses. Ao vir para o Brasil, passou a ter trabalhos temporários e a dividir casa com outros colegas; assim, os móveis não são dele, o que o fez lembrar da mesa giratória que, para ele, era *muito bonita*. Os mantimentos agora são comprados para poucos dias. Não seria o seu lugar de “provedor” que é perdido? Um lugar que, talvez possamos arriscar a dizer, também é o que o impeliu à migração.

Pensamos que as produções orais e escritas em torno da atividade mencionada tocaram, mesmo que tangencialmente, na temática dos emblemas com os quais os sujeitos imigrantes haitianos compunham uma imagem de si, anterior à migração - muitas delas ainda à espera de serem recompostas.

Assim, consideramos as produções textuais, como a ora apresentada, uma abertura à fala e a reflexões coletivas que podiam auxiliar em um processo de luto, ainda que inicial, retirando os participantes da enunciação repetitiva quanto ao que não podiam (ainda) dizer. Notamos, entretanto, que eram raras as enunciações projetivas, que poderiam anunciar a iminência de recomposições de uma imagem de si. Ainda eram as perdas, quando não o silêncio, que se destacavam. O porvir ainda parecia distante, como a recorrência do *Deixa passar* indiciava.

Como nos lembra Miller (2013), para haver discurso, é preciso que o sujeito esteja recuado da própria enunciação, tomando alguma distância com relação ao que diz. Quando a palavra não vem ou não faz laço, é a presença do objeto que não permite que o órgão da fala caia, como corpo, dando lugar a um dizer.

A posição melancólica ajuda-nos a lançar luz a essa questão.



### 5.3 Posição melancólica e objeto voz

Se, no plano da imagem, pretendemos demonstrar que a migração exige a recomposição de elementos que possam oferecer um reflexo propiciador de uma imaginada consistência corporal, no plano da voz, atravessar a constituição subjetiva implica defrontar-se, novamente, com a ambivalência essencial da voz do Outro.

Didier-Weill (1999) escreve a respeito de uma “dupla vocação” transmitida pela voz. Há a musicalidade carregada pelas vogais que, como *infans* que fomos, nos fazem mergulhar no mundo do contínuo, reencontrado todas as vezes em que somos tomados por uma música, por exemplo. Já com as discontinuidades significantes das consoantes, é o campo da lei que nos dá notícias, com suas bipartições.

O campo da continuidade é justamente onde os limites espaço-temporais estão apagados. Por estar interessado nos efeitos musicais associados a uma pulsão invocante, Didier-Weill (1999) focaliza na espécie de orientação humanizante presente na dimensão do contínuo.

Todavia, se somos chamados a advir, como sujeito, pela voz dos que nos cuidaram que carregam esse duplo aspecto, uma das vicissitudes possíveis é que a dimensão de continuidade não soe apenas como música, mas como um “sem-sentido” cujo aspecto é aterrorizante. Na condição de que esteja desatrelada de qualquer amarra simbólica, a voz apresenta-se como pura continuidade, podendo ecoar, de modo invasivo, como apelo a um gozo infinito (VIVÈS, 2020a).

Para essa discussão, pensamos ser interessante recuperar uma interessante designação feita por Hervè Bentata (2009), por ela apontar uma divisão tripla da voz, especificando melhor a vertente contínua da voz, de que fala Didier-Weill (1999).

Retomando o encontro de Ulisses com as Sereias, descrito na Odisseia, de Homero, Bentata (2009) reflete quanto ao poder de atração e repulsa envolvidos na voz humana. Essa construção serviria de metáfora para o encontro inaugural com a voz como objeto a.

Trata-se de um encontro para o qual é preciso se precaver. O autor lembra-nos que, no livro XII da Odisseia, se Ulisses (ou Odisseu) consegue sobreviver e, ao mesmo tempo, desfrutar das vozes mortíferas das sereias, é por ter lançado mão da estratégia de amarrar-se ao mastro do navio. Para salvar seus marinheiros, passa cera em seus ouvidos.

O texto grego utiliza-se de três expressões para qualificar o canto das sereias: *phthoggos*, *op's* e *aoide*, as quais Bentata (2009) relaciona a três dimensões da voz. Vejamos uma síntese a respeito de cada uma delas, a seguir:

- *Phthoggos* é o grito, um som inarticulado a romper o silêncio, por isso, estaria relacionado à dimensão do Real. Remetendo-nos à situação da criança que entra na linguagem, é o grito que chama a mãe, mas cuja duração fora do simbólico é quase instantânea. Ao ser tomado por um dos cuidadores da criança como apelo, o grito passa a ser tomado como demanda, a qual se deve interpretar e responder. Ocupando a faceta de Real, a voz como *Phthoggos* seduz, mas também promete um gozo sem limites, próximo da morte ou de um subjugar: “[...] além do afeto e do gozo que o grito pode provocar, é preciso acrescentar sua função de *apelo imperativo* que se dirige à presença do Outro” (BENTATA, 2009, p. 16).

- *Op's* seria a voz ancestral, do início da vida, anterior ao desmame. É a voz suave, harmônica, sedutora, podendo ser relacionada à dimensão imaginária da voz. É por meio dessa modalidade da voz que o bebê se encanta e fica impelido à atividade pulsional. Todavia, há destaque de palavras nessa sonoridade encantadora, e “isto já prepara o bebê para o corte significante” (BENTATA, 2009, p. 17), para a separação.

- *Aoïde* refere-se ao saber, a um conteúdo significativo que já começa a se articular, como dimensão simbólica, na voz suave da Sereia/mãe. Relaciona-se à promessa de um saber (no texto da Odisseia, esse saber é previamente anunciado a Ulisses pela deusa Circe).

Ulisses teria precisado então, como todos nós, atravessar essa tripla dimensão da voz, deixar-se guiar por ela, sem se perder. A essa proteção, Vivès (2020a) define como o necessário estabelecimento de um “ponto surdo” para neutralizar a dimensão da voz que se associa ao grito, ou *Phthoggos*. O ponto surdo tem equivalência com a ideia de um de ponto cego, no que tange ao olhar (um campo excluído do campo de visão, de modo estrutural):

Para dispor de uma voz, é necessário, com efeito, não ser totalmente invadido por aquela do Outro. Convém, então, que o sujeito constitua um ponto intrapsíquico em que, após ter lá ressoado, o coloque ao abrigo da voz do Outro. Ponto surdo que nós definimos como o lugar em que o sujeito, após ter entrado em ressonância com o timbre originário, tornou-se surdo para dispor de sua própria voz. (VIVÈS, 2020a, p. 228)

Trata-se, então, de esquecer a recepção do “timbre originário” para que surja um futuro ser falante. Para falar, o sujeito deve consentir em perder a voz como real do corpo. O mencionado “ponto surdo” guarda relação com a possibilidade de que o ser falante possa

metaforizar o desejo enigmático da mãe. Nesses casos, estruturalmente, o objeto voz é o que dará lugar à instância nomeada por Freud (1923) de supereu. Nas situações em que a possibilidade metafórica não ocorre, resultando em psicose, a voz retorna no Real, em forma de delírios ou alucinações auditivas.

Contudo, se pensarmos nas várias amarrações a partir das quais alguém erige uma realidade psíquica (LACAN, 1975-1976), de modo contingente, é possível que os restos que formam o objeto voz sejam o núcleo de uma perturbação que, em determinados momentos da vida, exige ser contornada. Quando o enquadre necessário à enunciação vacila, o sujeito é convocado a dar novas respostas e novo destino às dinâmicas em torno do objeto voz.

Estamos todos passíveis a enfrentar essas situações, se considerarmos que o objeto voz assombra a linguagem, de modo que as nossas tentativas de nos colocarmos por meio das produções de linguagem são um modo de fazer calar sua vertente de real (MILLER, 2013). Os produtos linguageiros estruturam um vazio a ser preservado, por meio de presença e ausência, como a brincadeira infantil do *Fort Da*. Disso decorre que se negar a essas produções é, ao contrário, manter-se próximo daquilo que nos *a*-ssombra.

Conforme afirma Lacan (1962-1963), qualquer objeto se torna fonte de angústia ao aparecer no lugar onde deveria faltar - ou seja, quando a falta é preenchida:

Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova disso é que a criança se compraz e renova esse jogo de presença-ausência. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela... (LACAN, 1962-1963, p. 64).

O caso exemplar é o que ocorre nas psicoses, em que uma voz invade o sujeito. Contudo, todos podemos passar por situações nas quais elementos não integrados parecem vir de fora, fazendo-nos reviver a proximidade de uma carga excessiva de gozo, ligada ao objeto. Nesses casos, surgem as sensações de inquietude diante de uma mensagem ou o silenciamento – seja pela ausência de ponto surdo ou, por sua vacilação, decorrente de uma reavivação do traumático.

Assim, conforme já formulamos, pensamos que os obstáculos à realização dos lutos intrínsecos à travessia migratória podem empurrar o imigrante a uma posição que se aproxima

à da melancolia. A proposição específica deste trabalho é, então, a de basear-nos em algumas especificidades relativas à posição melancólica e ao modo como essas podem ter incidido nas vacilações e oscilações do sujeito imigrante haitiano em torno do objeto voz, em atividades linguísticas.

Sublinhamos não se tratar aqui de uma consideração diagnóstica, mas de uma inferência quanto a uma posição talvez temporária, atrelada às possibilidades de um luto ainda em vias de ser elaborado.

Uma das diferenças do luto para a melancolia é a de que enquanto o luto produz afastamentos de atitudes tidas anteriormente como normais para o andamento da vida, mas que retornam em certo espaço de tempo, na melancolia, há uma persistência maior desses afastamentos. Freud caracteriza a melancolia como uma perda de interesse pela realidade, inibição de atividades cotidianas, diminuição da autoestima e manifestações de autoacusação. As pré-condições da melancolia estariam relacionadas a perda do objeto, a conflitos frutos da ambivalência em relação a ele e a regressão da libido ao eu do sujeito.

Ao se interessar pela voz, Vivès (2020b) propõe pensar a melancolia em termos do posicionamento do sujeito no circuito da invocação. Em estados melancólicos, a dinâmica da invocação ou do “chamamento” característico à pulsão invocante estaria obstaculizada, afetando negativamente o investimento na realidade e a articulação de uma demanda.

Nessa perspectiva, a melancolia situar-se-ia mais próxima de um estado do que de uma estrutura, sendo uma de suas características a presença de um grande conflito entre as instâncias do eu e a instância crítica do supereu<sup>53</sup>. Com isso, o autor segue a indicação de Lambotte (2001), autora que afirma a importância de não se negligenciar os “estados de melancolização”, além do que seriam os “casos puros”, supondo-os como decorrentes de momentos de despersonalização, quando há vacilação das referências egóicas. O estudo dos estados melancólicos, para além da definição nosográfica, ajudaria a clarear os mecanismos envolvidos na melancolia.

Por meio do neologismo “a-vocação” melancólica, Vivès (2020b) aponta a ausência de uma voz articulada, relacionada à não extração completa do objeto a, e de uma tendência ou vocação a não se engajar nos circuitos desejanter.

---

<sup>53</sup> Precisar a categoria nosográfica da melancolia foge aos objetivos da presente tese. Fazemos uso dessa noção, de forma aproximativa, com vistas a situarmos a posição discursiva do sujeito imigrante haitiano, que pode ser temporária e passível a devires singulares. Todavia, é importante esclarecer que para Jean-Michel Vivès, assim como para Marie-Claude Lambotte, a melancolia se diferencia das psicoses maníaco-depressivas, aproximando-se mais da noção freudiana de psicose narcísica.

A melancolia seria, portanto, um dos modos de reação diante da perda do objeto primordial - a Coisa freudiana - cujos vestígios geralmente comparecem na busca de novos objetos, imprimindo a esses um caráter de reencontro. O melancólico, por sua vez, teria registrado a perda, mas tentaria não “fazer nada” a esse respeito, resultando em uma proximidade do próprio vazio da Coisa; identificado ao nada essencial. Assim, o melancólico “não pode vislumbrar os reencontros a não ser dentro das coordenadas espaço-temporais que foram as do encontro originário” (VIVÈS, 2020b, p. 42).

Disso decorre que, no percurso da constituição subjetiva, o melancólico teria ficado suspenso a um grito que não pôde ser transformado em chamado; impossibilitando, assim, uma separação do real da voz e a completa extração do objeto a.

A possibilidade de que um grito se torne um chamado é o acolhimento recebido pelo Outro, ou seja, a interpretação dada ao grito. O sujeito se compraz em reencontrar as marcas de resposta que foram potentes em fazer do grito um chamado, pois elas constituem “emblemas”, insígnias que constituem o Ideal do eu para o sujeito.

É ao tomar o grito, como mensagem significante, que algo do real da voz se vela. Para Vivès (2020b), para alguém “se fazer escutar” é preciso não apenas cessar de escutar a voz originária (o que estaria vedado ao psicótico), como também supor alguém não surdo para escutá-lo:

Tudo acontece como se o sujeito melancólico renunciasse a se fazer escutar: o ponto surdo teria sido bem constituído (nós estaríamos fora do campo da psicose), mas a reversão da pulsão e a criação de um novo Outro da pulsão seriam dificultados – a demanda neurótica subentendida pela voz não estaria totalmente instalada. O melancólico estaria fígado por uma voz que não se faz escutar (VIVÈS, 2020b, p. 48).

A consequência dessa suspensão a um grito, não interpretado, é uma tendência a não se arriscar a se confrontar com a falta do/no Outro, mantendo-se aquém do desejo e mesmo da elaboração de uma demanda.

Na travessia migratória, o sujeito precisa se alienar novamente ao campo do Outro. Contudo, seus “emblemas”, os elementos que constituem seu Ideal de eu, já não têm lugar na nova cultura, conforme ilustramos anteriormente.

À luz da reflexão teórica ora exposta, podemos supor que para virem a ocupar um lugar na nova cultura, precisam ser acolhidos, de modo a ter seus apelos novamente escutados e “interpretados”; obtendo, assim, reconhecimento de um Outro que não lhes seja surdo. A dimensão do chamado, para advirem como sujeitos, torna-se importante.

#### **5.4 *Deixa passar*: de um sujeito em vias de ocorrer à possibilidade de uma transmissão**

Lembremos aqui, da indicação machadiana contida na epígrafe por nós selecionada: *é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...* (ASSIS, 1882[2019], p. 207). A nosso ver, ela nos aponta que se há perdas de pontos de apoio exteriores que davam uma amarração a um sujeito, é preciso supor que novas fontes de apoio possam se recompor ou serem inventadas, a partir das configurações culturais atuais.

Para que isso ocorra, é preciso, todavia, passar novamente pelo campo do Outro. O reconhecimento de um imigrante passa pela ordem social, política e jurídica; pela definição de seu *status* no novo país, além da obtenção de condições de inserção em espaços que lhe permitam fazer laços sociais.

A escola é parte disso. No caso do CIEJA-Perus, tem sido de fato um local onde os haitianos vêm sendo acolhidos, em um clima que nos parece ser propício a um “chamamento”; a uma invocação para que se sirvam da palavra. As atividades linguísticas da Oficina de escrita de histórias de vida objetivavam colaborar com esse acolhimento, oferecendo significantes que produzissem interrogações ou alguma suposição de saber que se pusesse a trabalho.

Os participantes pareciam alertar que, no ponto em que estavam, não havia narrativa possível, pois era preciso que algo se resolvesse para que o circuito da enunciação voltasse a se movimentar. Certamente que, após a vivência de aspectos traumáticos, é preciso de um tempo para que se possa elaborar aquilo que ficou fora das palavras. Entretanto, sabemos que se há um congelamento do tempo e da vida, é a narrativa, com sua força projetiva e antecipadora de um futuro, que os pode resgatar. Apostamos, portanto, no enquadre coletivo como forma de uma primeira elaboração (ROSA, 2012), atentando-nos aos diferentes momentos e implicações que cada participante demonstra nessa tentativa de elaboração que une o coletivo às singularidades.

Assim, não poderíamos dar outra resposta ao *Deixa Passar* que não a de sustentar a oferta da palavra, convocando novas constituições subjetivas. Nessa direção, respondemos à repetição significativa do *Deixa passar* aproveitando-nos de sua polissemia, com vistas a recolhermos da experiência algo mais do que os silenciamentos.

Por um lado, o sujeito imigrante haitiano permanece “guardando” certa dimensão da voz do Outro, a qual podemos equivaler a um grito, que não deixa de não passar. Por outro, ele “aguarda” uma invocação, semelhante ao aspecto da voz da sereia (*Op’s*) que seduz, ou o

shofar, que reestabelece a ligação com a cultura, como ser falante. Assim, o *Deixar passar* não poderia também ser ouvido como o apelo daquele que busca atravessar fronteiras – territoriais e também subjetivas?

O que também nos permite fazer essa “interpretação” é o fato de que, ao longo da experiência, notávamos que alguns dos participantes que recorriam a tal sintagma o faziam enquanto escreviam ou contavam elementos de sua história, mesmo que de modo fragmentário e relutante<sup>54</sup>. Tratar-se-ia de um apelo para que os restos passem, fazendo uma *passagem* ou uma transmissão possível: Deixa(-me) passar, ou deixa passar aquilo que é de difícil transmissão, apontando para o Real, entendido como o registro daquilo que resiste a ser representado. O apelo, então, seria pela invenção de uma passagem possível, com os pedaços de língua com que cada um pode tentar se reinventar. Ancorados nessa chave-de-leitura para o sintagma insistente, é que ganham importância dispositivos capazes de invocar uma fala, em uma direção menos normatizante e mais ressoante (MILLER, 2012).

Porém, a observação de uma tendência a uma melancolização no sujeito imigrante haitiano, conforme discutido, coloca um desafio quanto às tentativas de convocar um dizer. Trata-se, justamente, daquilo que Freud já notara como a tendência a uma autocensura. Renovando a leitura freudiana, Vivès (2020b) afirma que o melancólico “se faz voz enlutada, fora das palavras. Mais morto que vivo, o melancólico está submetido a esse resto do pai originário que é a voz. Esse resto, na origem do supereu, submeterá o eu do melancólico às suas injunções mais ferozes” (VIVÈS, 2020b, p. 120).

É o que discutiremos a seguir, indagando-nos quanto aos elementos que, servindo-se das vozes imperativas, colonizam a língua. Supomos tratar-se dos restos traumáticos de um passado colonial/patriarcal, mas também, na vertente estrutural, do gozo que parasita qualquer ser falante.

---

<sup>54</sup> Este é o caso do participante Karl, a respeito do qual nos deteremos na seção *Passagens*, capítulo 8, que pôde produzir certo percurso de produções linguísticas que indiciam uma transmissão possível.

## 6. COLONIZAÇÕES D'ALÍNGUA: O GOZO, A LÍNGUA E O FEMININO



Escrava Anastácia<sup>55</sup>

No presente capítulo, tendo ampliado o que, costumeiramente, se entende por colonização, incluímos dois níveis de reflexão para pensar o que ocorre com o sujeito imigrante haitiano. Um é o das situações em que uma nação coloniza a outra, impondo sua língua. Outro é o da colonização do corpo próprio pela linguagem, processo que envolve a voz como resto da operação simbólica.

O texto está dividido em duas partes. Em ambas, apresentamos algumas cenas enunciativas que nos conduzem a uma reflexão a respeito do que estamos chamando de uma “colonização d’alíngua” na Oficina de escrita de histórias de vida. Após ter explicitado o que estamos compreendendo por “colonização”, trabalharemos em duas vias. A primeira é a do mutismo, no qual se entrevê uma posição de objeto do gozo do Outro (6.1 e 6.1.2). A segunda, a dos cerceamentos do parceiro imaginário da fala, visando a uma posição de mestria (6.2, 6.2.1, 6.2.2 e 6.2.3), na qual a alteridade é vista como ameaçadora, devendo ser subjugada.

---

<sup>55</sup> A imagem da escrava Anastácia por nós utilizada, de domínio público, reproduz a litografia de Jacques Etienne Victor Arago, intitulada **Castigo de Escravos**. A imagem foi divulgada em 1968 em uma exposição feita pela Igreja do Rosário, no Rio de Janeiro, para celebrar os oitenta anos da Abolição. Para uma leitura aprofundada acerca da história da imagem, remetemos o leitor ao artigo: GONÇALVES CONCEIÇÃO, J. K. A máscara não pode ser esquecida. **REVISTA POIÉISIS**, 21(35), p. 345-362, 2020.



## 6.1 A melodia calada

O silêncio é fecundo. O silêncio é a terra negra e fértil, o húmus do ser, a melodia calada sob a luz solar. Caem sobre ele as palavras. Todas as palavras. As palavras boas e as más. O trigo e o joio. Mas só o trigo dá pão.

José Saramago, em *Deste mundo e do Outro*.

Mexer com o tema ‘mulher haitiana’ é mexer em um vespeiro.

Fala de uma professora do CIEJA-Perus-I

Talvez possamos nomear um dos modos como o silenciamento se mostrou na Oficina como uma *melodia calada*, terra sob a qual caem as palavras, conforme a imagem dada pelo escritor português José Saramago. As mulheres estariam mais próximas desse *húmus do ser*, se o considerarmos como o material sonoro do qual a língua se serve para invocar o ser falante (LACAN, 1972-1973), portanto, elas tangenciam os riscos advindos de manterem uma proximidade ao campo do que ainda não é palavra. Partamos delas, para chegar à “posição feminina” na linguagem, passível de ser frequentada por qualquer ser falante.

A maior parte das mulheres com quem nos encontramos na Oficina de escrita mantinha-se calada ou consentindo em ser falada pelos parceiros e colegas de classe, como se ali elas não estivessem. À exceção de envolvimento pontuais com as propostas de leitura, discussão e escrita, chegavam, inclusive, a reproduzir textualmente as atividades de seus parceiros. Tratava-se de uma posição silenciada frente à língua, que embora estivesse presente em participantes homens, como anteriormente discutido, entre as mulheres, chegava a ganhar ares de “mutismo”.

Sabemos que semelhante posição resulta de discursividades que supõem lugares fixos para a mulher na cultura, resultantes de um sistema estruturalmente patriarcal que as objetalizam. Os discursos são, afinal, aquilo que nos vincula, o que nos posiciona socialmente. Solnit (2017), Hooks (2013), Anzaldúa (2009), entre outras autoras feministas, olham para a história e nos apontam os lugares de incidência da opressão às mulheres: na linguagem sexista, na divisão desigual do mercado de trabalho e das tarefas domésticas, nas ausências ou condições desiguais para ocupar lugares na esfera acadêmica e literária - entre muitos outros.

Algumas enunciações surgidas no contexto de atividades apontavam para semelhantes tentativas de fixar significados passíveis de serem atribuídos à mulher, como demonstram alguns de nossos registros:

**Quadro 2:** Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Durante a roda de leitura do livro *O Rio e Eu*, de Lygia Bojunga<sup>56</sup>, XXX comenta o impacto que lhe causa a atitude da protagonista de uma história que estávamos lendo. Maria da Anunciação contava a uma menina que havia se mudado do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul, motivada por um relacionamento amoroso de curta duração. Para o rapaz, *Ela não poderia ter ido atrás de um homem. Ela largou o lugar dela, de mulher, para seguir um homem. Uma mulher não faz isso. O homem é que tem que ir atrás. Ela é louca.*

Fonte: Materiais da pesquisa

Com vistas a fazer vacilar tal fixidez, programou-se uma atividade de leitura e de escrita acerca dos possíveis lugares que a mulher pode ocupar na cultura, no Brasil e no Haiti. A atividade (encontro 13) consistia na leitura e no debate de duas peças jornalísticas que traziam perspectivas distintas quanto à posição da mulher brasileira.

A primeira, era um conjunto de três notas cuja ênfase recaía sob aspectos estéticos e corporais da mulher<sup>57</sup>. A segunda peça consistia em uma notícia a respeito de uma modelo conhecida como “Pocahontas”, que salvara duas mulheres das agressões de um motorista de aplicativo, imobilizando-o enquanto chamava a polícia. Enfatizava, portanto, a quebra do estereótipo da mulher fragilizada que seria salva por um homem redentor. Trazemos, a seguir, uma breve descrição do ocorrido na atividade:

<sup>56</sup> BOJUNGA, Lígia. *O Rio e Eu*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

<sup>57</sup> Recuperada de: <https://www.hypeness.com.br/2016/10/site-simula-manchetes-e-mostra-como-seria-o-mundo-livre-do-machismo/>. Acesso em 15/09/2019. A descrição das atividades, em maiores detalhes, encontra-se no Apêndice A.

### Quadro 3: Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Inicialmente, havia sete mulheres e seis homens presentes naquele encontro da Oficina. Após a leitura das peças jornalísticas, as mulheres permaneceram em silêncio. Interrompendo a atividade, começaram a deixar a sala, uma a uma. Quatro homens entregaram uma produção escrita sobre o tema, em geral direcionando a discussão para as diferenças entre os aspectos físicos das mulheres haitianas e brasileiras. Entre as mulheres, duas entregaram papéis assinados; porém, em branco.

Manu quis comentar a proposta com a pesquisadora. Disse-lhe ser possível enxergar-se, como mulher, nos dois materiais oferecidos para a discussão. Todavia, não registrou sua opinião no papel, nem a expôs ao resto do grupo. Sua fala, em voz baixa, direcionou-se apenas à professora/pesquisadora.

Fonte: Materiais da pesquisa

Utilizando as formulações de Paulo Freire (1981) como chave de leitura, poderíamos ler, na cena, a presença de vestígios da “cultura do silêncio”. Segundo o autor, gerada nas condições de produção dos latifúndios rurais, em que havia uma hierarquia rígida e relações verticalizadas, a cultura do silêncio condiciona o modo de ser dos trabalhadores, por algum tempo ainda após a sua modificação. Portanto, o fato de não se ter voz estaria intimamente relacionado ao sistema de exploração econômica, política e social em que os trabalhadores vivem, embora a razão dos fatos que envolvem a cultura do silêncio ficaria velada aos que dela são vítimas. Algumas conversações registradas entre educadores e os trabalhadores rurais assentados desvelam importantes elementos implicados nesse silenciamento condicionante. Reproduzimos parte de um desses diálogos a seguir. Nele, um trabalhador rural, que já se dera conta do seu silenciamento anterior, conta a razão pela qual não havia se interessado por ler e escrever antes da reforma agrária:

“Antes da reforma agrária, meu amigo, disse ele, eu nem sequer pensava. Nem eu nem meus companheiros”.

“Por quê?”, perguntamos.

“Porque não era possível. Vivíamos sob ordens. Tínhamos apenas que obedecer a elas. Não tínhamos **nada que dizer**”, respondeu enfaticamente. (FREIRE, 1981/2021, p. 99; grifos nossos)

Na visão freiriana, o excerto daria uma clara compreensão dos efeitos da cultura do silêncio: uma existência baseada em sobrevivência, desimplicada de uma responsabilização pela ação e pela palavra, pois essas estariam nas mãos do patrão. Nesse modo de vida, “O corpo segue **ordens** de cima. Pensar é difícil; dizer a palavra, proibido” (FREIRE, 1981/2021, p. 100; grifos nossos).

Adensando a análise, Freire (1981/2021) vê as dificuldades em tomar a palavra como estando atreladas aos entraves enfrentados pelos trabalhadores para “superar a posição anterior

de objetos, assumindo a de sujeitos” (p. 50). Haveria uma tendência a continuar a repetir a posição de objeto de antes.

Com um misto de esperança e realismo, o autor atribui a possibilidade de ruptura dessa dinâmica inibidora à construção de “novas relações humanas”, baseadas em condições de produção geradoras de um “estilo de vida radicalmente oposto ao anterior”. Mas, Freire admite não ser fácil desmontar essas configurações apenas pelos deslocamentos sociais: “E, ainda assim, a ‘cultura do silêncio’ pode, de vez em quando, em função de certas condições favoráveis, ‘reativar-se’, reaparecendo em suas manifestações típicas” (FREIRE, 1981/2021, p. 49).

No contexto de outra atividade da Oficina, uma das participantes entregou um texto afirmando *ser um benefício* morar em um país com uma política de combate à violência contra a mulher, como seria o caso do Brasil. Para algumas dessas mulheres, havia o reconhecimento de que ao migrarem, suas condições de vida, como mulher, também poderiam se alterar. Entretanto, a experiência da oficina de escrita apontou-nos a existência de obstáculos para se alcançar essa direção, pois parecia vedada a própria possibilidade de se discutir o silenciamento que afeta as mulheres, possivelmente de modo mais arraigado no Haiti.

Freire alerta quanto às dificuldades para se romper essa cultura do silêncio, mesmo quando as condições concretas da existência já se modificaram. Fazendo uso das palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade em *A ilusão do migrante* (1996, p. 21), talvez precisemos admitir “Que carregamos as coisas/ moldura de nossa vida/rígida cerca de arame/ na mais anônima célula/ e um chão, um riso, uma voz/ressoam incessantemente/em nossas fundas paredes”.

Analisamos o episódio das assinaturas de folhas em branco como uma espécie de metáfora para o mutismo das mulheres. Que leitura poderíamos fazer dele? Mesmo que possamos pensar em certo fracasso dessa atividade, considerando não nos ter ocorrido estratégias mais efetivas para dar voz às mulheres, ainda assim ele ensina.

Quanto ao fato de, aparentemente, as mulheres terem se recusado a aderir à atividade proposta, a única que se arriscou a falar ofereceu-nos uma pista a respeito do que poderia ter acontecido. Disse-nos que era possível se ver tanto como alguém que quer corresponder à expectativa masculina (às vezes machista, decerto) quanto alguém que pode quebrar as barreiras de estereótipos de gênero, como os de força e agressividade (geralmente associados ao universo masculino), em prol de uma atitude de sororidade para com outra mulher.

Ao preparar o material da Oficina, teríamos oferecido, então, “soluções binárias” para um debate sobre os modos de a mulher se colocar na cultura? Ainda que esse fosse o caso, a participante não conseguiu partilhar sua posição com as outras mulheres. Sua interessante reflexão foi dita apenas à pesquisadora, na função de professora, e em voz baixa.

Outra possibilidade seria o nosso próprio lugar de mulher branca que, ao preparar o material, pode ter dado a ver uma posição de quem julgava saber algo a respeito da posição de uma mulher negra. Ou, na condução da Oficina, podemos ter deixado de nos abrir às significações imprevistas acerca da posição de mulher na cultura haitiana. De certo modo, talvez tenhamos, inclusive, repetido uma cena colonial, assumindo um lugar de mestria, ali onde conviria um ponto de não-saber. Para Freire (1981), deslocar os sujeitos de posições demasiado fixas implica dar “uma volta crítica”, partindo da própria visão de mundo do grupo. Talvez tenha nos faltado tato para seguir essa direção nesse episódio da oficina. Podemos, ainda, ter nos encontrado com equívocos, considerando que é fácil tropeçar na linguagem, sempre ideológica.

O silenciamento pode ser lido como “a condição universal da opressão” (SOLNIT, 2017). Porém, do ponto de vista das discursividades e seus modos de controle, alguns grupos são mais suscetíveis de serem alocados em posições opressivas. Nas mulheres, há especificidades relativas ao silenciamento, pois ele torna-se pregnante ao se articular com as categorias de classe, raça e pobreza (SOLNIT, 2017; HOOKS, 2013; GRADA, 2010). Portanto, no caso das mulheres haitianas, faz-se necessário considerar semelhantes cruzamentos, pelo fato de elas se situarem na confluência deles.

Em *Memórias da plantação*, Grada Kilomba (2010) detém-se em manifestações cotidianas de racismo e em seus efeitos para as mulheres negras. O argumento da autora é o de que a escravização dos povos africanos, no contexto do colonialismo, é, em si, um núcleo traumático ao qual a cultura não tem condições de simbolizar. As experiências do racismo cotidiano se constituiriam como uma reedição desse trauma, pois, ao serem interpelados pela lente colonial, os sujeitos são empurrados à atemporalidade e ao indizível relativo ao traumático.

Assim, além das frequentes exposições a vivência racistas cotidianas, os homens negros e as mulheres negras estariam suscetíveis a um aprisionamento fantasístico da reencenação de uma cena colonial, procedendo a posturas prevenidas ante a um possível “desastre racista”, supostamente passível de ocorrer a qualquer momento.

A análise de Kilomba (2010), pontuada pela psicanálise, avança na direção de situar um mecanismo de “negação” (*denial* em inglês, no sentido de recusa) envolvido no racismo, no qual o senhor nega o seu projeto de dominação, impondo-o ao outro. Tal imposição passaria pelo silenciamento, pois a boca seria uma “metáfora da posse”: tampá-la evitaria que o negro se apropriasse daquilo que, supostamente, pertenceria ao colonizador (os frutos da propriedade rural da *plantation*, mas também a fala). Ou seja, ele afirmaria sobre o Outro o que recusa a reconhecer em si próprio. A posse indevida original (a colonização) é negada e projetada sobre o negro, tornando-o aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado, um inimigo intrusivo.

Embora tenhamos nos encontrado com outros autores, que acrescentem matizes a uma visão psicanalítica da colonização, por ora, sigamos com Kilomba (2010) de modo a avançar na compreensão a respeito do silenciamento das mulheres negras. Assim, lembremo-nos, com ela, que as formas de opressão não operam de modo parcial, o que faz com que, no caso das mulheres, o sexismo seja uma das outras estruturas de dominação, a interagir com o racismo.

Um episódio relatado por uma de suas interlocutoras exemplifica o cruzamento entre raça e gênero: por volta de seus doze anos, a entrevistada fora a uma consulta médica; o médico, branco, após atendê-la, propôs que ela trabalhasse para ele, como empregada doméstica. Kilomba (2010) analisa que a menina fora tomada pelo profissional não como criança, mas como “servente”. Destacam-se, na cena, a condição de homem e branco, de um lado; a de menina e negra, de outro. Após o episódio, a menina tem uma crise de vômitos. Rememorando o ocorrido, a interlocutora da autora afirma que, naquele momento, pensou que “estava diante de algo irracional” (p. 192).

Esse não seria um caso isolado, segundo Kilomba (2010), dos efeitos traumáticos do racismo que se transferem, pela via sintomática, para o corpo das mulheres. À semelhança das históricas sob as quais Freud se deteve com sua escuta, Kilomba (2010) vê, nessa sintomatização do racismo, a expressão de um traumático: “[...] no sentido de uma experiência indizível, um evento desumanizante, para o qual não se tem palavras adequadas ou símbolos que correspondam. Geralmente, ficamos sem palavras, emudecidas/os” (KILOMBA, 2010, p. 138).

A imagem mais marcante de um emudecimento forçado da mulher negra, trazida pela autora, é a da escrava Anastácia, cujos pais foram trazidos do Congo ao Brasil na condição de escravos. Ela teria sido obrigada a usar um pesado colar de ferro, além da máscara de flandres, um artefato que lhe cobria a boca, impedindo-a de falar. Não são claros os motivos pelos quais

ela teria sido condenada ao silenciamento forçado, mas as hipóteses variam entre o impedimento de seu ativismo político, o castigo por negar a se presar favores sexuais ao senhor branco ou por sua suposta espiritualidade, visto serem lhe atribuídos milagres e ela ser até hoje cultuada em rituais da umbanda e do candomblé (KILOMBA, 2010).

Decerto, há uma história que pré-dispõe lugares de silenciamento. Kilomba trata disso de modo tocante, pois seus antepassados, assim como dos sujeitos imigrantes haitianos, sofreram na pele um silenciamento imposto pelo Outro (o sistema colonialista das *plantations*), cujo discurso foi encarnado no senhor branco. A isso, como brancas, lamentamos a crueldade de nossos próprios antepassados.

Em *Caderno de Memórias Coloniais*, Isabela Figueiredo conta a sua experiência de ter passado a infância com a família em Maputo, em Moçambique, na condição de colonos portugueses emigrados. Na narrativa, há descrições contundentes de uma distância intransponível entre os negros e os brancos. Nessa divisão, algumas figuras de seu convívio, como a paterna, encarnam o colonizador, enquanto ela, como a criança que era, via-se como uma “colonazinha negra” que, sem deixar sua posição de mulher branca, parece alternar-se entre sentir os efeitos, como sujeito, da posição do dominado e do dominador. As marcas da violência colonizadora distribuem-se aos que nela estão envolvidos, como podemos ver em um trecho de seu relato:

Quem, numa manhã qualquer, olhou sem filtro, sem defesa ou ataque, os olhos dos negros, enquanto furavam as paredes cruas dos prédios brancos, não esquece esse silêncio, esse frio fervente de ódio e miséria suja, dependência e submissão, sobrevivência e conspurcação. Não havia olhos inocentes. (FIGUEIREDO, 2018, p. 46).

Em certa medida, Isabela acaba por assumir identificada ao pai, ou “o que resta dele” (p.58), já que as falas da figura paterna ecoam tão fortemente em sua autoficção. Todavia, pensamos que com seu testemunho, ela se empenha no projeto de afastar-se, em alguma medida, do que lhe havia colado da dinâmica dominador-dominado - ou seja, de seu quinhão de silêncio gozoso, envolvido no drama.

De todo modo, Figueiredo (2018) auxilia-nos a entrever a complexa trama tecida sob os restos que compõem a nossa herança da colonização, principalmente para uma mulher. São muitas as cenas a partir das quais ela nos demonstra o modo como as mulheres brancas foram tolhidas em sua sexualidade. Afinal, o projeto colonial supunha lugares fixos para elas, os quais

não variavam muito do papel da “mãe” ou da “dona de casa” cuja sexualidade basicamente atrelava-se a fins reprodutivos.

O ponto de vista histórico que restitui ao discurso o lugar da violência colonial, repetidamente denegada, é imprescindível. Decerto, instrumenta-nos a pensar manifestações de silenciamento observadas ao longo da Oficina. Todavia, a posição das mulheres instiga-nos a somar a essa discussão a lógica das posições sexuadas na linguagem (LACAN, 1972-1973). A partir dela, torna-se possível intuir que, para além do drama histórico que nos perturba, a imagem de uma máscara silenciadora talvez faça ressoar o fato de que, em alguns momentos da vida, também somos fisdados por uma dimensão muda da língua.

Ademais, dentre os possíveis motivos que fizeram um homem branco calar mulheres como a escrava Anastácia, não seria possível localizar a recusa relativa à sexualidade e à posição feminina, marcada, inclusive pelo endereçamento a algo de enigmático e perturbador que o campo do “místico” coloca (LACAN, 1972-1973)?

### 6.1.1 A posição feminina: a proximidade dos sons que vêm do ninho

À force macaque caressé pitite li, li tué<sup>1</sup>

(De tanto acariciar o filhote, a macaca o matou).

Ditado em crioulo haitiano, mencionado por Dany Laferrière, em *País sem Chapéu*.

O silenciamento das mulheres haitianas não se tratava de uma novidade no CIEJA-PERU- I. Uma frase ouvida por uma colega professora na instituição alertava que mexer com o tema “mulheres haitianas” seria *mexer em um vespeiro*. Mas, como não mexer? A própria escola fazia movimentos nessa direção, embora percebesse o tamanho do obstáculo encontrado.

De nossa parte, não tendo havido outras oportunidades de realizarmos propostas com o intuito de vacilar a fixidez com que o silêncio se fazia presente entre as mulheres no contexto da Oficina, por ora, restou-nos o incômodo e um impulso à reflexão. Passamos a nos questionar em que consistia a mudez das mulheres haitianas, mesmo quando as discussões lhes concerniam.

No seminário *Mais Ainda* – livro 20, Lacan (1972-1973) mostra ser a posição feminina relativa a uma forma de satisfação com um “gozo suplementar”; um gozo que está fora do campo das significações, pois “quando um ser falante se alinha sob a bandeira das mulheres,



isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica” (LACAN, 1972-73, p. 78-79).

Poderíamos dizer, em referência ao vespeiro, que ao se encarnar a posição feminina, fica-se mais perto do “ninho” de onde saem os zumbidos da língua que não se associam a nenhuma significação, guardando relação com as primeiras sonoridades que ligam o pequeno humano a seus cuidadores, geralmente a mãe.

Assim, estando em posição feminina, a inscrição na ordem fálica (campo que orienta as trocas no registro simbólico) não se dá por completo. É claro que as mulheres falam e participam da vida social. Por vezes, são elas que a suportam, inclusive. Na sociedade haitianas, por exemplo, há uma função social muito interessante desempenhada por algumas mulheres, chamadas de “madams saras<sup>58</sup>”. De origem rural, essas mulheres protagonizam as vendas de produtos de hortifrutí nos mercados de rua de Porto Príncipe, sendo a “figura-chave” do mercado interno do país, ao levarem os produtos do campo às cidades, além de mobilizarem relações sociais diversas (STAM, 2012).

Todavia, as mulheres tendem a tangenciar um outro campo, relativo ao que não é coletivizável, como são as palavras cobertas por significações que “funcionam” aproximadamente, para um determinado grupo. Esse “gozo Outro”, “suplementar” ao gozo fálico (LACAN, 1972-1973/2008) faz com que, em certas circunstâncias, a convocação a esse modo de gozo pode impedi-las a não participar, de modo ativo, do campo das trocas.

Entendida nessa perspectiva, a posição feminina diz respeito a todos, ao apontar a satisfação que cada um pode experimentar ao tocar o *húmus do ser*, onde há uma ex-sistência em relação ao que pode ser representado. Não se trata, portanto, de uma questão de gênero, pois os modos de “gozo do corpo”, como sabemos atualmente, não dependem de caracteres sexuais. Há uma disjunção entre o gênero e as posições sexuadas de homem e de mulher, a qual qualquer ser falante pode assumir, colocando-se de um lado ou outro no discurso (LACAN, 1972-1973/2008).

Lembremos o violento e frequente silenciamento, sofrido pelos homens, de aspectos da sua vida nos quais poderiam ressoar esse núcleo de gozo ligado à posição feminina, em nome da manutenção de certos rituais de poder, conforme nos lembra Solnit (2017), desde uma perspectiva das teorias feministas.

---

<sup>58</sup> É curioso notar que o sintagma “madam sara” faça referência a um pássaro de mesmo nome, de origem africana, que vive em grandes bandos, fazendo uma algazarra que ressoa o barulho dos mercados e feiras onde as “madams saras” atuam. Talvez se possa pensar que, nesse caso, a ligação das mulheres com uma sonoridade que está aquém das articulações significantes atua de modo a favorecer o laço social, visto elas construírem relações, trânsitos e alianças, fazendo os produtos e o dinheiro circularem.

Todavia, há especificidades relativas aos seres passíveis de serem nomeados pelas instâncias sociais como “mulheres”, ao nascimento, as quais podem resultar em obstáculos e vicissitudes. A psicanalista francesa Françoise Dolto (1982) afirma que o amor de uma mulher por seu sexo é depositário da forma como outras mulheres - mães, tias, avós - assim como pais e irmãos, puderam nomear sua diferença sexual; ajudando a menina a simbolizar tal diferença.

Ocorre não ser simples, para uma menina, simbolizar o seu sexo. Não há, no inconsciente, a demarcação da diferença relativa ao “ser homem” ou “ser mulher” (LACAN, 1964). Em um primeiro momento, a sexualidade feminina se constrói no drama edípico, entre as figuras do pai e da mãe. Entretanto, a saída feminina do Édipo via maternidade, tal qual Freud (1933 [1932]) a formulou em um primeiro momento, foi relida por Lacan (1958) como não sendo uma solução para a feminilidade, por haver uma disjunção entre a mãe e a mulher. Enquanto mãe, a mulher ainda está no lado masculino, já que o bebê é um substituto fálico. Assim, também não será como mãe que se poderá transmitir o que é da ordem do feminino à filha.

Tanto filhos homens quanto filhas mulheres buscam, no olhar da mãe, uma confirmação narcísica, que dará a matriz do eu, conforme discutimos no capítulo quatro. Entretanto, no caso da menina, ela irá buscar o reconhecimento daquilo que é específico de seu corpo feminino, marcado pela falta de um significante que se dê a ver (como o é o órgão fálico, no caso do menino). Portanto, de modo distinto do que ocorre com um filho, uma mãe relaciona-se com a filha desde a sua posição de mãe e de mulher, pois é dessa última que ela poderá lhe transmitir algo relativo ao sexual (no caso do menino, se a lei do incesto opera, é como mãe que ela se dirige a ele).

Entre a atribuição social de “ser uma mulher” e a vivência de que ela, de fato, sinta-se como uma, há um grande caminho a ser percorrido, passando pelo acolhimento que a mãe dá ao corpo de uma filha. Para auxiliar uma filha a se constituir no campo do feminino, uma mãe precisa ter se permitido o reconhecimento de seu corpo e de uma identificação feminina. Ao analisar a relação mãe-filha a partir da teoria de Freud e Lacan, Zalcberg (2003) afirma:

Como as palavras da mãe dizem algo especial e têm uma linguagem própria, são elas que proporcionam um primeiro recobrimento - simbólico – para a falta que marca o corpo feminino da filha. [...] é preciso que um texto, uma palavra, da mãe dê um suporte a essa definição possível da filha como mulher (ZALCBERG, 2003, p. 187).

Assim, apresentando-se de modo mais complexo, há vicissitudes envolvidas na separação entre filha e mãe (FREUD, 1932), que tornariam a saída edípica da mulher mais longa e hostil, com relação à mãe, do que a do homem.

Lacan (1973) nomeia por “devastação” (*ravage*, no francês) os laços que unem uma filha à mãe e que comportam algo de “doloroso”. A devastação é aquilo que se localizaria antes da relação edipiana da menina com o pai, apontando para a espécie de fracasso da metáfora paterna, ligado à dificuldade de se simbolizar o gozo feminino (DRUMMOND, 2011).

Como consequência desse fracasso, nos casos em que não há um trabalho subjetivo da mulher em direção à sua própria feminilidade, pode haver um aprisionamento à posição que se ocupou para o Outro – inicialmente encarnado pela mãe, mas que pode se transferir para relações amorosas, nos quais um amante ocupa esse lugar.

Nos casos em que uma mãe encontre obstáculos para se inserir no universo das trocas, arrisca-se que ela seja o único objeto de sua filha, o que resultará em dificuldades para que essa possa se deslocar das tentativas de tamponar a falta da mãe. Drummond (2011) ajuda-nos a esclarecer que, nessas condições, há a interpretação de que há um Outro do gozo que convoca a uma fusão. Segundo a autora:

A criança pode permanecer na posição de fetiche da mãe, ou ainda, converter-se num dejetivo. Esta é a posição de devastação para a menina. Ela está ligada à troca fálica impossível, algo da mãe tendo escapado da lei simbólica que faria dela um objeto na estrutura de troca. Se o sujeito entra no registro simbólico da troca, ele tem a possibilidade de metaforizar o desejo da mãe (DRUMMOND, 2011, p. 8).

Portanto, para uma mulher, arrisca-se a ficar mais colada ao gozo da mãe, e da voz dela; aproximando-se demais “à melodia calada” de um gozo que corre nos pedaços da língua que as enlaçam, resultando em mutismo.

Nesse ponto da discussão, parece-nos pertinente resgatar em maiores detalhes a situação de Liline, haitiana mencionada em nosso capítulo introdutório, como aquela que protagonizou um dos três encontros que tivemos com o *silenciamento* do sujeito imigrante haitiano, em momento anterior à presente investigação. Embora Liline não tenha composto o grupo de participantes da Oficina de escrita, visto nosso encontro ter se dado em outro contexto, seu testemunho ajudou-nos a pensar algumas das questões surgidas no encontro com outras mulheres haitianas. Por esse motivo, trazemos seu caso como parte dos registros da pesquisa, embora em condição êxtima, tendo sido um dos elementos a “causar” nossa reflexão. A seguir, apresentamos um fragmento de nosso encontro:

#### Quadro 4: Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Liline é uma moça haitiana de vinte e oito anos, que se dirige à pesquisadora (então na condição de analista), para interrogar-lhe: *O que você acha que eu tenho na cabeça?* Convocada a explicar a dúvida compartilhada, conta sentir fortes dores quando pisa forte no chão, ou quando fica nervosa. Associa o seu nervoso às situações em que fala com a mãe, que permaneceu com o restante de sua família de origem, no Haiti, e que passa por dificuldades para se sustentar. Para ela, o mais difícil de suportar é *ouvir a voz* de sua mãe, em quem diz pensar a maior parte do tempo, embora tente esquecer.

Desde o início do acolhimento a Liline, um aspecto chama a atenção: sua fala em português é fluente; ela não dá sinais de querer trocar de idioma, ou mesmo de se interromper para buscar um termo em uma de suas línguas (francês ou crioulo haitano). O atendimento segue com um resgate das relações familiares a partir do qual ela conta quem ficou e quem veio com ela. À medida que fala, registra alguns significantes em um papel, como o nome de um irmão preferido e da irmã “louca”.

Também escreve nas mãos o nome do filho, ao lado da frase: “eu te amo”. Diz escrever coisas a ele quando está ausente, e que mantém uma caderneta de anotações, para colocar tudo o que quer falar, mas não fala. *Escrevo em português. Falamos em português em casa. Não quero que ele (o filho) fale creole. Ir para o Haiti para quê?*

A princípio, Liline havia dito que não gostava de falar, embora tenha falado bastante durante o atendimento. Curiosamente, o acolhimento é encerrado com ela virando a folha que tem nas mãos e escrevendo a pergunta: *Você acha que falo muito? Que.* Mostra a folha, com um sorriso no rosto. A resposta é a de que ela parece falar bastante, para quem diz não gostar de falar, mas que este talvez fosse um bom caminho para as suas dores de cabeça, já que “os remédios não funcionam”. Ela agenda um retorno, mas não volta.

Fonte: Materiais da pesquisa

Como se pode notar no registro ora trazido, no caso de Liline, era o crioulo que estava silenciado, como uma de suas línguas de origem. A busca da moça por outra língua, ao mudar de país, talvez possa ser lida como um recurso do sujeito para barrar não apenas o relato a respeito de uma miséria, mas a “língua da mãe”, com seu potencial de devastação.

Caso Liline voltasse ao serviço no qual nosso encontro se deu, seria possível a ela enunciar que a língua da mãe é o som impossível de suportar, por trazer à tona um sofrimento que ela busca barrar e que lhe dá dores de cabeça? Não à toa, ela diz não querer passar ao filho a sua língua de origem. Nesse caso, a língua portuguesa, principalmente em sua modalidade escrita, parece operar para Liline como um anteparo à angústia, uma espécie de “novo pai” (MELMAN, 1992) capaz de fazer frente ao Outro que não lhe sai da cabeça, em forma de voz.

Talvez agora já possamos ligar a cadeia geracional que, via discursividades diversas (que incluem os restos de uma violência colonial e as misérias dela decorrentes), acentua o afastamento das mulheres do mundo das trocas, determinando poucos e fixos lugares para elas na cultura. Assim, termina-se por acentuar as vicissitudes envolvidas na proximidade que uma mulher - ou outro ser falante em posição feminina – guarda com o universo do que ainda não é palavra.

Determinadas discursividades, ao produzirem mães para quem não há muitas opções além do interesse na prole, estão implicadas na geração de filhas (ou filhos) que entendem dever responder à completude da mãe. Como consequência, pode ocorrer que tais filhos e filhas tendam a ficar na posição de objeto de gozo do Outro, encontrando obstáculos para circularem pela ordem fálica, de modo a transitar pelas posições de sujeito e de objeto. Trata-se de uma posição, enfim, que se transmite.

É possível, ainda, aproximar a posição feminina à posição do louco, da criança e do adolescente, os quais se prestam facilmente a “se fazer de outro”, ficando à margem do discurso e encarnando o objeto fantasmático no social. De acordo com a psicanalista Ana Costa (2002):

De alguma maneira, aquele que encarna, com tanta sensibilidade, a figura desse outro tão “social”, não toma a palavra a partir de um significante que pode situá-lo em nome próprio. Isso quer simplesmente dizer que há algo de um mutismo, no seu lugar, em relação ao qual ele ainda não tem condições de se expressar. (COSTA, 2002, p. 10)

Essa série apontada por Costa é relativa àqueles que se fixam em “serem falados” ou que têm sua voz delegada – o que ocorre, também, ao estrangeiro, ao menos durante um tempo no qual as palavras do país de chegada ainda lhe são estranhas. Conforme afirma Molloy (2018, p. 52), um sujeito bilíngue ou multilíngue põe em evidência “a inerente estranheza de toda comunicação”, pois esbarra na insuficiência que é própria à linguagem, mas que se acentua nas situações de aprendizagem de uma segunda língua.

O mutismo se daria, então, seja por impossibilidade estrutural (como os *infans*, que não acederam à fala), pela falta de domínio de um idioma ou porque aquilo que poderiam dizer parece perigoso, ameaçador ou perturbador. Ou ainda, e sem que as condições se excluam, pelo fato de que as situações de passagem, como adolescência ou migração, têm o potencial de convocar a dimensão gozosa e muda da língua – traumática, em si mesmo.

Ocorre que, sob o silêncio, jazem não apenas palavras, mas o que está aquém delas: o campo do “sem sentido”, com sua dupla vocação: fazer calar ou criar. A imagem do “joio e do trigo”, embora ressoe certo maniqueísmo, pode servir-nos, ao apontar que no rito ancestral da separação é preciso se arriscar a fisgar a substância fértil, para ela fazer pão. Afinal, é nesse mesmo campo do irrepresentável, o qual convoca a um gozo não-todo, que nascem as invenções com a língua.

## 6.2 Colonizações d'álgua

Pai! Afasta de mim esse cálice  
Pai! Afasta de mim esse cálice  
Pai! Afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue

Trecho da canção *Cálice*, de Chico Buarque

O crioulo é uma língua (com) que a gente pode inventar algo

Trecho do diário de bordo da pesquisadora

Do percurso que fizemos até então, depreendemos que o desafio colocado aos seres que se alocam na posição feminina é o de manter o acesso a esse gozo, que passa pelo corpo, sem, no entanto, impedirem-se as trocas fálicas, que passam pela palavra compartilhada. É nessa direção que a escrita, por guardar uma afinidade tanto com o campo do sujeito quanto com o do objeto (como discutido no capítulo dois), pode representar um caminho fecundo para “acordar” a melodia calada que se oculta por entre as letras, servindo de moldura a uma voz.

No caminho rumo à escrita, todavia, é possível nos depararmos com posturas defensivas ao gozo envolvido na posição feminina, a partir das quais se confunde o núcleo irrepresentável da língua, o qual aponta o impossível de tudo dizer, com proibições relativas ao uso normatizado da língua.

### 6.2.1 Cenas de uma língua colonizada

A partir da apresentação de duas cenas enunciativas, pretendemos discutir uma dimensão de cerceamentos mútuos, observada na Oficina de Escrita, impedindo um uso mais livre das línguas. Ocorria-nos, nesses instantes, estar em jogo algo bem situado pela expressão idiomática “Dobre a língua!” para falar (ou escrever). Algo semelhante a esse imperativo impelia os participantes a correções mútuas, retratações, resistências, silêncios e censuras diante das produções linguísticas, seja nas línguas que já falam ou escrevem (o crioulo haitiano e o francês, entre outras) quanto em língua portuguesa.

A nosso ver, essa dimensão entrelaça dois aspectos: a de uma cultura do silêncio (FREIRE, 1981/2021), manifesta na reprodução de relações colonizadoras, e uma posição de mestria. Passemos às duas cenas:

### a) Apagar as marcas d'álingua... normatizar-se

Em uma dinâmica introdutória à Oficina de Escrita, solicitamos aos participantes que elegessem três palavras de sua “língua de origem”, que dissessem respeito ao seu percurso na vida, seus gostos, suas memórias, enfim, sua história. Cada participante era chamado à lousa para escrever as palavras escolhidas. Cientes da presença de muitas línguas na história do Haiti, e do fato de que as barreiras linguísticas não existem no inconsciente, não foi especificada qual seria a “língua original” a qual deveriam recorrer. De modo geral, as palavras remetiam ao contexto familiar, a crenças religiosas e ao universo do trabalho.

Com vistas a ampliar o vocabulário do grupo, passou-se, então, de forma coletiva, à tentativa de verter a lista de palavras escolhidas para o português, buscando possíveis sinônimos. Nesse contexto, uma cena chamou-nos a atenção. Transcrevemo-la, a seguir, ao modo de um excerto ilustrativo da temática de que queremos tratar:

#### Quadro 5: Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Joseph e Marie mostravam-se visivelmente incomodados com o modo como alguns de seus colegas escreviam no quadro a lista pessoal de palavras solicitada. Quando Paul terminou de escrever algo na lousa, outros participantes juntaram-se aos dois para corrigi-lo na grafia: *não se escreve assim!*, diziam. Ao que o colega respondia: *Na minha língua, pode.*

Tratava-se de uma frase que fora escrita em crioulo haitiano. Aparentemente, aos modos de uma abreviação: *“mw rnm papa”*. Supostamente, a frase seria escrita do seguinte modo: *“mwren renmen papa”* (em português, algo como: eu amo meu pai).

Era notável a ânsia dos colegas em corrigi-la, bem como a afirmação conclusiva de Paul, de que a grafia utilizada por ele era, sim, possível.

Ao final da dinâmica, quando os colegas deixaram a sala, Joseph e Marie solicitaram-me demarcar, na lousa, a diferenciação entre as palavras escritas em francês e as palavras escritas em crioulo. Estavam imbuídos por um senso de correção excessivo, que incidia sobre ambas as línguas. O gesto de Joseph foi descrito à professora como uma “ajuda” que ele lhe daria.

Fonte: Materiais da pesquisa

Aquilo a que estamos chamando, no excerto ora apresentado, por um “senso de correção” caracterizou-se, na Oficina de escrita, por uma tendência a apontar no outro, parceiro imaginário da fala, usos supostamente equivocados de uma língua ou a desobediência de fronteiras linguísticas.

No caso da cena descrita, chamou-nos a atenção o modo inflamado como os participantes se voltaram à correção da palavra em crioulo, visto tratar-se de uma língua

predominantemente oral, com a presença de dialetos e cujo processo de padronização da escrita é recente e ainda não legitimado pela cultura haitiana, embora haja movimentos nessa direção.

A reação também pode ser tomada como exagerada se considerarmos o teor lúdico e afetivo da dinâmica, na qual se tratava de realizar um compêndio de palavras de valor afetivo e memorialístico do grupo, não cabendo, em tese, um julgamento acerca do que estaria “certo” ou “errado”, do ponto de vista de uma norma linguística. Na perspectiva do que sugere Geraldini (1996), a dinâmica tinha como um de seus objetivos permitir a circulação das instâncias da linguagem manejadas nas instâncias privada e pública.

Parece-nos possível remeter a escrita de Paul, ao menos hipoteticamente, a uma presença do que seria fragmentos de sua *alíngua* (LACAN, 1972-1973) ou *lalangue*, noção a qual já mencionamos como relativa aos primeiros sons pronunciados pelo bebê (lalações), a partir da musicalidade daqueles que o embalam e o inserem no mundo de palavras. Por *alíngua* podemos nos aproximar, portanto, à dimensão que diz respeito aos sons que se atrelaram ao corpo da criança, de modo ainda contingente e distante de um código compartilhado. Mesmo que tenham sido aparentemente esquecidos, tais sons podem irromper em fragmentos de linguagem não simbolizados, ora entendidos como erros, ora como criações.

Embora de difícil comprovação apenas diante desses dados, é interessante notar que as sílabas que se mantiveram na escrita são consoantes que costumam aparecer com maior frequência em dialetos de origem africana, mais do que no francês.

Diante da possível presença de traços da língua cuja origem remonta à maternagem, o que pudemos fazer foi marcar a sua legitimidade, diante do impulso à correção: “Podemos modificar a frase, para todos poderem ler, mas, ele está dizendo que essa é a língua dele”.

No episódio descrito, o ato de se colocar o crioulo, “língua de origem” declarada pelo participante como sendo sobrepujado pela língua francesa, parece apontar uma dinâmica colonizadora, historicamente situada.

Todavia, nossa discussão não pretende se deter somente à dinâmica colonizado-colonizador, embora devamos incluí-la. Ao falarmos em língua de origem ou relativa à maternagem, é a essa dimensão de *alíngua* a qual nos referimos. Tal dimensão pode estar presente em qualquer idioma, podendo-se mostrar, inclusive, ao se passar de uma língua a outra. Em outras palavras, a “língua materna” é particular a cada sujeito falante; por ser da ordem do sem-sentido, ela não é compartilhável.

Talvez possamos pensar, com Melman (1992), que para um determinado povo, algumas línguas são mais suscetíveis de carregar os vestígios da maternagem. Um comentário de Joseph,



após a dinâmica mencionada, parece-nos apontar algo nessa direção. Segundo ele, embora o crioulo não seja padronizado, todos sabem o *jeito errado* de falar semelhante língua. Mesmo “errada”, todavia, é possível entendê-la, algo que ele menciona ser difícil de explicar a quem não é um falante do crioulo. Conclui, em sua exposição, que *o crioulo é uma língua (com) que a gente pode inventar algo*.

Sublinhamos de sua fala o questionamento que ela nos aponta: se há um saber de que a língua de origem é aquela com a qual se inventa algo, por que a dimensão do “erro” aparecia de modo tão contundente nas atividades da oficina, incidindo nas diversas línguas do sujeito imigrante haitiano, inclusive na que ele supostamente poderia arriscar-se a criar?

## **b) Não misturar as línguas!**

Em outra situação (encontro 11), durante uma atividade de leitura coletiva do livro *Eu e o Rio*, de Lygia Bojunga (1999), o participante Enzo fez diversas interferências, fomentando discussões a respeito de normas linguísticas. Uma delas referia-se ao uso dos pronomes pessoais “Tu” ou “você”, a depender da região do Brasil. A seguir, trazemos uma descrição da cena:

### **Quadro 6:** Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Alguns integrantes do grupo, mais familiarizados à diferença entre o você e o tu, passaram a explicar a Enzo os usos desses pronomes em determinados estados, como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul ou no Nordeste do Brasil. Mesmo diante das explicações, o rapaz não se conformava com o uso generalizado do ‘você’. Para ele, tratava-se de um uso *errado*. Os *brasileiros não seguem a gramática*, dizia.

Passou então a explicar sua visão, segundo a qual os brasileiros – *todos vocês* - deveriam usar tanto o tu como o você, diferenciando-os pelo grau de formalidade, como ocorre no francês. Explicou que por esse tipo de coisas, ele chegava a pensar: *O português não é uma língua. É intermédia de cinco línguas: inglês, espanhol, francês, italiano e português*. Para ele, a existência de tantas variedades na língua, ou misturas de outros idiomas, eram um sinal de uma *ignorância do brasileiro*.

Fonte: Materiais da Pesquisa

O excerto ora trazido é uma pequena amostra de uma situação, entre outras tantas emergidas ao longo da Oficina, nas quais se depreendia uma rigidez na relação do sujeito imigrante haitiano com as línguas que o constituem ou com o português, língua na qual uma nova constituição está em devir.

Entre os diferentes modos como essa rigidez se deu a ver, o receio de “borrar as fronteiras” linguísticas, ilustrado nas falas do participante Enzo, foi de grande recorrência.

Trata-se de um discurso totalizante, sustentado por um “mito de uma língua única” (BAGNO, 2008). Como resultado desse discurso, tem-se o apagamento das influências interlinguísticas, apoiado em uma ideia de que as línguas não variam segundo características temporais, geográficas, socioeconômicas, etárias ou de níveis de instrução.

Outro modo de adesão a um tal discurso é demonstrado por Melina, que, tendo morado na República Dominicana antes de vir ao Brasil, dizia-se fluente no espanhol. Mesmo assim, tinha dificuldades em *soltar a língua*, como lhe apontava um de seus colegas. Ela explicava que, pela proximidade entre o espanhol e o português, sentia que as pessoas não iriam entendê-la falando o espanhol ou a tomariam como uma “mal-falante” da língua portuguesa. Por esse motivo, preferia não tomar a palavra, receando *misturar as línguas*.

A posição de Melina faz ressoar o episódio que ficou conhecido como o “Massacre da salsinha”, no qual morreram cerca de 15 mil haitianos. Ao final da década de trinta, os haitianos concentravam-se na fronteira da República Dominicana, em busca de trabalho. Utilizando-se de um crivo linguístico, o ditador dominicano Rafael Leónidas Trujillo teria determinado um massacre desses imigrantes: aqueles que pronunciassem a palavra *perejil* (salsinha) com vestígios do erre francês ou apresentando dificuldade na pronúncia do jota, tal como é dito em espanhol, tiveram como destino a expulsão do novo país ou a morte (MOLLOY, 2018; PINTO, 2018).

Tal episódio ocorreu à época da ascensão do nazismo e apoiou-se no pensamento de intelectuais que interpretavam bilinguismo e mestiçagem como ameaças à noção de pátria e purismo racial, inspirando-se em ideias que circulavam na Europa (PINTO, 2018). Portanto, a perseguição aos haitianos empreendida pelo ditador dominicano, por meio dos vestígios de estrangeirismo na língua espanhola, serviu à segregação dos grupos e à aniquilação radical das diferenças. Trata-se de mais um exemplo das incidências históricas relativas à imposição de uma língua, com potenciais efeitos de transmissão.

## **6.2.2 Língua, colonização e o fascínio pelo opressor**

Nas situações de colonização histórica como as que viveram os haitianos, nas quais há a imposição de uma língua sem considerar suas variantes, pode haver a instalação de uma referência a um “pai” (entendido como a principal referência simbólica), cuja força se impôs de modo violento. O que podemos ver, nas cenas ora trazidas, talvez seja a reprodução das relações com esse “pai” (o colonizador francês) transferidas para a situação de aprendizagem

da língua portuguesa como língua adicional. Essa suposição parece ser confirmada, por exemplo, pela menção do participante Enzo ao francês como exemplo de normatividade, a qual deveria ser, inclusive, o “modelo” a ser utilizado por falantes da língua portuguesa no Brasil.

Na conhecida obra *Pele negra, máscaras brancas*, o psiquiatra e psicanalista Frantz Fanon (2008)<sup>59</sup>, originário da Martinica, analisa os usos linguísticos dos negros das Antilhas, mas que poderiam ser vistos em todos os povos colonizados. Assim afirma o autor:

[...] o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser. Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito (FANON, 2008, p. 34).

Para Fanon (2008), os povos que sofreram o “sepultamento” de sua cultura acabam por tomar uma posição diante da linguagem da nação civilizadora, seja assumindo-a como um intérprete dela, seja rejeitando-a. Assim, haveria alguns deles que assumiriam o papel de “intérpretes”, uma função que remete ao tempo do exército colonial, no qual oficiais nativos transmitiam as ordens do senhor aos seus iguais. De certo modo, aqueles participantes que se posicionam contra as variantes linguísticas, nas cenas enunciativas apresentadas, não se comportariam desse modo?

Decerto, é preciso ponderar, como faz Fanon (2008), que a valorização da língua francesa entre os antilhanos é compreensível, pois trata-se da língua que, socialmente, lhes oferece oportunidades. Nessa direção é que entrariam os purismos e a procura de “[...] sutilezas, de raridades de linguagem — outros tantos meios de provar a eles próprios que se ajustam à cultura dominante (FANON, 2008, p. 50).

Esse também seria o motivo pelo qual as classes abastadas das Antilhas não falam o crioulo entre si, reservando seu uso apenas ao ambiente doméstico. Em casa, os pais pediriam às crianças que falem “o francês francês”, considerando com desdém a influência do crioulo.

Tendo sido inspirado pelo pensamento de Fanon, Freire (1968/2022; 1981/2021) interessa-se por analisar as situações em que há a reprodução das relações hierárquicas entre os próprios pares, ao modo da relação entre colonizado e colonizador. Para o autor, nesses casos,

---

<sup>59</sup> É interessante notar que a obra mencionada de Frantz Fanon pode ser considerada como um texto-testemunho do colonizado, cujo tom primordial é o da “melancolia”, como apontado pelo filósofo Lewis Gordon, no prefácio do livro. Associa-se, assim, o desenraizamento da cultura de origem (desvalorizada pelo colonizador) a um desenraizamento psíquico, levando o sujeito a uma identificação ao objeto, na direção da discussão realizada no capítulo cinco da presente tese.

o que ocorre seriam tentativas de mimetizar as formas paternalistas devido a certo fascínio pelo opressor, passando a assumir as formas de se relacionar daqueles aos quais se subjugaram. Entre elas, estaria o uso de posturas “prescritivas”, as quais determinam como os subordinados deveriam fazer uso da palavra.

Haveria, para Freire (1968/2022), uma dualidade existencial entre os oprimidos a qual mescla repulsa e atração pelo opressor, pois, “Na ‘imersão’ em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a ‘ordem’ que serve aos opressores e que, de certa forma, ‘vivem’ neles” (FREIRE, 1968/2022, p. 68).

### **6.2.3 A posição de mestria: um modo estrutural de colonização d’alíngua**

Com vistas a coadunar uma leitura histórica ao pensamento de base estrutural da psicanálise, o psicanalista francês Charles Melman discute, em textos como *Casa grande e senzala* (1989) e *Complexo de Colombo* (1990), os efeitos das situações de colonização para os sujeitos nela envolvidos, indagando-se quanto à possibilidade de pensarmos em “um inconsciente colonial”. Para a sua leitura, o autor se baseia no livro *Casa Grande e senzala*, de Gilberto Freyre (1933), tomando como exemplo a colonização ocorrida no Brasil, levada a cabo pelos portugueses.

Os elementos da análise de Melman (1989/1990) remetem a aspectos estruturais referentes à dialética colonizador-colonizado, os quais nos ajudam a pensar aspectos das cenas registradas ao longo da Oficina de escrita para imigrantes haitianos. Ainda que haja evidentes diferenças culturais e históricas relativas ao Haiti e ao Brasil, os dois países compartilham da herança colonial, sentindo seus efeitos até os dias atuais. Partimos, então, de uma apropriação não-toda de seu pensamento, com vistas a situar o contexto da relação do sujeito imigrante haitiano às línguas, ao longo da Oficina.

Segundo o autor, o que caracteriza a matriz subjetiva colonial, mesmo que politicamente sua configuração já tenha sido concretamente desmontada, é um trauma. Esse trauma, por se tratar de um determinado modo de habitar a linguagem, é transmissível e decorre dos efeitos de um momento “original”, no qual alguns homens, na posição de colonizadores, colocaram-se em posição de organizar o território desconhecido, (re)nomeando o já existente, organizando o suposto caos e gozando da mulher sem qualquer limite.

Nota-se aí uma sobreposição de saberes e de relação com o Outro e sua constituição pela linguagem, a qual embora já esteja constituída, é tomada como inexistente ou imprópria. Tal

posição, remetida a uma situação excepcional, é a de um “mestre absoluto”. Haveria, então, a prevalência de um trauma em detrimento de um “pacto simbólico”, entendido como aquilo que nos faz nos reconhecermos como semelhantes.

Tratar-se-ia da instalação de uma diferença radical entre esses dois lugares, os quais não se enodam em um pacto, com circulação de posições e discursos:

Que entre esses dois lugares exista, então, um conflito duradouro, é o que revela a situação singular, prolongada, mantida pelo colonialismo, mesmo quando suas formas mais evidentes, quando suas formas políticas mais patentes já desapareceram. Essa instauração inicial de um conflito entre esses dois lugares, que só pode ser resolvido pela violência e força, por uma espécie de guerra, de guerra permanente, e onde o encontro não se fará mais com um semelhante, mas sempre com outrem, isto é, com quem sempre se deverá repetir o ato de violência inaugural, essa situação me parece ser a herança ao mesmo tempo política e espiritual, a catástrofe espiritual e política deixada pelo colonialismo, mesmo quando esta forma, repito, política, não existe mais. E este tipo de fosso, este tipo de obstáculo vai ser a matriz da organização subjetiva. (MELMAN, 1990, p. 28).

Uma das heranças do colonialismo seria, portanto, determinadas incidências subjetivas que instalam certos traços nos sujeitos que dele fazem parte, perpetuando-as. Uma delas, que nos parece interessante para pensar as cenas descritas na seção anterior, é a reedição de uma imposição que instala, de um lado da relação, sujeitos que passam atuar como “mestres absolutos”.

Se o Outro parece incivilizado ou ameaçador, é aquele com quem se deve estabelecer um *front*. Resulta daí “uma posição subjetiva que só se afirma a partir da referência ao *significante-mestre*, e que sente como uma ameaça tudo que é da ordem da alteridade” (MELMAN, 1989, p. 19). Do outro lado, teríamos sujeitos empurrados à posição feminina na linguagem (LACAN, 1972-1973), demonstrando estranheza em relação ao simbólico, ao se aproximar de um Real que se furta a se enodar e a manifestar rebeldia a qualquer mestria.

A ausência de pacto entre esses dois lugares levaria a um risco de estabelecimento de uma relação de forças, visto que “como a identificação sexual impele cada um desses parceiros a testemunhar certa pugnacidade, nesse afrontamento é como se um dos traços que permite marcar a identidade sexual de um e de outro dependesse do testemunho, da existência dessa pugnacidade” (MELMAN, 1989, p. 29). O autor indaga-se, sem pretensão de resposta, quanto à possibilidade de haver um encontro com outrem, que não nos parece semelhante, mas sim uma alteridade radical, que não acarretaria reações colonizadoras.

Embora seu pensamento acentue a figura de um “mestre absoluto” envolvido no empreendimento colonizador, o que ele parece querer apontar é que, diante da diferença, por reações defensivas, sempre haverá quem se coloque em posição de mestria, rejeitando a incompletude e o enigmático presente em uma posição feminina.

Transpondo esse questionamento para a área da linguagem, de modo a remeter-nos novamente às cenas enunciativas de cerceamentos mútuos apresentadas, propomos recorrer às considerações do linguista Jean-Claude Milner (2012) em *O amor da língua*, as quais permitem ligar posições sexuadas a questões de linguagem.

Com base na linguística de Ferdinand de Saussure<sup>60</sup> e nos desenvolvimentos lacanianos, Milner (2012) faz a proposição de que as línguas estabelecidas são uma forma particular da posição de “todo” na linguagem, relativa ao lado homem da sexuação (aquele que é “todo” fálico). Já do lado feminino, também chamado de “não todo”, encontram-se os dialetos, as reorganizações específicas de uma língua que fogem à norma dominante, bem como outras manifestações linguísticas que demonstram a incompletude característica do dizer - ou seja, o ponto de impossível da língua.

Assim, haveria dois modos de se colocar na língua, a partir dessa partição. Desde o lado “todo”, a forma de inserção na língua refere-se à norma, procedendo-se a uma interpretação da própria partição mencionada como sendo uma margem que separa o “correto” e o “incorreto”. Esse teria sido o caso dos participantes da cena *a* que apontam o “erro” do colega, em se valer de uma variação (ou invenção) de língua desviante; ou o participante da cena *b*, que manifesta uma desvalorização da língua portuguesa, ao perceber que ela não segue uma regra rígida quanto ao uso de determinados pronomes. Já no lado “não todo”, proveniente do impossível de tudo dizer e do real do corpo, estão os que fazem uso de dialetos, de variedades linguísticas e outras possibilidades de invenção, como a poesia.

Nessa perspectiva descrita por Milner (2012), quando um ser fala, precisa lidar com as duas tendências mencionadas. Uma que leva a calar, caso o falante se deixe “colonizar” pelo corpo próprio e seu gozo, que é indizível. Com ela, arrisca-se ao mutismo, a respeito do qual discutimos anteriormente. Outra, por meio das normas ligadas e da posição de mestria que a

---

<sup>60</sup> Milner (2012) argumenta que, no *Cours de Linguistique Générale (1916)*, obra fundadora da linguística como ciência, Saussure guiava-se pelo “Todo”, pois a gramática e a linguística são dedicadas a fazer proposições universalizantes sobre a língua. As últimas produções do linguista, no entanto, levadas a público por J. Starobinski (1974), trata-se de estudos dos versos saturninos, nos quais a presença dos anagramas teria feito o linguista de deparar com um real na língua. Os anagramas transgridem a noção de “signo”, pois os nomes próprios formados nos versos não operam como significado, mas como uma “coisa do mundo”, tangenciando a homofonia. Desta forma, Saussure teria se encontrado como o inassimilável da língua, a *lalangue* (ou alíngua), a qual descompleta a noção de uma língua “toda”.

encarna, pretende “colonizar” quaisquer manifestações linguísticas que tangenciam o gozo e que se expressam por torções no uso coletivo da língua. Por essa segunda via, as possibilidades de demonstração de uma singularidade ficam obstaculizadas. Nos dois casos, trata-se, portanto, de cerceamento das possibilidades de se dizer.

Todavia, onde reside o gozo do não-sentido, característico da posição feminina, também nascem os equívocos que “furam” e fazem brechas, provocando possíveis deslocamentos na fixidez das posições. Com eles, é possível dar contornos inventivos aos restos não simbolizáveis, pela via de uma produção linguística que, embora faça laço, situa-se “não-toda” enquadrada na norma. Pensamos ser essa a direção de uma Oficina de escrita cuja visada seja a de romper com os silenciamentos.

## **PARTE C**

### ***PASSAGENS***



## 7. (RE)NOMEAÇÕES

*Conheces o nome que te deram, não o nome que tens.*

José Saramago, em *Todos os Nomes*

No presente capítulo e no seguinte, dedicamo-nos a analisar os momentos nos quais se indiciou algum tipo de passagem, do silenciamento do sujeito imigrante haitiano anteriormente discutido, à escrita. Buscamos descrever os momentos de irrupções de alguma novidade, dadas por rupturas passíveis de abrir frestas ao que antes se mostrava fixo e mudo. Por essa via, aposta-se em algum avanço do sujeito na direção de se escrever.

Para este capítulo, tomamos como ponto de partida uma espécie de “apagamento coletivo” dos nomes dos haitianos, evento que teve um caráter de ruptura no andamento da Oficina de escrita, provocando uma sensação de estranhamento e a abertura à dimensão do acaso (7.1). Para melhor cernirmos o que estava em jogo no episódio, recorreremos à leitura freudiana a respeito do esquecimento de nomes e da contaminação dos atos falhos (7.2), bem como ao resgate de um tabu haitiano que cerca o nome próprio, de modo a nos aproximarmos da relação que os haitianos estabelecem com esse elemento identificatório.

A essa dimensão da ordem dos esquecimentos ou lapsos, podemos nomeá-la de *tiquê*<sup>61</sup> ou encontro faltoso com o Real (LACAN, 1964); brecha de algo que se insinua no simbólico, mas que não é capturável por palavras. A partir dessa brecha, desvelou-se o que nos pareceu ser os imbróglios e impasses em torno da inscrição simbólica do nome de haitianos na escola, e o que estamos considerando como possíveis recursos utilizados por eles em direção a uma (re)nomeação.

Assim, passamos a algumas considerações teóricas acerca da função do nome próprio para a psicanálise (7.4) e o seu ancoramento nos contextos histórico-culturais, do qual provêm as nomeações (7.5). Um exame dos textos produzidos pelos participantes em algumas atividades da Oficina, *a posteriori*, explicitou o que entendemos se tratar de tentativas de inscrição dos nomes na outra cultura, por meio de *deslocamentos* de seus elementos (prenome e nome de família); e por uma *insistência* em escrevê-los ou assiná-los, seja na lista de presença de cada atividade ou por meio de um uso repetido e não usual das alcunhas no corpo textual (7.6 e 7.7).

---

<sup>61</sup> Uma leitura aprofundada do conceito de *tiquê*, em sua articulação com *automaton*, encontra-se no capítulo quatro da presente tese.

Assim, como pretendemos dar a ver, de elemento fugidio, os nomes dos participantes haitianos passaram a ganhar destaque na experiência ora analisada, a partir do instante em que nos encontramos com esses significantes, em sua dimensão faltosa.

Por fim, concluímos com uma breve consideração a respeito do que poderia ser, a nosso ver, o endereçamento dos primórdios de uma construção sinthomática (LACAN, 1975-1976) que pode vir a se desdobrar, ao menos hipoteticamente, em uma renomeação singular (7.8).

### **7.1 Nomes que se apagam: esquecimentos e equívocos em torno dos nomes haitianos**

O panorama é conhecido, especialmente para um professor em uma aula inaugural: novos alunos, novos nomes para decorar. Adicione-se uma grande quantidade de participantes ocasionais e grafias permeadas por *ípsilones*, *dáblios* e encontros consonantais raros à língua portuguesa - ressonâncias das influências das migrações e colonizações do povo do Haiti. Acresça, ainda, a presença de diversos homônimos e a inversão, em relação à norma brasileira, da posição do prenome e do sobrenome. O ato de “ligar o nome à pessoa” complica-se, mesmo diante de um sentimento ético que impele a enunciar as alcunhas.

Para abrandar o risco de trocas ou esquecimentos dos nomes, mostrou-se relevante o pedido para que os participantes assinassem uma lista de presença na oficina. Inicialmente, o ato auxiliou-nos a navegar por entre o mar de nomes estrangeiros. Em um segundo momento, porém, observamos que a demanda por esse tipo de registro passou a partir dos próprios alunos, mesmo na ausência de um pedido institucional pelo controle da frequência dos participantes<sup>62</sup>. Ao gesto de assinar a folha, sugeriu-se que os participantes dissessem em voz alta o próprio nome, fazendo com que os participantes se apresentassem uns aos outros, a cada encontro.

Desse modo, os nomes ganharam destaque na cena, principalmente quando pôde ser lido à luz de uma cena vivida em contexto escolar, na qual o nome dos haitianos foram alvo de um apagamento transindividual. Passemos à descrição da referida cena, tomando-a como nosso ponto de partida para a discussão a respeito dos procedimentos de nomeação e de narrativização do sujeito imigrante haitiano, a serem desenvolvidos ao longo deste capítulo.

---

<sup>62</sup> Às sextas-feiras, a escola distribuía tíquetes aos alunos, a serem devolvidos na segunda-feira, como comprovação da presença em alguma das oficinas oferecidas ao longo do dia.

### Quadro 7: Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Aquela sexta-feira parecia ter sido marcada por um atraso generalizado dos relógios. O trem custou a passar na estação Barra Funda, resultando em quinze minutos de atraso na Oficina de escrita. Ainda assim, ao chegar na escola, deparei-me com uma sala vazia.

Decido buscar, nos corredores, algum indício de possíveis mudanças no calendário escolar. Não era o caso.

Ao me avistar, a professora de português Carol interrompe sua oficina de preparo de sabão, convidando uma aluna haitiana a passar para a Oficina de escrita. Ao chamá-la, troca o seu nome por outro. Ambos os nomes me escapam, assim que são pronunciados.

Sou convidada, então, a acompanhar a condução de uma oficina de costura e alfabetização da professora Sonia, cujo objetivo era bordar ou pintar imagens e fragmentos textuais em um livro de pano. Noto que a biblioteca onde a atividade estava ocorrendo havia ganhado uma espécie de *altar*, onde eram exibidos os livros concluídos e uma máquina de costura antiga, alocada sobre toalhas coloridas.

Ao folhear um dos livros de pano, inspirado no poema *Estas mãos*, de Cora Coralina, sou tomada por um estranhamento. Não pude encontrar ali uma assinatura sequer de alunos haitianos. Segundo dissera a professora, um deles havia rascunhado um trabalho, mas não chegou a fazer a transposição para o livro de pano. Tentou lembrar o nome do rapaz, sem sucesso. Restou apenas uma folha solta, sem assinatura, que ela me mostrava agora. Produção anônima.

O trabalho do dia baseava-se na lenda brasileira “A origem dos Rios”. Por nos parecer uma oportunidade interessante de atividade intercultural, convidamos os alunos haitianos que enfim chegavam para a Oficina de Escrita a se unirem ao grupo de brasileiros que realizava a atividade. Os primeiros a chegar foram Stéphanie e Saphary<sup>63</sup>. Por não conhecer o rapaz, repito seu nome, buscando certificar-me da pronúncia:

- Saphary?

- É, é isso. Saphary. É muito feio o meu nome!

Faço cara de espanto, esperando por algum comentário, que não vem.

- O que você sabe sobre ele? – pergunto.

- Nada. Só acho feio.

Seguimos para a atividade de leitura da lenda, improvisando uma mesa ao lado do grupo de brasileiros, já dispostos em um círculo fechado. A lenda tem vocabulário complexo para o grupo, o que nos exige interrupções frequentes, de modo a pontuar breves explicações. Juntam-se a nós Wilner e Gordie, que haviam chegado um pouco depois. Ao cumprimentá-los, troco o nome de Wilner por Maxime (outro participante que esteve presente a alguns encontros da oficina de escrita). Ele me corrige.

Passamos à leitura da lenda. Stéphanie detém-se na palavra “Cristalina”, a qual abria o início de uma frase. Questiona:

- C’est Cristine?

Os colegas apontam sua confusão, avisando-lhe não se tratar de um nome.

Exemplificam, com um pedaço de plástico, o significado de cristalina:

- É como isso, transparente - diz Saphary.

Stéphanie menciona que Cristine poderia ser um nome haitiano.

São 11h30 e a professora Sônia apressa os participantes a concluírem a atividade, recolhendo os materiais sobre a mesa. Saphary, Stéphanie, Wilner e Gordie estão começando a fazer um desenho

<sup>63</sup> Os nomes foram trocados para garantir o anonimato dos participantes. Os prenomes foram utilizados nas situações em que auxiliam no entendimento daquilo que se pretende tratar; em outros momentos, fez-se uso das iniciais dos mesmos.

sobre um papel. Solicitam lápis coloridos, mas todos já estão guardados. O grupo de brasileiros nos chama para nos amontoar no fundo da sala, para tirarmos uma foto ao lado da máquina de costura.

Após o clique, enquanto os outros deixam a sala, os haitianos retornam para concluírem a tarefa, com o pouco material restante. Antes de se retirar da sala, Saphary volta a tecer comentários acerca de seu nome:

- Meu nome tem a ver com bicho, floresta... (faz cara feia).

Pergunto por que isso seria feio. Ele dá uma esbravejada incompreensível e diz achar “esquisito”, “estranho”. Todavia, antes de sair, afirma:

- Bem, este é o meu nome.

Quanto ao livro de pano, ainda não recebeu uma assinatura haitiana. Não houve tempo. Restam novas folhas soltas, agora assinadas. Os “moldes” de futuros bordados.

Fonte: Materiais da pesquisa

Para iniciarmos a leitura da cena, escolhemos sublinhar o caráter de ruptura que o acontecimento relatado teve no andamento da oficina de escrita. Tratava-se do nono encontro, o qual supunha o trabalho de determinados conteúdos. Todavia, deparamo-nos com uma brecha na rotina, iniciada com o atraso da própria professora/pesquisadora, articulada ao atraso dos alunos, já frequentes, porém exacerbados na ocasião relatada.

Podemos localizar, na cena descrita, um esquecimento de nome, duas trocas e um lapso de leitura, além de um sujeito tomado por um autoestranhamento com relação ao próprio nome, expresso de modo súbito, porém persistente. A partir de tais elementos, parece-nos ser possível situar um núcleo temático explicitado pela cena, por meio da dimensão de equívoco da linguagem: *o lugar e os modos de circulação do nome próprio* dos alunos haitianos no discurso.

Há, ainda, outros aspectos evocados pela cena, passíveis de serem lidos por elementos extradiscursivos, como: o posicionamento espacial dos quatro alunos haitianos, a ausência de assinaturas no livro exposto pela escola e a defasagem temporal com que fazem a atividade, em relação aos alunos brasileiros. Talvez possamos dizer que Saphary, Stéphanie, Wilner e Gordie ficaram na borda da sala, da mesa e da foto – mas não entraram no bordado.

O posicionamento à margem evidenciou-se quando, ao final do trabalho, a professora sugeriu que, na próxima ocasião, os haitianos ficassem em *outra* sala, visto aquela estar lotada, como se “poderia ver”. Trata-se de um comentário que julgamos curioso, pois a sala em questão era a mais espaçosa da escola, na qual caberia um número ainda maior do que os presentes na ocasião.

Quanto ao ato falho de Stéphanie, ao trocar “cristalina” por “Cristine”, talvez possa ser lido como a tentativa de inscrição de um nome familiar em um texto da mitologia indígena brasileira. Em relação ao jovem Saphari, que exprime seu autoestranhamento, teriam os temas surgidos na leitura da lenda – “bicho, floresta” – o permitido fazer retornar ao nome desde outra

posição, nomeando o seu estranhamento a partir de significantes da cultura brasileira? Após a nomeação, ele o lê apenas como elemento que o designa e o diferencia: *É o meu nome* (e ponto).

Esse modo de declarar-se, tendo que se a ver com seu prenome para além de queixas ou explicações quanto aos possíveis ecos de sua alcunha, permite a Saphary separar-se de uma dimensão dramática, pois trata-se da assunção de um valor de *ser*, que se mantém por estar aquém da linguagem, mas, paradoxalmente, só poder ser concebido por ela (LACAN, 1959-1960, p. 330). Nesse momento da elaboração lacaniana, essa seria a figuração do Real: a de um vazio de onde advém o significante, núcleo em torno do qual o simbólico se organiza. Ali onde se produz o corte da entrada na linguagem, ao qual o significante do nome celebra, presentifica-se uma “individualidade absoluta”.

A leitura dos imbróglios com o ato de nomear os haitianos auxiliou-nos a começar a depreender o suposto lugar desses alunos imigrantes na escola e na nova cultura que os recebeu. Após apontarmos a presença de um *apagamento* coletivo dos nomes, pudemos localizar, em paralelo, tentativas de uma reescrita ou reinscrição dos nomes, na outra cultura,

Mas, antes de passarmos a eles, convidamos o leitor a fazer conosco um recuo temporal, recuperando alguns pontos dos desenvolvimentos freudianos a respeito dos esquecimentos de nomes.

## 7.2 Um encontro com a falta do nome

Em um primeiro momento, os obstáculos com os nomes dos alunos pareciam ser óbvios e irrelevantes, decorrentes de uma dificuldade com *outras* línguas. Entretanto, o modo como os nomes passaram a se apagar, ou a se destacar em situações diversas, confirmavam o dizer freudiano sobre a importância de se estar atento a pequenos indícios.

Freud deu considerável atenção ao esquecimento de palavras. Na conhecida obra *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), na qual aborda manifestações corriqueiras de lapsos, encontra-se o texto *O esquecimento de Palavras Estrangeiras*. Nele, Freud tece a hipótese segundo a qual existiria uma “proteção” contra o esquecimento de palavras em nossa língua materna, visto se tratar de palavras utilizadas de modo corriqueiro e frequente.

Segundo a ideia freudiana, estaríamos mais propensos aos esquecimentos e às trocas de vocábulos nas situações em que falamos ou escrevemos em uma língua estrangeira. Em nota de rodapé, entretanto, o autor retifica-se: “Duvido que a frequência do uso, possa, *por si só*, garantir essa proteção” (FREUD, 1901, p. 27; grifos nossos).

Com a referida asserção, Freud conclui que, do ponto de vista do inconsciente, os termos derivados de outras nacionalidades até exigem maior atenção; porém, torna-se indiferente que um tropeço linguístico se dê em um léxico de uma língua familiar ou de uma língua estrangeira ao sujeito.

Entre os esquecimentos abordados por Freud, interessa-nos, inicialmente, o destaque dado pelo autor à propensão para o esquecimento de nomes próprios. Trocas de nomes são consideradas como equivalentes aos esquecimentos, e os prenomes ou sobrenomes estariam igualmente sujeitos às incidências inconscientes do esquecimento (FREUD, 1901).

Escolhemos recortar, do raciocínio freudiano acerca do esquecimento de nomes, um elemento que nos permite dar contornos à sensação geral de estranhamento evocada pela cena descrita na seção anterior. Trata-se daquilo que Freud (1901) nomeou como *a capacidade de contaminação nos atos falhos*, que seria um “fenômeno da psicologia das massas”. Freud pondera que, à época em que escrevia a respeito do assunto, a psicanálise ainda não contava com recursos suficientes para descrevê-lo. Recorre, então, ao relato de um colega psicanalista chamado Reik, para apresentar o que seria um “caso exemplar” do aspecto de contaminação dos atos falhos.

Trata-se do caso de uma estudante universitária que, convivendo em meio a um grupo de rapazes, tenta lembrar-se de uma obra a respeito das múltiplas correntes religiosas que influenciaram o cristianismo. Os colegas afirmam conhecer a obra em questão, no entanto, são tomados por um “branco” em meio ao esforço de recuperar o referido título. O título do livro é *Bem-Hur*, de Lewis Wallace. Ocorre que, por homofonia, o título faz ressoar, em alemão, a expressão “Bin-Hure”, a qual pode ser compreendida como um convite sexual. O desaparecimento coletivo do nome estaria ligado, então, ao fato de a moça rechaçar o conteúdo ao qual a homofonia aponta, por ser inapropriado ao contexto.

Os rapazes também foram alvos da apreensão inconsciente do sentido do esquecimento da jovem. É como se o inconsciente dos interlocutores apreendesse o sentido real do esquecimento da jovem, interpretando-o, de modo a marcar algo não passível de comparecer na situação grupal (FREUD, 1901).

Na esteira de fenômenos como a contaminação por atos falhos, estariam incluídos os esquecimentos sucessivos de nomes. Nesses casos, a partir de um primeiro elemento esquecido, uma série deles é extraída da memória, como em um efeito cascata. “Assim, o esquecimento salta de um nome para o outro, *como que para provar a existência de um obstáculo que não é facilmente superável*” (FREUD, 1901, p. 58; grifos nossos).

Tanto o poder de contaminação dos atos falhos como os esquecimentos sucessivos de nomes apontariam, portanto, um laço entre seres falantes no qual: 1) a participação de mais de um sujeito denota uma interpretação “coletiva” ao esquecimento; e 2) um sucedâneo de fatos marca, como grifamos no parágrafo acima: *um obstáculo que não é facilmente superável*.

Além da cena relatada na seção 7.1, seria preciso considerar ainda a relativa frequência com que nos deparamos com a “falta do nome” entre os próprios membros da comunidade de alunos haitianos, levando-nos a indagar: a vacilação no nome dos haitianos se daria apenas em outros territórios, no contato com a alteridade encarnada em uma nacionalidade distinta?

Corroborando com essa direção de investigação, estava o fato de que se, por um lado, localizávamos o apagamento de nomes haitianos, por outro, eles pareciam ressurgir e insistir, por meio de procedimentos linguístico-discursivos diversos, como: a) o uso da lista de presença e os procedimentos ligados a ela, como a assinatura e a pronúncia do nome, em voz alta, para o resto do grupo; b) o deslocamento da posição dos nomes como indicador da inserção dos haitianos na língua/cultura brasileira, registrado na lista de presença; c) a repetição não usual da escrita do nome próprio no corpo de alguns dos textos produzidos. Emergiram, ainda, relatos orais ou escrita de nomes de familiares em cantos ou margens das folhas como “complemento” às narrativas produzidas.

Delineava-se, portanto, um tipo específico de relacionamento com o nome próprio, no qual algum impedimento à sua pronúncia e a valorização posterior desses elementos eram postas em jogo. Seguindo a tradição freudiana, as interrogações quanto aos modos de nomeação na cultura haitiana nos fizeram buscar apoio em estudos antropológicos.

### **7.3 Ter um nome é arriscado? Considerações a partir de um tabu haitiano**

Para adentrarmos nos modos de uso dos nomes na cultura haitiana, apoiamo-nos no estudo de Bulamah (2013), cujo foco são os processos de organização de grupos domésticos e produtivos do meio rural do Haiti, agregados em um sistema chamado *lakou*. Originalmente descrito pelo antropólogo haitiano Remy Bastiën na década de cinquenta, e por vezes considerado extinto, há indícios de sua permanência e recriação entre os indivíduos de origem haitiana, até mesmo de modo transnacional, quando se encontram em situação de migração (BULAMAH, 2013).

O vocábulo *lakou* ajuda a explicar o modo de organização das relações sociais e produtivas que institui: significa tanto um terreno onde se situa uma casa quanto o conjunto das

famílias de uma rede de convivência e influências mútuas, que inclui parentes próximos e distantes, assim como agregados.

Tendo em vista tais formas de organização envolvidas no *lakou*, Bulamah (2013) descobriu similaridades entre as práticas de nomeação de recém-nascidos em uma situação recente, no Brasil, e as descrições observadas por Bastien, sendo a principal delas a reserva existente quanto ao ato de nomeação de um bebê, na ocasião de seu nascimento.

O autor relata um caso no qual o bebê ganhou seu nome oficial duas semanas após o seu nascimento. Após um período de reserva e indecisão, os pais declinaram as sugestões de nome de sua família de origem, cogitaram pôr um nome tipicamente brasileiro, embora não usual (Claudinho, no diminutivo) e terminaram por fazer a junção do nome do casal. Mantiveram em segredo a escolha, até o momento do registro do nome.

Considerações são tecidas na direção de compreender as reservas como resultantes de um temor quanto a possíveis ataques à criança, promovidos por supostos espíritos, conhecidos pelos haitianos como *lougawou*: “figuras meio-homem meio-animal, que caminham pela noite espreitando crianças e recém-nascidos em busca de alimentos” (BULAMAH, 2013, p. 217).

A crença associada aos *lougawou* é a de que o acesso ao nome da criança facilitaria as intenções de tais espíritos. Para espantá-los, conviria restringir a disseminação da notícia sobre uma gravidez, além de postergar a nomeação da criança para depois do nascimento, não tornando público esse processo. Outro costume seria o de se valer de um nome fictício ou secreto para chamar as crianças ao longo da primeira infância, como forma de protegê-la.

Quanto à escolha do nome, os seguintes costumes estariam associados a critérios decorrentes do *lakou*: a) o pai como figura preferencial para efetuar a escolha do nome da criança; b) a consideração dos nomes dos tios, padrinhos ou pessoas de ascensão social como inspiração para o nome; e c) o método de justaposição dos nomes dos pais, em um processo metonímico (BULAMAH, 2013). Em nossa pesquisa, os mesmos critérios foram mencionados pelos participantes, embora casualmente e de modo pontual.

Das atitudes de suspeição quanto ao ato de nomear um bebê, podemos depreender a existência, na cultura haitiana, de um tabu em torno da pronúncia da versão oficial do nome próprio. Veiculado em uma rede de significados do *lakou*, a regulação do nome está imbricada em determinadas relações de parentesco que definem quem está fora (e, portanto, não tem acesso ao nome) e quem está dentro. Representando um risco para a integridade física do novo ser, o nome oficial é mantido em segredo pela família e substituído por meio de nomeações substitutas, mais seguras.



Ao referirmo-nos a um “tabu”, estamos remetendo-nos a um conjunto de práticas que envolvem determinadas características, segundo a análise feita por Freud em *Totem e Tabu* (1913 [1912]): a) o tabu origina-se do inconsciente; b) as proibições incidem em atividades para as quais há forte inclinação a realizá-las; c) a transmissão de um tabu é transgeracional, sendo veiculado por meio da autoridade parental ou social; e d) há uma atitude ambivalente diante do objeto alvo de um tabu.

A análise de Freud (1913 [1912]) toma como base um compêndio do antropólogo escocês James George Frazer (1854-1941)<sup>64</sup> a respeito das proibições de povos originários de regiões diversas do mundo. A partir dela, Freud conclui que “onde existe uma proibição tem de haver um desejo subjacente” (FREUD, 1913 [1912], p. 82). Assim, o tabu poderia ser pensado em termos de um sintoma, o qual expressa o acordo entre impulsos conflitantes: o de obedecer à proibição e o de transgredi-la.

Interessa-nos trazer a leitura freudiana a respeito do tabu por ela dar a ver o avesso da proibição da pronúncia do nome oficial apontada pelo *lakou* e do apagamento do nome em situações da oficina de escrita sobre a qual nossa análise se detém: um desejo pelo nome e pela extração de seus efeitos. Questionamo-nos: a travessia migrante reavivaria tal desejo?

Lembremos que a função jurídica do nome é a de registrar a inserção de um novo integrante em um grupo. Como marca de uma “pura diferença” (LACAN, 1961-1962), é o nome que torna singular esse “lugar” inaugurado pelo nascimento de alguém. Assim, ao assumir o risco de tornar-se único, ganha-se destaque em relação aos outros integrantes. Destacar-se do grupo, seria esse o efeito pretendido pelo sujeito imigrante haitiano, mas do qual ele se defende?

#### **7.4 A que serve o Nome Próprio?**

Convidamos o leitor a adentrar o vasto campo do nome próprio de pessoas, tendo como guia José, o protagonista do livro *Todos os Nomes*, de José Saramago (1997). Se o elegemos, é por ele nos oferecer uma imagem dessa vastidão. A estória desdobra-se a partir da Conservatória Geral do Registro Civil, onde o protagonista José trabalha. Ali estão guardados os documentos de vivos e mortos, cujas senhas são os nomes, configurando uma espécie de arquivo infinito de um povo. Feita de armações gigantescas, tão altas que chegam a dar vertigem

---

<sup>64</sup> Freud afirma ter se inspirado na segunda parte da obra de Frazer, *The Golden Bough* (1911), intitulada “Taboo and the Perils of the Soul”.

em José, a Conservatória abriga a história oficial dos que ali estão inscritos, cujas “senhas” são os nomes. Porém, conforme a trama literária leva-nos a refletir:

[...] na Conservatória Geral só existiam palavras, na Conservatória Geral não se podia ver como tinham mudado e iam mudando as caras, quando o mais importante era precisamente isso, o que o tempo faz mudar, e não o nome, que nunca varia (SARAMAGO, 1997, p. 112).

Ao afirmarmos que o campo do nome é vasto, com isso queremos dizer que ele abarca áreas distintas do conhecimento, como a antroponímia, a linguística, a antropologia, a lógica, a filosofia e a psicanálise. Ademais, pretendemos apontar as encruzilhadas às quais o nome próprio nos leva. Uma delas é cernida pelo excerto acima, no qual acompanhamos o narrador fabular sobre a hipotética imobilidade do nome. De fato, dificilmente alguém tem mais de um prenome oficial durante uma vida, ao menos no mundo ocidental.

Que a pretensa imobilidade do nome não nos engane, porém, quanto à visada do autor em relação à importância desse elemento de identificação. O que o excerto aponta é que, embora o nome seja uma abertura para a história de um sujeito, ele não chega a dizer do vivido, por ser incapaz de traduzir o curso dos acontecimentos e a marca da finitude e do tempo sobre eles.

Em *Todos os Nomes*, é preciso que o protagonista José se encontre com a dimensão do acaso (*tiquê*) pinçando um nome de mulher em um verbete pegado a outros, para que passe a aventurar-se fora do arquivo, buscando os rastros de vida atrelados ao nome que o interrogou. Inicia-se, então, a peregrinação do homem pelos locais onde a mulher, por meio de seu nome, registrou-se e viveu parte de sua vida.

Como veremos nesta seção, o nome é esse elemento que circula por ordens diversas: a ordem do registro, do arquivo, da imobilidade e da unicidade; mas também da rasura, do enigma, de um inalcançável e daquilo que pode chamar à palavra e à circulação social daí advinda. Pode, enfim, fazer trama em torno do que se lê a partir dele e do que lhe resta de inapreensível - mas que, mesmo assim, é capaz de fisgar.

O Nome próprio foi um tema ao qual Lacan se deteve de modo mais aprofundado em dois de seus seminários: *O Seminário - A Identificação*, livro IX (1961-1962) e *O Seminário – Problemas cruciais da Psicanálise*, livro XII (1964-1965). Para abordarmos a função do nome próprio para a psicanálise, tomaremos essas obras como base, remetendo-nos, quando necessário, a outras referências esparsas feitas pelo autor acerca do tema.

Apoiamo-nos, ainda, em outras formas de abordagem à temática da nomeação, visto o próprio Lacan ter indicado a fecundidade do diálogo com campos como a linguística e a

antropologia. Mas, principalmente, pelo fato de que o tema exige enfrentar “as contradições patentes” a respeito do uso desse tipo de palavra:

[...] do que se chama nome próprio, vocês vêem uns apreenderem aí o que há de mais indicativo, outros o que há de mais arbitrário, então do que parece o menos indicativo: um o que há de mais concreto, o outro o que parece ir no sentido oposto, o que há de mais vazio; um o que há de mais carregado de sentido, o outro o que é o mais desprovido, enquanto que ao tomar as coisas num certo debate, num certo registro, num certo viés, vocês verão essa função do nome próprio... (LACAN, 1964-1965, p. 45).

Como é próprio do estilo de Lacan, ele não nos oferece prontamente uma resposta acerca do que seria a função do nome próprio. O que nos dá, na citação que acabamos de trazer, é uma espécie de panorama do percurso por ele efetuado no campo da filosofia, da lógica e da linguística, aproximando-se e distanciando-se dos mesmos.

Podemos depreender desse mapa que o debate gira, principalmente, em torno dos aspectos de indicação ou de arbitrariedade do nome, em relação ao referente ao qual aponta, ou ainda, do fato de se constituir de uma instância agregadora ou desprovida de sentido. O autor formula sua própria resposta, à qual acrescenta novidades ao debate e às contradições que localizou na abordagem teórica do nome próprio. Para os objetivos do presente capítulo, não entraremos nos pormenores desse debate, mas resgataremos os pontos que nos permitam discernir a resposta lacaniana a ele.

Para a psicanálise de orientação lacaniana, o nome próprio abarca distintas dimensões, que, entrelaçadas, apontam para o seu lugar de: a) Elemento que põe em jogo a relação com outros sujeitos; b) Marca relativa à identificação; c) Operador da “função sujeito”; d) Enlace entre a emissão nomeante e a função da letra e da escrita; e e) Propiciador de uma amarração que estabiliza uma “realidade psíquica” para o sujeito.

Desenvolveremos tais pontos à medida que eles nos auxiliem na análise dos recortes advindos do *corpus* da pesquisa.

## **7.5 Contexto histórico-cultural das nomeações**

O nome próprio é um elemento linguístico que, ao nascimento, inscreve um sujeito no “movimento universal” do discurso (LACAN, 1957/1998, p. 498). A partir do ato de ser nomeado por um outro - gesto ritualístico - que um ser falante inaugura sua existência formal

no mundo, inserindo-se na ordem do desejo, das narrativas e mitos de uma dada cultura e família.

Ligado à cultura, “põe em jogo as relações com outros sujeitos”, pois tem função classificatória, conforme os povos nativos demonstraram ao fazer uso de totens - animais eleitos para nomear e dividir uma tribo em determinadas linhagens, estabelecendo modos de trocas a partir deles.

Assim, as formas de constituição e uso do nome seguem contextos histórico-culturais determinados, podendo-se localizar recorrências de nomenclatura específicas, cujos efeitos afetam as pessoas e lhes dão semelhanças estruturantes (PINA-CABRAL, 2012a).

Quando alguém muda de país, há uma reinserção do nome em novas estruturas e redes de significação, podendo causar uma ruptura nos enlaçamentos que o sujeito faz no social, a partir de seu nome. A consequência pode ser uma sensação de estranhamento. No campo psicanalítico, encontramos autores que endossam a ideia de que, em um lugar distinto de seu contexto de origem, o nome corre o risco de se apagar ou de perder seu lastro simbólico (DOUVILLE, 2009; STITOU, 2013).

O sujeito pode ver-se, por exemplo, diante da exigência social por fazer pequenas adaptações do nome próprio ou do sobrenome, seja de modo informal ou oficialmente, quando se submete aos oficiais de naturalização em um país de acolhida. A radicalização dessas situações são aquelas nas quais há o real “assassinato do nome”, em cenários de guerra ou de disputas políticas, pelo fato de eles representarem insígnias perigosas, marcando o pertencimento a grupos perseguidos (DOUVILLE, 2009).

Lembremos, por exemplo, da história dos judeus emigrados para a península ibérica que, para se salvarem, adotaram sobrenomes ligados à fauna e à flora que encobriam a origem judaica e supostamente davam provas de uma adesão à fé católica (CARVALHINHOS, 2007).

Portanto, considerando que o nome próprio é inscrito em determinado contexto cultural, as situações de deslocamento territorial podem colocá-lo à deriva, ao impelir a determinados modos de uso desse elemento identificatório, isolado de suas ancoragens simbólicas:

O Nome que o clandestino, o sem-documentos, carrega, não é mais do que um signo, um sinal que garante a entrada, ou que o precipita em direção à saída. É o Nome em Estado Limite, nos limites do Estado... Escrita sempre carregada de suspeitas para aqueles que sem descanso controlam, escrita que sempre expropria o ser daquele a quem só resta essa única marca, seu **nome sem sombra, escrito como um número, para circular em terra estrangeira.** (DOUVILLE, 2009, p. 39, grifos nossos)

No texto de onde extraímos a citação trazida, o mencionado autor refere-se a situações limite, nas quais um imigrante transita em terras alheias de modo ilegal ou buscando o *status* de refugiado. Nelas, o nome pode representar a falta de documentos e denunciar a frágil situação de se estar à margem da lei, sendo um signo de que se está “fora” do lugar de origem. A frase grifada talvez sublinhe que, retirado de seu contexto de origem, o nome pode perder ou ter apagada a sua operacionalidade simbólica; jogado para fora de sua estrutura, ele passa de significante a signo, deixando de possuir uma “sombra”.

Mas, o que seria um nome “sem sombra”? Se considerarmos que a sombra projetada sobre um objeto muda de posição conforme a origem da luz, podemos pensar que, mesmo que seja inexistente em si, a sombra é móvel, ajuda a compor uma silhueta, dando-lhe contornos e tridimensionalidade. Um nome sem sombras seria um nome sem história, esvaziado dos componentes narrativos que o acompanham? Ou despojado da mobilidade que o permitiria, mesmo de outro ponto de luz, projetar novas silhuetas?

Talvez a perda de tridimensionalidade se relacione a abalos diversos, com impactos nas questões relativas à filiação e à identidade. Para a psicanálise, articulam-se à identificação (LACAN, 1961-1962), evocando as questões relativas à origem do ser: *De onde venho? Quem sou?* (STITOU, 2013).

Tendo em vista que o sujeito, para a psicanálise, é evanescente, não é possível responder completamente a tais questões, mas sabe-se que a capacidade de produzir ficções em torno delas é estruturante para o sujeito. Entendemos que a mudança de nacionalidade não seria o único fator a impactar a possibilidade de dar contornos narrativos a uma existência, embora possa contribuir para isso.

Ao nos apoiarmos novamente na referência literária que anunciamos ter como guia do presente capítulo, encontramos indícios dos eventuais perigos envolvidos na deriva de um nome próprio em dois momentos da trama de *Todos os Nomes*. Primeiramente, ao sabermos que José coleciona notícias de pessoas que supostamente souberam “fazer um nome”, somos informados de um curioso critério de sua coleção: a exclusão imediata dos nomes dos estrangeiros. José compreende que os papéis das pessoas de outros países permanecem em conservatórias distantes, escritos em outras línguas e aprovados por leis desconhecidas. Por esse motivo, estão em uma posição na qual, “nem mesmo usando a mais alta das escadas de mão poderia chegar-lhes” (SARAMAGO, 1997, p. 23).

Em um segundo momento, ao refletir acerca do modo como um auxiliar de escrita deveria estar atento à tarefa de colocar as coisas em seus “devidos lugares”, José julga como

gravíssimos os eventuais erros dos copistas que, por distração, erram a grafia do nome. Afinal, “Um simples erro de transcrição, a troca da letra inicial de um apelido, por exemplo, faria que o verbete fosse atirado para fora do seu lugar próprio, e mesmo para muito longe de onde deveria estar...” (SARAMAGO, 1997, p. 161).

Autores do campo psicanalítico ou antropológico concordam que o distanciamento das referências familiares, culturais e linguísticas, assim como operações de renomeação ou modificações na literalidade da escrita de um nome, podem produzir ressonâncias subjetivas importantes, sejam elas provocadas pelo deslocamento territorial ou por outras questões, como a redesignação de sexo (SOLER, 2009; DOUVILLE, 2009; PORGE, 1998; PINA-CABRAL, 2012b e STITOU, 2013).

Todavia, não se pode, por isso, prescrever uma sanção às eventuais modificações do nome. Afinal, atirar um nome *para fora de seu lugar próprio* não seria também uma abertura para uma novidade? Saberíamos mesmo quais são os “devidos lugares” de cada coisa?

Se considerarmos que o “lugar” do sujeito relaciona-se aos fatores que o determinam e que lhe são inacessíveis, não se pode, de antemão, sancionar eventuais modificações do nome, visto serem imprevistos os efeitos de uma mudança de nomeação. Essa pode, inclusive, configurar uma resposta inventiva do sujeito e uma nova forma de ancoragem no mundo (PORGE, 1998).

## 7.6 Deslocamentos dos nomes

Sabemos que os haitianos<sup>65</sup> lideram os atuais pedidos de naturalização no Brasil. Segundo a Polícia Federal, eles formam o grupo de imigrantes com maior número de inscrições na plataforma *on-line* *Naturalizar-se*, tendo somado 497 pedidos entre novembro de 2020 (data de criação do sistema) e janeiro de 2021. Os requisitos para protocolar o pedido são: recolher a documentação solicitada, estar há quatro anos no Brasil e comunicar-se em português.

A psicanalista francesa Rajaa Stitou (2013) lembra-nos, orientada pela antropologia, que a etimologia do termo *naturalização* o liga a sentidos como “transformar selvagem em familiar” ou “pertencente ao solo”. De modo mais amplo, naturalizar seria “[...] inscrever um sujeito em um novo acontecimento, a partir de uma nova entrada no registro civil que atesta a qualidade nacional” (RAJAA, 2013, p. 29).

---

<sup>65</sup> PINHO, Marcio. Crescem pedidos de naturalização de estrangeiros; haitianos lideram. **Canal R7**, São Paulo, 25/01/2021. Disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/crescem-pedidos-de-naturalizacao-de-estrangeiros-haitianos-lideram-25012021>. Acessado em: 14 de abril de 2021.

Um dos procedimentos possíveis de ocorrer, em concomitância com “o novo acontecimento” representado pela naturalização, é a alteração do nome do estrangeiro. Alterações nos nomes próprios de pessoas podem ser regidas por políticas linguísticas, referentes ao modo como os nomes e sobrenomes podem ser atribuídos aos portadores, como são grafados e pronunciados, inclusive quando se deslocam a um país cujo idioma oficial é distinto do de sua origem.

Historicamente, motivadas por mudanças envolvendo a soberania e língua de estados-nações, as políticas linguísticas retornaram à cena política atual, devido aos crescentes fluxos migratórios a partir dos anos sessenta. A necessidade de se escolher entre normas, línguas e culturas evidencia as relações existentes entre a nomeação, a identidade, a língua e a cultura (AMARAL e SEIDE, 2020).

O Brasil não conta com uma política linguística antroponímica, guiando-se apenas por um conjunto de normas sobre atribuição de nomes, que inclui o caso dos imigrantes. A lei 13.445, de 24 de maio de 2017, a qual substituiu o Estatuto do estrangeiro, traz a afirmação, genérica, segundo a qual: “No curso do processo de naturalização, o naturalizando poderá requerer a tradução ou a adaptação de seu nome à língua portuguesa” (BRASIL, 2017; grifo nosso). Como se depreende do verbo grifado no texto da lei, trata-se de uma mudança não-compulsória, mas que está no horizonte do imigrante como possibilidade.

Alguns dos motivos para as mudanças de nomes de exilados e refugiados são mencionados por Stitou (2013): a) a vontade de integrar-se no país de imigração, tornando-o mais habitável; b) a tentativa de minimizar a sensação de se sentirem “mal chamados”; c) uma certa desorientação psíquica; d) a vontade de superar as histórias passadas, encontrando novos sintagmas para encobri-las; e) o escape de determinadas proibições ou restrições relativas a um grupo.

Acerca do tema, é interessante notar que, em um determinado momento da Oficina de escrita, os participantes relataram que observar a posição do prenome e do sobrenome é, para eles, um modo de averiguar o grau de inserção cultural de um haitiano no Brasil. Posicionar o patronímico à frente, conforme a regra haitiana, apontaria para um “novato”, enquanto o uso do prenome em primeiro lugar demonstraria uma boa adaptação ao novo país.

Cientes desse contexto e orientadas pela direção de ler o escrito com o escrito, explicitado anteriormente, voltamos nossa atenção para a lista de presença da oficina. Conforme afirma Allouch (2007), o procedimento “lista” formaliza uma dada pertinência. Tendo sido um dos primeiros documentos escritos, as listas permitem uma série de operações,

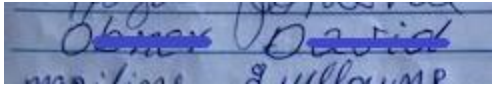
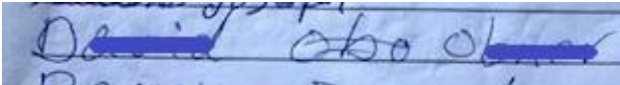
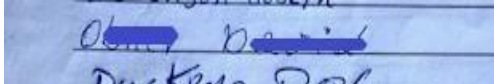
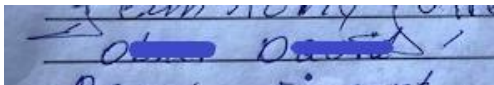
como a enumeração e a distinção de traços pertinentes que a própria lista pode revelar ou realizar. Em suma:

A lista é correlativa da nomeação, e duplamente: não há nomeação sem lista, mas também não há lista que não implique uma nomeação, a do traço que regula a pertinência à lista... (ALLOUCH, 2007, p. 83)

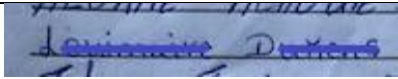
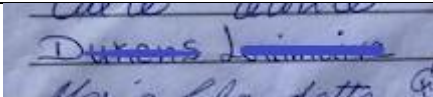
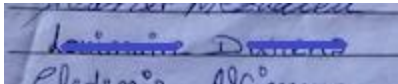
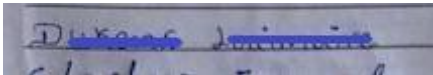

No caso da Oficina de escrita, o “traço” evidente de pertencimento à lista seria a participação na oficina. Entretanto, conforme relatado, os alunos haitianos engajavam-se em buscar outro traço nela: a posição do nome como índice de aculturação. Prestando a atenção nesse interesse por parte do grupo e valendo-nos do método indiciário (GINZBURG, 1989), ao analisarmos a lista da Oficina de escrita de forma longitudinal, encontramos o deslocamento dos itens lexicais prenome e sobrenome, como indícios de tentativas de re-nomeação de si, com vistas a uma integração cultural. Embora essas tentativas provavelmente ocorram em outros espaços pelos quais os imigrantes transitam, a nosso ver, a Oficina pode ter propiciado esse procedimento e as discussões em torno dele, provocadas pela pesquisadora.

Selecionamos as assinaturas de dois participantes na referida lista, de modo a observarmos a mudança no padrão de uso do nome próprio, conforme mostra o quadro 8, a seguir:

**Quadro 8:** Exemplo de mudança na posição dos elementos do Nome Próprio na assinatura de dois participantes ao longo da Oficina

<b>Participante 1</b>	
Sobrenome + Prenome	Prenome + Sobrenome
Encontro 1 	Encontro 12 
Encontro 8 	
Encontro 10 	
<b>Participante 2</b>	
Sobrenome + Prenome	Prenome + Sobrenome
Encontro 10	Encontro 13



	
Encontro 11 	Encontro 16 
Encontro 12 	

Fonte: Materiais da pesquisa

Na coluna da esquerda do quadro 8, vemos as assinaturas dos participantes seguirem a norma haitiana, segundo a qual o nome de família antecede o prenome. Para o participante 1, trata-se da assinatura cuja abreviação é O. D (assim mencionada por nós de modo a manter seu anonimato), grafada em três dos quatro encontros em que ele esteve presente. Para o participante 2, a assinatura segue uma posição cuja abreviação correspondente é L. D, escrita desse modo em três dos cinco encontros em que participou.

Já na coluna da direita, vemos a assinatura do participante 1 com os itens lexicais que compõem seu nome, sendo utilizados conforme a regra brasileira (prenome seguido pelo sobrenome), passando a assinar D. O. Vemos a mesma inversão ocorrer na assinatura do participante 2, grafada como D. L nos dois últimos encontros em que esteve presente.

Portanto, conforme podemos notar, a mudança ocorreu *ao longo* da oficina. No primeiro caso, em quatro meses, referente ao espaço de tempo entre o encontro 1 e o encontro 12; no segundo caso, nos dois meses decorridos entre o encontro 10 e o encontro 16.

Se, como a fala dos haitianos apontam, o deslocamento da posição dos nomes é um indício de inserção cultural, não podemos associá-lo apenas a um período cronológico, por envolver as condições materiais, psíquicas e contingenciais de cada imigrante para se integrar à nova cultura. Porém, trata-se de uma mudança que se desdobra em um tempo e um espaço e que, conforme apostamos, pode ser facilitada por espaços transferenciais, como os que são oferecidos pela escola e, mais especificamente, pela Oficina de escrita ora analisada.

Afinal, se entendemos que a linguagem é constitutiva do sujeito, parece-nos plausível pensar que o ato deliberado de inverter a posição do prenome, de modo extra-oficial, configura-se também como uma estratégia linguístico-discursiva a partir da qual o sujeito se insere e, ao mesmo tempo, obtém o efeito dessa inserção.

Em relação aos participantes cujas assinaturas trazemos no quadro 8, é interessante notar que se tratava de dois rapazes participativos nas atividades da Oficina. L. D., por exemplo, inseriu-se no grupo apenas três semanas após chegar ao Brasil. Embora ainda tivesse dificuldades para se comunicar, era visível o seu esforço para aprender a nova língua, chegando um dia a dizer: *Eu quero muito, muito, muito, falar bem o português!* Contava que, após passar três meses sozinho no Suriname, havia finalmente conseguido se unir à mãe e à irmã no Brasil, o que para ele era uma grande conquista, a qual precisava preservar, sendo capaz de ajudar a família a se manter materialmente no país.

Pode-se considerar que, no caso dos haitianos, a “mudança de nome” é relativa, por se tratar apenas da posição do nome de família (sobrenome) e do prenome. Todavia, não a consideramos sem importância. Conforme afirma Pina-Cabral (2012b), as formas de uso do nome não são universais, e há vetores estruturantes desses usos em cada sociedade.

Nas tradições europeias, de modo geral, um vetor de grande importância é a duplicidade do nome (prenome/sobrenome), conjugando o individual ao familiar. No entanto, se o prenome aponta a pessoa em sua unicidade, o sobrenome diz respeito à inserção familiar, a uma espécie de nome de espécie. Do ponto de vista linguístico, o primeiro faz uso da metáfora (como substituição da referência concreta ao ser nomeado), enquanto o segundo opera de modo metonímico, indica uma parte pertencente a um conjunto maior (PINA-CABRAL, 2012b). Portanto, a prevalência de um ou outro elemento da composição diz de determinada posição em uma estrutura.

Temos de considerar, portanto, a história de colonização do Haiti pela França e a sua influência na norma oficial de nomeação, na qual o sobrenome antecede o nome. Todavia, levando em conta as formas de socialização originárias do Haiti relacionadas ao *lakou* (a qual descrevemos na seção 7.3), encontramos a mesma prevalência da inserção familiar, embora se trate de uma noção de família estendida e ligada às unidades de produção e socialização territoriais (BULAMAH, 2013).

Na antroponímia lusófona a qual Pina-Cabral (2012b, p. 8) se dedica a estudar, encontra-se que o aparelho legal surgido a partir do século XVI atribui: “uma essencialidade absoluta à pessoa física”. Assim, tanto em Portugal como no Brasil, os nomes referentes às linhagens passam a ter a mesma importância legal que os nomes relativos à pessoa física. O sobrenome, nesse modo de funcionamento, é agregado ao nome por adição, demonstrando o “pendor individualista” dessas formas de nomeação.

Supomos então que, embora a inversão da posição dos itens lexicais prenome e nome de família pareçam ser uma alteração pequena no nome dos haitianos, ela parece incidir, ao menos potencialmente, nas formas de socialização características de cada povo. Enquanto no Brasil o nome acentuaria o âmbito individual, no Haiti, são os laços familiares e comunitários que a nomeação põe em primeiro plano. Talvez possamos supor que os deslocar implicaria novas sociabilidades e regimes pulsionais.

Conforme já tratado anteriormente (capítulo quatro), por regime pulsional entendemos um determinado funcionamento das forças pelas quais a sexualidade participa da vida psíquica de um ser falante – nomeadas, no campo psicanalítico, por pulsões (FREUD, 1905). Tais forças são capazes de contornar diferentes objetos, não se prendendo a nenhum deles. Todavia, mudanças de objeto configuram em rearranjos subjetivos. Em outras palavras, mudanças nas formas de nomeação, decorrentes do deslocamento territorial, parecem ter o potencial de afetar o modo como os imigrantes se enlaçam à linguagem.

### **7.7 Nome próprio, dêixis e “função-sujeito”**

A particularidade do nome próprio, na teoria lacaniana, está no fato de ele se especificar pela escrita do traço unário, o que fez Lacan (1961-1962) recusar a posição de teóricos como B. Russell, que aproximaram o nome próprio a um demonstrativo. Pondera-se, todavia, que a instância pronominal concerne ao nome, embora esse último a ultrapasse, por envolver qualidades como procriação, interdição do incesto, relação do significante à lei ou a função de nomear.

Na obra *Os Nomes do Pai* em Lacan, por exemplo, Porge (1998) lembra-nos de que um nome próprio guarda uma relação com o Nome-do-Pai<sup>66</sup>, embora não se trate de noções equivalentes. Segundo o autor, o fato de haver um laço entre elas apontaria a relação entre um nome próprio e a instância conhecida como “dêixis”.

---

<sup>66</sup> O Nome-do-Pai é um conceito formulado por Lacan à época de seu seminário sobre a psicose (LACAN, 1955-1956). Todavia, a função do pai começa a ser pensada pelo autor ainda na década de trinta. Lustoza (2018) situa três etapas da formulação do referido conceito: 1) O pai é tomado pela criança como imago, ou seja, como uma imagem idealizada ou denegrida que, por ser totalizante, cumpre a função de unificar as sensações dispersas vividas pelo sujeito; 2) O acento é posto na importância da palavra que funda um pacto simbólico organizador da relação imaginária entre os sujeitos. Já não se trata do pai da realidade, mas da introjeção de uma lei pelo sujeito, transmitida pela palavra (função paterna); 3) O Nome-do-Pai é pensado como um significante fundamental que, ao inscrever simbolicamente um sujeito, permite-o metabolizar experiências de difícil significação, como o sexo, a morte e o nascimento. Operando como um polo, o Nome-do-Pai auxilia para que os outros significantes se atenham a determinados significados, dando a um sujeito as condições de ser representado em um discurso.

Segundo o linguista Èmile Benveniste (1976), a existência da linguagem pressupõe determinados lugares reservados à categoria “pessoa”, para que sejam assumidos por um locutor. Há uma série de indicadores, como os pronomes eu/tu, advérbios e locuções adverbiais, que possibilitam a assunção desse lugar, a partir do qual um falante passa da categoria de locutor à de sujeito. Tais elementos são chamados, em linguística, de dêixis.

Porge (1998) aponta que o conceito lacaniano de Nome-do-Pai funcionaria também nessa direção. A paternidade, por ser sempre suposta, ancora-se em um ato de fé na palavra. Assim, a inscrição da função paterna operaria ao modo da fala de Deus a Moisés: *ehie asher ehié* (eu sou/eu serei aquele/o que eu sou), apontando “o mistério de um nome que se subtrai e se retrai a uma instância de dêixis, pronominal” (PORGE, 1998, p. 13).

A especificidade de um elemento em função dêítica é a de se referir, a cada vez, a uma unidade de instância particular do discurso - seja de tempo, de espaço ou de pessoa. A dêixis não remete, portanto, a uma situação objetiva, mas ao próprio ato da enunciação.

Trata-se, portanto, de indicadores de subjetividade: signos vazios que, por não terem referência exterior à própria linguagem, tornam-se plenos quando assumidos por um locutor, em uma instância discursiva. É por meio desses elementos autorreferenciais que se dá a conversão da linguagem em discurso, visto que: “Desprovidos de referência material, não podem ser mal empregados, não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação” (BENVENISTE, 1976, p. 280).

Pensamos ser possível aproximar os desenvolvimentos teóricos da dêixis, desenvolvidos por Benveniste, da noção de nome próprio em Lacan (1961-1962; 1964-1965). Os dois autores interessaram-se pela conversão da linguagem em discurso, por meio da passagem de um locutor a sujeito - seja apropriando-se dela (nos dizeres do linguista) ou se alienando a ela (no dizer do psicanalista). A aproximação também se faz pertinente, a nosso ver, à luz da leitura lacaniana segundo a qual:

O nome próprio é uma função volante, se se pode dizer, como se diz que há uma parte do pessoal, do pessoal da língua na ocasião, que é volante; ele é feito para ir preencher os buracos, para lhe dar sua obturação, para lhe dar seu fechamento, para lhe dar uma falsa aparência de sutura. (LACAN, 1964-1965, p. 73).

Embora Benveniste não tenha incluído a categoria nome próprio no grupo dos índices de subjetividade, estudos como os de Ferreira Junior, Flores e Cavalcanti (2015) têm apontado, com base na reflexão do autor, que os nomes figuram como uma classe propícia à representação

da categoria de pessoa, ao lado dos pronomes eu/tu, exercendo as funções de indicar as instâncias de discurso. Para a presente análise, valemo-nos da inclusão do nome próprio na categoria de dêixis.

Além de o nome fornecer uma unicidade ao sujeito, o fato de não ser “traduzível” o faz transitar, do ponto de vista linguístico-discursivo, por distintas línguas, mantendo-se razoavelmente estável em todas elas (LACAN, 1961-1962).

De acordo com o que vimos argumentando, o nome está articulado a uma dimensão de identificação que é vazia de significado em si mesma, podendo operar como uma ancoragem para novas significações e filiações. Além disso, o nome participa da dimensão de letra/pura, marca diferencial e, devido a ela, suporta rasuras ou apagamentos, possibilitando reescritas a partir de seu lugar inaugural (LACAN, 1961-1962).

Os trabalhos que visam ao ato de se narrar constituem, portanto, como uma via possível para reposicionamentos da relação que se mantém com o próprio nome e a reconstrução de mitos individuais que dão sustentação a um sujeito (DOUVILLE, 2009). Nessa perspectiva, argumentamos que a Oficina de escrita para alunos haitianos pôde oferecer um espaço/tempo transferencial propício às reescritas (de si), a partir de um trabalho no qual o nome foi ganhando destaque.

### **7.7.1 A insistência dos nomes**

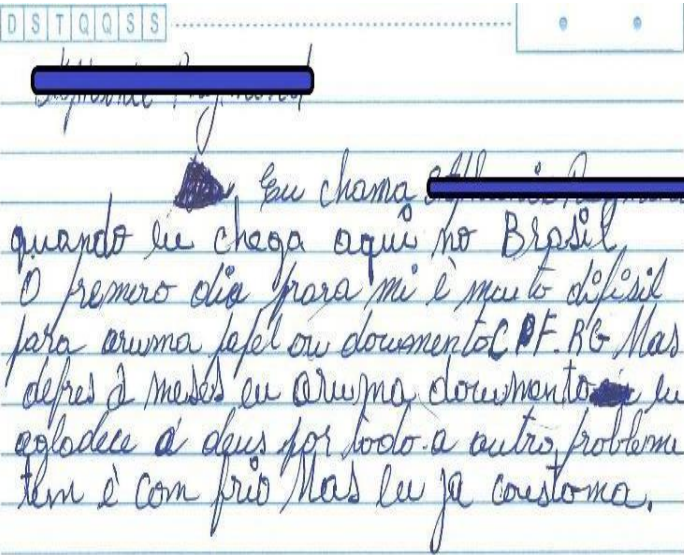



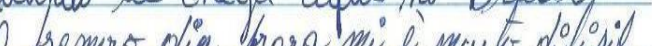



Nesta seção, nos deteremos na insistência dos nomes, explicitada como repetição não usual da escrita/assinatura do prenome e/ou sobrenome no corpo de alguns dos textos produzidos. A nosso ver, o uso do nome próprio, tal como se apresentou, indica estar funcionando na língua como um elemento de dêixis (BENVENISTE, 1976). Articulados a outros elementos, os nomes próprios contribuem para que o sujeito tome a palavra, sofrendo os efeitos dela, que é, justamente, o de se constituir como sujeito.

Assim, pretendemos apontar o papel do uso do nome próprio, em determinadas posições nas composições narrativas, como suporte do processo de fazer-se sujeito. Tendo como quadro de fundo certo apagamento do nome dos haitianos, a eleição desse elemento linguístico parece-nos ganhar relevância.

O leitor verá, nas figuras que se seguirão, o modo como tal repetição se deu no *corpus* em cinco produções textuais, recolhidas nos seguintes momentos da oficina: Encontro 5,

realizado em 28/06/2019 (dois textos), Encontro 8, em 16/08/2019 (dois textos) e Encontro 12, em 13/09/2019 (um texto):

**Figura 5:** Manuscrito produzido por S. R., no encontro de número 5, com transcrição diplomática

C	S. R.	
1	(rasura) Eu chama S. R	
2	quando eu chega aqui no Brasil	
3	O primeiro dia para mi é muito difícil	
4	para arrumar papel ou documento CPF, RG. Mas	
5	depres 2 meses eu arruma documento (rasura) eu	
6	agladece a deus por todo. a outro problema	
7	tem é com frio, Mas eu já customa.	

Fonte: Materiais da pesquisa

A figura 5 traz um manuscrito de sete linhas, produzido por S. R., no encontro de número 5. Na ocasião, trabalhávamos aspectos da linguagem poética, por meio do poema intitulado *Boat people*, do escritor de origem haitiana Félix Morisseau-Leroy (1912-1998). O poema serviu como mote para uma discussão e proposta de produção textual a respeito do tema “chegada a um novo país”<sup>67</sup>, a qual o texto apresentado acima pretendeu responder.

Podemos observar que a participante identifica-se escrevendo seu prenome e sobrenome no cabeçalho da folha (C), de acordo com os parâmetros escolares usuais. Após pular uma linha, no entanto, ela abre o texto retomando o seu nome completo: *Eu chama... S. R.* (linha 1). O que se segue é a aparente continuidade da frase (linha 2) - *quando eu chega aqui no Brasil*.

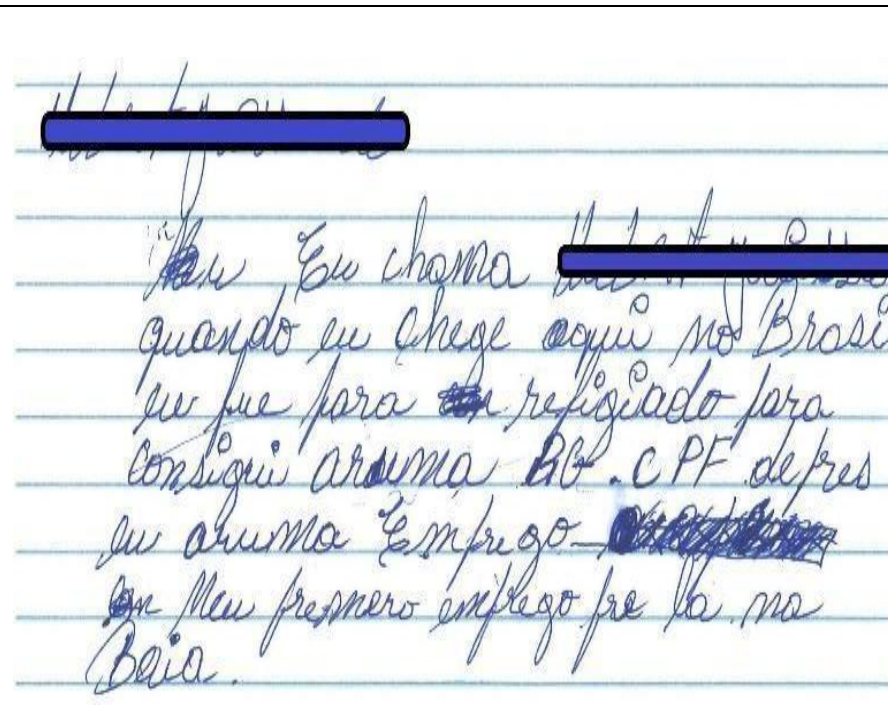
Ao que nos parece, a construção usada na abertura do texto - *Eu chama S. R.* - exerce uma função enunciativa diversa daquela exercida pela escrita do nome (S. R.) em (C). Com caráter escolar, a identificação (linha C) situa-se como instância designativa, apontando que a produção textual pertence à aluna S. R.

<sup>67</sup> Uma descrição mais detalhada acerca das atividades que motivaram os textos que compõem o *corpus* encontra-se no Apêndice A.

A segunda repetição de seu nome (linha 1), ao contrário, cumpriria o papel de nomear a participante como sujeito, de modo articulado a outros significantes de sua história. É como se a identificação em caráter escolar não cumprisse o papel de nomear a participante como sujeito, de modo articulado a outros significantes de sua história.

O nome está atrelado ao pronome *eu*, que, por proximidade à frase seguinte (linha 2), também se liga ao advérbio de tempo *quando* e ao advérbio de lugar *aqui*. Podemos inferir que a segunda aparição do nome, ligada a termos referenciais compatibilizados com ele, opera como dêixis (BENVENISTE, 1976), remetendo a instâncias situacionais a partir da qual S. R. pôde narrar suas dificuldades em tirar documentos no Brasil ou o fato de ela não gostar do frio do país.

**Figura 6:** Manuscrito produzido por H. J., no encontro de número 5, com transcrição diplomática

C	H. J.	
1	(rasura)Eu chama H. J.	
2	Quando eu chegue aqui no Brasil	
3	Eu fue parra refugiado para	
4	Consigui aruma RG, CPF de pres eu aruma Emprego (rasura)	
5	(rasura)Meu premero emprego fue lá na	
6	Baia.	
7	Baia.	

Fonte: Materiais da pesquisa

Na figura 6, trazemos um manuscrito de 7 linhas, produzido por H. J. na mesma ocasião do encontro de número 5, já descrito em referência à figura 5. O manuscrito parece seguir a mesma estrutura do texto recém-analisado. Neste último, o nome próprio de H. J. aparece duas vezes no texto, também em funções linguístico-discursivas distintas. Na primeira aparição (C), como designativo. Já na segunda, como referencial, remetendo-se ao momento da chegada do participante ao Brasil, bem como a sua primeira experiência de trabalho, que ocorreu na Bahia.

Também de modo semelhante ao texto apresentado na Figura 5, H. J. faz uso de diversos elementos em função de dêixis, além do próprio nome. São eles: o pronome “eu” (quatro aparições), os advérbios de lugar “quando”, “aqui” e “deprés” (depois) e “lá”, o pronome possessivo “meu” e o nome “Baía”.





Outra semelhança entre os textos apresentados refere-se à rasura inicial encontrada no parágrafo de abertura de ambos. Todavia, é apenas na figura 6 que a palavra rasurada se dá a ver, permitindo-nos conjecturar que o participante poderia estar em dúvida entre dizer “Meu nome” ou dizer “Eu chama”, tendo optado pela segunda forma.

Como nota Pina Cabral (2012a), a escolha por dizer “Chamo-me” ou “Meu nome é” aponta diferenças quanto às atitudes de responder ao nome. No primeiro caso, a ideia é de responder ao nome, enquanto no segundo caso, de ser o proprietário dele. Trata-se de dimensões às quais o nome comporta.

Nessa perspectiva, é interessante observar a escolha de H. J. por responder ao nome na produção analisada, pois ela converge com a ideia de responder a um chamado provocado pelo nome; ou seja, o de responder da posição de sujeito. De modo irônico, como era de seu costume, Lacan observa que um elemento qualquer (um ponto geométrico ou uma cerâmica fenícia) pode até ganhar ou possuir um nome, mas ao não se inserir na função constitutiva da linguagem, não poderá responder à provocação envolvida no ato de ser chamado a partir dele: “[...] tomar a palavra para dizer que aquela é sua marca de fábrica. É nesse nível que o nome se situa” (LACAN, 1963/2005, p. 74).



**Figura 7:** Manuscrito produzido por D. L., no encontro de número 12

C	D. L	
1	Oi! Eu sou D. L.	
2	Eu nasci em Aquin Sud	
3	Haiti o 2/11/94 eu vim	
4	aqui o 7-8-19.	Oi! Eu sou 
5	Aquin é uma cidade	Eu nasci em Aquin Sud Haiti o 2/11/94 eu vim
6	muito bem, mas não	aqui o 7-8-19.
7	trabalhar.	Aquin é uma cidade muito bem, mas não trabalho.
8	Então, eu vivo porque	Então, eu vivo porque meu pai vive em Paris quando
9	meu pai viva em Paris	eu quero dinheiro meu pai me deu.
10	quando	eu tenho amigo, amiga lá.
11	eu quero dinheiro meu	Eu tenho amigo, amiga lá.
12	Pai me deu.	Mas Haiti tem problema político Aquin também.
13	eu tenho amigo, amiga	as vezes nós estamos estressado Haiti.
14	lá.	
15	Mas Haiti tenha	
16	problema político	
17	Aquin também.	
18	as vezes nós estamos	
19	estressado Haiti.	

Fonte: Materiais da pesquisa

O texto apresentado na figura 7 foi produzido no encontro 12 da oficina, ocasião na qual explorávamos a relação dos imigrantes haitianos com suas cidades natais. Após um trabalho linguístico com o uso das preposições utilizadas para se referir aos lugares de origem, passamos a marcar, em um mapa do Haiti, a localização das cidades de onde os integrantes do grupo haviam partido. Essa dinâmica, associada a uma conversa acerca dos lugares “de lá”, muitas vezes comparados com os lugares “daqui”, fez com que os participantes resgatassem memórias associadas aos lugares de origem, posteriormente transformadas em produções textuais como a que acabamos de trazer.

No texto trazido na figura 7, vemos a repetição da escrita do nome próprio em (C) e na linha 1, já vista nos dados anteriormente analisados. Há, inclusive, uma proximidade espacial entre o nome-identificação (C) e o nome que abre o texto propriamente dito, visto não haver uma linha de intervalo entre eles, como nos outros textos. Esse detalhe acaba por evidenciar que, em termos informativos, a repetição do nome seria desnecessária.

O uso do nome na linha 1 parece tratar-se, mais uma vez, de um elemento de ancoragem para apresentar-se “Oi! Eu sou D. L.”, bem como para introduzir suas origens e sua condição de vida.

O modo como o participante se apresenta é bastante próximo da oralidade, mimetizando uma conversação com um suposto interlocutor.

A escolha pela assertiva *Eu sou D. L.*, ao invés das usuais expressões “chamo-me...” ou “meu nome é...”, parece evocar uma sujeição ao nome como marca, uma decisão por assumir uma suposta dimensão de essencialidade identificatória que o nome pode trazer.

Esse modo decidido com que D. L. se diz surge em outro momento do texto, ao mencionar que sua sobrevivência está atrelada à possibilidade do pai lhe enviar recursos financeiros a partir de outro país.

D. L. vê as suas possibilidades como estando atreladas a um primeiro ato de deslocamento do pai, seguido pelo participante ao vir ao Brasil: *Então, eu vivo porque meu pai viva em Paris quando eu quero dinheiro meu Pai me deu.*

**Figura 8:** Manuscrito produzido por A. L., no encontro de número 8, com versão transcrita e traduzida

C	AL	
1	Meu nome é <del>AL</del>	
2	Eu sou um haitiano muito corajoso	
3	Lembrei que eu quase morri	<i>Je suis un Haïtien qui est très courageux</i>
4	num acidente de moto, um carro me atropelou na rua,	<i>Je me souviens que j'étais entrain de mourir dans un accident de moto, une voiture m'avais</i>
5	mas Deus salvou a minha vida neste dia. Eu agradeço a Deus por tudo.	<i>renversé dans la rue, Mais Dieu Ma garder <del>en</del> en vie. je dis a Dieu Merci pour tout. Ce qu'il a fait pour moi.</i>
6	que ele fez na minha vida.	
7		
8		
9		
10	Meu nome é <del>AL</del>	
11	eu sou (um) haitiano que é muito...	<i>eu sou haitiano que é muito</i>

Fonte: Materiais da pesquisa

O texto acima, apresentado na figura 8, é um manuscrito redigido em francês, seguido de uma incipiente tradução do mesmo para a língua portuguesa. Foi produzido no encontro 8

da oficina, quando trabalhávamos a diferenciação dos tempos verbais, em especial as situações de uso do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito. Duas composições musicais foram utilizadas para ilustrar os elementos tempo e personagem em uma narrativa: *Menino da Porteira*, na versão gravada por Sérgio Reis (1973) e *Marvin*, gravada pelo grupo musical Titãs (1988).

Após um breve exercício gramatical para praticar os tempos verbais, a escuta e a discussão das músicas selecionadas, os participantes foram chamados a produzir um relato, por escrito, sobre um evento marcante de sua vida.

No texto disposto na figura 8, aquilo que estamos nomeando por “insistência do nome” se dá a ver no triplo registro do nome ao longo da produção textual: encontra-se em (C), bem como nas linhas 1 e 10.

Na linha 1, não sabemos ao certo se a escrita do nome próprio é a abertura ou o título do texto que virá: “Meu nome é A. L”. Chama-nos a atenção o fato de ser o único texto, dentre o grupo analisado nesta seção, a trazer uma marca gráfica que se aproxima de um possível título.

Em coerência com a proposta dada, A. L. conta um episódio de sua vida, no qual ele foi atropelado por um carro. Embora conte um acidente ocorrido no passado, a composição textual é aberta e finalizada pelo tempo verbal no presente: *Meu nome é A. L.* (linha 1); *eu sou um haitiano muito corajoso* (linha 2); *Eu agradeço a Deus por tudo que ele fez na minha vida* (linha 11). Essas asserções, formuladas no tempo da enunciação, parecem reatualizar e contextualizar a cena do acidente para o tempo da escrita do texto.

Na linha 10, é possível observar o nome próprio A. L. posto na mesma posição de abrir (ou intitular) o início de uma nova narrativa. Pela repetição de sua posição, parece-nos plausível questionar se o nome funciona como título. Se esse for o caso, a que apontaria intitular o relato de um evento marcante na vida com o seu próprio nome?

Mesmo que não tenha se dado conta, o participante pode ter seguido a lógica de nomeação da canção *Marvin*, dos Titãs, cujo título é o nome do protagonista da narrativa. De todo modo, considerando que o nome é uma marca pessoal aberta às significações e, ao mesmo tempo, colada a algo de enigmático daquele que a porta, ao fazer uso desse procedimento, abre-se uma brecha nas significações atreladas ao texto. Portanto, tal forma de título parece manter intacta uma espécie de enigma relativo ao nome. Efeito muito diverso seria obtido, por exemplo, se ele optasse predicar o acontecimento como “um acidente”, “uma tragédia” ou “a salvação”, por exemplo. Não seria a incompletude, então, o estilo preponderante desse texto?

Podemos observar, novamente, uma abertura à significação na linha 10, quando a tradução para a língua portuguesa se detém nas duas primeiras frases: Meu nome é A. L. (linha 10); *eu sou um haitiano que é muito....* (linha 11). O artigo indefinido *um* foi inserido em um ato de reescrita posterior e faz um corte, imprimindo uma particularidade na coletividade (grupo de haitiano) ao qual ele pertence.

Observamos, por sua produção oral, que o aluno teria condições de dar continuidade ao texto. Havia tempo disponível para o trabalho. Entretanto, ele se interrompe, deixando a frase incompleta. Talvez o tenha feito por cansaço, por falta de vontade, dificuldade ou por receio de escrever em língua portuguesa. É interessante, porém, o efeito criado pela interrupção da versão que foi vertida ao português.

Partindo da suposição de que enquanto escrevemos outras significações imprevistas nos escrevem, não seria possível pensar que, nessa língua e nessa cultura outra, há ainda algo de indefinido resguardado, ao que ele *é/se nomeia*: A. L., *um* haitiano entre outros? Como sujeito, ele parece consentir com essa abertura dada pelo nome e pela escrita. A escolha é por reter, nessa outra versão de si, apenas a intensidade do pronome *muito* – deixando em aberto o que se atrelaria a ele, no porvir.

**Figura 9:** Manuscrito produzido por O. D., no encontro de número 8, com tradução

C	OD	
1	Tem uma coisa que	<p>Mwen te gengen Bagay ki te pase nan jim. M: Dapat m te pati li ale van payi Guyane li kite m nan men manman m li pat jwe janm pran swenn li pat jwe lajan bay manman m se manman m ki te pran swenn. oke se istwa sa ki te pase nan jim.</p>
2	aconteceu na minha vida.	
3	meu pai se foi	
4	Ele foi para o país Guiana	
5	Ele me deixou com minha mãe,	
6	ele não ligou e não cuidou de mim,	
7	nem mandou dinheiro pra minha mãe.	
8	Ok, é isto	
9	Que se passou	
10	Na minha vida	
12	OD	

Fonte: Materiais da pesquisa

Na figura 9, vemos um manuscrito redigido em crioulo haitiano no mesmo encontro de número 8, o qual contextualizamos na análise da peça anterior. Trata-se, então, de uma produção acerca de um evento marcante da vida do participante. Na coluna à esquerda do manuscrito, encontra-se uma versão traduzida do mesmo por um nativo do Haiti, a pedido da pesquisadora.

A insistência do nome próprio se dá aqui de um modo um pouco distinto do que vínhamos descrevendo. O nome é escrito pela primeira vez em (C), antes de iniciar o texto e, posteriormente, após o término do mesmo, na linha 12. Vê-se o cuidado do participante em pular uma linha após concluir o relato, o que nos permite pensar que a segunda escrita do nome, na posição em que se encontra, pode exercer a função de assinatura.

Pode-se argumentar que todas as peças que compõem o *corpus* analisado nesta seção foram escritas à mão, o que torna difícil a localização da escrita de um nome próprio ao modo de uma assinatura. Porém, pensamos poder apoiar nossa conjectura na posição em que o nome se encontra, situado após o relato. Segundo a expressão popular nos ensina: “eu assino embaixo” costuma mostrar o gesto de escrita que ratifica determinada matéria.

O participante escolhe relatar a partida do pai para a Guiana, por meio da enumeração de seus atos: *meu pai se foi* (linha 3), *ele foi para o país Guiana* (linha 4), *Ele me deixou com minha mãe* (linha 5); *ele não ligou e não cuidou de mim* (linha 6), *nem mandou dinheiro pra minha mãe* (linha 7). O uso preponderante do tempo verbal no passado conota uma certeza quanto aos acontecimentos passados, certeza a qual ele conclui com a enunciação no presente: *Ok, é isto. Que se passou. Na minha vida* (linhas de 8 a 10).

O nome, ao final, encontra-se posicionado como assinatura, sobrescrevendo a enumeração dos atos do pai. Soler (2009) lembra-nos que, por vezes, é preciso acrescentar algum elemento ao nome próprio, para que ele se torne mais efetivo. Na carteira de identidade, esse “a mais” é a digital (pura marca do corpo), mas também a assinatura, que é uma marca situada entre o sujeito e o seu corpo.

No caso analisado, estaria o nome assinando o desamparo daquele que escreve?

Desamparo, para a teoria psicanalítica, é aquilo a que estamos expostos desde o momento da inserção na linguagem, quando, retirados de uma suposta dimensão de pura natureza e dependentes dos cuidados de um outro, já não somos mais capazes de obter satisfação completa em relação a qualquer objeto que seja. Para alguns, trata-se de um luto difícil de ser realizado. Nessa perspectiva, O. D. estaria testemunhando a influência do objeto que lhe faz sombra (FREUD, 1917 [1915]), encarnado no pai que o abandonou?



Em linhas gerais, o *sinthoma* está relacionado com o modo como alguém decide assumir aquilo que se repete de modo incessante em sua história, sob as vestes de uma dificuldade de aparência insolúvel, reposicionando-se diante dela. Trata-se de um ponto idiossincrático do sujeito, do qual ele não pode se livrar facilmente.

Para forjar a noção de *sinthoma*, Lacan debruça-se sobre a obra do escritor irlandês James Joyce (1882-1941), tomando-o como exemplar de um autor de *re-nome*. Por meio de seus escritos, Joyce ganhou uma notoriedade e uma nova nomeação, tendo ficado conhecido como *Joyce, O Sinthoma* - sintagma atrelado ao ensino da psicanálise. Esse seria, então, o “verdadeiro” nome próprio de Joyce.

Na oficina de escrita sobre a qual vimos refletindo, é possível que tenhamos acompanhado os primórdios da construção de uma ética que se aproximaria da noção de *sinthoma*; ou, ao menos, o endereçamento de uma possibilidade que possa vir a ocorrer, nessa direção.

Ao longo dos encontros, o participante Joseph destacou-se do grupo, por ocupar uma posição de referência para os outros participantes. Sendo proficiente na língua portuguesa e mostrando-se ativo e curioso nos encontros, era solicitado de modo frequente por seus conterrâneos, em sala de aula ou nos corredores da escola. Um recorte do diário de bordo da pesquisadora ilustra um momento no qual ele demonstra assumir seu desejo por sustentar esse modo de inserção no laço social, referendando, portanto, a nomeação de certo lugar que lhe é dado:

#### **Quadro 9:** Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Ao final do encontro da Oficina, Joseph aproxima-se para justificar sua ausência na Oficina naquela ocasião. Diz querer compartilhar uma feliz notícia: iria participar, como mestre de cerimônias, de um evento do CIEJA em homenagem ao educador Paulo Freire, representando, assim, o grupo de alunos haitianos da escola.

Estávamos no fim de ano de 2019, e mostrando-se especialmente animado com a comemoração que fechava o ciclo escolar, Joseph segue a contar seus planos para o próximo ano: a inscrição em uma faculdade de enfermagem.

Após a parabenização pela conquista, questiono se não o veríamos mais pelos corredores do CIEJA, sempre ajudando os colegas, já que entraria em uma nova fase da vida e passaria a circular por outros espaços da cidade. O jovem rapaz é assertivo em sua resposta:

- *Não, isso não! Eu vou continuar indo. Pra mim, o CIEJA não é só para estudar. Os outros (haitianos) não sabem português. Chegam sem saber de nada... Eles precisam de mim.*

Fonte: Materiais da pesquisa

Joseph, porta-voz do grupo, alguém que se (diz)põe em nome dos outros. O *isso não* contido na resposta de Joseph, com o qual sublinha a impossibilidade do rapaz em deixar sua posição de referência ao grupo de alunos haitianos do CIEJA, remete-nos ao conceito forjado por Lacan, na medida em que estar ancorado no *sinthoma* é estabelecer um limite para as próprias ações, um ponto do qual não se pode abrir mão facilmente. Em outras palavras, aquele que se sustenta no *sinthoma* passa a viver de modo um pouco mais livre de influências externas, tendo como baliza uma ética própria que se articula à preservação do humano. Caminha, então, na direção de “fazer um nome” e de ser reconhecido por sua singularidade.

Embora não possamos comprovar que uma construção *sinthomática* esteja de fato se dando, e qual seria a nomeação dela decorrente, a cena trazida nos parece fornecer indícios da existência de um reconhecimento externo de seu lugar de destaque entre o grupo de haitianos. Afinal, a escola o legitima como porta-voz dos haitianos, chamando-o para um evento público. Já do lado de Joseph, ele parecer querer honrar o esforço por facilitar a inserção de outros haitianos no Brasil, após obter êxito em circular na nova cultura.

Certa vez, Joseph comentara a respeito dos encontros na Oficina: *são bom para os haitianos, porque ali, eles falam. Ninguém aprende nada se não fala*. Ao sublinhar a importância dada por ele às atividades na escola e à circulação da palavra, Joseph indica ser alguém permeável pelas palavras, podendo oferecê-las aos outros, como *téssera* ou laço social (LACAN, 1953).

Em sua maioria, os alunos haitianos do CIEJA, enfrentam situações de urgência física e psíquica que, por esse motivo, precisam dispor de tempo e disposição para obter as condições materiais para sua sobrevivência. Em um tal contexto, não nos parece pequena a disponibilidade de Joseph em continuar a exercer sua função de porta-voz junto aos colegas, mesmo estando em uma nova situação, na qual poderia prescindir do lugar que lhe foi dado. Com seu *savoir-faire*, o rapaz parece intuir ser preciso sustentar-se nesse lugar, a partir do qual ele circula e se faz reconhecer.



## 8. DAR PASSAGEM AO INDIZÍVEL D'ALÍNGUA

A voz que fala em você, deixe-a falar. Deixe-a falar mais que o razoável, até que ela se parta e faça eco do lado de fora.

James Noël, no poema *Kana Sutra*

No presente capítulo, voltaremos nossa atenção às produções linguísticas de um participante na Oficina de escrita para imigrantes haitianos, aqui nomeado por Karl, cujo percurso nos serve de ilustração da acepção do sintagma *deixa passar* como um apelo a uma transmissão: dar passagem a algo, apesar do que não se pode dizer, ou mesmo, a partir de sua impossibilidade. Esclarecemos que, sob certas condições, trata-se de uma passagem de uma posição a outra, na qual é o próprio sujeito que se faz passar como objeto (8.1).

Elegeu-se cotejar três momentos deste percurso (8.2.1; 8.2.2 e 8.2.3), pois, tomados como uma série, indiciam os instantes em que o participante é tocado por algum limite da linguagem, o qual contorna por meio da escrita.

Ao procedermos um pedido de tradução da peça, feita a um haitiano, o esquecimento do texto (enviado por três vezes), pareceu-nos sublinhar a dificuldade envolvida na tentativa de transmissão feita por Karl (8.3); a análise do material traduzido nos deu a oportunidade de comparar versões, de modo a explorar a presença de marcas textuais singulares, possivelmente a apontar a presença de equívocos da ordem de *alíngua*. A nosso ver, o percurso de Karl envolveu uma “mudança de discurso” (LACAN, 1972-1973) possibilitadora de uma assinatura.

### 8.1 Passar para outra coisa

Ao discutirmos acerca do falarmos em “dar passagem” ao indizível d'*alíngua*, também estamos considerando que é o sujeito quem se faz passar, efetuando uma travessia, de uma posição a outra. Conforme anteriormente discutido, em contextos de migração, a temática da obtenção de certo reconhecimento é importante, pois o sujeito está em busca de uma nova filiação (simbólica), o que passa pela recuperação de um lugar de importância (imaginário) para o Outro.

Com a psicanálise, apostamos que esse reconhecimento não se dê apenas pelos emblemas e insígnias recolhidas no novo processo de socialização, conformando novas identidades - às vezes inclusive deslizando para demandas identitaristas radicais (ROSA *et al.*,

2018). Uma direção que nos interessa é a de poder reconhecer-se nos próprios restos, em marcas que tangenciam o Real. Reconhecer-se em relação àquilo que sobra do objeto voz, quando se deixa cair sua dimensão de excesso a tamponar o dizer, levando o sujeito a “fazer-se voz”.

Cumpra esclarecermos, então, que o modo como compreendemos a efetivação de *uma passagem* é aquele dado pelo psicanalista francês Jean Allouch (2007), como sendo uma possível definição de saúde mental: um “passar para outra coisa”, no qual há uma transformação no modo de se lidar e de responder à alteridade.

Allouch (2007) lembra-nos que os modos de resposta ao Outro podem se dar pela via do sintoma, da existência ou em forma de doenças orgânicas. Para se livrar de modos excessivamente sofríveis de lidar com o outro, torna-se necessário um movimento paradoxal: o de “tornar a passar pela coisa do outro”, insistindo nesse ato, que, enfim, dará passagem a outra coisa, uma nova posição na vida.

Realizar essa peculiar exigência de voltar a passar pela coisa do outro exigiria ao menos duas condições, ligadas ao fato de o Outro ser o lugar da linguagem e o ponto de endereçamento inicial de um sujeito, conforme anteriormente apresentado. Passar pelo Outro é refazer a relação com as palavras, descompletando a matriz simbólica e, então, acrescentando-lhe algo de uma singularidade. Trata-se de uma operação cujos requisitos são:

- 1) Alguém que intui que para sair de um sofrimento subjetivo é preciso envolver-se ainda mais nele, revisitando a forma como se constituiu a partir do Outro (ALLOUCH, 2007);  
e
- 2) Um outro (de carne e osso) que se ofereça a uma parceria, porém de uma posição específica, a partir da qual pode escutar aquele que anseia por uma passagem, sustentando o exercício da palavra e, assim, abrindo o campo da transferência. Esse terceiro assume o papel de fazer operar um “testemunho indireto” e, quando possível, fazer uma leitura literal, relativa ao ato de “ler com o escrito” (ALLOUCH, 2007).

Partimos de três produções escritas de Karl e dos relatos orais a elas associados. A nosso ver, tal material compõe uma série demonstrativa de uma passagem, cujo ponto de partida é a insistência do significante *deixa passar*. Mesmo que breve e com textos de aparente simplicidade, o percurso de Karl na Oficina de escrita parece ter favorecido a direção da escrita de um “si”, engendrado no próprio processo de escrever. Com isso, queremos dizer que ele

ousou tocar em algo que lhe é central por meio da escrita, aceitando, por fim, o fato de que sempre restará algo que não se escreve em uma vida (RIOLFI, 2011).

## 8.2 O percurso de Karl

Karl é um rapaz na casa dos trinta anos, com boa fluência no português. Esteve presente em três encontros da Oficina de escrita de histórias de vida, tendo entregado produções textuais em todos eles. Todavia, nessas situações, de modo semelhante a alguns de seus colegas, o rapaz haitiano valia-se da expressão *deixa passar*, geralmente quando era solicitado a escrever. Em seu caso, o sintagma parecia ora remeter-se a algo que não poderia ser registrado, no sentido de uma proibição, ora àquilo que deveria ficar para trás – de todo modo, referindo-se a um núcleo que não se deixa capturar pela linguagem.

Se, por um lado, Karl parecia fazer coro aos colegas que tendiam a se calar, por outro lado, ele se engajava com a escrita. Era como se denegasse sua possibilidade de escrita, redigindo enquanto reclamava e convocava a pesquisadora em sua reclamação. Endereçava, portanto, algo à pesquisadora, como se seus textos fossem cartas às quais temesse abrir.

Assim, nesse primeiro momento, a escrita parecia ser vivenciada como sofrível, um procedimento contra o qual se prevenia. Riolfi (2011) nomeia esse tipo de escrita como “escrita crítica”, na qual aquele que se põe a escrever recua diante da “possibilidade do encontro com o que mais teme, o não saber” (p. 28).

Pareceu-nos possível rastrear três momentos de uma suposta passagem: 1) uma posição inicialmente atrelada à esquivia, a uma suposta impotência e ao anonimato; 2) o anúncio de um endereçamento, efetivado por meio de um lapso; e 3) um trabalho assinado, o qual deu indícios de ser a recuperação de um gozo vivificante. Pensamos ter podido ler no que se depositou no papel, *a posteriori*, indícios de uma lida com o impossível de se abarcar pela linguagem.

### 8.2.1 Momento 1 - O texto sem nome: *Restos de voz como limite à escrita*

O contexto era uma atividade da Oficina de escrita (encontro de número cinco) envolvendo a escuta de um Áudio<sup>70</sup>, em crioulo, do poema intitulado *Boat people*, do escritor de origem haitiana Félix Morisseau-Leroy (1912-1998). No poema, o escritor faz uma leitura

---

<sup>70</sup> Recuperado de: <https://pen.org/tourist-and-boat-people/>. Acesso em 22/06/2019.

crítica do termo *Boat people*, questionando seu uso de modo pejorativo, associado a imigrantes da região das Antilhas e Caribe.

Após a apreciação da peça, recitada pela escritora haitiana Edwige Danticat, houve uma discussão a respeito do tema “chegada a um novo país”. O primeiro passo da atividade proposta era a de que o grupo fizesse coletivamente a tradução de um fragmento do poema; contudo, todo o poema foi objeto de tradução e discussão pelo grupo (Apêndice A).

O motivo da escolha pelo poema foi, inicialmente, a tentativa de “tocar” na relação do sujeito às suas línguas de origem. A temática tratada também nos pareceu um modo interessante de suscitar posicionamentos diante do significante *Boat people*, o qual apresenta pregnância na cultura haitiana.

Em sua origem, o termo *Boat people* foi cunhado nos anos 70 para identificar os milhares de fugitivos que deixaram a região da Indochina em barcos de pesca durante a Guerra do Vietnã. Estudioso das migrações marítimas e seus efeitos políticos, o sociólogo britânico Michael Pugh (2004) comenta que o termo também é utilizado em análises para distinguir o *status* jurídico e discurso político associados a grupos migratórios que entram em um país pelo oceano, seja de modo clandestino ou não.

Recorrendo à análise de imagens e discurso midiático, Pugh (2004) demonstra como tende-se a rotular os grupos associados como *Boat people* a ameaças políticas. Esse processo se dá por meio do uso de determinados modos de referência aos praticantes dessa imigração, entre os quais: associá-los à ideia de andarilhos apátridas ou ciganos no mar, sem território de origem definido; apoiar-se em imagens que evidenciam o caráter grupal do deslocamento, propiciando o apagamento dos indivíduos; valer-se de metáforas de desastres naturais para narrar, por exemplo, a chegada de “ondas” de imigrantes que “inundam” os países desenvolvidos.

Com o entendimento atual da imigração como ameaça global aos países desenvolvidos, o termo ganha caráter pejorativo e uma abrangência maior, podendo aderir a determinados grupos de imigrantes e refugiados, como é o caso dos haitianos. A partir de 1972, nativos do Haiti começaram a sair do país em barcos em direção ao estado da Flórida nos Estados Unidos, a exemplo dos cubanos, ganhando a mesma denominação dada anteriormente aos vietnamitas (STEPICK, 1982). *Boat people* passa a fazer referência, então, à imigração ilegal de povos do Caribe e das Antilhas em direção aos Estados Unidos ou outros países do continente.

É a essa referência que o escritor Félix Morisseau-Leroy (1912-1998) parece ter se endereçado em seu poema e que fez emergir, no grupo, relatos acerca do momento da chegada

a um novo país. As impressões a respeito desse encontro e dos aspectos que dele se destacaram foram registrados no diário de bordo da pesquisadora, do qual recortamos o trecho a seguir:

**Quadro 10:** Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Conforme chegavam à sala de aula, os participantes olhavam uns aos outros, demonstrando surpresa ao se depararem com os sons do crioulo haitiano, pronunciados por uma voz feminina que saía da pequena caixa de som montada no meio da sala.

Instalava-se um silêncio, rompido apenas por comentários esparsos e quase inaudíveis, vindos de algumas das 19 carteiras ocupadas naquele dia: *É muito bonito... É triste...*

Após ouvirem a declamação do poema, pediam para ler o texto do mesmo. Como a única transcrição encontrada pela pesquisadora era uma versão em inglês, os participantes tentaram vertê-la para o crioulo, por meio do *Google* tradutor. Disseram que poderiam compreendê-la, mas que era muito distante da versão do poema que tinham acabado de ouvir. Envolveram-se na proposta de traduzir ao português a estrofe principal da peça, mas terminaram por contar, coletivamente, o que se podia entender de toda a peça.

Em um primeiro momento da discussão a respeito do tema trazido pela peça, os participantes pareciam preocupados em se afastar da expressão *Boa people*, diferenciando os percursos migratórios que ocorrem por embarcações, dos percursos que ocorrem por avião, como é o caso da rota Haiti-Brasil. Pareciam estar tomando a expressão como signo: *Boat People* referia-se apenas aos que se dispunham a enfrentar o mar para mudar de território.

Karl envolvia-se de modo mais ativo do que os outros quanto ao tema do poema, explicando que *Boat People* era um termo *muito familiar* a um haitiano, a respeito do qual *se ouve a vida toda, mas que não é bom*. Passou a dizer o quanto se julga um haitiano sem que antes se possa saber sobre ele, sobre sua vida e seus motivos ao migrar.

A partir de então, *Boat people* começa a ser tomado, pelo grupo, como a metáfora do modo pejorativo como os imigrantes são lidos nos locais para onde emigram, imagem a qual o poeta Morrisseau-Leroy tenta se opor com seu poema.

Quando foi solicitado ao grupo que produzissem um texto relacionado ao tema da discussão, Karl continuou exaltado. Todavia, foi à pesquisadora que passou a dirigir suas reações, divididas entre a indignação com o tema tratado, a animação em responder à provocação levantada pelo poema e uma intensa reserva em escrever.

Se, por um lado, reclamava do pedido para que colocasse no papel as particularidades de sua chegada ao Brasil, por outro, parecia satisfeito em contar a respeito de tal momento.

Havia uma divisão entre o que falava e o que poderia (ou temia) escrever. Mas, desse modo mesmo, ele escreveu algo. Só se pôde notar, algum tempo depois, a falta de seu nome no relato que foi entregue.

Fonte: Materiais da pesquisa

O aparente incômodo de Karl com a proposta de escrita destoava do modo como as lembranças eram comunicadas pelo relato oral, que lhe parecia fácil, até mesmo prazeroso. Contava ao grupo, de modo entusiasmado, que, ao chegar ao Brasil, tivera um encontro amoroso surpreendente, em uma festa promovida por um amigo que o recebera em sua casa. O momento

o teria marcado, segundo ele. No entanto, relatava sentir-se incomodado em escrever a respeito das circunstâncias de sua chegada. *O que minhas filhas irão pensar?* – questionava-se.

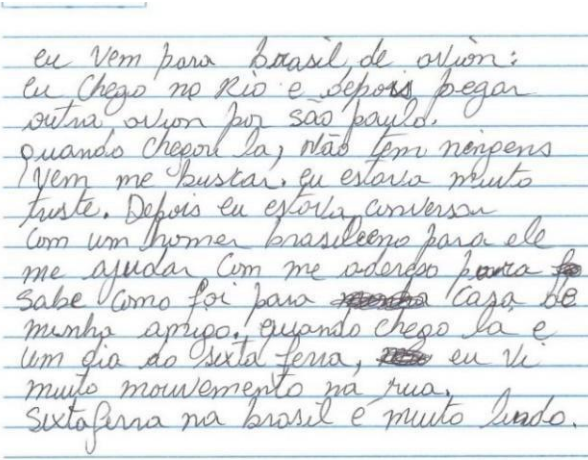
Se uma narrativa, transformada em texto, é sempre um recorte, Karl não conseguia elegeer elementos que poderiam ser depositados no papel. Era-lhe difícil separar-se de um suposto leitor onipresente, do qual se esquivava, representado na figura das duas filhas que haviam permanecido no Haiti.

A leitura que imaginava de um Outro atravessava o tempo e o espaço, não sendo possível barrá-la de modo algum. Ocorre que, ao mesmo tempo em que a escrita lhe acoitava, algo nele insistia, chamando, como testemunha desse embate, a professora/pesquisadora. - *Não posso escrever!* – dizia-lhe.

Enfim, Karl escreveu, após ter sido lembrado de que poderia escrever *apenas* a parte de seu relato que lhe parecesse mais conveniente de ser escrita. Foi preciso o lembrete de que poderia ser o “editor” de seu próprio texto.

Vejamos, a seguir, o resultado de sua primeira produção escrita no contexto da Oficina:

**Figura 10:** Primeira produção textual de Karl

Texto original	Transcrição diplomática
	<p>1 eu vim para o Brasil de avião:</p> <p>2 eu cheguei no Rio e depois peguei</p> <p>3 outro avião para São Paulo.</p> <p>4 quando cheguei lá, não tinha ninguém</p> <p>5 para vir me buscar. Eu estava muito</p> <p>6 triste. Depois eu conversei</p> <p>7 com um homem brasileiro para ele</p> <p>8 me ajudar com meu endereço para</p> <p>9 saber como ir para a <del>minha</del> casa do</p> <p>10 meu amigo. quando chego lá é</p> <p>11 um dia de sexta-feira, (rasura) eu vi</p> <p>12 muito movimento na rua,</p> <p>13 sexta-feira no Brasil é muito lindo.</p>

Fonte: Materiais da pesquisa

A figura que acabamos de mostrar traz, à esquerda, a versão original do texto de Karl, composto por 13 linhas. Trata-se de um manuscrito, escrito em português, no qual Karl narra do momento em que seu avião pousou no Brasil até a chegada à casa do amigo que o acolhera.

Notamos três rasuras no texto, sendo que uma delas se dá a ler. Onde Karl parece ter escrito *minha* casa (linha 9), ele busca apagar o pronome possessivo, corrigindo tratar-se, naquele momento da chegada, da casa de seu amigo.

Foi Karl quem puxou a discussão do grupo na direção de compreender o *Boat people* como uma nomeação relativa aos imigrantes de modo geral, não apenas aqueles que se aventuram por rota marítima. Todavia, o ponto de vista escolhido para sua narrativa é o recorte das situações vivenciadas no dia em que desembarcou no país, como, por exemplo, o fato de que chegou de avião, fazendo uma passagem pelo Rio de Janeiro; ou a ausência de alguém a esperá-lo. Supomos que o modo como a pesquisadora propôs a escrita tenha influenciado essa direção de sua escrita: pediu-se que, em resposta à nomeação *Boat People*, os participantes contassem as particularidades de seus processos migratórios: seus motivos para imigrar, a chegada ao Brasil e o modo como buscam organizar a nova vida desde então.

Quanto ao entusiasmo do relato oral que acompanhava sua atividade de escrita, ligado a um encontro amoroso em uma festa, indicia-se no texto apenas por uma insinuação, de modo discreto e resumido, nos dois parágrafos finais: *quando chego lá é um dia de sexta-feira, eu vi muito movimento na rua. Sexta-feira no brasil é muito lindo* (linhas 10 a 13).

A solução empreendida por Karl, para esquivar-se de um suposto leitor invasivo e onipotente, parece ter sido a de substituir *a surpresa* e os afetos envolvidos em seu encontro amoroso pela *surpresa* e a beleza de uma sexta-feira de movimento na rua - elemento compartilhado coletivamente com o grupo. Com tal recurso, ele se preserva de um risco narcísico que parece estar em jogo e possibilita a circulação de sua narrativa. Talvez possamos associar esse recurso a um velamento da ordem sexual (relatada oralmente), pois, como sabemos com a psicanálise, para que algo funcione no nível fálico, das trocas, é preciso que o falo, como órgão, esteja velado. Se qualquer texto guarda algo de memorialístico, a condição para que ele circule é a de que consiga se situar entre o particular e o coletivo (COSTA, 2001).

De todo modo, após queixas e esquivas, Karl termina por escrever. Todavia, não o faz em nome próprio, pois, provavelmente por conta de sua posição conflituosa em relação ao que julgava poder ou não registrar por meio da escrita, não chegou a assumir formalmente um lugar de locutor de seu texto publicamente. Como notamos só posteriormente, localizamos seu texto

no meio do *corpus* por meio de sua letra, pois o rapaz entregou sua produção sem assinatura ou outro modo que o identificasse.

Lembremos, conforme trabalhado no capítulo anterior, que dentre as funções atribuídas ao nome próprio pela psicanálise, encontram-se a de ser uma marca relativa à identificação que enlaça a emissão nomeante (vocal), à função da letra e da escrita. Assim, trata-se de um elemento que enlaça os diferentes registros (real, imaginário e simbólico), propiciando uma amarração que estabiliza uma “realidade psíquica” para o sujeito.

### **8.2.2 Momento 2 - Supor, escrever, enviar: *Em nome delas***

Ao analisarmos o segundo texto de Karl, propomos chamar a atenção aos modos como o participante compõe a produção, bem como ao relato oral que a acompanhou, a partir do qual surgiu um lapso. Para que se saiba em qual contexto ele emergiu, passemos a uma síntese da proposta de atividade em questão.

Conforme já apresentada no capítulo cinco, uma das atividades da Oficina (encontros 6 e 7) se deu em torno de uma dinâmica de leitura de imagens, cujos objetivos eram trabalhar o vocabulário da turma e suscitar uma discussão a respeito do valor afetivo de objetos, pessoas e lembranças. Retomando-a brevemente, trabalharam-se imagens relativas aos pertences e lembranças de uma pessoa que supostamente estaria fugindo de uma situação de emergência, como um incêndio. A maior parte do grupo associou a situação à partida de uma cidade ou país de origem.

Karl, no entanto, ficou muito atrelado à situação hipotética de uma fuga de um incêndio. Preocupava-se em pensar em uma estratégia de fuga: quem pegar antes, quais seriam as prioridades de locomoção. Pareceu mais atrelado a esse aspecto pragmático do que às lembranças associadas aos elementos que carregaria, como foi solicitado. Repetia: *só levaria as crianças*. Transpondo a situação hipotética de um incêndio para a sua vinda ao Brasil, comentou que, entre as coisas que havia, ele disse ter trazido *todas, menos minhas filhas*.

Como exercício de escrita, os participantes foram solicitados a escrever cinco coisas - entre objetos, pessoas e lembranças - que carregariam com eles em um incêndio ou, como haviam mencionado, no caso de uma migração. A partir desses elementos, poderiam escrever recordações a eles associados.



A produção textual de Karl, de três páginas, teve maior extensão do que sua produção anterior, tendo se dado de modo mais fluido e sem queixas. Karl parecia envolvido na atividade da escrita.

Para o que pretendemos analisar neste segundo momento de produção textual de Karl, pretendemos chamar a atenção para determinados aspectos de sua produção, a saber: 1) a identificação de seu nome; 2) as menções ao fato de ser estrangeiro; e 3) os nomes próprios que Karl acrescenta ao final de seu texto, endereçados, por meio do relato oral, à professora/pesquisadora.

Na figura que se segue, veremos os aspectos 1) e 2). O aspecto 3), por ser central à análise, será tratado separadamente.

**Figura 11:** Segunda produção textual de Karl

Texto original - Página 1	Texto original - Página 2
<p style="text-align: right;">02/08/19</p> <p style="text-align: center;">se tem incêndio</p> <p>Para coisa eu vou salvar: <del>este</del></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 - Cuança</li> <li>2 - meu documento et passaporte</li> <li>3 - meu dinheiro</li> <li>4 - meu celular</li> <li>5 - meu Biblia</li> </ol> <p>1) um Cuança não sabe, que pode fazer um incêndio então para segura <del>o</del> e protego vou pegar Cuança para salvar vida dele</p> <p>2) para meu documento: eu <del>se</del> sei um pessoa sem documento é uma pessoa sem identidade <del>o</del> e depois para procura de novo este documento então <del>se</del> eu vou salvar para meu passaporte, eu sou estrangeiro se eu não tenho passaporte, é uma problema se eu quiser voltar em meu país</p> <p>3) dinheiro: depois passa fogo, eu não tenho nada, se eu ficar sem dinheiro então eu não pode fazer nada, <del>o</del> como: compra roupa, comida, aluguel outro card ect. então, eu salva meu dinheiro</p>	<p style="text-align: center;">/ /</p> <p>4) meu celular: <del>o</del> é uma maneira de guarda contacto com todos: família e filhos amigos e no meu celular tem muitos coisa importante por isso eu vou salvar ele.</p> <p>5) meu Biblia: eu sou católico, eu nunca passa um dia sem fazer oração sem ela, eu senti falta uma coisa grande na minha vida, sem meu bible eu não senti que eu sou longe de Deus, é meu therap espiritual, eu não quer perdi esse <del>o</del> que é meu bible então, eu vou salvar ele também.</p>

Fonte: Materiais da pesquisa

A produção textual de Karl é composta por três páginas, das quais observamos as duas primeiras na figura ora apresentada. Trata-se de seis blocos de textos, entre os quais o primeiro é uma lista dos objetos que Karl carregaria consigo em uma situação de emergência, conforme

fora pedido. Os outros cinco parecem ser descrições das razões pelas quais ele levaria os itens listados.

Um primeiro detalhe observado é a presença do nome próprio de Karl na parte superior esquerda da folha, ao lado da data. Trata-se de um elemento que identifica a sua autoria, ausente em sua primeira produção textual. Pode-se dizer que, neste segundo momento, ele pôde assumir uma suposta coincidência entre o narrador e o autor de seu texto, ao modo de um “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 1996/2014). O que teria lhe permitido ultrapassar o incômodo e a inibição em escrever, demonstrados anteriormente, e assinar aquilo que escreve? Para responder a essa questão, talvez seja preciso entrarmos um pouco mais nos pormenores de sua escrita.

Assim como em sua primeira produção, há a presença de rasuras. Quando é possível lê-las, parecem tratar-se, em sua maioria, de correções ortográficas ou gramaticais, como é o caso de uma troca de tempo verbal, de *eu sabe* para *eu sei* (linha 1 do item 2). Apenas na linha dois, a rasura que oculta o pronome demonstrativo *este* não é feita com esse fim, apontando uma intenção de escrita não concretizada.

Conforme podemos ler na primeira linha da página um, Karl optou por considerar a hipotética situação de emergência como sendo um incêndio, ocasião em que tentaria salvar: 1) *criança*, 2) *meu documento e passaporte*; 3) *meu dinheiro*; 4) *meu celular*; 5) *minha bíblia*<sup>71</sup>.

Chama-nos a atenção que apenas o primeiro item da lista de K. não é particularizado pelo pronome possessivo *meu/minha*. Refere-se à *criança*, de modo generalista, o que se comprova pela descrição dada por ele a esse item de sua lista: *uma criança não sabe que pode fazer um incêndio, então, por segurança e proteção vou pegar criança para salvar vida dela*. A descrição dos quatro itens seguintes mantém o pronome possessivo *meu/minha*.

Ao descrever a escolha por salvar seu documento e passaporte (item dois de sua lista), Karl menciona a importância que tem, para um estrangeiro, portar seu documento: *eu sei que uma pessoa sem documento é uma pessoa sem identidade; [...] eu sou estrangeiro se eu não tenho passaporte é um problema se quiser voltar em meu país*.

Quanto ao objeto celular, Karl não menciona explicitamente a sua condição de imigrante, mas parece remeter-se a ela ao atribuir a importância do objeto ao fato de ele ser *uma maneira de guardar contato com todos, família, filhos, amigos*.

Assim, há uma aparente divisão na narrativa, expressa pela situação hipotética do “incêndio” e a situação efetivamente vivida por Karl, na imigração. Enquanto a criança, de

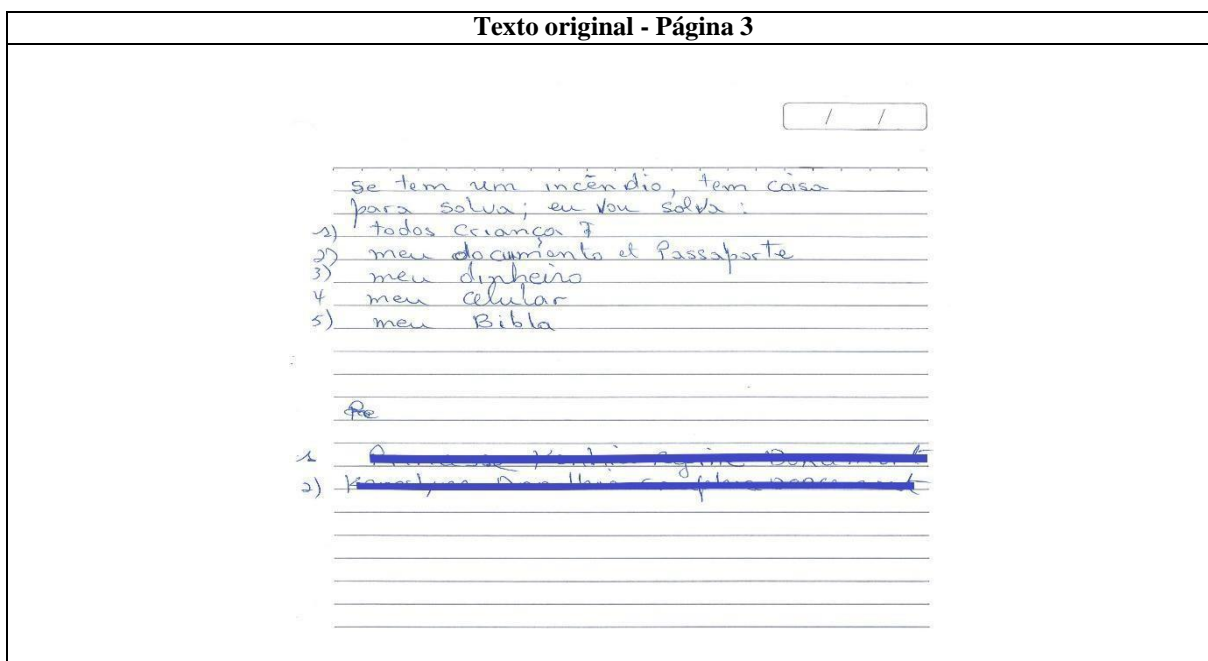
---

<sup>71</sup> Ao citar os fragmentos do texto original apresentado, utilizaremos uma versão diplomática dos mesmos, visando à fluidez da análise.

modo genérico, insere-se na narrativa daquilo que ele salvaria em um incêndio hipotético, os outros elementos foram de fato “salvos” e trazidos do Haiti ao Brasil, compondo sua vida atual, segundo nos esclarece Karl em seu relato oral.

De todo modo, o uso da situação de um incêndio como metáfora para a situação da imigração parece ter facilitado a escrita de Karl, talvez pelo fato de a proposta não ter convocado, de modo direto, a escrita de um fragmento de história de vida propriamente dita, mas de uma situação que a tratou de modo oblíquo, a partir das associações feitas pelo grupo entre uma “saída urgente” e a imigração.

**Figura 12:** Segunda produção textual de Karl (continuação)



Fonte: Materiais da pesquisa

A terceira página da produção textual, trazida na figura acima, é composta por uma repetição da lista que Karl fizera na página um, a respeito dos itens que salvaria em caso de um incêndio. No entanto, há uma pequena modificação: no item um, ao invés de criança, a notação passa a ser *todas as crianças*.

Além disso, há dois elementos acrescentados, que foram escritos em um momento posterior à realização da atividade. Trata-se dos nomes das filhas de Karl. Trazemos, a seguir, um recorte do diário de bordo, no qual descrevemos o momento da inserção desses itens pelo participante:

### Quadro 11: Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Ao terminar sua proposta de escrita, quando Karl preparava-se para entregá-la, dirige-se à pesquisadora de modo surpreendente: *Vou te enviar minhas filhas*.

A pergunta acerca de meu estranhamento com o termo *enviar* passou despercebida ao rapaz. O que ele fez, em seguida, foi mostrar-me as fotos de duas meninas, aparentemente pré-adolescentes, na tela de seu celular. A frase continuava a ecoar-me de modo incompreensível, não se ligando ao gesto que ele acabara de fazer, quando o rapaz passa a escrever os nomes das garotas na parte inferior da folha posteriormente entregue. Nomes longos, cujo modo de formação une o nome de Karl ao nome das mães de cada uma das meninas, segundo explicou-me.

Ao que tudo indica, *enviar* foi o modo como Karl encontrou (ou que foi ao seu encontro?) para apresentar-me, em forma de imagem e escrita, suas duas crianças.

Teria sido apenas um uso equivocado do termo, fruto da falta de domínio do português?

De todo modo, talvez pudesse tomar ali o endereçamento, a partir do qual Karl demonstrava poder *enviar* seus escritos.

Fonte: Materiais da pesquisa

A partir de uma perspectiva psicanalítica, tendemos a considerar a troca dos supostos significantes “escrever” ou “mostrar”, pertinentes à situação discursiva, pelo significante *enviar*, como sendo da ordem de um ato falho ou um lapso de fala (FREUD, 1901). Todavia, considerando a recente inserção de Karl na cultura e língua do Brasil, pode-se questionar quanto à pertinência dessa consideração.

Ao refletir a respeito de seu trabalho com pacientes plurilíngues ou políglotas na clínica psicanalítica na França, Thamy Ayouch (2015) conclui que o fenômeno de tradução interlinguística convoca o inconsciente, pelo fato de a tradução linguística estar relacionada tanto com a tradução psíquica quanto com a transferência (AYOUCHE, 2015).

Além de levarmos em conta a consideração do autor, baseada em sua experiência clínica, não nos parece de menor importância lembrarmos que os nomes grafados por Karl tenham sido os nomes daquelas que, já em sua primeira produção, colocavam-se como uma ausência que se fazia presente de modo excessivo, impedindo-o de escrever inicialmente, tomando a tarefa como não passível de edição; ou seja, como sendo uma demanda de um Outro que exigia completude.

Retomemos o movimento envolvido na produção escrita de Karl: se, em um primeiro momento, ele insiste em não escrever, acaba escrevendo um texto, embora não o assine. Em um segundo momento, divide-se entre a tentativa de se remeter a uma situação hipotética e a escrita de um fragmento de sua história, embora seja justamente para ela que ele pareça estar direcionado, como demonstra o seu relato oral a respeito da ausência das filhas.

Se nessa segunda produção ele se identifica como autor, por outro lado, na posição usual de uma assinatura, são os nomes de suas filhas que aparecem. Entre as crianças, em geral, e as suas crianças, agora nomeadas, existiu a migração e, com ela, as perdas a serem contornadas pelas palavras. Ao *enviar* à pesquisadora os nomes das filhas, a partir da suposição de que ela pudesse encarnar um destinatário possível, encontraríamos um indício de um luto ainda em vias de simbolizar?

### 8.2.3 Momento 3 - A transmissão de um impossível de tudo dizer: *Nomear-se*

A terceira produção textual de Karl deu-se na ocasião do fechamento da Oficina de Escrita (encontro 18), para o qual se planejou uma atividade final, com a exibição do longa-metragem de animação *Kiriku e a Feiticeira*<sup>72</sup> (Michel Ocelot, 1998), em sua versão traduzida para a língua portuguesa.

Para que se saiba do que se trata a peça cinematográfica, apresentamos uma breve síntese: trata-se da narrativa da história de Kiriku, um menino tido como “muito pequeno” e tão inteligente que era capaz de falar, ainda no ventre de sua mãe. À época de seu nascimento, sua vila estava sob o domínio de uma feiticeira, conhecida como Karabá. Ao lado de seu tio, e inspirado pelos ensinamentos do avô, Kiriku irá enfrentá-la, salvando a fonte de água da vila que a feiticeira havia secado, recuperando as riquezas que roubara e libertando os homens que se tornaram seus prisioneiros. O menino acaba por descobrir que o motivo do ódio de Karabá era um espinho que lhe colocaram nas costas (de modo metafórico, há a sugestão de um abuso sexual). Ao obter êxito em retirar o espinho da feiticeira, Kiriku é transformado em um homem e ambos terminam por formar um casal.

Além da apreciação do filme, a atividade tinha como objetivo que os participantes compusessem um texto sobre suas histórias de vida, com alguns elementos da estrutura lógica presente em grande parte dos mitos, nomeada pelo escritor e mitologista norte-americano Campbell (1904-1987) como a “jornada do herói”. Em *O herói de mil faces*, Joseph Campbell (1997) descreve os momentos e acontecimentos que passaram a embasar grande parte das narrativas ocidentais, sendo objeto de estudo de inúmeros cursos de escrita criativa.

*Kiriku e a Feiticeira* não deixa de seguir tal enquadre, embora seja um filme de cunho intercultural, unindo elementos africanos e da cultura ocidental. O diretor da peça, Michel

---

<sup>72</sup> A animação tem como título original *Kirikou et la Sorcière* e foi lançada originalmente na França, em 1998.

Ocelot, tem origem francesa, mas passou sua infância na República da Guiné, país localizado na África Ocidental.

Há presença de elementos tradicionais africanos típicos da cultura oral em *Kiriku e a Feiticeira*. Entre eles, podem-se situar: os personagens que remetem a contadores de histórias errantes, figuras tradicionais conhecidas como *griot*; uma criança capaz de falar dentro da barriga de sua mãe, mesmo antes de nascer; os aprendizados da infância como estando ligados à escuta dos mais velhos; a astúcia como característica marcante do protagonista e a centralidade do aspecto *voz*, impressa tanto nas modificações tonais nas falas dos personagens, quanto no uso do silêncio e das músicas (VARGAS, 2018).

Dentre esses aspectos, os participantes retomaram, por exemplo, os ensinamentos transgeracionais e a importância da musicalidade. Referiram-se, ainda, à identificação com Kiriku por ele ser negro, embora a origem africana dos povos haitianos não tenha sido um aspecto mencionado de modo direto pelos participantes, em outros momentos da Oficina. Quando apareciam, dava-se de modo velado e pontual.

A atmosfera desse último encontro e as primeiras reações de Karl se dão a ver a partir da descrição que se segue:

#### **Quadro 12:** Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Como de costume, a porta da sala de aula abriu e fechou a todo momento, já que os participantes entravam com a atividade já em andamento. Surpreendiam-se ao ver a película passando na tela. Ao entrar, Melina comenta não se lembrar quantas vezes já assistira ao filme: *cinco, seis vezes... no Haiti e aqui no Brasil*. Karl diz: *É lindo esse filme*.

Um coro levanta-se na sala no momento em que Kiriku é supostamente morto por afogamento, quando tentava recuperar a fonte de água da vila, que estava impedida de fluir. O grupo acompanha o refrão da música da versão em português, mas passando-a para o francês: *Kirikou n'est pas grand, mais il est vaillant/ Kirikou est petit, mais c'est mon ami* (Kiriku não é grande, mas é valente/Kiriku é pequeno, mas é meu amigo)

Apesar da comoção (ou talvez por causa dela), a conversa após o filme pareceu não render. A partir de um material a respeito dos passos do herói em uma narrativa, baseado em Campbell, perguntávamos o que, da história, poderia ser transposto para a vida deles, em relação a obstáculos, passagens por outras terras, pessoas que ajudaram ou atrapalharam nesse processo. Rennè diz, em inglês: *Eu não sou um herói. Ele quis salvar a vila dele, eu só estou tentando proteger a minha vida*.

Entre as quatro mulheres presentes, Melina e Danise pronunciaram-se. Melina comentou que gostava dele pelo fato de ele pedir conselhos ao avô, uma pessoa mais velha. Danise dizia, em crioulo, que havia gostado dele porque *ele é preto*. Pressoir, o participante mais assíduo nos encontros da Oficina, traduziu-me sua fala, concordando de modo veemente com a moça. Em outras duas situações, ele tentara levantar discussões sobre a origem africana dos haitianos no grupo – na maior parte das vezes, sem sucesso, mesmo com o incentivo da pesquisadora.

Assim como Rennè, Karl também afirmara não ver nada de semelhante entre a vida de Kiriku e a sua. *Ele volta à vida dele. Eu não quero lembrar. Deixa passar. Só quero saber como será a minha vida após cinco anos aqui no Brasil. O futuro é melhor*, diz ele, com olhos marejados.

*Eu não quero lembrar*, continuava. Chama a pesquisadora para ver um vídeo do Michael Jackson, feito em homenagem às vítimas do terremoto de 2 de janeiro de 2010. *Você não se lembra?* Apesar de seu bom português, começava a misturar o francês. *C'est traumatisant*.

Ao lado, uma colega lhe diz que é preciso lembrar o passado. Ele respondia a ela que não, *Deixa passar! Não quero escrever*.

Todavia, Karl continua a contar recordações e a mostrar imagens do terremoto, buscadas pelo Google. Diz lembrar-se de um médico que, apesar de sua posição, também precisou de ajuda, pois tinha perdido sua casa e pessoas de sua família. Narra as ruínas que viu no dia do terremoto, pelas ruas: escolas, hospitais ao chão. *Era um dando comida e água ao outro*.

Em determinado ponto da discussão, Karl diz que, *vendo mais profundo, todo haitiano tem um Kiriku em si*. Começa a escrever um texto, em francês.

Fonte: Materiais da pesquisa

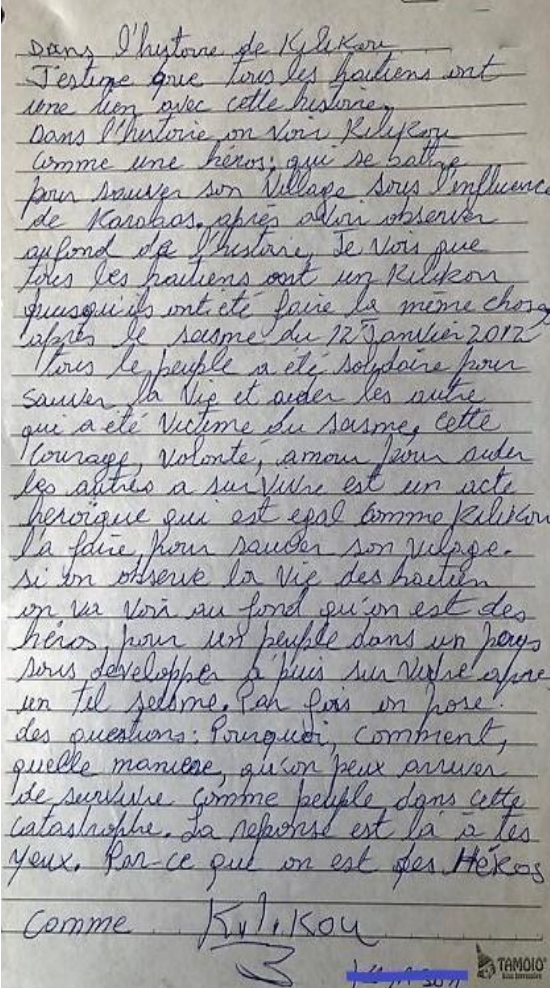
O foco era fornecer aspectos estruturais que pudessem ser usados em uma narrativa, como a noção de obstáculos ou reviravoltas, momentos e pessoas importantes em uma história de vida. Porém, foi interessante notar que a proposta foi lida como uma espécie de dilema, compartilhado coletivamente, com relação a se poderiam ou não se identificar a Kiriku.

Tal dilema foi expresso pela fala de um dos rapazes: ao contrário de Kiriku, que retornou para salvar a sua vila, *não sei se posso ou se consigo voltar para fazer algo pelo Haiti*. Todavia, ao considerar as reações iniciais do grupo ao filme, era evidente que, em alguma medida, alguma identificação já estava dada.

Karl posicionava-se, inicialmente, de modo a concordar com a mencionada diferenciação ante o protagonista da animação: também não sabe se voltará ao local de origem. Porém, em um segundo momento, seu ponto de incômodo se distancia dos demais participantes, ao mostrar-se dividido entre não poder *lembrar* a respeito do que viveu. Não deixava de se tratar de um dilema quanto ao retorno à terra natal e aos acontecimentos de lá; todavia, colocava-se em evidência a possibilidade de um “retorno” por meio da escrita.

Vejamos o manuscrito produzido por Karl e a versão transcrita do documento:

**Figura 13:** Terceira produção de Karl, com transcrita diplomática

Texto original	Transcrição diplomática
	<p>01 Dans l’histoire de Kilikou</p> <p>02 J’estime que tous les haitiens ont</p> <p>03 une lien avec cette histoire.</p> <p>04 Dans l’histoire on voir Kilikou</p> <p>05 comme une héros; qui se battre</p> <p>06 pour sauver son village sous l’influence</p> <p>07 de Karabas. après avoir observer</p> <p>08 au fond de l’histoire, Je vois que</p> <p>09 tous les haitiens ont un Kilikou</p> <p>10 puisqu’ils ont été faire la même chose,</p> <p>11 après le seisme du 12 Janvier 2012</p> <p>12 tous le peuple a été solidaire pour</p> <p>13 sauver la vie et aider les autre</p> <p>14 qui a été victime du seisme, cette</p> <p>15 courage, volonté, amour pour aider</p> <p>16 les autres a survivre est un acte</p> <p>17 Heroïque qui est egal comme Kilikou</p> <p>18 l’a faire pour sauver son vilage.</p> <p>19 si on observe la vie des haitien</p> <p>20 on va voir au fond qu’on est des</p> <p>21 héros, pour un peuple dans un pays</p> <p>22 sous developper a puis survivre après</p> <p>23 un tel seisme. Par fois on pose</p> <p>24 des questions: Pourquoi, comment,</p> <p>25 quelle maniere, qu’on peut arriver</p> <p>26 de survivre comme peuple dans cette</p> <p>27 catastrophe. La reponse est lá à tes</p> <p>28 yeux. Par-ce que on est des Héros.</p>
	<p>29 Comme Kilikou</p>
	<p>30 Karl</p>

Fonte: Materiais da pesquisa



Na figura 13, que acabamos de apresentar, podemos ver à esquerda o texto original de Karl, ao lado de sua versão transcrita. Trata-se de um manuscrito em francês, intitulado *Dans l'histoire de Kilikou (Na história de Kiriku)*. O texto possui 27 linhas, entre as quais as duas últimas demonstram a função de finalizar a composição: na linha 29, há o uso do sintagma *Comme Kilikou*, o qual se trata de uma analogia ou comparação e na linha 30, o escrevente assina o texto, com seu prenome.

A seguir, trazemos uma versão traduzida do manuscrito:

**Quadro 13:** Versão traduzida da terceira produção textual de Karl

01	Na história de Kilikou
02	eu considero que todos os haitianos têm
03	uma vínculo com essa história.
04	Na história a gente ver Kilikou
05	como uma herói; que lutar
06	para salvar sua aldeia sob influência
07	de Karabas. depois de ter observado
08	a história a fundo, Eu vejo que
09	todos os haitianos têm um Kilikou
10	uma vez que eles tinham feito a mesma coisa,
11	após o terremoto de 12 de janeiro de 2012.
12	Toda a população foi solidária para
13	salvar a vida e ajudar aos outro
14	que foi vítima do terremoto, essa
15	coragem, vontade, amor para ajudar
16	os outros a sobreviver é um ato
17	heroico que é igual como Kilikou
18	fez para salvar sua aldeia.
19	se observamos a vida dos haitianos
20	vamos ver ao fundo que somos

- 21 heróis para um povo em um país
- 22 sub desenvolver ter depois sobrevivido após
- 23 esse terremoto. Às vezes colocamos
- 24 questões: Por que, como,
- 25 qual maneira, que podemos chegar
- 26 a sobreviver como povo nessa
- 27 catástrofe. A resposta está aí nos teus
- 28 olhos. Por-que somos os Heróis.
- 29 Como Kilikou
- 30 Karl

Fonte: Materiais da pesquisa

No que tange ao conteúdo narrativo do texto de Karl, como podemos ver na versão traduzida que acabamos de trazer, o escrevente desenvolve uma comparação entre o heroísmo de Kiriku e o heroísmo dos haitianos. Enquanto o primeiro salvou sua vila da influência da feiticeira Karabá, os haitianos teriam tido a coragem de sobreviver, ajudando outros que foram vítimas do terremoto de janeiro de 2010.

De todo modo, pensamos ser notável ter havido a produção de um texto, considerando os dizeres de Karl em torno de sua impossibilidade de escrever, cuja extensão é considerável. Um detalhe importante refere-se, também, ao fato de que, das três produções textuais produzidas pelo participante, a que ora apresentamos fora a única escrita em francês. Escolha anunciada por ele quando, ao narrar o acontecimento do terremoto, começa a mesclar as línguas. *C'est traumatizant* – dizia.

Referindo-se a contextos multilíngues, encontramos diversas menções, na literatura psicanalítica ou literária, quanto às vicissitudes envolvidas na escolha por usar uma língua ou outra, com vistas à narrativização de um aspecto traumático (AMATI-MEHLER; ARGENTIERI e CANESTRI, 2005; MOLLOY, 2018). De modo geral, aceita-se atualmente a noção segundo a qual o uso de uma segunda língua pode tanto favorecer a tomada da palavra quanto dificultá-la, a depender dos contextos históricos e subjetivos enredados ao que permanece não simbolizado em uma *hystoeria*.

De todo modo, no caso em questão, chama-nos a atenção que a escolha pelo francês tenha sido feita apenas nessa última produção do participante, embora ele tenha dado provas anteriores de poder usar com propriedade o português. Pelo fato de a maioria dos haitianos

escolarizados serem bilíngues, falando o crioulo haitiano e o francês, podemos inferir não se tratar da primeira língua de Karl, embora se possa considerar o francês como uma de suas línguas de origem.

Quanto ao foco narrativo escolhido para o texto, vemos uma oscilação entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural: nas linhas de 1 a 3, por exemplo, temos: *eu considero que todos os haitianos têm uma vínculo com essa história*; já nas linhas de 4 a 5, o narrador desdobra-se em nós: *Na história nós ver Kilikou como uma herói...*

Nas linhas 23 a 27, o escrevente faz uso de questões retóricas, como recurso argumentativo: *Às vezes colocamos questões: Por que, como, qual maneira, que podemos chegar a sobreviver como povo nessa catástrofe. E conclui: A resposta está aí nos seus olhos. Porque somos Heróis*. Pode-se considerar que um discurso constitui um ato de argumentação, guiado pelas imagens pressupostas entre as figuras do locutor e do ouvinte, e entre o que se imagina estar em jogo entre ambos, no que tange ao tema a respeito do qual se argumenta (OSAKABE, 1999).

Portanto, é possível inferir na argumentação sustentada no enredo textual que a aproximação entre Kiriku e o povo haitiano, por meio do significante “herói”, seja uma tentativa de responder ao que se supõe ser uma demanda por parte da pesquisadora, mesmo que, diferentemente do imaginado, a proposta da produção textual estivesse relacionada à discussão de elementos narrativos baseados na estrutura da jornada do herói.

Podemos situar, neste ponto, o movimento de uma nova alienação ao campo do Outro (LACAN, 1964) necessário para movimentos posteriores de esvaziamento de significantes e o agenciamento de uma singularidade por meio da escrita (RIOLFI; MAGALHÃES, 2008). Considerando o contexto migratório em questão e os silenciamentos que nele se reeditam, talvez se trate de uma alienação com potencial de retirar o sujeito de sua posição anterior, impeditiva e silenciada.

Se o sujeito se alienou ao significante “herói” com vistas a fazer uma releitura de fragmentos de sua história, talvez seja possível supor ter havido um movimento de separação quanto ao elemento *traumatizant*, engendrado por meio da escrita. Outros movimentos de esvaziamento talvez possam ter sido feitos por meio de lapsos ou “quebras de escrita” (RIOLFI, 2007), a partir dos quais se rompe com a versão coletiva do acontecimento traumático (o terremoto).

Ao mencionar a data do acontecimento (linha 11), observamos um lapso temporal: ao invés de escrever a data factual do terremoto ao qual pretende se remeter (12 de janeiro de

2010), o escrevente registra *12 de janeiro de 2012*, dois anos após o acontecimento. Embora não tenhamos tido a oportunidade de explorar o lapso, trata-se da passagem de algo possivelmente antes inaudito, uma marcação singular que o distancia do trauma vivido pelo sujeito imigrante haitiano, de modo transindividual.

Como quebra de escrita, chama-nos a atenção, ainda, as cinco menções ao nome do personagem da peça cinematográfica, nas quais há troca de uma letra (o ‘r’ pelo ‘l’): *Kilikou*, ao invés de “Kiriku” - ou “Kirikou”, como seria na versão em francês. Nesse caso, supomos tratar-se da infiltração de um fragmento relacionado ao crioulo, uma das línguas originais do participante. A consoante líquida “r” não está presente no crioulo haitiano, o que incide na tendência de que não haja percepção de distinção entre o “r” e o “l” entre os falantes dessa língua (MACHRY DA SILVA, 2017).

Ainda, podem-se mencionar as duas ocorrências de alteração da concordância de gênero: *J’estime que tous les haitiens ont une lien avec cette histoire* (uma vínculo, na linha 3) e *Dans l’histoire on voir Kilikou comme une héros* (uma herói, na linha 5). Embora o mais provável é que se trate tão somente de um deslize típico de quem está apreendendo uma língua estrangeira (considerando que sua primeira língua seja o crioulo haitiano), não se pode deixar de pensar que se trata de lapsos de escrita. Por que, nessa hora, teria ocorrido algo do feminino? Teria algo a ver com o fato de que, para Lacan (1972-1973), o lado feminino se relaciona com o não-todo, com o impossível de dizer? Ou, ainda, com o fato de que, desde o primeiro momento, ele tivesse as duas filhas como endereçamento? Não poderíamos pensar que o rapaz estava, de algum modo, “causado” pelo feminino?

De todo modo, se desde o primeiro momento de seu percurso na Oficina Karl se vale do sintagma *Deixa passar*, mesmo escrevendo e entregando suas produções, parece ser nesse texto que ele materializa ter dado passagem a um indizível, desvencilhando-se de um excesso impeditivo às enunciações. A passagem também seria de uma posição a outra: da fixação no sintagma *Deixa passar* ao instante em que elabora uma ficção sobre si, a partir da qual inclui seus equívocos; e assina.

Ademais, levando em consideração a afirmação lacaniana de que “é pelas consequências do dito que se julga o dizer” (LACAN, 1972-1973, p. 22), um fato ocorrido em um procedimento de tradução da peça oferece-nos indícios de que o texto de Karl tivesse tocado em algum ponto que “não cessa de não se escrever”.

### 8.3 A respeito do que (não) se deixa passar

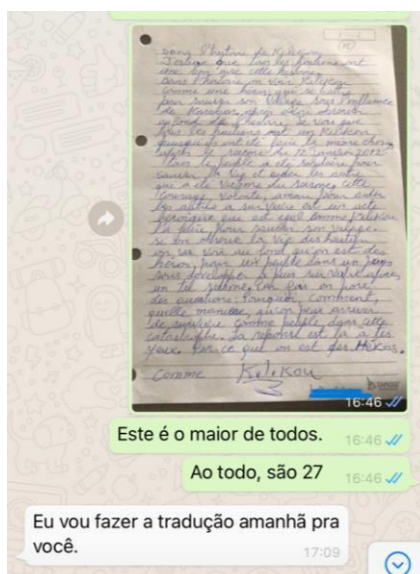
No contexto da Oficina de escrita de histórias de vida para alunos haitianos, com vistas à tradução das narrativas em crioulo e em francês, optou-se por um tradutor de origem haitiana. O objetivo era o de obtermos uma aproximação aos modos de uso das mencionadas línguas entre os haitianos.

Assim, buscou-se alguém em posição de exterioridade ao trabalho realizado na oficina, de modo a respeitar o sigilo das produções dos colegas; mas que, ao mesmo tempo, guardasse alguma relação com o contexto. A pessoa escolhida foi Phillipe, imigrante haitiano que, à época, fazia um trabalho de orientação aos alunos do CIEJA-PERUS quanto aos serviços oferecidos pelo Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), ajudando a encaminhar suas demandas de ordem jurídica, social, entre outras.

Contactado na fase de organização dos textos que compunham o *corpus* de pesquisa, Phillipe se dispôs a traduzir um conjunto de vinte e sete produções textuais, cujo tema e extensão eram diversos.

Inicialmente, com o objetivo de exemplificar o tipo de texto a ser traduzido, foram enviadas a Phillipe as fotos de três produções textuais, exemplificando a variedade temática e de extensão do material. Portanto, por ser a produção textual em francês mais extensa do grupo, a reprodução fotográfica do texto de Karl foi uma das três enviadas nessa situação, como mostramos no quadro a seguir, o qual reproduz parte da comunicação com Phillipe e o envio mencionado:

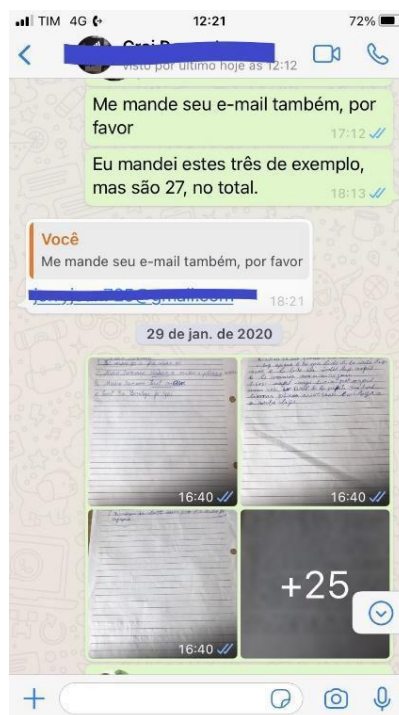
**Figura 14:** Comunicação com o tradutor acerca de material enviado para tradução



Fonte: Materiais da pesquisa

Conforme podemos ver na imagem acima, Phillipe confirma o recebimento do texto. Em seguida, após pedir o seu endereço eletrônico, enviamos novamente o conjunto de textos, incluindo o texto de Karl, como podemos ver nas imagens reproduzidas a seguir.

**Figura 15:** Comunicação com o tradutor acerca de material enviado para tradução



Fonte: Materiais da pesquisa

Um terceiro envio é feito, por e-mail. Desse modo, registra-se que o texto de Karl foi enviado a Phillipe por três vezes: a primeira, por ter servido de parâmetro do texto mais extenso do grupo; e por mais duas vezes, ao compor o montante dos textos a serem traduzidos. Phillipe pareceu compreender o pedido, respondendo em português claro e conciso, por escrito.

No dia da entrega, dentro do prazo marcado, o material traduzido foi entregue pelo tradutor, disposto em cinco folhas manuscritas, numeradas e com as narrativas organizadas por data. Notamos, todavia, haver 26 das 27 produções enviadas, conforme registro reproduzido a seguir:

**Figura 16:** Comunicação com o tradutor acerca de material enviado para tradução



Fonte: Materiais da pesquisa

Ao notarmos a falta de um dos textos, checamos novamente, junto a Phillipe, se o texto em questão havia sido extraviado. Como esse não era o caso, o tradutor surpreendeu-se com a falha. Buscamos explorar os motivos pelos quais ele poderia ter *deixado passar* aquela narrativa, deixando-a sem tradução.

Segundo Phillipe, a questão não seria falta de domínio da língua, pois, para ele, *o crioulo e o francês não são problemas*. Explicou-nos que ele fora passando os textos no visor do celular, enquanto os traduzia manualmente, um atrás do outro, separando-os pela identificação e data. Mas, quanto ao texto que ficou de fora, e que havia recebido três vezes, ele só conseguia dizer à pesquisadora não o ter visto.

Talvez possamos pensar que, por uma espécie de paradoxo, o que enfim se deixou passar para Karl foi “barrado” na tradução de Phillipe. Ao falar sobre o conjunto dos textos recebidos, o tradutor mencionou haver textos que falavam sobre o terremoto – dos 27 textos, apenas o texto de Karl e mais um deles mencionavam algo a esse respeito.

A passagem daquilo que não se escreve facilmente se dá por brechas, ao modo de um lapso; de um ato falho. Embora Karl tenha escrito e assinado, seu texto não foi visto pelo tradutor. À luz da noção de um sujeito imigrante haitiano, em sua dimensão transindividual (tal como abordado no capítulo um), é notável que justamente a produção marcada por uma grande dificuldade em ser escrita não se deixou ver a Phillipe, quando esse rolou a tela de seu celular. Não seria justamente com o texto cuja tradução falha que Karl transmite alguma coisa de sua posição singular?

Ao insistir no momento da escrita da última peça, como referindo-se a um indizível, no caso de Karl, o sintagma *deixa passar* abriu uma nova rede de significações, atrelada à (im)possibilidade da transmissão, ou melhor dizendo, a transmissão de um impossível.

Conforme acabamos de apresentar, nosso interesse com o trabalho de tradução centrou-se no que ele deu a ver do significante recorrente ao longo da oficina: *deixa passar*, em sua vertente de lapso e de (im)possibilidades de transmissão. Tomamos essa direção de leitura como um “ponto de ancoragem”, termo utilizado por Allouch (2007) para sugerir uma tradução que não se limite a ser uma versão calcada no transporte de sentidos (portanto, imaginária).

Neste momento da análise, porém, procederemos o exame da versão produzida por Phillippe ao texto de Karl, atentando-nos principalmente às omissões e correções feitas a ele, de modo a seguirmos em nossa proposta de especificarmos aquilo que não se deixa passar facilmente.

**Quadro 14:** Versão traduzida do texto de Karl pelo tradutor haitiano

**Tradução feita por Phillippe**

- 1 Na história de Kirikou, acredito todos os haitianos têm um vínculo com essa história.
- 2 Na história, vejo o kirikou como um herói lutando para salvar sua vila
- 3 sob a influência dos karabás. Depois de um observação profundo dessa história, vejo
- 4 que todos os haitianos são um kirikou porque fizeram o mesmo após o terremoto
- 5 de 12 de janeiro de 2010, todos os haitianos se uniram para salvar vidas e ajudar os
- 6 outros quem foi vítima do terremoto, essa coragem, vontade ajudar os outros a
- 7 sobreviver é um ato heróico que é igual ao de Kirikou.
- 8 Se observarmos a história dos haitianos,
- 9 veremos no final que os haitianos são heróis, pois um povo em um país
- 10 subdesenvolvido poderia sobreviver após um terremoto. Às vezes fazemos perguntas:
- 11 Por que, como conseguimos sobreviver após esse desastre natural? A resposta está
- 12 diante dos seus olhos. Porque nós somos heróis.
- 13 K.

Fonte: materiais da pesquisa



Ao observarmos o texto traduzido por Phillippe, excluindo-se os trânsitos de sentido inerentes às traduções, algumas adaptações feitas por ele nos chamam a atenção, a saber:

- a) A incorporação do título da peça no corpo textual;
- b) A correção do lapso temporal relativo à data do terremoto, de 12 de janeiro de 2012 para 12 de janeiro de 2010;
- d) A correção dos lapsos ortográficos. De Kilikou, nome do protagonista da peça cinematográfica na versão original, o tradutor “corrige” para Kirikou, em conformidade ao nome do personagem na versão francesa; corrige também o lapso de concordância de gênero.

Certamente, o tradutor, tendo sido contratado para essa função, buscou dar maior legibilidade à versão original. Todavia, para os nossos objetivos, pensamos que ao apagar as marcas acima mencionadas, ele acaba por ressaltá-las, em sua singularidade.

Não se trata aqui de diagnosticar possíveis erros na fala ou escrita, mas de nos aproximarmos da relação estabelecida por Karl com a escrita. Decerto, é preciso considerarmos o trânsito interlinguístico feito por ele e pelos demais participantes, o qual pode implicar diversos impasses na grafia. Todavia, acreditamos poder pontuar a troca e a inserção das letras em outra perspectiva, de modo a avançarmos na relação do sujeito com a escrita.

Se assim o faremos, é por nos apoiarmos, como já demonstrado, em concepções com a qual trabalhamos, a saber: a) a noção segundo a qual escrita alfabética sofre os efeitos de uma escrita anterior, inconsciente (POMMIER, 1995); e b) a inserção em uma nova língua como produtora de uma nova subjetividade, a qual carrega, no entanto, os impasses com as línguas anteriores (MELMANN, 1992).

Remetendo-se à ideia de que antes da letra gráfica é o corpo que pode ou não ser lido pelo outro (POMMIER, 1993; ALLOUCH, 2007), a psicanalista Ilana Fragelli (2008, p. 84) afirma que “[...] quando esse corpo tiver problemas para ser lido, isso terá efeitos sobre aquilo que ele deve escrever. Ou seja, um corpo que se esquiva da leitura do outro faz também uma escrita, na ordem gráfica, para não ser lida; produz um indecifrável”.

Nessa gama de supostos sintomas de escrita, estariam incluídos a escrita ilegível ou cópia, as omissões, a ausência de extensão discursiva ou outros indícios que fazem ruído à leitura de um texto.

Depreendemos, da consideração de Fragelli (2008), duas espécies de ruídos à leitura do texto de Karl: 1) a impossibilidade concreta de Phillippe *ver* o texto, resultando no esquecimento

inicial em traduzi-lo em um primeiro momento; 2) o lapso temporal e as trocas de letras do texto original que, se não impedem propriamente a leitura do texto, dão a impressão de terem de ser corrigidas, em nome de uma “legibilidade”.

Decerto, pensamos ser possível ler o percurso de Karl como operando a partir de uma certa esquivia da suposta invasão do Outro. Entretanto, na direção por nós anunciada de propor um reconhecimento que se dê a partir dos restos, podemos encontrar uma intromissão, nos lapsos e trocas de letras da versão original de Karl, dos indícios de *alíngua*.

Trata-se de considerar a presença do sujeito na língua, afetando seus distintos níveis – fônico, sintático, morfológico, ortográfico e semântico. Embora apresentem fenômenos linguísticos diversos, eles se atrelam, de algum modo, à noção de *alíngua*, formulada pelo psicanalista Jacques Lacan (1972-1973/1975).

A articulação entre as quebras de escrita e os restos dessa língua primordial se dá pela dimensão do equívoco dada a ver pela *alíngua*, na medida em que ela materializa o modo como cada um é tomado pelo inconsciente. Segundo Milner (2012), trata-se das marcas pelas quais um sujeito de desejo dá indícios. Uma forma de conceituá-la seria, então:

Qualquer cadeia de língua, na medida em que um sujeito possa aí dar indício: esta poderia ser uma definição de lalíngua. Mas ela só opera verdadeiramente a partir do instante em que um sujeito de desejo tenha subjetivado, na cadeia, um ponto - dito de outro modo, quando ele tiver dito seu desejo. Nesse sentido, na proliferação de suas associações, lalíngua é também o conjunto virtual de dizeres de desejo. Ela oferece suas vias a esse dizer, das quais ele vai se servir de um jeito ou de outro – inclusive em sua dimensão inconsciente. (MILNER, 2012, p. 100).

A pressão da *alíngua* é responsável pelo equívoco que embaralha os estratos linguísticos, mas que também afirma uma singularidade possível no funcionamento linguístico-discursivo (CALIL, 2007). Entretanto, para acessar tal possibilidade, um sujeito precisa ser capaz de suportar o “sentimento de estranhamento” próprio (FELIPETO; CALIL, 2007). Se é a partir do estranhamento que o equívoco se engendra, esse processo, assim como um chiste, só é passível de existir se houver alguém a quem o sujeito possa se dirigir.

Mesmo em uma escrita que se inicia em um movimento de impedimento, os restos de *alíngua* se fazem aparecer. Assim, é o sujeito que parece deixar de querer ocultá-los, passando a assinar e, assim, produzir uma nomeação de si.

## 8.4 Mudar de discurso, *Assinar*

Quando Allouch (2007) discute as situações em que alguém chega a “passar para outra coisa”, o autor faz equivaler esse momento à possibilidade de uma inscrição simbólica, antes inexistente. Ao compararmos as situações nas quais Karl se lamentava diante de sua impossibilidade de falar sobre os acontecimentos no Haiti com a entrega de seu texto final na Oficina, pensamos ter havido uma mudança significativa, a qual envolveu, enfim, um ganho de prazer com o registro de sua narrativa.

Em que pese o fato de que o texto possa ter se tratado de uma aproximação a certo clichê do herói, pensamos poder valorizar as marcas singulares que ele veiculou (lapsos e troca de letras), além do ato voluntário de leitura, que se seguiu à realização do texto. Vejamos, a seguir, o contexto no qual Karl entrega seu manuscrito, por meio de um fragmento do diário de bordo da pesquisadora:

### Quadro 15: Fragmento do diário de bordo da pesquisadora

Ao terminar o texto, Karl chama a pesquisadora para dar explicações a respeito do que escrevera. Diz querer ler o texto para ela, em voz alta. Depois de lê-lo, o traduz para o português. Sai da sala, retornando poucos minutos depois. Pergunta a respeito do que ela achara do texto. E comenta: <i>É difícil. Mas você pediu... eu quis escrever.</i>
--

Fonte: Materiais da pesquisa

Na enunciação final, destacada do trecho ora trazido, vemos ter sido por meio de um endereçamento que algo *difícil* pôde ser escrito. Supomos ter se efetuado, então, uma mudança de discurso, passando-se de um discurso marcado pela impotência a um discurso que convocou alguma invenção.

Para Lacan (1972-1973), as situações em que há a emergência de uma troca de “razão”, ou dizendo de outro modo, de uma nova forma de se colocar no mundo, são aquelas nas quais um giro discursivo se dá, na presença de um “novo amor”. Com esse termo, o autor aponta para a sustentação da transferência, pois é por meio das contingências de um encontro que pode haver a passagem daquilo que insiste em não ser simbolizado – aquilo que “não cessa de não se escrever” – àquilo que pode se articular ou inscrever um “algo” antes inexistente.

Semelhante passagem se dá quando, apoiado na transferência, um sujeito pode reconhecer-se em “elementos enigmáticos, que dizem respeito à maneira pela qual o ser é afetado enquanto sujeito do saber inconsciente” (LACAN, 1972-1973, p. 155).

Se uma passagem ao dizer pôde ser feita, é porque aquilo que chamamos anteriormente como a “voz do Outro” (MILLER, 2013; VIVÉS, 2020), em sua dimensão gozosa, deixou-se cair, consentindo em mostrar-se apenas em seus restos - vestígios da ordem de uma enunciação, na qual as marcas de um gozo singular puderam aparecer. Há grande diferença entre ancorar-se em “um novo amor” e estar próximo do gozo do Outro. Diferentemente do gozo do Outro, a expressão de marcas singulares dá a ver um gozo vivificador, como Karl demonstra, ao anunciar querer ler sua produção escrita.

Ademais, se a Oficina de histórias de vida para imigrantes haitianos parece ter propiciado um espaço geográfico/transfereencial que pôde dar passagem às nomeações dos impasses migratórios e um trabalho em torno do nome próprio, conforme anteriormente discutido, o percurso de Karl parece materializar esses aspectos, na particularidade de um caso.

Ao retomarmos o modo como seus textos foram entregues, no que se refere à sua identificação e/ou assinatura, vemos o desdobramento da seguinte série:

**Quadro 16:** Usos do nome próprio (identificação ou assinatura), nas produções textuais de Karl

Momento 1	Momento 2	Momento 3
Sem nome	Prenome + sobrenome (identificação)  Nome das filhas (em posição de assinatura)	“comme Kilikou” + prenome (em posição de assinatura)

Fonte: elaboração da pesquisadora

Analisando o quadro 16, pensamos poder considerar o percurso de Karl de modo aproximado a uma *escrita (dos restos) de si*, na qual uma nomeação que passa pela *alíngua* ganha destaque. Mesmo com textos de aparente simplicidade, o participante teria se aproximado do gesto de “escrever uma vida” (RIOLFI, 2011) na Oficina de escrita de histórias de vida, se considerarmos que, em seu percurso, observamos alguns elementos envolvidos nesse gesto. Segundo a discussão levantada pela mencionada autora, são eles:

- a) dar a ver alguns traços sobre os quais uma singularidade se sustenta;

Ao fazer uma releitura da animação *Kiriku e a feiticeira*, ficcionalizando a sua relação ao que lhe soava traumático, o sujeito *deixa-se passar*, por meio de equívocos de ordem diversa (lapsos e troca de letras), que dão a ver traços de sua singularidade.

b) furar a identidade no qual se reconhece;

Ao propor-se como um herói - segundo ele, algo antes impensado - rompe com o discurso culpabilizante que permeava os participantes e que o mantinha em posição de quem não conseguia escrever.

c) suportar a angústia da diferença que a escrita convoca;

Desde o início de seu percurso na Oficina, Karl pareceu ter de enfrentar a angústia para manejar os espaços entre o que se deixava (ou não) escrever, entregando-se à diferença entre uma imagem completa de si e os fragmentos que são depositados em uma escrita.

d) inventar um “si próprio” que seja fruto do próprio trabalho, e compor palavras de modo a gerar determinado efeito.

Embora tenha se tratado de um percurso breve demais para pressupormos a invenção de um “si próprio”, em diversos momentos, Karl pareceu tentar gerar um determinado efeito com seu texto, seja velando elementos que não poderiam ser explicitados, ou fazendo uso de recursos como, por exemplo, questões retóricas para enfatizar sua argumentação. A intenção de um efeito também se verificou em seu modo de assinar, pelo uso da comparação com Kiriku (analogia) e a forma como posicionou seu nome no texto, no local de uma assinatura.

No que diz respeito à nomeação feita no terceiro momento do percurso de Karl (*comme Kilikou*), parece guardar semelhanças com um procedimento de (re-)nomear-se, valendo-se da analogia com o personagem da peça. Conforme discutido no capítulo anterior (7.8), dirigir-se pelo *sinthoma* (LACAN, 1975-1976) pode guiar alguém a fazer um nome que dê uma amarração mais condizente com o que resta de não simbolizado para cada um.

A temática de uma “autonomeação”, mais afastada do desejo dos pais, aparecia na animação. Antes de nascer, quando ainda se encontrava no útero materno, Kiriku ordena o seu nascimento. A resposta de sua mãe é a de que se ele pode pedir para nascer, teria capacidade para realizar seu próprio nascimento. O menino faz, de fato, o próprio parto, corta seu cordão umbilical e diz: “Meu nome é Kiriku”.

Todavia, no caso de Karl, há outra marca singular nessa nomeação, pois seu *Kiliku* é tomado como *une heros* (**uma** herói): *Dans l’histoire on voit Kilikou comme une heros*, na linha

5. Não teria sido desde uma posição feminina que ele pôde escrever e assinar, entendendo que é possível redigir desde o lugar de incompleto?

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese que ora concluímos foi “causada” por alguns encontros com homens e mulheres que vieram do Haiti ao Brasil em busca de melhores condições de vida, principalmente a partir de 2010, quando nosso país passou a ser um dos principais destinos da diáspora haitiana. As escolas constituíram-se como um importante espaço de acolhimento aos migrantes, sendo as matrículas na modalidade do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) uma alternativa encontrada para facilitar o processo de inserção linguística e cultural a esses grupos.

Nesse contexto, ao termos sido tocadas pelas manifestações de silenciamento observadas em alguns primeiros encontros com imigrantes haitianos, planejamos uma pesquisa-intervenção que se realizou no CIEJA-PERUS-I, da qual resultou a presente tese, tendo como objeto de pesquisa as oscilações e as vacilações do “sujeito imigrante haitiano” em torno da voz e do que não se pode dizer.

O presente trabalho foi organizado em três partes. Na primeira delas, dedicamo-nos a elucidar os *enquadres* teóricos e metodológicos da investigação (capítulos um a quatro), explicitando a noção de “história de vida” com a qual trabalhamos e o desenho da Oficina, bem como as noções balizadoras para a análise, dentre as quais destacamos o método indiciário, a afinidade entre sujeito, escrita e inconsciente e a importância do testemunho indireto, no qual um terceiro efetua uma leitura literal, suportada pela transferência.

Na segunda parte, passamos a uma descrição analítica dos *silenciamentos* observados ao longo da pesquisa-intervenção, conforme nossa proposição inicial. No capítulo cinco, fizemos uma leitura do sintagma *Deixa passar*, que se repetia na Oficina de modo transindividual, como um modo de dizer de impossibilidades envolvidas na narrativa da própria história. O sintagma apontava, a nosso ver, para uma suspensão temporal ligada a um núcleo traumático, reeditado pela travessia migrante, o qual dava a ver um sujeito em vias de se dizer, mas ainda obstaculizado por um luto não elaborado.

Abordando as perdas ligadas à migração e às dificuldades em simbolizá-las, alinhamo-nos a autores que alertam para as possibilidades de uma posição melancólica advindas dessas situações. Do ponto de vista da voz, a melancolia estaria ligada a uma aproximação do sujeito à vertente excessiva do objeto voz, a qual faz calar. Ao mesmo tempo, apontaria para uma

posição na qual se aguarda uma nova invocação, um “chamamento” do sujeito para a vida e para a recomposição dos laços com os pares e com a linguagem.

O recorte de algumas cenas enunciativas ajudou-nos a fazer um tramado teórico em dois níveis de reflexão, em torno do que chamamos de *Colonizações d’alíngua* (capítulo seis). Tendo em vista um episódio no qual se destacou um “mutismo” das mulheres haitianas, refletimos acerca das incidências dos impactos da colonização sobre a posição da mulher negra na cultura e a sua reprodução em forma de uma “cultura do silêncio”, conforme abordada por Paulo Freire.

Adensando a reflexão, em um primeiro nível, ligamos a colonização da língua pelo corpo e pelo gozo dele advindo à presença de um inassimilável que pode empurrar o sujeito à posição de ser objeto do gozo do Outro, fazendo-o emudecer. Tratar-se-ia de um risco mais associado aos que se colocam de modo “não-todo” na ordem fálica, ou seja, a uma posição feminina, na acepção dada por Jacques Lacan.

O segundo nível da reflexão ancorou-se em cenas observadas na Oficina em que os participantes censuravam uns aos outros, em suas produções linguísticas. Nossa reflexão avançou no sentido de relacionar as imposições cerceadoras de determinadas normas linguísticas, em parte resultantes da reprodução de relações colonizadoras, a um modo “todo fálico” de se situar na linguagem, o qual tende a afastar a estranheza provocada pela diferença, encarnada nos que sustentam uma posição de incompletude na linguagem. Com esse entrelaçamento que buscou coadunar as colonizações históricas com as incidências do gozo na linguagem (bem como as defesas quanto a ele), buscamos apontar o desafio colocado, a cada ser falante, de poder tangenciar o real da língua, que convoca as invenções, sem se deixar silenciar por ele.

Na terceira parte da tese, intitulada *Passagens*, voltamo-nos às análises das situações em que o sujeito imigrante haitiano se escreveu, fazendo passar algo de si (capítulos sete e oito). Tratou-se de instantes nos quais brechas foram abertas no simbólico por fagulhas do Real, fragmentos não capturáveis pelas palavras, mas que se insinuam por entre elas. A partir de alguns exemplos, demos a ver as aberturas à *alíngua*, ponto de impossível na linguagem e fonte dos equívocos.

Um desses exemplos foi o episódio de esquecimento coletivo em torno do nome próprio dos haitianos, a partir do qual se destacou a forma como os participantes ancoravam-se nesse elemento identificatório que faz borda entre Real e Simbólico. Assim, observamos uma insistência no uso do nome próprio, seja quando os participantes procediam a uma leitura em voz alta da lista de presença ou quando faziam alterações nas posições dos elementos do nome



(prenome e nome de família), como meio de efetuarem a inserção na nova cultura. Consideramos tais tentativas como (re)nomeações.

Nos textos, o elemento nome próprio apareceu de modo frequente e não-usual em algumas produções linguísticas. Assim, no que tange ao nosso objetivo de localizar os recursos utilizados nas construções narrativas de uma ficção a respeito de si, localizamos no elemento nome próprio, em função de *dêixis*, o principal recurso manejado nessa direção.

No capítulo oito, a análise do percurso de um participante, nomeado como Karl, permitiu-nos enodar as questões relativas ao “sujeito imigrante haitiano” a um percurso específico, no qual traços de uma singularidade foram dados a ver. De seu último manuscrito, pudemos depreender que os elementos que são transferidos na passagem de uma língua a outra são aqueles relacionados à *alíngua*, fragmentos sem-sentido ou equívocos que se prestam à invenção, concernindo o mais singular do sujeito. Um desses equívocos demonstrou-nos que a posição de Karl, naquele momento de sua produção textual, situava-se do lado feminino, podendo suportar a incompletude e a estranheza da língua.

Dentre as confluências que nos levaram a formular a pesquisa, pensamos ter sido decisiva aquela que nos colocou em contato com a solução criativa de Liline, mulher haitiana que lança mão da escrita, em língua portuguesa, para continuar a se dizer, por não poder ouvir o que há de traumático/excessivo na voz da mãe, silenciando-se em sua língua de origem. Se a migração envolve perdas que pedem por uma elaboração, vemos, em seu ato, que ela também pode se tratar de uma tentativa de reconfiguração subjetiva e, como tal, solicitar soluções criativas, podendo abrir as vias do desejo.

Não deixando de considerar que, no futuro, um trabalho outro poderia proporcionar novas conquistas a partir da reinclusão do crioulo na vida de Liline, tirando-o do estatuto de língua silenciada, para ela, a escrita parece configurar certa solução de sujeito, permitindo deslocamentos em seu atual momento de vida.

Inspiradas no encontro com Liline, formulamos a tese segundo a qual, ao fazer face à vertente excessiva do objeto voz que faz calar, as atividades de escrita com componentes lúdicos ou poéticos, e abertas ao uso de diversas línguas e suas variações, podem possibilitar deslocamentos na posição do “sujeito imigrante haitiano na linguagem”, suportando e possibilitando um dizer, pela via ressoante da palavra.

Propusemo-nos, portanto, a investigar a posição dos “sujeitos imigrantes haitianos” na linguagem em contextos de atividades linguísticas em torno da escrita, de modo a situarmos os possíveis elementos em jogo nos momentos de silenciamento, ofertando elementos linguísticos

que pudessem provocar rupturas ao convocar a dimensão criativa e constitutiva da palavra, para materializar um espaço/tempo suportado pela transferência, favorecendo uma inserção linguística acolhedora. Pensamos que supor, a priori, a oferta do português como “língua de acolhimento” é encobrir o fato de que a inserção em qualquer língua pode trazer elementos conflituosos e silenciadores, pois nela se reeditam conflitos relativos à constituição do sujeito.

Tendo em vista essa consideração, construímos a Oficina de escrita de histórias de vida no CIEJA-PERUS-I como um dispositivo de pesquisa-intervenção, pensando-a como um espaço de livre circulação da palavra. Para tanto, houve a abertura para o uso das diferentes línguas dos participantes, para as dúvidas e também para os conflitos linguísticos e subjetivos envolvidos em suas experiências migratórias.

Nesse contexto, cabia tanto a noção freiriana acerca da importância de se alternar o falar “com” os alunos ao falar “a” eles, quanto a diretriz psicanalítica de se manter uma escuta fluante, atenta às repetições e às rupturas no discurso corrente. A nosso ver, a postura sugerida por Freire ao professor, tida como “despretensiosa”, em muito se coaduna com a atitude de se manter uma abertura à alteridade delineada como um lugar discursivo sustentado em um não-saber sobre o outro e cujo efeito é o de escutá-lo (e tocá-lo), de modo não impositivo.

Notamos que as atividades em torno da escrita que envolviam componentes lúdicos ou poéticos tiveram maior êxito em suspender os silenciamentos observados, talvez por se tratar de materiais que fizessem a palavra “ressoar” nos participantes, tocando-lhes em aspectos que prescindem de explicação, mas invocam o sujeito a uma transformação. Dentre elas, citamos, por exemplo, o momento nos qual os participantes ouviram um áudio do poema *Boat People*, em crioulo haitiano, emocionando-se e passando a uma discussão acalorada a respeito do significante que lhes posicionava de modo pejorativo nos movimentos migratórios. Ou quando escutaram a música *Marvin*, do Titãs, a qual despertou lembranças sobre as perdas de pessoas próximas ou a respeito dos obstáculos vividos para se manterem em outro país, já que, como diz a música, *Marvin, agora é só você/E não vai adiantar/Chorar vai me fazer sofrer...*

Em situações como as ora mencionadas, os participantes sentiam-se convocados a manifestar o que pensavam e sentiam, impelindo alguns deles a produzir um texto subjetivamente implicado. Esse foi o caso, por exemplo, do participante Karl, cujo percurso nos ajudou a construir uma nova acepção do sintagma *Deixa passar*. Anteriormente lido na vertente da suspensão temporal e do silenciamento, passou a ser interpretado como um apelo à transmissão.

Assim como outros participantes, Karl mantinha uma posição inicial por meio da qual demonstrava haver obstáculos de ordem subjetiva ao uso da modalidade escrita da língua. Todavia, nos três encontros a que esteve presente, o participante realizou um trajeto em direção a uma “escrita de si” e ao gesto de (re)nomear-se. Dessa posição inicialmente subjugada por um Outro tido como onipotente, ele endereça suas produções à pesquisadora e conclui a sua participação na Oficina com um trabalho assinado. Ao escolher lê-lo em voz alta, recupera, nesse gesto, algo de um gozo vivificante associado ao aspecto ressoante da palavra.

Chamou-nos a atenção o fato de que os três encontros nos quais Karl esteve presente envolveram atividades lúdicas ou poéticas. Tratou-se: a) da leitura do poema *Boat people*; b) de uma dinâmica em torno de uma situação emergencial hipotética, a qual os participantes tomaram como uma espécie de metáfora para a imigração; c) da apreciação e posterior discussão do filme *Kiriku e a feiticeira*. Nesse último, o coro formado pelos participantes da Oficina demonstrou que algo da trama protagonizada pelo *pequeno e valente* Kiriku havia, de fato, ressoado entre os haitianos.

Decerto, é preciso considerar as possíveis especificidades da relação do participante Karl com o saber inconsciente e com a escrita; porém, consideramos plausível supor que o enquadre dos encontros nos quais ele participou também facilitou o seu percurso. Assim, pensamos haver potencial nos dispositivos pensados em moldes semelhantes aos da Oficina de escrita para imigrantes haitianos, no que tange à centralidade dos elementos poéticos e lúdicos, na direção de propiciar deslocamentos subjetivos.

Pensamos que um dos limites encontrados em nossa pesquisa se relacionou à grande rotatividade dos participantes na Oficina, o que não nos permitiu fazer muitas inferências longitudinais. Por se tratar de uma característica do campo da migração, decidimos enfrentar esse obstáculo procedendo a uma análise transindividual, conforme já mencionamos. Todavia, outra investigação possível e que nos parece interessante teria ocorrido por meio de um trabalho de curta duração, voltado a grupos menores.

Outro limite do presente trabalho referiu-se às dificuldades que tivemos em encontrar uma via de abertura à fala e à escrita para as mulheres haitianas. Além de envolver aspectos históricos, culturais e relativos à posição subjetiva na linguagem, por nós discutidos, pensamos que o fato de a Oficina ter sido composta por um grupo misto pode ter colaborado para a manutenção do seu silenciamento. É possível que se sentissem mais livres para falar em um grupo só de mulheres. Tendo em vista a importância do tema, acreditamos que caberiam novos

trabalhos voltados a esse grupo, considerando as especificidades de uma convocação das mulheres à tomada da palavra.

Para concluir pela via ressonante da palavra, que nos foi norteadora, trazemos a voz de uma poeta haitiana. Trata-se de um trecho de *Poèmes Sanz âge II* (Poema sem idade II), de autoria de Marie-Célie Agnant (2020):

[...] Dans la clarté de la lune  
sur le trottoir,  
contre les parois  
de la nuit  
une fille sans nom  
offerte dans ses chiffons made in PRC  
se dilue  
dans un sourire artificiel  
plus seule que la girouette au clocher de l'église  
qui a le vent pour compagnon,  
plus seule qu'un arbre, la fille,  
l'arbre jouit de la compagnie des oiseaux.

On lui disait  
qu'il n'existait qu'un seul et unique chemin  
celui du désarroi et de l'errance  
lèvres closes  
elle s'obstinait  
redessinaït les mêmes contours  
de la même route  
cherchant obstinément  
loin des taillis  
des bosquets  
où dorment d'un seul oeil  
les créatures de l'ombre.  
Mon enfant peut-il être chanson sans musique  
demandait-elle partout  
La déchirure était présente  
son nom, le nom de ses enfants  
tout cela avait été raturé, gommé  
Elle se souvenait quand même  
l'absence n'avait pas de prise  
l'oubli n'existait point  
Ses phrases se délitaiënt, parfois  
ses mots s'émiettaient  
elle parlait quand même  
Sa voix  
Plus qu'une rumeur sourde  
émergeant du fond des eaux sombres de la mémoire  
son chant, meurtri par le temps  
sa parole jadis prisonnière  
aujourd'hui rebelle  
tenaillée par l'urgence  
cherche obstinément  
dans les décombres d'un pays perdu  
cette langue de lumière  
pour modeler les rêves de ses enfants

[...] Sob a claridade da lua  
na calçada  
contra os paredões  
da noite  
uma menina sem nome  
oferecida em seus trapos made in China  
se dilui  
em um sorriso artificial  
mais sozinha que o cata-vento no sino da igreja  
que tem a brisa como companheira  
mais sozinha que uma árvore a menina  
a árvore goza da companhia dos pássaros

Diziam a ela que havia um só e único caminho  
aquela da desordem e da errância  
lábios cerrados  
ela se obstinava  
redesenhava os mesmos contornos  
da mesma estrada  
buscando obstinadamente  
longe das talhadas  
dos matagais  
onde dormem com um olho só  
as criaturas da sombra  
Pode meu filho ser canção sem música  
perguntava ela por toda parte  
A ruptura estava presente  
seu nome o nome dos seus filhos  
tudo isso tinha sido rasurado apagado  
Ela se lembrava no entanto  
a ausência não tinha meios  
o esquecimento nem existia  
Suas frases se decompunham  
suas palavras se esmigalhavam  
ela falava no entanto  
Sua voz  
mais do que um rumor surdo  
emergindo das águas turvas da memória  
Seu canto morto pelo tempo  
Sua fala outrora reclusa  
hoje rebelde  
torturada pela urgência  
busca obstinadamente  
nos escombros de um país perdido  
esta língua de luz

## REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean. **A clínica do escrito**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.
- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.
- AMBRA, P. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. **Sig Revista de Psicanálise**, Porto Alegre, v. 14, p. 85-101, maio 2020.
- AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S. e CANESTRI, J. **A Babel do inconsciente**. Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**, Niterói: Universidade Federal Fluminense, n. 39, p. 297-309, 2009.
- ASSIS, Machado de. (1882). O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana. In: GLEDSON, John (org.). **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 205-216.
- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. 134 p.
- AYOUC, Thamy. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 32 (1), p. 97-107, janeiro-março 2015.
- BAENINGER, Rosana. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BENTATA, Hervè. O canto de sereia: Considerações a respeito de uma incorporação frequente da voz materna. **Reverso**, 31(57), p. 13-20, Jun 2009.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émilie. **Problemas de linguística geral**. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. Universidade de São Paulo, 1976. p. 277-283.
- BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de maio de 2017a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm) Acesso em: 11/08/2022. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm)

BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de maio de 2017a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm). Acesso em 15 de agosto de 2022.

BREUER, Joseph; FREUD, Sigmund (1893-1895). Casos clínicos. In: \_\_\_\_\_. Estudos sobre a histeria. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol.II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 57-161.

BOJUNGA, Lígia. **O Rio e Eu**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. O lakou haitiano e suas práticas: entre mudanças e permanências. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 21, n. 42, p. 205–233, 2013. DOI: 10.20396/temáticas.v21i42.11035. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11035>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CALIL, Eduardo. D'Efeitos d'a (Língua): o fenômeno linguístico “homortográfico”. In: CALIL, Eduardo (org.). **Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 67-99.

CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula**. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil**. São Paulo: Escuta, 1991.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Editora Pensamento, 1997.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A Personagem de Ficção**. Editora Perspectiva. São Paulo: 1972.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios de Linguagem - Revista Eletrônica de Lingüística**, v. 1, n. 1, p. [18], 2007. Acesso em: 18 nov. 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Larousse. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2005.

CNIG – Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração n. 97**, de 12 de janeiro de 2012. Dispõe sobre a concessão de visto permanente previsto no art. 16 da Lei n. 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Brasília, 2012.

COGO, Denise. O Haiti é aqui: mídia, imigração haitiana e racismo no Brasil. **Chasqui. Revista Latino Americana de Comunicación**. N.139, Seccion informe, p. 427-448, diciembre 2018-marzo 2019.

COSTA, Ana. Apagando marcas: registro e endereço adolescente. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, 23, p. 09-12, 2002.

COSTA, Ana. **Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DA SILVA, L. M. M.; LIMA, S. S. Imigração haitiana no Brasil: os motivos da onda migratória, as propostas para a inclusão dos imigrantes e a sua proteção à dignidade humana. **Direito, Estado e Sociedade**, 48, p. 167-195, 2016.

DANTICAT, Edwidge. **Adeus, Haiti**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

DE LEMOS AZEVEDO, Desirée. Os Mortos Não Pesam Todos o Mesmo. Uma reflexão sobre atribuição de identidade política às ossadas da Vala de Perus. Papeles del CEIC. **International Journal on Collective Identity Research**. 2019; (2): p.1-20.[fecha de Consulta 10 de Septiembre de 2022]. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76566980009>

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. Dossiê. **Educ. rev.** 27 (1), p. 333-346, Abr, 2011.

DEVEREUX, Georges (1967). Da angústia ao método nas ciências do comportamento [Trad. G. I. Binkowski.]. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n.6, p. 7, 2018. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2028/11/21/n06-07/>. Acessado em 10/09/2022.

DIDIER-WEILL, Alain. **Invocações**. Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina: libido, erotismo, frigidez**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

DOUVILLE, Olivier. Para que serve o nome que carrego, quando minhas culturas se desmancham? **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XIV n. 1, p. 35-46, jan/jun 2011.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; CHATELARD, Daniela Scheinkman; MAESSO, Márcia Cristina. Formação do Eu, constituição do sujeito e construção da fantasia. **Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea** 3, p. 30-48, 2017.

DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção lacaniana on-line**, Ano 2, número 6, p. 1-14, novembro de 2011. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/devastacao.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf)

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Traduzido por Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

FANON, Frantz. O negro e a linguagem. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 33-51.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FELIPETO, C.; CALIL, E. Sobre os mecanismos lingüísticos subjacentes ao gesto de rasurar. **Revista do GELNE**, v. 9, p. 147-159, 2007.

FERNALD, A.; SIMON, T. Expanded Intonation Contours in Mothers' Speech to Newborns. **Developmental Psychology**, v. 20, nº 1, p. 104-113, 1984.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 95-111.

FERREIRA JUNIOR, José Temistocles; FLORES, Valdir do Nascimento, CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Teoria de Benveniste sobre a personalidade e seus desdobramentos na enunciação infantil. **DELTA**, São Paulo, 31/2, p. 527-558, 2015.

FERRETTI, Maria Cecília Galletti. **O infantil: Lacan e a modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FÉVRIER, James G. (1948). **Histoire de L'écriture**. Paris, Payot, 1959.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de Memórias Coloniais**. São Paulo: Todavia, 2018.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FLIESS, Robert. Silêncio e verbalização: um suplemento à teoria da "regra analítica" (1949). In: NASIO, J.D. **O silêncio na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010. p. 59-80.

FLUSSER, VILÉM. **Exílio e criatividade**. Viagem Brasileira, nov., 1984.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969). In: **Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e Gramática**. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: SE/CENP, 1992.

FRAGELLI, Ilana Katz Zagury. Escrita ilegível: o que não se pode ler no que está escrito. **Estilos da Clínica**, v 13, n.25, p.78-93, 2008.

FREIRE, Paulo (1981). **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 16 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo (1968). **Pedagogia do oprimido**. 81 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREITAS, V.R.A. e SANTOS, S. CIEJA-Perus I e a interação cultural entre brasileiros e haitianos na perspectiva da inclusão. **Humanidades e Inovação**. Educação Formal e não formal, cultura e currículo II. Palmas, V. 7 n.7, p. 550-558, março de 2020.

FREYRE, Gilberto (1933). **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. 719p.



FREUD, Sigmund (1895). Projeto para uma psicologia científica. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 335- 469.

FREUD, Sigmund (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol.VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1912). A dinâmica da transferência. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 109-119.

FREUD, Sigmund (1915 [1914]). Observações sobre o amor transferencial. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 175-188.

FREUD, Sigmund (1913[1912]). Totem e tabu. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-163.

FREUD, Sigmund (1914). O Moisés de Michelangelo. *In: Edição Standard das Obras Completas*, V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 213-241.

FREUD, Sigmund (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-144.

FREUD, Sigmund (1917 [1915]). Luto e melancolia. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-266.

FREUD, Sigmund (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-129.

FREUD, Sigmund (1919). O estranho. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 235-269.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio do prazer. *In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75.

FREUD, Sigmund (1933 [1932]). Feminilidade. In Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-134.

GAIMAN, Neil. **Arte importa**. Ilustrado por Chris Riddell. Tradução de Augusto Calil, Ângelo Lessa. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca. Edição digital, 2021.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GELB, Ignace G. (1952) **A study of writing**. London: The University of Chicago Press, 4. ed., 1974.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino. Exercícios de militância e divulgação**. Campinas: ALB & Mercado de Letras, 1996. 150 p. Coleção Leituras no Brasil.

GERALDI, Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

GONÇALVES, A.F.; MAEDA, M.T. IDH e a dinâmica intraurbana na cidade de São Paulo. *In: MARGUTI, B.O; COSTA, M.A e FAVARÃO, C.B. (orgs). Territórios em números: insumos para políticas públicas a partir da análise do IDHM e do IVS de regiões metropolitanas brasileiras*. Brasília: IPEA: INCT, 2017.

GONÇALVES CONCEIÇÃO, J. K. A máscara não pode ser esquecida. **REVISTA POIÉSIS**, 21(35), p. 345-362, 2020.

GRÉSILLON, Almuth. (1994). **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a História da Crítica Genética. **Estudos Avançados**, 11 (5), 1991.

GUZMÁN, M.C; DERZI, C.A.M. O trauma e seu tratamento: Contribuições de Freud e Lacan. **Revista Subjetividades** (1), e 9254, p.1-14, 2021.

HANDERSON, Joseph. Diaspora. **As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HOOKS, Bell. **Paulo Freire**. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 65-104.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. São Paulo: Moderna, 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JULIEN, Philippe. **O estranho gozo do próximo. Ética e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiro para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do Eu. *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques (1953). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 238-324.

LACAN, Jacques (1957). O seminário sobre “A carta roubada”. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 13-66.

LACAN, Jacques (1957-1958). **O Seminário**. Livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques (1957-1958). De uma questão preliminar para todo tratamento possível da psicose. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar. p. 537-590.

LACAN, Jacques (1959-60). **O seminário**. Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

LACAN, Jacques (1961). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade”. *In*: LACAN, J. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 653-691.

LACAN, Jacques (1960-1961). **O Seminário**. Livro 8: A transferência. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário**. Livro 9: A Identificação, 1961-1962. Inédito.

LACAN, Jacques (1962-1963). **O Seminário**. Livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques (1964). **O seminário**. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário**. Livro 12: problemas cruciais para a Psicanálise, 1964-1965. Inédito.

LACAN, Jacques (1969-1970). **O seminário**. Livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques (1970). Radiofonia. *In*: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 400-447.

LACAN, Jacques (1971). Lituraterra. *In*: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

LACAN, Jacques (1972-1973). **O Seminário**. Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 21: Os não tolos erram – Os nomes do pai, 1973-1974. Inédito.

LACAN, Jacques (1975). Conferência em Genebra sobre o Sintoma. **Opção Lacaniana**. São Paulo, Eólia, n. 23, p. 6-16, 1998.

LACAN, Jacques (1975-1976). **O Seminário**. Livro 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LACAN, Jacques (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. *In*: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 567-569.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Tradução de Heloisa Caldeira Alves Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

LAMBOTTE, Marie-Claude. A deserção do Outro. A clínica da melancolia e as depressões. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, APPOA, n.20, 2001.

LAURENT, Éric. Alienação e separação (I e II). *In*: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**/ tradução: Dulce Duque Estrada; revisão técnica: Sandra Grostein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LAURENT, Éric. O trauma ao avesso. Papéis de psicanálise. Belo Horizonte, **Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**, n.1, p.21-28, 2004.

LAZNIK, Marie-Christine. A voz como primeiro objeto da pulsão oral. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 80-93, 2000.

LE MONDE E AFP. **Haïti dévasté après un violent tremblement de terre**. Lemondefr, 2010. Disponível em [https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/01/13/haiti-devaste-apres-un-violent-tremblement-de-terre\\_1291074\\_3222.html](https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/01/13/haiti-devaste-apres-un-violent-tremblement-de-terre_1291074_3222.html) Acesso em 22 de agosto de 2022.

LE MONDE, AFP e REUTERS. Le bilan du séisme du 12 janvier pourrait atteindre 300 000 morts selon le président haïtien. **Le mondefr**, 2010. Disponível em [https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/02/22/le-bilan-du-seisme-du-12-janvier-pourrait-atteindre-300-000-morts-selon-le-president-haitien\\_1309426\\_3222.html](https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/02/22/le-bilan-du-seisme-du-12-janvier-pourrait-atteindre-300-000-morts-selon-le-president-haitien_1309426_3222.html). Acessado em 22 de agosto de 2022.

LEJEUNE, P. (1996). O Pacto Autobiográfico. *In*: **O Pacto Autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVI, Primo (1947). **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988. Tradução de Luigi Del Re.

MACÊDO, Lucíola Freitas de. Testemunho, extimidade e a escrita de primo Levi. **Revista de Letras**, 52, no. 1, p. 51–65, 2012. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23654907>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

MACHADO, Ana Maria Netto. **Presença e implicação da noção de escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

MACHRY DA SILVA, Susiele. Aprendizagem do Português por imigrantes haitianos: percepções das consoantes líquidas /l/ e /r/. **Ilha do Desterro**, 70 (3), Dezembro de 2017.

MARQUES, R.P. **Território em ebulição**: periferia, cultura e memória no noroeste paulistano de Perus. 2021. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24680>

MASAGÃO, Andrea Menezes. A gramática do corpo e a escrita do nome. **Psicologia USP**, 15(1-2), p. 263-277, 2004.

MASAGÃO, Andrea Menezes. A rasura da letra e a explosão do semblante. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XI n.2, p. 313-331, jul/dez 2008.

MATOS, Luis Jorge Semedo. Diários de bordo. Navegações Portuguesas. **Instituto Camões**, 2006. Disponível em: [Navegações Portuguesas \(instituto-camoes.pt\)](http://Navegações Portuguesas (instituto-camoes.pt)). Acessado em 10 jun. 2022.

MEDRADO, Benedito. SPINK, Mary Jane e Mélllo, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO; Vanda Lucia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014, p. 274-294.

MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo, SP: Editora Escuta, 1992.

MELMAN, Charles (1989). Casa grande e senzala. In: ASSOCIATION FREUDIENNE INTERNATIONALE. **Um inconsciente pós-colonial. Se é que ele existe**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. 320 p.

MELMAN, Charles (1990). Complexo de Colombo. In: ASSOCIATION FREUDIENNE INTERNATIONALE. **Um inconsciente pós-colonial. Se é que ele existe**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. 320 p.

MENMI, A. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MILLER, J.-A. O escrito na fala. **Opção Lacaniana online, nova série**, São Paulo, ano 3, n. 8, jul. 2012. Tradução: Angelina Harari.

MILLER, Jacques-Alain. Jacques Lacan e a voz. **Opção Lacaniana online**; nova série, Ano 4, Número 11, julho, 2013. Tradução: Lourenço Astua de Moraes e Renata Cecchetti. Versão final: Marcus André Vieira. Disponível em: [www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_11/voz.pdf#:~:text=Jacques Lacan deu um lugar específico à voz,com minúscula%2C naquilo que chamou de sua álgebra](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf#:~:text=Jacques Lacan deu um lugar específico à voz,com minúscula%2C naquilo que chamou de sua álgebra). Acesso em 14/09/2021.

MILLER, Jacques-Alain. **Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan**. Tradução: Celso Rennó Lima; texto estabelecido por Angelina Harari e Jésus Santiago. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

- MOLLOY, Sylvia. **Viver entre línguas**. Belo Horizonte, Relicário, 2018.
- NOGUEIRA, Tiago Sanchez. **A canção de si: a música como instrumento de intervenção na clínica do traumático**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia). São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2019.
- NOSSA SÃO PAULO, Rede. **Mapa da desigualdade**. São Paulo, 2019.
- NOSSA SÃO PAULO, Rede. **Mapa da desigualdade**. São Paulo, 2021.
- OLIVEIRA, Antonio Tadeu R. A imigração regular no Brasil: Movimentação e registros. In Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2019. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.
- OSAKABE, Haqira. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 224p.
- PENNA, C. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista De Estudos E Pesquisas Sobre As Américas**, 8(2), 164–180, 2014.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- PIMENTEL, Marília. Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro; RIBEIRO, A. da Silva. O crioulo haitiano e seu reconhecimento político. **Universitas Relações Internacionais**, vol. 14, n. 1, jan/junh/2016.
- PIMENTEL, Marília e COTINGUIBA, Geraldo Castro. Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação A imigração haitiana para o Brasil. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 73, 2014.
- PINA-CABRAL, João de. Outros nomes, histórias cruzadas: apresentando o debate. **Etnográfica**. vol. 12 (1), p. 5-16, 2008.
- PINA-CABRAL, João de. Recorrências antroponímicas lusófonas. **Etnográfica** [Online], v. 12 (1), 2008. Disponível em: [http:// journals.openedition.org/etnografica/1684](http://journals.openedition.org/etnografica/1684); DOI: 10.4000/etnografica.1684. Consultado em: 30 abr. 2019.
- PINHO, Marcio. Crescem pedidos de naturalização de estrangeiros; haitianos lideram. **Canal R7**, São Paulo, 25/01/2021. Disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/crescem-pedidos-de-naturalizacao-de-estrangeiros-haitianos-lideram-25012021>. Acessado em: 14 de abril de 2021.
- PINTO, Rodrigues Simone. Racismo de Estado e Anti-Haitianismo na construção do nacionalismo dominicano. **Meridional Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos**. No. 10, p. 45-70, 2018.
- POMMIER, Gérard. **Nacimiento y Renacimiento de la escritura**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1996.

PORGE, Erik. **Os Nomes do Pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1996.

PRADO, Marília; OLIVEIRA, Cristine Coppe. Em Fronteiras: a proposta do currículo *trivium* no contexto de aulas de Português para haitianos. **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, SP, v. 18, 2021, Edição Especial. (pp 01-18).

PRATES PACHECO, Ana Laura. O dote que o saber paga ao gozo (la jouissance) no casamento fictício com a verdade. **Textura**, São Paulo, v. 7, p. 9-12, 2008.

PRICE-MARS, J. (1928). **Ainsi parla l'oncle: essais d'ethnographie**. New York: Parapsychology Foundation, 1954.

PUGH, Michael. Drowning not Waving: Boat people and humanitarianism at sea. **Journal of Refugee Studies**, vol. 17, Issue 1, pp. 50-69, March 2004.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Prefácio de Nelson Werneck Sodré. São Paulo: Martins, 1976. (v. 1)

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 213-230.

RIOLFI, Claudia Rosa; MAGALHÃES, Mical de Melo Marcelino. Modalizações nas posições subjetivas durante o ato de escrever. **Estilos da Clínica (USP)**, v. XIII, p. 98-121, 2008.

RIOLFI, Claudia Rosa et al. **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Thomson Learning, 2015.

RIOLFI, Claudia Rosa; BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Leituras errantes**. São Paulo: Paulistana, 2019.

RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. **Leitura. Teoria & Prática**. Revista da Associação de Leitura do Brasil. Campinas, vol. 40, jan/jul. p. 47-51, 2003.

RIOLFI, Claudia Rosa. Quebras na escrita, surpresas para quem escreve: o percurso subjetivo na formação do professor de língua portuguesa. In: CALIL, Eduardo (org.). **Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino** – São Paulo: Cortez, 2007. p.33-64.

RIOLFI, Claudia Rosa. **Da verdade recalçada à verdade mentirosa**. Um relato da história do Instituto da Psicanálise Lacaniana – IPLA, 2009. Disponível em: <<http://www.psicanaliselacanianana.com/mural/textos/documents/Daverdaderecalcadaaverdadementirosa.pdf>> Acesso em 03 de setembro de 2018.



RIOLFI, Claudia Rosa. Lições da coragem: o inferno da escrita. In: RIOLFI, C; BARZOTTO, V. (Org.). **O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 11-31.

RIOLFI, Claudia Rosa. O analista lacaniano e o relato do que se passa em sua clínica: Como montar um caso? In: FORBES, Jorge (Ed.); RIOLFI, Claudia (Org.). **Psicanálise: a clínica do real**. Barueri: Manole, 2014. p. 121-142.

RIOLFI, Claudia Rosa. **A língua espriada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

ROSA, Miriam Debieux. Migrantes, Imigrantes e Refugiados: a Clínica do Traumático. **Revista De Cultura E Extensão USP**, 7, 67-76, 2012.

ROSA, Miriam D. *et al.* A condição errante do desejo e a prática psicanalítica clínico-política. **Revista Latino- Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, vol. 12, n. 3, p. 497-511, set. 2009.

ROSA, Miriam Debieux. **Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. Tese de livre docência. Departamento de Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2015.

ROSA, Miriam Debieux, PENHA, Diego Amaral e FERREIRA, Patrícia do Prado. Intolerância: Fronteiras e Psicanálise. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, Ed.especial - A psicanálise e as formas do político, p. 105-113, 2018.

SAFATLE, V. Espelhos sem imagens: mimesis e reconhecimento em Lacan e Adorno. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista De Filosofia**, 28(2), p. 21-45, 2005.

SAM, Talitha. **From gardens to markets**. A madam sara perspective. Relatório escrito para Catholic Organisation for Relief and Development Aid (CORDAID), 2012.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: povos migrantes: orientações pedagógicas**. – São Paulo: SME / COPED, 2021. 152 p.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria Regional de Educação Pirituba Jaraguá. Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos Perus I (CIEJA-PERUS I). **Projeto político pedagógico**, 2019.

SÃO PAULO. Conselho Estadual de Educação, **Parecer nº1.344/92**, que cria o CEMES, 1992.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Coordenadoria do Observatório de Políticas Sociais. **Atlas socioassistencial da cidade de São Paulo / Coordenadoria do Observatório de Políticas Sociais**. – Smads, 2015. 616 p.

SÃO PAULO. Secretaria municipal de educação. **Decreto Nº 43.052**, de 4 de Abril de 2003 - Cria os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs.

SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.



SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SEINCMAN, P. M. **Rede transferencial e a clínica migrante: psicanálise em urgência social**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2019. 104p.

SILVA JUNIOR, Nelson e GASPARD, Jean-Luc. Trauma e narração: modelos e suas consequências clínicas de Freud a Lacan. **Cadernos de Psicanálise**, 31(34), p. 21-37, 2015.

SILVA, Sidney Antonio. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **R. bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v.34, n.1, p. 99-117, jan/abr., 2017.

SILVA, Sidney. A imigração haitiana e os paradoxos do visto humanitário. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SIMÕES, André, CAVALCANTI, Leonardo e PEREDA, Lorena. Movimentação do trabalhador migrante no mercado de trabalho formal. *In*: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M. **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2019. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

SOLER, Colette. O sujeito e o Outro (I e II). In Feldstein, Richard; Fink, Bruce; Jaanus, Maire (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**/ tradução: Dulce Duque Estrada; revisão técnica: Sandra Grostein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SOLER, Colette. **Os nomes da identidade**. Conferência pronunciada em Rennes, no dia 31 de março de 2007. On-line desde 2009. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edicao1/conferencia/os-nomes-da-identidade.pdf>. Acesso em: 15 de novembro maio 2020.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

STEPICK, Alex. Haitian boat people: a study in the conflicting forces shaping U.S. Immigration Policy. **Law and contemporary problems**, 45, p. 163-196, Spring 1982.

STITOU, Rajaa. As ressonâncias subjetivas da mudança de nome. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XVI n., p. 27-37. Tradução Christian Greis e Yvone Soares dos Santos Greis, 1 jan/jun 2013.

STITOU, Rajaa. Provas do intraduzível de uma língua para outra. Versão para o português Yvone Soares dos Santos Greis. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XIX n. 3, p. 369-376, set/dez 2016.

SUTTER, Christina; KING, Ananda Melo. Vivendo sobre escombros: qualidade de vida no Haiti pós-terremoto. **Salud & Sociedad**, Antofagasta, v. 3, n. 3, p. 235-249, 2012. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-74752012000300001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-74752012000300001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 26 set. 2022.

VARGAS, Luísa. **Oralidade e cultura em Kirikou et la sorcière e Ti Jean L'horizon**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

VIEIRA, D. A., & FIALHO, C. M. C. Oficinas de italiano e crioulo haitiano para todos: línguas adicionais em um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos. **Revista De Italianística**, (42), 158-175, 2021.

VIEIRA, Daniela e LIBERALI, Fernanda Coelho. As atividades sociais como possibilidade para construção do currículo de português brasileiro para imigrantes. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 21, n. 1, p. 55-80, 2021.

VINHA, Luís Gustavo; YAMAGUCHI, Isabela H. O. Migrações e educação: A inserção educacional dos migrantes e refugiados no Brasil. *In*: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

VIOLLET, C. Abordagens genéticas da escrita de si. **Manuscrita – revista de crítica genética**, São Paulo, n. 27, Dossiê: Crítica genética comparada, p. 17-25, 2014.

VIVÉS, Jean-Michel. **A voz no divã**. Traduzido por Mário Sagayama. São Paulo: Aller, 2020a.

VIVES, Jean-Michel. A-vocação melancólica. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 19, n. 2, p. 35-60, dez. 2020b.

VOLTOLINI, Rinaldo e GURSKI, Rose. **Retratos da Psicanálise e Educação**. Coleção Psicanálise e Educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

WILLEMART, P. L. M. G. Do Manuscrito Ao Pensamento Pela Rasura. **Manuscrita**, São Paulo, v. 7, p. 21-36, 1998.

WILLEMART, Philippe. A memória da escritura e o impensado da língua. **Psicanálise e teoria literária – o tempo lógico e as rodas da escritura e da leitura**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In*: **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

ZALCBERG, Malvine. **A relação Mãe e Filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

## APÊNDICE A

Fichas descritivas dos encontros realizados no âmbito da Oficina de Escrita para imigrantes haitianos:

Encontro	1
Data	10/05/2019
Nº de participantes	11
Objetivo	Propiciar a seleção de significantes que marcaram as histórias de um sujeito e fazer um levantamento do atual aprendizado da língua portuguesa dos participantes.
Materiais	Lousa, papel e canetas.
Estratégia	Proposta de escrita de três palavras nas <i>línguas de origem</i> dos participantes, que fossem representativas de seus percursos, gostos ou lembranças. Provocou-se uma discussão em torno das palavras, a partir das seguintes questões: Por que você escolheu estas palavras e o que elas significam para você? Qual seria uma boa tradução para elas, em língua portuguesa?
Andamento	De modo geral, os participantes elegeram palavras que remetiam aos contextos familiares, a crenças religiosas de base cristã e ao universo do trabalho. Alguns dos participantes escreveram frases, ao invés de palavras.
Produto	Registro escrito de palavras ou frases em crioulo, francês e português.

Encontro	2
Data	17/05/2019
Nº de participantes	3
Objetivo	Integrar os participantes e suscitar uma reflexão acerca dos elementos elegidos para se apresentar ao outro, e que delineiam rudimentos de uma história de vida.
Materiais	Papel e caneta
Estratégia	Elaboração, realização e registro de uma entrevista feita ao colega. Apresentação do colega ao restante do grupo.
Andamento	De modo geral, houve dificuldade na formulação de perguntas ao colega, e registro das mesmas. Observou-se uma tendência dos participantes a formular e responder perguntas a si próprio.

Produto	Entrevista de um colega do grupo.
---------	-----------------------------------

Encontro	3
Data	31/05/2019
Nº de participantes	15
Objetivo	Ordenar e no registrar os acontecimentos destacáveis em uma história de vida, tendo em vista a impossibilidade de se contar a totalidade de uma existência.
Materiais	Lousa, canetas e papel.
Estratégia	Confecção de uma linha do tempo, a partir de questões como: Quais os marcos da sua vida? Por que são marcos? Quais acontecimento repercutem até hoje? A pesquisadora exemplificou contando e registrando na lousa alguns eventos marcantes de sua vida, em uma linha do tempo.
Andamento	A discussão em torno dos acontecimentos que pontuam e marcam trajetórias de vida centrou-se em mudanças de local (cidades e países) e no percurso escolar e profissional dos participantes. Observou-se que alguns dos participantes preferiram não detalhar os acontecimentos passados no Haiti.
Produto	Registro de acontecimentos em uma linha do tempo.

Encontro	4
Data	07/06/2019
Nº de participantes	13
Objetivo	Sensibilizar os imigrantes para refletir por escrito a respeito do impacto de sua chegada no país de acolhida.
Materiais	Excertos dos textos <i>O menino no espelho</i> , de Fernando Sabino e <i>Transplante de menina</i> , de Tatiana Belinky.
Estratégia	Leitura e discussão de textos literários, seguida de redação de texto escrito.
Andamento	A discussão oral centrou-se nas impressões de Belinky ao chegar ao Brasil. A cena relatada pela autora inspirou os participantes a discorrerem a respeito do impacto que tiveram ao chegar ao Brasil, e das diferenças que percebiam com relação ao Haiti. Os participantes falaram, por exemplo, a respeito das construções brasileiras serem feitas com tijolos, enquanto as construções haitianas costumam usar grandes blocos de cimentos, por serem mais resistentes aos terremotos.

Produto	Relatos escritos com as primeiras impressões dos participantes ao chegarem ao Brasil.
---------	---

Encontro	5
Data	28/06/2019
Nº de participantes	19
Objetivo	Trabalhar aspectos da linguagem poética, como a metáfora, por meio de um poema da autoria de um escritor haitiano.
Materiais	Áudio <sup>73</sup> , em crioulo, do poema intitulado <i>Boat people</i> , do escritor de origem haitiana Félix Morisseau-Leroy (1912-1998).
Estratégia	Escuta do poema, recitado pela escritora haitiana Edwige Dandicat. Em seguida, discussão a respeito do tema “chegada a um novo país” e a tradução, para a língua portuguesa, de um fragmento da peça.
Andamento	Em sua maioria, os participantes afirmaram terem se sentido tocados pelo poema. Fizeram menção ao sentimento de familiaridade com a expressão que intitula o poema – <i>Boat people</i> – e que faz referência aos haitianos emigrados, de modo pejorativo. As discussões foram ao encontro da crítica feita por Morisseau-Leroy a tal expressão. Para isso, os participantes contaram a respeito das dificuldades e dos preconceitos que sofrem por imigrarem de país.
Produto	Relatos escritos a respeito de <i>como é ser imigrante</i> e as perspectivas de futuro que passam a ter ao chegar no novo país.

Encontro	6
Data	26/07/2019
Nº de participantes	9
Objetivo	Trabalhar a leitura de imagens, provocando uma discussão a respeito do valor afetivo dos objetos e a delimitação entre itens supérfluos e essenciais.
Materiais	Seis imagens que retratavam objetos de categorias diversas - além de animais e um bebê -, pertencentes a distintas pessoas <sup>74</sup> .
Estratégia	Exploração das fotos, como se fossem enigmas: <i>Que objetos são esses? Por que os reunir? Como são as pessoas que reuniram esses objetos?</i>

<sup>73</sup> Recuperado de: <https://pen.org/tourist-and-boat-people/> Acesso em 22/06/2019.

<sup>74</sup> As imagens fazem parte do projeto chamado “The Burning House”, idealizado por Foster Huntington, a respeito do que alguém decide levar em uma situação de emergência, como um incêndio em sua casa. Recuperado de <https://www.brainpickings.org/2012/07/19/the-burning-house-foster-huntington/> Acesso em 15/07/2019.

	Reflexão em torno dos itens que cada um levaria ou deixaria em situações de emergência.
Andamento	A discussão centrou-se nos contextos das imagens, como por exemplo, a necessidade de se reunir objetos essenciais em uma situação de incêndio. Surgiram associações entre situações emergenciais e a necessidade de migrar de uma região ou país.
Produto	Registro, por escrito, de cinco objetos, pessoas e lembranças que cada um levaria consigo em situações de emergência.

Encontro	7
Data	02/08/2019
Nº de participantes	22
Objetivo	Trabalhar vocabulário a partir de uma lista de objetos.
Materiais	As imagens e as listas de palavras produzidas no encontro seis.
Estratégia	Buscou-se provocar uma discussão a respeito do valor afetivo dos objetos, suscitando descrições em torno dos mesmos.
Andamento	Aos que estavam presentes no encontro anterior, o trabalho deveria avançar para a descrição de lembranças em torno dos objetos ou de pessoas da lista registrada anteriormente. De modo geral, entretanto, as descrições centraram-se na razão pela qual se escolheu determinado item.
Produto	Lista dos objetos importantes para cada um e descrições a respeito deles.

Encontro	8
Data	16/08/2019
Nº de participantes	8
Objetivo	Trabalhar a diferenciação dos tempos verbais, em especial as situações de uso do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito; abordar os elementos da narrativa <i>tempo e personagem</i> .
Materiais	Duas composições musicais: <i>Menino da Porteira</i> <sup>75</sup> , na versão gravada por Sérgio Reis (1973) e <i>Marvin</i> <sup>76</sup> , gravada pelo grupo musical Titãs (1988).

<sup>75</sup> Música sertaneja composta por Teddy Vieira e Luís Raimundo, gravada pela primeira vez pela dupla sertaneja Luizinho e Limeira em 1955.

<sup>76</sup> Canção composta por Ronald Dunbar, General Norman Johnson. A versão utilizada é de Sérgio Britto e Nando Reis.

Estratégia	Exercício para diferenciar o uso do pretérito imperfeito em língua portuguesa. Escuta e discussão das músicas selecionadas, chamando a atenção para as caracterizações de tempo e personagem nas mesmas.
Andamento	Após um demorado trabalho para a compreensão das letras, foram compartilhados acontecimentos e pessoas marcantes das histórias dos participantes. O estilo das músicas também foi um aspecto que chamou a atenção dos participantes; para eles, pareciam se tratar de músicas pouco modernas, em comparação com estilos considerados por eles mais atuais, com o funk.
Produto	Relato, por escrito, sobre um evento marcante da vida.

Encontro	9
Data	23/08/2019
Nº de participantes	4
Objetivo	Promover um diálogo cultural entre contos ou lendas tradicionais do Brasil e do Haiti.
Materiais	Lenda indígena brasileira “A origem dos Rios” <sup>77</sup> ; lápis, papel sulfite, panos e tintas.
Estratégia	Em conjunto com os alunos da oficina de costura do CIEJA, houve a leitura, discussão e produção de imagens e frases inspiradas pela lenda apresentada. Posteriormente, os trabalhos seriam pintados ou bordados em um livro de pano.
Andamento	Tratava-se de um texto com vocabulário difícil para o grupo de haitianos, o que exigia uma dinâmica demorada. Assim, os participantes entregaram produções em papel, não tendo participado da etapa de riscar o bordado. A experiência deste encontro será analisada no capítulo 7, por ter dado a ver importantes aspectos transferenciais relativos à posição do “sujeito imigrante haitiano” no discurso.
Produto	Produções de imagens e de palavras em torno do texto lido.

Encontro	10
Data	30/08/2019
Nº de participantes	22
Objetivo	Trabalhar os modos de formação de palavra, como a composição e a derivação, na qual são utilizados os afixos (prefixos ou sufixos).

<sup>77</sup> VAL, Vera do. *A criação do mundo e outras lendas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

Materiais	Exercício elaborado pela pesquisadora a respeito dos contextos de uso de quatro palavras formadas por prefixos: antipatia, benefício, contradizer e extraordinário.
Estratégia	Discussão sobre os significados das palavras vistas; exercício prático para treinarem os usos das referidas palavras.
Andamento	Alguns participantes associaram o modo de formação de palavras por prefixos ou sufixos à gramática do francês. Entre as palavras apresentadas, o sintagma <i>benefício</i> ter destaque para o grupo.
Produto	Relato, por escrito, a respeito do modo como alguma das palavras apresentadas faziam parte de suas vidas.

Encontro	11
Data	06/09/2019
Nº de participantes	18
Objetivo	Suscitar uma reflexão acerca do papel do nome próprio como possível elemento organizador de uma história.
Materiais	Capítulo do livro de memórias literárias <i>O Rio e eu</i> , de Lígia Bojunga <sup>78</sup> , intitulado <i>Maria da Anunciação</i> .
Estratégia	Roda de leitura e discussão a respeito das histórias dos nomes dos participantes, trazendo fragmentos de cenas ou palavras familiares do sujeito e da coletividade da qual ele faz parte - como é caso de nomes comuns a determinadas regiões ou com influências de outras culturas.
Andamento	Poucos participantes se remeteram às histórias em torno de seus nomes, tendo a discussão se encaminhado para as diferenças entre nomes brasileiros e haitianos. O texto de Bojunga deu margem a outras discussões pertinentes, como a existência, em língua portuguesa, de variações regionais entre os usos dos pronomes pessoais tu e você.
Produto	Relatos orais.

Encontro	12
Data	13/09/2019
Nº de participantes	14
Objetivo	Explorar a relação dos imigrantes haitianos com suas cidades natal.
Materiais	Mapa do Haiti; lousa, papel e caneta.

<sup>78</sup> BOJUNGA, Lígia. *O Rio e Eu*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.



Estratégia	Trabalhou-se o uso das preposições utilizadas para se referir aos lugares de origem, para em seguida adentrarmos em uma discussão a respeito das diversas cidades de origem dos participantes.
Andamento	À princípio, alguns participantes não reconheceram o mapa do Haiti e não sabiam situar nele a localização aproximada de suas cidades de origem. Após os participantes dialogarem, encontrando suas origens em comum, as cidades foram localizadas e passou-se a relatos comparativos a respeito de como foi morar nas cidades situadas e como é morar em São Paulo.
Produto	Produção textual a respeito das cidades de origem dos participantes.

Encontro	13
Data	20/09/2019
Nº de participantes	13
Objetivo	Suscitar uma reflexão acerca dos lugares possíveis que a mulher pode ocupar na cultura, tanto no Brasil como no Haiti.
Materiais	Material jornalístico com perspectivas distintas quanto à posição da mulher brasileira na cultura: 1. Conjunto de três notas cuja ênfase recaía sob aspectos estéticos e corporais da mulher <sup>79</sup> ; e 2. Notícia a respeito de uma modelo conhecida como “Pocahontas”, que salva duas mulheres das agressões de um motorista de aplicativo <sup>80</sup> .
Estratégia	Leitura, interpretação e discussão a respeito do material apresentado.
Andamento	Após a leitura das peças jornalística, as mulheres, em sua maioria, permaneceram em silêncio ou interromperam a atividade, deixando a sala. Os homens, em sua maioria, direcionaram a discussão para as diferenças entre os aspectos físicos das mulheres do Haiti e do Brasil.
Produto	Produção textual a respeito do lugar da mulher no Brasil e no Haiti.

Encontro	14
Data	04/10/2019
Nº de participantes	11
Objetivo	Apresentar diferentes modos de registro da própria história, como a escrita de um diário, e discutir a existência de variedades linguísticas.

<sup>79</sup> Recuperada de: <https://www.hypeness.com.br/2016/10/site-simula-manchetes-e-mostra-como-seria-o-mundo-livre-do-machismo/>. Acesso em 15/09/2019.

<sup>80</sup> <https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2019/03/modelo-pocahontas-salva-2-mulheres-de-agressoes-hoje-somos-nos-por-nos-mesmos-002875853.html>. Acesso em 15/09/2019.

Materiais	Dois fragmentos do livro <i>Quarto de Despejo</i> (1960), da escritora Carolina Maria de Jesus.
Estratégia	Leitura, trabalho com vocabulário, interpretação e discussão dos fragmentos.
Andamento	Buscou-se explorar o modo de registro da variedade linguística feito pela escritora, por meio do relato de um diálogo com um judeu. Carolina mostra tanto o modo de falar do imigrante como o de sua comunidade. O grupo interessou-se pelo termo “favelada”, explorando os modos de moradia que se incluem em tal categoria.
Produto	Respostas a um questionário aberto a respeito das línguas que os participantes falam e das línguas que escrevem.

Encontro	15
Data	18/10/2019
Nº de participantes	9
Objetivo	Fazer um levantamento de pessoas ou eventos marcantes em uma vida.
Materiais	Cartas de um jogo chamado “Linha do tempo” <sup>81</sup> .
Estratégia	Dispostos em roda, cada participante tirou uma carta e descreveu um fato, momento, lugar, pessoa ou projeto que faz ou fez parte de sua vida, cada participante tirava uma carta e compartilhando o relato com o grupo.
Andamento	O grupo ficou à vontade e animado com a atividade. Os participantes incentivavam-se e, por vezes, construía conjuntamente o relato, quando se tratavam de experiências comuns uns aos outros, como por exemplo, rituais haitianos da passagem da infância para a adolescência. Alguns portavam-se como tradutores ou porta-vozes dos demais.
Produto	Relatos orais.

Encontro	16
Data	1º/11/2019
Nº de participantes	13
Objetivo	Textualizar os relatos orais do encontro anterior.
Materiais	Cartas do jogo Linha do tempo; papel e caneta.

<sup>81</sup> KERR. Mônica. *Linha do tempo*. – 1 ed. São Paulo: Matrix, 2019. 100 p.; 9 cm.

Estratégia	Retomou-se os pontos que cada um dos participantes havia relatado no encontro anterior.
Andamento	Alguns participantes que se mostraram abertos a compartilhar fragmentos de sua história oralmente, não se dispuseram a fazer a passagem do relato para um texto escrito.
Produto	Produção textual a respeito de um evento ou pessoa marcante na própria história.

Encontro	17
Data	08/11/2019
Nº de participantes	11
Objetivo	Levantar credences do Haiti e do Brasil; Apresentar conectores interfrásticos (conjunções e advérbios conectivos) da língua portuguesa.
Materiais	Crônica <i>O Pretume do leite da bananeira</i> , do livro <i>Serelepe</i> , de Edione de Castro Sousa <sup>82</sup> ; Pedacos de papéis com elementos (artigos, sujeitos, verbos, conectores) para se montar uma sentença.
Estratégia	Separados em dois grupos, os participantes montaram as sentenças com os elementos dados. Em seguida, passou-se a uma roda de leitura para exploração da peça, com elementos da cultura do nordeste do Brasil
Andamento	Na atividade com os conectores, notou-se que a fluência na língua portuguesa não era garantia da habilidade de se montar sentenças a partir dos elementos de uma frase. A crônica lida suscitou uma comparação entre costumes brasileiros e haitianos para se “trazer a pessoa amada”.
Produto	Relatos orais.

Encontro	18
Data	29/11/2019
Nº de participantes	11
Objetivo	Retomar o relato da história de vida a partir da estrutura narrativa da jornada do herói.

<sup>82</sup> SOUSA, Edione de Castro. *Serelepe*. Jundiaí, SP: Editora In House, 2012.

Materiais	Fragmentos do longa-metragem de animação <i>Kiriku e a Feiticeira</i> <sup>83</sup> ; papel e caneta.
Estratégia	Exibição do filme <i>Kiriku e a Feiticeira</i> e breve explanação sobre a estrutura narrativa da “jornada do herói”, estabelecida por Joseph Campbell <sup>84</sup>
Andamento	Os participantes relataram que o filme exibido foi e ainda é de grande popularidade no Haiti. Embora tenha sido fornecido um material em francês com a explicação sobre aspectos narrativos tratados por Campbell, a maior parte dos participantes fez uma comparação de sua vida com a do herói Kiriku ou mencionou aspectos da história deste.
Produto	Produção textual a respeito de eventos da própria história que pudessem ser contados ao modo de uma jornada do herói.

---

<sup>83</sup> *Kiriku e a Feiticeira* (Kirikou et la Sorcière. 1998). França / Bélgica / Luxemburgo. Direção e Roteiro: Michel Ocelot. Vozes/Cast. Gênero: Animação, Aventura, Família. Duração: 74 minutos.

<sup>84</sup> CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

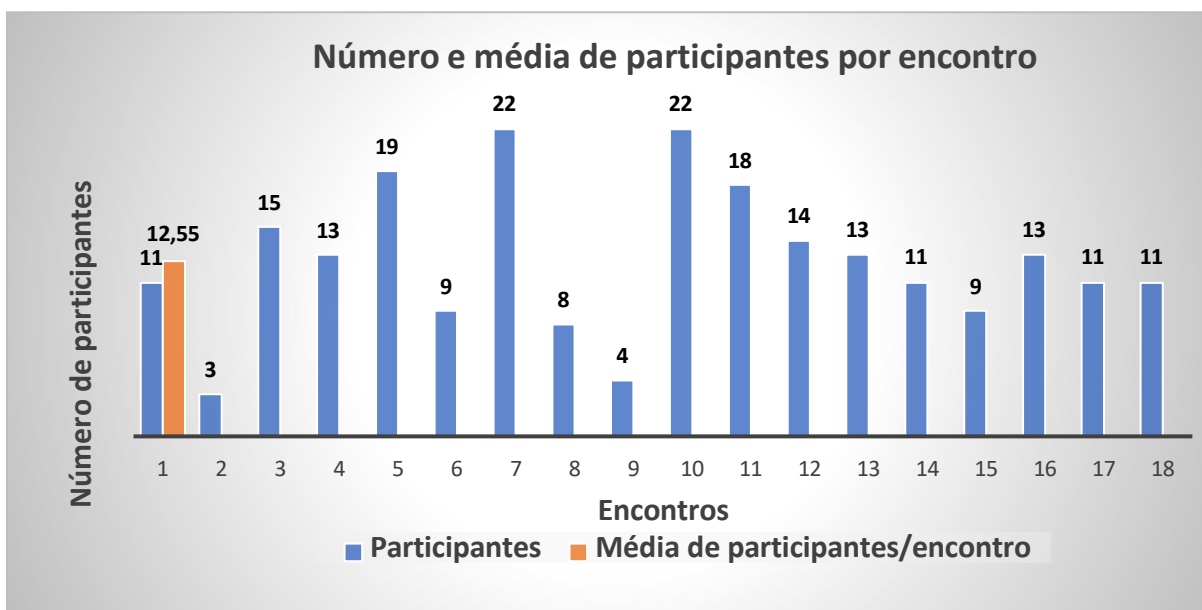
## APÊNDICE B

**Tabela 1 – Detalhamento dos encontros da Oficina de escrita para haitianos**

<b>Número do encontro</b>	<b>Data</b>	<b>Número de participantes presentes</b>
1	10/maio/2019	11
2	17/maio/2019	3
3	31/maio/2019	15
4	07/junho/2019	13
5	28/junho/2019	19
6	26/julho/2019	9
7	02/agosto/2019	22
8	16/agosto/2019	8
9	23/agosto/2019	4
10	30/agosto/2019	22
11	06/setembro/2019	18
12	13/setembro/2019	14
13	20/setembro/2019	13
14	04/outubro/2019	11
15	18/outubro/2019	9
16	1/novembro/2019	13
17	08/novembro/2019	11
18	29/novembro/2019	11

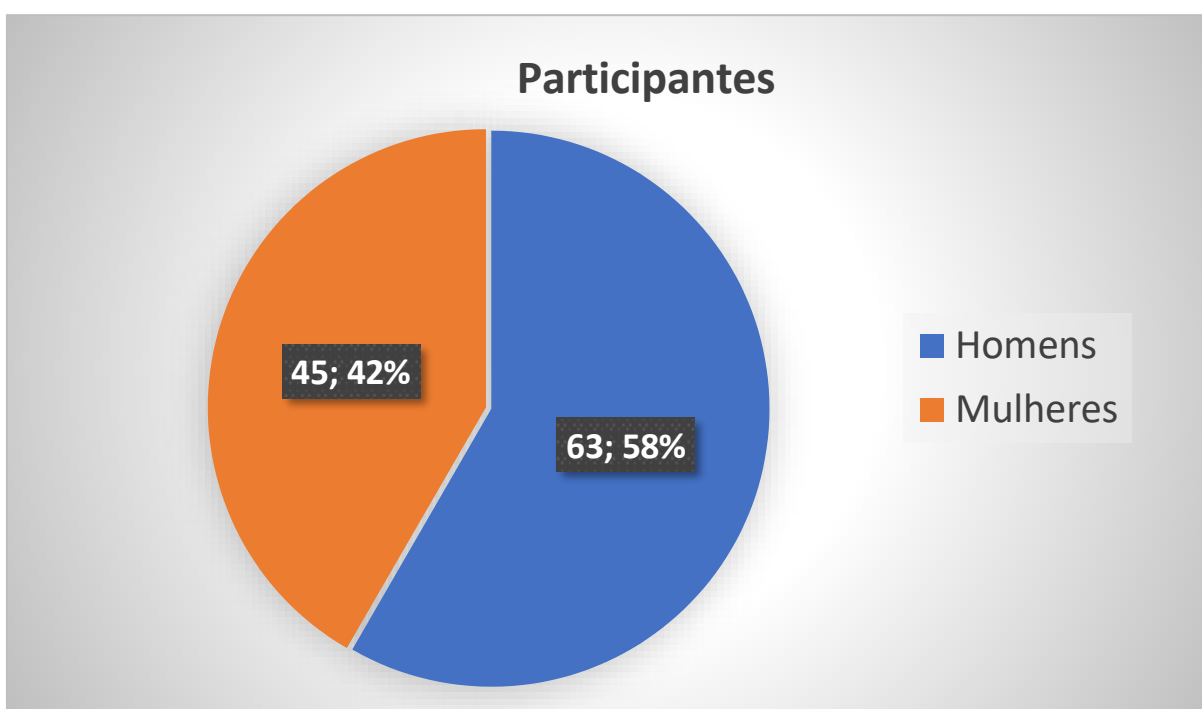
Fonte: elaboração da pesquisadora

**Gráfico 1- Quantidade de participantes por encontro**



Fonte: elaboração da pesquisadora

**Gráfico 2- Participantes da Oficina de escrita para imigrantes haitianos, por gênero**



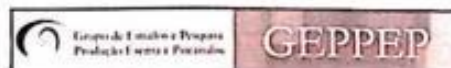
Fonte: elaboração da pesquisadora

**Tabela 2 – Distribuição da frequência dos participantes na Oficina**

<b>Número de encontros em que se esteve presente ao longo da Oficina</b>	<b>Número de participantes</b>
1	54
2	21
3	14
4	12
5	3
6	3
7	1

Fonte: elaboração da pesquisadora

## ANEXO A



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu compreendo os direitos dos participantes da pesquisa intitulada *Escrever(-se) em outra língua: Quebras de escrita na construção de histórias de vida por imigrantes*, orientada pela Professora Livre Docente Claudia Rosa Riolfi, e que tem como pesquisadora responsável Ana Silvia de Moraes Nascimento, aluna da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que pode ser contatada pelo e-mail [anasmorais@usp.br](mailto:anasmorais@usp.br) ou pelo telefone (11) 98621-0596.

Na qualidade de responsável por esta instituição, autorizo a participação dos alunos matriculados no CIEJA-PERUS I na mencionada pesquisa, bem como a utilização dos textos por eles produzidos. Compreendo como e porque esse estudo está sendo realizado. Os responsáveis pela pesquisa garantem o sigilo, assegurando a privacidade dos sujeitos quanto aos dados envolvidos na pesquisa. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Nome do responsável pela unidade escolar: Franciele Busico Lima

Cargo: Diretora do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos CIEJA Perus I

Assinatura:

Local e Data: São Paulo, 08 de maio de 2019

Franciele Busico Lima  
Coordenador Geral  
Cieja Perus I  
RF: 770.406.2/1

Ana Silvia de Moraes Nascimento  
Pesquisadora responsável

Profa. Claudia Rosa Riolfi  
Orientadora